UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIOGO MORAES LEITE

Os epigramas homoeróticos de Marcial: estudo e tradução

Versão Corrigida

São Paulo
2019

DIOGO MORAES LEITE

Os epigramas homoeróticos de Marcial: estudo e tradução.

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Área de Concentração: Língua e Literatura Latina.

Orientador: Prof. Dr. Robson Tadeu Cesila.

São Paulo
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

L533e Leite, Diogo Moraes
 Os epigramas homoeróticos de Marcial: estudo e
 tradução / Diogo Moraes Leite ; orientador Robson
 Tadeu Cesila. - São Paulo, 2019.
 218 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculas. Área de concentração: Letras Clássicas.

1. Literatura Clássica. 2. Marcial. 3. Epigrama.
4. Homoerotismo. 5. Tradução. I. Cesila, Robson
Tadeu, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Diogo Moraes Leite

Data da defesa: 04/04/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Robson Tadeu Cesila

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 04/06/2019

Prof. Dr. Robson Tadeu Cesila

LEITE, Diogo Moraes. **Os epigramas homoeróticos de Marcial: estudo e tradução.**
2019. 218 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019

Aprovado em: 04/04/2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dr.: Robson Tadeu Cesila

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Prof. Dr.: Paulo Sérgio de Vasconcellos

Instituição: Universidade Estadual de Campinas

Julgamento: _____

Profa. Dra.: Patrícia Prata

Instituição: Universidade Estadual de Campinas

Julgamento: _____

Prof. Dr.: Ricardo da Cunha Lima

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

A todos que lutam pela Universidade pública,
popular, laica e gratuita.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à CAPES pela bolsa de mestrado concedida.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Robson Tadeu Cesila, pela orientação, pela paciência e pela amizade.

Agradeço à Profa. Dra. Patrícia Prata (Unicamp) e ao Prof. Dr. Ricardo da Cunha Lima (USP), pelas arguições esmeradas e generosas de minha qualificação.

Agradeço aos professores que aceitaram integrar como membros titulares a Comissão Julgadora da defesa da dissertação, os quais certamente contribuirão com comentários, críticas e apreciações muito importantes para o presente trabalho: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos (Unicamp), Prof. Dra. Patrícia Prata (Unicamp) e Prof. Dr. Ricardo da Cunha Lima (USP). Meus agradecimentos se estendem também aos membros suplentes, Prof. Dr. Marcelo Vieira Fernandes (USP), Profa. Dra. Charlene Martins Miotti (UFJF) e Profa. Dra. Bianca Fanelli Morganti (Unifesp).

Agradeço ao Prof. Dr. Adriano Scatolin, pela disciplina “A oratória no fim da República Romana” que foi importante para meu entendimento de certos aspectos da retórica clássica, além de ter contribuído com algumas ideias para essa dissertação. Ao Prof. Dr. José Eduardo dos Santos Lohner, Prof. Dr. Marcelo Vieira Fernandes e Prof. Dr. Pablo Schwartz Frydman, pelas aulas de Língua Latina.

Ao Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello, pelo curso de História Antiga (ainda na graduação) e pelos comentários atenciosos por ocasião de uma apresentação nos “Seminários de Pesquisa *Mare Nostrum*”.

À Profa. Dra. Charlene Martins Miotti pelas conversas, dicas e conselhos, mas também pelo exemplo como professora.

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos pelos comentários e sugestões.

À Profa. Dra. Amy Richlin pelo minicurso na UNESP e pelo exemplo como pesquisadora e professora.

À Profa. Dra. Raquel Glezer pelas aulas de história e pelas dicas inestimáveis sobre a academia.

À Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite pelas ótimas conversas.

À Profa. Dra. Semíramis Corsi pelas conversas e sugestões.

Aos funcionários da Biblioteca Florestan Fernandes, da FFLCH – USP.

Aos funcionários da seção de Pós-Graduação do DLCV e do Serviço de Pós-Graduação da FFLCH – USP.

Aos colegas do “Messalina”, Aline, Fabrício, Gaya, Sarah e Thais, pela oportunidade de dialogar sobre gênero e sexualidade.

Aos meus colegas de latim, pela amizade e companheirismo, Alex, Celina, Jasmim, Marcelo, Mariana, Rosana e Silvia.

À colega epigramatista Flávia Vasconcellos Amaral, pela amizade.

Aos colegas da sala I2 da História pelas conversas, festas e amizade, Carlinhos, Marly, Magno, Fernando, Lorena, Vivi, Ângela e João Paulo.

Às companheiras e aos companheiros do Balaio, em especial à Luna, à Helô, ao Piaia, ao Pupo, ao Tonho, ao Mats e ao Digo, por terem me ajudado a me reencontrar com uma parte importante da minha vida.

Aos colegas da APG pela luta por uma universidade mais humana, em especial às camaradas Gabi, Flavinha, Roberta e Amanda. Helenira Resende, presente!

Ao meu pai, Ricardo, por ter me transmitido o gosto pela literatura e o amor pelos livros.

À minha mãe, Amanda, exemplo de mulher que não se cansa na luta por um país mais democrático.

À minha família, à Mariana, ao Jean, à Marina, ao Lannie e à Isabel, por todo apoio, paciência e compreensão.

À Rosa, minha companheira de vida, de USP e de lutas.

Ao Presidente Luís Inácio Lula da Silva e à Presidenta Dilma Rousseff por todo apoio que deram ao ensino, à ciência e à pesquisa.

Por fim, o mais importante: agradeço profundamente aos copistas e bibliotecários que transmitiram os textos de Marcial através dos séculos, tornando essa pesquisa possível. Impossível não pensar em todos os epigramas com a palavra mentula e não imaginar as reações dos monges copistas.

“[...] Muros e cascas, tudo parado! Há dois mil anos a humanidade acredita que o Sol e as estrelas do céu giram em torno dela. O papa, os cardeais, os príncipes, os sábios, capitães, comerciantes, peixeiras e crianças de escola, todos achando que estão imóveis nessa bola de cristal. Mas agora nós vamos sair, Andrea, para uma grande viagem. Porque o tempo antigo acabou, e começou um tempo novo. Já faz cem anos que a humanidade está esperando alguma coisa. As cidades são estreitas, e as cabeças também. Superstição e peste. Mas veja o que se diz agora: se as coisas são assim, assim não ficam. Tudo se move, meu amigo” (BRECHT, 1991, p. 57).

RESUMO

LEITE, Diogo Moraes. **Os epigramas homoeróticos de Marcial: estudo e tradução.** 2019. 218 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Marco Valério Marcial (38-41 d.C. – 101-102 d.C.), poeta epigramatista latino nascido na Hispania Tarraconensis, parte da atual Espanha, deixou um legado de 1558 epigramas, nos quais aborda temáticas bastante variadas, incluindo assuntos ligados ao cotidiano e aos costumes de Roma na segunda metade do século I d.C. Dentre os temas abordados por Marcial, está aquele relativo ao que hoje entendemos por homossexualidade masculina. Na Roma antiga não existiam os conceitos contemporâneos de “heterossexualidade” e “homossexualidade”. Como as categorias sexuais, são definidas pela intersecção do sexo biológico com relações sociais, no caso dos romanos, principalmente as de poder; sendo assim, o fato de um homem manter relações sexuais com um indivíduo do mesmo sexo poderia ser condenável ou não, social e moralmente. Nesta pesquisa, identificamos e traduzimos 139 epigramas de Marcial que têm esta temática, dos quais selecionamos, para uma minuciosa análise, cerca de 50, os quais utilizamos para descrever os diferentes aspectos que a homossexualidade masculina assume na obra desse poeta.

Palavras-chave: Marcial. Epigrama. Homoerotismo. Literatura Latina. Poesia Latina. Tradução.

ABSTRACT

LEITE, Diogo Moraes. **Martial's a homoerotic epigrams: study and translation**, 2019. 218 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Marcus Valerius Martialis (38-41 AD – 101-102 AD), Latin epigrammatist poet born in Hispania Tarraconensis (a region of modern Spain), left a legacy of 1558 epigrams where he approached varied themes including subjects related to everyday life and habits within Rome in the second half of the 1st century BC. Among the topics approached by Martial, one is related to what we understand today as male homosexuality. In Ancient Rome, the contemporary notions of “heterosexuality” and “homosexuality” did not exist. How the sexual categories are defined by the intersection between biologic sex and social relations, especially social relations of power, in the case of the romans; therefore, the fact that a man would have sexual relations with a person of the same sex could be reprehensible or not, both socially and morally. In this research, we have identified and translated 139 Martial's epigrams related to that topic. Around 50 of these epigrams were selected for a thorough analysis and used to describe the different aspects that male homosexuality takes in the extensive work of this poet.

Keywords: Martial. Epigram. Homoeroticism. Latin Literature. Latin Poetry. Translation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Hispânia Tarraconense com Bílbilis em destaque	18
Figura 2 - Esquemas métricos dos epigramas deste corpus	20
Figura 3 - Intersecção do sexo anatómico com prática social/cultural	27
Figura 4 – Quadro Teratogênico	28
Figura 5 - <i>Warren Cup</i> , lado B	35
Figura 6 - Retrato de um jovem	44
Figura 7 - Fragmentos de uma estátua de mármore de Diadúmeno. Cópia da obra atribuída a Policlete. C. 69-96 d.C. (período flaviano)	57
Figura 8 - Intensidade de aceitação de práticas sexuais	63
Figura 9 - Trio de dois homens e uma mulher	69
Figura 10 – Quarto de bordel	76
Figura 11 - Homem fazendo <i>cunnilingus</i> na mulher	87

SUMÁRIO

PARTE I

HOMOEROTISMO NOS EPIGRAMAS DE MARCIAL

1	INTRODUÇÃO	15
2	O HOMOEROTISMO NOS EPIGRAMAS DE MARCIAL	17
2.1	MARCIAL E O EPIGRAMA	17
2.2	SEXUALIDADE ROMANA NOS EPIGRAMAS DE MARCIAL	24
2.2.1	O “ <i>penetration model</i> ”.	26
2.3	VITUPÉRIO E ENCÔMIO NOS EPIGRAMAS HOMOERÓTICOS DE MARCIAL	29
3	PUERI, OS AMORES PERMITIDOS	35
3.1	O CICLO DE EÁRINO	47
3.2	ENCOLPO E PUDENTE	53
3.3	DIADÚMENO	55
4	AMORES PROIBIDOS	62
4.1	<i>PEDICATIO</i>	69
4.2	<i>FELLATIO</i> E <i>CUNNILINGUS</i>	74
4.2.1	<i>Fellatio</i>	77
4.2.2	<i>Cunnilingus</i>	87
4.3	QUE COISA COMPLICADA É UM HOMEM FORMOSO	97
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	110

PARTE II

EPIGRAMAS TRADUZIDOS

1	INTRODUÇÃO	112
2	LIVRO I	113
3	LIVRO II	119
4	LIVRO III	131

5	LIVRO IV	141
6	LIVRO V	145
7	LIVRO VI	149
8	LIVRO VII	155
9	LIVRO VIII	163
10	LIVRO IX	166
11	LIVRO X	182
12	LIVRO XI	186
13	LIVRO XII	201
	REFERÊNCIAS	208
	GLOSSÁRIO DE TERMOS ERÓTICOS	214

PARTE I

HOMOEROTISMO NOS EPIGRAMAS DE MARCIAL

1 INTRODUÇÃO

Em sua obra Marcial cultivou o epigrama, gênero que teria surgido na Grécia – no século VII a.C. ou antes – e foi bastante difundido durante o período helenístico, quando chegou a Roma. Originariamente correspondia a inscrições em material duro, como a pedra, em objetos, monumentos e túmulos; daí sua natureza breve. De Marcial nos chegaram 15 livros, totalizando 1558 epigramas, com temáticas bastante diversas, incluindo celebrações de casamento e de nascimento, lamentos fúnebres, elogios, epitáfios, cantos ao vinho e ao amor, etc., além de muitos de caráter satírico, que têm como alvo diversos aspectos da vida romana de sua época e, por isso, são um bom retrato dessa sociedade (PIMENTEL, 2000a, p. 16) .

Dentre essas vertentes temáticas, destacamos o homoerotismo masculino, tema presente, não só em Marcial, e também, na literatura grega anterior, como nos aponta Silva, em seu estudo da Antologia Palatina, cujo livro 12, reúne epigramas que têm o desejo pederástico como tema (2011, p. 50).

Nesta dissertação selecionamos e traduzimos 139 epigramas que têm como temática o homoerotismo masculino. O recorte proposto por nós, de natureza temática, segue na esteira de outros estudos a respeito da obra do poeta de BÍLBILIS, os quais se dedicam a diversas temáticas também por meio da seleção de um número de epigramas filiados a um mesmo tema. Podemos citar, por exemplo, os trabalhos sobre o amor e o amargor em Marcial (BRANDÃO, 1998), sobre a misoginia em seus epigramas (AGNOLON, 2007), sobre a metapoesia presente em sua obra (CESILA, 2004) e sobre as relações entre Marcial e o livro (LEITE, 2011).

Iniciamos o presente trabalho apresentando no item 2.1, o poeta e algumas características de sua obra. Em seguida fizemos uma breve discussão sobre a sexualidade romana, apresentando alguns aspectos de como o tema é tratado pela historiografia contemporânea, no item 2.2. Em 2.3, fizemos uma breve apresentação de como os conceitos retóricos de encômio e vitupério se relacionam com os epigramas de nosso corpus. Em nossa pesquisa percebemos que algumas práticas e relações homoeróticas eram socialmente aceitas e que, por isso, podiam, até mesmo, figurar em um encômio ao Imperador. Por outro lado, as práticas e relações que eram condenáveis socialmente, isso segundo o modelo defendido por Marcial e em acordo com a ideologia da elite Romana, figuravam como vitupérios. Desta forma, no capítulo 3 apresentamos alguns epigramas que julgamos relevantes para a compreensão das

relações e práticas sexuais aceitas socialmente e no capítulo 4, apresentamos uma seleção de epigramas que têm como tema as relações e práticas sexuais condenáveis socialmente. Por fim, na Parte II, traduzimos os 139 epigramas que selecionamos para o nosso corpus. A tradução é feita verso a verso, sem preocupações com a métrica, e os epigramas são acompanhados de notas que facilitam seu entendimento para o leitor pouco familiarizado com a história e a cultura romanas. Outro aspecto de nossa tradução é que optamos por traduzir termos obscenos, bastante frequentes em nosso corpus, por termos igualmente obscenos em português.

Vale, ainda, uma última observação: o fato de estudarmos um período, com seus costumes e vieses ideológicos, não implica em concordância ou aceitação dos mesmos. Ou seja, da mesma maneira que condenamos o uso de jovens garotos para fins sexuais, prática comum à época de Marcial, não comungamos dos mesmos preconceitos, muitos dos quais, ainda frequentes em nossos dias.

2 O HOMOEROTISMO NOS EPIGRAMAS DE MARCIAL

Neste capítulo apresentaremos Marcial e o gênero cultivado por ele, o epigrama; em seguida discutiremos sobre aspectos da sexualidade romana e de como Marcial se utiliza deles em seus epigramas. Por último trataremos dos conceitos retóricos de encômio e vitupério e a relação desses conceitos com o modelo de sexualidade presente na obra de Marcial.

2.1 MARCIAL E O EPIGRAMA

Marco Valério Marcial (*Marcus Valerius Martialis*) foi poeta latino nascido em BÍlbilis, na Hispânia Tarraconense (próximo à atual Saragoça, na Espanha), (ver figura 1), entre os anos de 38 e 41 d.C.¹ A única fonte, além de seus próprios epigramas, que contém elementos biográficos sobre ele é uma carta (3.21) de Plínio, o Jovem, endereçada ao amigo Cornélio Prisco, informando sobre a morte do poeta. Também há incertezas quanto à família de Marcial, mas há uma certa aceitação de que as personagens citadas em 5.34.1 sejam seus pais, Frontão e Flacila.

Por volta de 64 d.C.², o poeta teria se mudado para Roma, onde parece ter sido acolhido sob a proteção da família de Lúcio Aneu Sêneca, escritor, filósofo e preceptor de Nero. Um ano depois, esta família foi implicada em uma conjuração contra Nero, e Marcial teve que procurar outras formas de se manter na cidade, provavelmente através dos artifícios e favores do sistema de patronato. Durante esse período, tomou profundo contato com a sociedade romana da época, tema de sua obra. Somente em 80 d.C. Marcial conseguiu ter seu talento reconhecido, após a publicação do *Livro dos Espetáculos* (*Liber de spectaculis*)³, que homenageia os jogos de inauguração do Anfiteatro Flaviano (Coliseu) e lhe rendeu reconhecimento pelo imperador Tito. Nos 18 anos seguintes, morou em Roma e publicou mais treze livros. Em 98 retornou à sua cidade natal, na Hispânia, onde publicou um último livro em 101 ou 102, pouco antes de morrer em 103 ou 104⁴.

¹ SULLIVAN, 1999, p. 1.

² *Ibid.*, p. 3.

³ *Ibid.*, p. 6.

⁴ Para este parágrafo, baseamo-nos em PIMENTEL, 2000, pp. 9-15.

Figura 1 – Hispânia Tarraconense com Bílbilis em destaque.

Fonte: (TALBERT, 2003, p. 144).

Em sua obra, Marcial cultivou o epigrama, gênero que teria surgido na Grécia – no século VII a.C. ou antes – e foi bastante difundido durante o período helenístico, quando chegou a Roma. Originariamente correspondia a inscrições em material duro, como a pedra, em objetos, monumentos e túmulos; daí sua natureza breve. De fato o termo *epigramma* é a forma transliterada e latinizada de ἐπίγραμμα, e significa “inscrição”; diretamente ligado à ação do verbo ἐπιγράφειν (*epigráphein*); “inscrever”, “gravar”, “escrever em cima de” (CESILA, 2017, p. 17). Dessa origem material o gênero guarda uma de suas principais características, a concisão, já que dependia do espaço muitas vezes exíguo das superfícies em que seria gravado. Como gênero, o epigrama não estava vinculado a um metro específico, como acontece com outros gêneros. No entanto, já no século VI a.C., na Grécia, surgem os primeiros exemplares naquele que seria o metro predominante do epigrama, o dístico elegíaco, sobre o qual trataremos mais adiante. No entanto, foi apenas no período helenístico (séc. IV a I a.C.) que, mantendo a brevidade como característica, ele se libertou dos suportes tradicionais e de sua finalidade prática, ganhando autonomia enquanto gênero poético, cultivado pela maioria dos poetas da época (*ib.* p. 19).

De Marcial nos chegaram 15 livros de epigramas, com temáticas bastante diversas, incluindo celebrações de casamento e de nascimento, lamentos fúnebres, elogios, epitáfios, cantos ao vinho e ao amor, etc., além de muitos de caráter satírico, que têm como alvo diversos aspectos da vida romana de sua época e, por isso, são um bom retrato dessa sociedade (SULLIVAN, 1999, pp. 16-18).

Como vimos, o metro predominante no epigrama, desde seu surgimento, é o dístico elegíaco. Segundo Cesila (2017, p. 283), o dístico elegíaco é o metro mais utilizado por Marcial, correspondendo a 1233 epigramas, ou 79,1% (considerando-se, para tanto, os 15 livros). Se desconsideramos os 3 livros monotemáticos, teremos um total de 857 epigramas (ou 73,2%).

O segundo metro mais utilizado por Marcial é o hendecassílabo falécio, que, como o próprio nome sugere, apresenta 11 sílabas⁵. Marcial usou esse metro em 238 epigramas (ou 19,5% do total) (CESILA, 2017, p. 283). Além desses dois metros, ele também utiliza o trímetro iâmbico escazonte (ou coliambo), o dístico epódico, o

⁵ Como explica Cesila (2017, p. 191): “possui 11 sílabas (“do grego ἑνδεκά, *héndeka*, “onze”), que são dispostas em cinco pés: um espondeu (duas sílabas longas), um dátilo (uma longa seguida de duas breves), dois troqueus (uma longa seguida de uma breve) e um espondeu ou troqueu. Marcial [...] segue o esquema à risca; Catulo [...] admite, no primeiro pé, além do espondeu, o ímbo e o troqueu, e apresenta variação esporádica em outros pés em determinados poemas”.

— ¯ / — ¯ / — // — ∪ / — ∪ / ¯ Pentâmetro.

O hendecassílabo falécio:

— — / — ∪ / — ∪ / — ∪ / — ¯

E o trímetro iâmbico escazonte ou coliambo:

¯ — ∪ — / ¯ — ∪ — / ∪ — — ¯

Marcial dedica uma parte de sua obra a escrever sobre a poesia e o fazer poético. Nesses epigramas, aponta Catulo, poeta latino do séc. I a.C., como seu grande modelo no gênero do epigrama, como lembra Cesila:

Catulo é o principal modelo de Marcial no gênero epigramático, o que é patente não só nas frequentes retomadas de temas, *tópoi*, palavras, versos, esquemas de repetições etc. do poeta veronês, mas também nas referências nominais a ele, presentes em epigramas que, na maioria das vezes, contêm abertas declarações de filiação literária. (2008, p. 66).

Ou, como podemos ver nas palavras do próprio Marcial, no epigrama 78 do Livro 10, versos 14 a 16:

*sic inter ueteres legar poetas,
nec multos mihi praeferas priores,
uno sed tibi sim minor Catullo.*

que assim eu possa ser lido, ao lado dos poetas antigos,
e que não coloques muitos acima de mim,
mas que eu seja, para ti, inferior apenas a Catulo.
(Trad. de CESILA, 2004, p. 257)

Para citarmos um exemplo de retomada de *tópoi*, temos o epigrama 6.34 (que abordamos no capítulo 3.3), em que Marcial emula um conhecido poema de Catulo, ao falar dos beijos de um jovem escravo.

Uma outra característica que Marcial divide com Catulo é o uso de linguagem obscena, bastante comum em nossa antologia.

Como afirma Sullivan,

Não pode haver dúvida de que mesmo o leitor mais liberal deve achar alguns dos epigramas de Marcial obscenos em alguma medida, bem como ofensivos às suas sensibilidades por seu sexismo e crueldade. (1999, p. 65)⁶.

Em seus livros, Marcial se defende dessas críticas argumentando que essas obscenidades são apropriadas, ou mesmo, requeridas pelo gênero epigramático. E, para reforçar essa defesa do uso do elemento obsceno em sua obra, o poeta busca constantemente associar a sua poesia ao espírito das *Saturnalia* (SULLIVAN, 1999, p. 66), festival romano em honra a Saturno que ocorria durante alguns dias, a partir de 17 de dezembro, e que era marcado por uma certa liberdade e licenciosidade; os romanos adotavam a inversão de alguns papéis sociais durante esse período, como, por exemplo, os escravos poderiam jantar antes de seus senhores e, independentemente disso, gozavam de certa liberdade; era, sobretudo um tempo de festas, com banquetes e divertimentos (OCD, s.v.).

Notemos no prefácio em prosa ao Livro I, por exemplo, como o poeta faz essa defesa do uso de linguagem obscena:

1. Praef.

4. Lasciuam uerborum ueritatem, id est epigrammaton linguam, excussarem, si meum esset exemplum: sic scribit Catullus, sic Marsus, sic Pedo, sic Gaetulicus, sic quicumque perlegitur. 5. Si quis tamen tam ambitiose tristis est ut apud illum in nulla pagina latine loqui fas sit, potest epistola uel potius titulo contentus esse. 6. Epigrammata illis scribuntur qui solent spectare Florales. 7. Non intret Cato theatrum meum, aut si intrauerit, spectet.

Já a franqueza lasciva das palavras, isto é, a linguagem dos epigramas, justificá-la-ia, se fosse eu a ter dado o exemplo; assim, porém, escreve Catulo, assim Marso, assim Pedão, assim Getúlico, assim todo aquele que é lido do início ao fim. Se alguém, entretanto, é de tão afetada austeridade que, perto dele, não é permitido, em nenhuma página, falar latim, pode se contentar com este prefácio,

⁶ Tradução nossa: "There can be no doubt that even the most liberal reader must find some of Martial's epigrams obscene in some way, as well as offensive to his or her sensibilities in their sexism and cruelty."

ou, antes, com o título. Os epigramas são escritos para aqueles que costumam assistir aos Florais. Que não entre Catão em meu teatro, ou, se entrar, que assista. (Trad. de CESILA, 2004, pp. 45-47)

Logo no início do trecho selecionado, Marcial afirma que não precisa se preocupar em defender o uso de linguagem obscena, isto é, a “linguagem dos epigramas”, pois está apenas seguindo uma tradição, na qual se inclui, à qual pertencem poetas como Catulo e outros pouco conhecidos, como Domício Marso e Albinovano Pedão, ambos de fins do século I a.C e início do século I d.C. Além desses, cita Gneu Cornélio Lêntulo Getúlico, autor de poemas eróticos dos quais sobreviveram apenas nove (*OCD*, s.v.). Logo após citar tais poetas, ele completa, se referindo à sua própria linguagem como “falar latim” e assevera: caso alguém com “afetada austeridade” fique incomodado com esse seu latim sem peias, que leia apenas o título da obra. Marcial termina o trecho com a agudeza que lhe é costumeira, lembrando que os epigramas são próprios para os Florais, jogos em homenagem à deusa Flora, nos quais eram representados mimos, encenações repletas de obscenidade e nudez (*OCD*, s. v.). Conclui fazendo uma menção a uma anedota contada por Valério Máximo: Catão, exemplo de austeridade para os romanos, teria entrado certa vez em um teatro onde se encenavam mimos, mas, por terem lhe notado a presença, o mimo não foi encenado; Catão, então, ao perceber que interrompiam a apresentação por sua causa, retirou-se, levando a plateia aos aplausos (CESILA, 2004, p. 47). Aqui essa anedota serve de advertência ao leitor mais moralista.

Dos 15 livros que conhecemos de Marcial, três são monotemáticos: o *Livro dos Espetáculos* (*Liber de spectaculis*), que já mencionamos, além da *Xenia* e *Apophoreta*, coletâneas formadas por epigramas curtos destinados a acompanhar presentes entregues durante as Saturnais (CESILA, 2017, p. 95). Os outros doze livros apresentam temáticas bastante diversas, incluindo celebrações de casamento e de nascimento, lamentos fúnebres, elogios, epitáfios, cantos ao vinho e ao amor, etc., além de muitos de caráter satírico, que têm como alvo diversos aspectos da vida romana da época do poeta e, por isso, são um bom retrato dessa sociedade (SULLIVAN, 1999, pp. 16-18). Dentre esses temas, destacamos o homoerotismo masculino, temática presente na epigramática grega anterior, como aponta Luiz Carlos Mangia Silva em seu estudo dos livros 5 e 12 da *Antologia Palatina*, sendo este

último – o 12 – dedicado a epigramas que têm o desejo pederástico como tema (2011, p. 50).

No entanto, se no Livro 12 da *Antologia Palatina* o desejo de homens por rapazes é tratado no contexto amoroso, portanto, erótico, em Marcial, por outro lado, ele assume novas possibilidades: embora Marcial também faça epigramas homoeróticos, em um sentido mais estrito⁷, com o tema aparecendo até mesmo em poemas encomiásticos ao imperador⁸, o que prevalece em seus poemas centrados no homoerotismo são os epigramas satíricos, nos quais as práticas sexuais homoafetivas que estivessem em desconformidade com os padrões sociais da época eram motivo para o vitupério. Aliás, é nesses epigramas de caráter satírico (aqui entendidos em sentido amplo, sem se restringir apenas aos de tema homoerótico) que o poeta de BÍlbilis se destaca, como lembra Cesila, ao comentar sobre os livros 1 a 12:

São esses doze livros de Marcial que contêm a parte mais interessante de sua produção, aquela em que o poeta demonstrou todo o seu gênio e criatividade, e que o fariam famoso já em sua época e por todos os tempos: os poemas satíricos. Criticando não as pessoas, mas seus vícios, como ele próprio se defende, o poeta retrata com ironia, humor e mordacidade a sociedade romana do primeiro século de nossa era. Por seus versos passam prostitutas, alcoviteiros, bebedores, efeminados, charlatões, caçadores de herança, maus poetas, sovinas, novos-ricos, bajuladores, glutões, gladiadores, maus professores, falsos sábios, invejosos, falsos moralistas e todos os demais tipos humanos e sociais imagináveis. É também nos doze livros de epigramas diversos que o poeta fará uso da técnica de produção do humor de que falamos acima [o “fecho cômico-espirituoso”], a qual aperfeiçoou e à qual imprimiu sua marca pessoal. (2004, p. 32).

A seguir, no próximo item, discutiremos um pouco os aspectos da sexualidade em Roma tais como vistos na obra de Marcial.

2.2 SEXUALIDADE ROMANA NOS EPIGRAMAS DE MARCIAL

⁷ Como nos epigramas 5.46 e 6.34 em que se dirige a um jovem escravo, Diadúmeno, ao emular os beijos de Lésbia em Catulo.

⁸ Como, por exemplo, no epigrama 9.36 em que a relação de Domiciano com o jovem escravo Eáirino é comparada à relação de Júpiter com Ganimedes, colocando o imperador em nível pouco mais elevado que a divindade, os quais abordaremos mais adiante e de maneira mais detalhada.

A historiografia sobre a sexualidade no mundo antigo, de matriz foucaultiana⁹, apresenta um modelo rígido e assimétrico da sexualidade, em grande parte por “endossar o ponto de vista das fontes que utiliza” (GODOY, 2015, p. 52). Esse modelo, sobre o qual trataremos mais adiante, chamado, por exemplo, de “*penetration model*” por Skinner (2014, p. 256)¹⁰, trata a sexualidade de forma bastante restritiva e monolítica e vem sendo relativizado à medida que outros pesquisadores se debruçam sobre o tema e incluem novas fontes em suas abordagens da questão, como é o caso de Godoy com o *Satyricon* de Petrônio, e Feitosa com as inscrições de Pompeia. Veja-se o que diz esta última:

A partir de uma análise de inscrições referentes ao tema do amor, pude inferir que o conceito de masculinidade, como uma insígnia de autoridade e poder, cede lugar a um perfil do masculino que se constrói de acordo com o feminino: como um acordo estabelecido entre aqueles que compartilharam seu trabalho, infortúnios da sorte e explorações. Essa era, de fato, uma realidade distinta da aristocracia e dos valores e juízos que ela defendia, demonstrando que as concepções hegemônicas não deveriam ser aceitas sem crítica e automaticamente transpostas como legítimas para o resto da sociedade. (FEITOSA, 2008, p. 201)¹¹.

Como Feitosa percebeu, ao analisar as inscrições de Pompeia, essa visão monolítica da sexualidade, fundamentada em relações de poder e dominação, cede lugar a uma percepção de relações mais horizontais do que aquelas observadas na documentação proveniente das elites. Skinner, embora esteja entre as defensoras desse modelo, também reconhece suas limitações:

Embora o “*penetration model*” não cubra todo o espectro de atos sexuais realizados nesses textos romanos, uma hierarquia de dominação e

⁹ Fundada com a publicação da História da Sexualidade, obra publicada pelo filósofo Michel Foucault na década de 1970, essa corrente historiográfica, que conta com historiadores proeminentes, como Paul Veyne, deixou uma marca profunda nos trabalhos sobre gênero e sexualidade no mundo antigo.

¹⁰ Como já mencionado, Esse “modelo” está baseado nas noções estipuladas por Foucault e, antes de Skinner e Parker, que citaremos mais adiante, já era defendido por Paul Veyne.

¹¹ Tradução nossa: “*From an analysis of inscriptions referring to the theme of love, I was able to infer that the concept of masculinity, as a insignia of authority and power, gives way to a profile of the masculine that is constructed in accordance with the feminine: as an agreement established between those who shared their work, luck misfortunes, and explorations. This was indeed a reality distinct from that of the aristocracy and the values and judgments it espoused, demonstrating that hegemonic conceptions ought not to be uncritically accepted and automatically transposed as legitimate onto the rest of society*”. (FEITOSA, 2008, p. 201).

submissão é assumida mesmo em circunstâncias em que os participantes se desviam da norma. (2014, p. 256).¹²

No caso da obra de Marcial, por representar a ideologia da elite romana, esse modelo de sexualidade, com um protocolo baseado na “penetrabilidade”/“impenetrabilidade” do homem romano, funciona perfeitamente para explicar as construções de sentido, o humor e as premissas subentendidas em seus epigramas. De fato, inclusive pela extensão de sua obra e pela forma particularmente agressiva e obscena com que trata os temas referentes à sexualidade, Marcial tem seus epigramas frequentemente utilizados como fonte de historiadores sobre sexualidade romana; como exemplos podemos citar Parker (1998)¹³ e Thuillier (2013).

2.2.1 O “*penetration model*”.

Na sociedade ocidental contemporânea, conforme conceitua Parker (1998, p. 47), baseamos a divisão de categorias sexuais seguindo o eixo: **mesmo/igual versus outro/diferente**. Desta forma, teríamos duas categorias, a de heterossexuais e a de homossexuais. Essa categorização, no entanto, era estranha aos antigos romanos.

No mundo romano, segundo o modelo de sexualidade aqui proposto, o fato de um indivíduo do sexo masculino fazer sexo com outro indivíduo do sexo masculino não era determinante de sua categoria sexual. Para Montserrat, o gênero é produzido pela intersecção do sexo anatômico com relações sociais, especialmente as de poder, como na figura 3, proposto por ele¹⁴:

¹² Tradução nossa: “*Although the “penetration model” does not cover the full spectrum of sexual acts performed in those Roman texts, a hierarchy of dominance and submission is assumed even in circumstances where participants deviate from the norm.*”

¹³ Estamos cientes da prisão de Parker, então professor da Universidade de Cincinnati, em março de 2016, sob acusações, que foram por ele confessadas, de divulgação de pedofilia na internet. No entanto, apesar da proximidade temática entre o trabalho acadêmico de Parker e dos crimes por ele praticados, entendemos haver uma separação entre obra e autor. Nesse sentido, apesar do desconforto, continuaremos a fundamentar parte de nosso trabalho, nas pesquisas dele. <http://www.theindychannel.com/news/u-s-world/university-of-cincinnati-professor-went-by-name-daddycruel-to-collect-trade-child-porn-fbi-says>

¹⁴ MONTSERRAT, 2000, p. 154

Figura 3 - Intersecção do sexo anatômico com prática social/cultural

Fonte: Monteserrat (2000) [adaptado].

Para Montserrat,

Gênero não é um estado corporal fixo, mas uma categoria cultural mutável, na qual o sexo biológico pode, ou não, ser um fator determinante, e a atribuição de indivíduos a determinadas categorias culturais é determinada principalmente por diferenças de hierarquia. (2008, p. 154).

No mesmo sentido, para Walters¹⁵, o protocolo sexual romano define os homens como “*impenetrable penetrators*”, isto é, como penetradores que não podem ser penetrados, ou, como o autor afirma, em um contexto mais amplo, como aqueles de *status* social mais alto, capazes de defender seus corpos de ataques invasivos de todos os tipos. Desta forma, homens que ocupassem posição social hierarquicamente inferior não seriam homens por completo, pois lhes faltaria esta capacidade “masculina” de inviolabilidade corporal. Ainda segundo Walters: “Sexo é uma via de mão única, algo que uma pessoa faz a outra. O parceiro ativo era conceituado como o possuidor de um falo, e a atividade como necessariamente envolvendo uma penetração fálica¹⁶”. Desta forma, concordando com Parker¹⁷, podemos dizer que os

¹⁵ WALTERS, 1998, p. 30.

¹⁶ Id. Ibid. Tradução nossa. “*Sex is a one-way street, something one person does to another. The active partner was conceptualized as possessing a phallus, and the activity as necessarily involving a phallic penetration.*”

¹⁷ PARKER, 1998, p. 48.

romanos dividiam as categorias sexuais no eixo “ativo”¹⁸ e “passivo”¹⁹; sendo ativo, por definição, “masculino”, e passivo, por definição, “feminino”.

Assim, como veremos no figura 4²⁰, temos, em latim, para cada orifício corporal, um ato sexual correspondente: *futuere*, inserir o pênis em uma vagina; *pedicare*, inserir o pênis no ânus; e *irrumare*, inserir o pênis na boca de alguém. A contrapartida passiva é feita pelos verbos *futuere* e *pedicare* em suas formas passivas e, no caso da penetração da boca, pelo verbo *fellare*, além da forma passiva de *irrumare*: *irrumari*.

Figura 4 – Quadro Teratogênico

Orifício				
		Vagina	Ânus	Boca
Ativo				
Atividade		<i>futuere</i>	<i>pedicare</i>	<i>irrumare</i>
Pessoa (<i>uir</i>)		<i>fututor</i>	<i>pedicator / pedico</i>	<i>irrumator</i>
Passivo				
Atividade		<i>futui</i>	<i>pedicari</i>	<i>irrumari/ fellare</i> ²¹
Pessoa	Masculino (<i>pathicus</i>)	<i>cunnilincto</i> ²²	<i>cinaedus / pathicus</i>	<i>fellator</i>
	Feminino (<i>femina</i>)	<i>femina / puella</i>	<i>pathica</i>	<i>fellatrix</i>
Ato sexual		<i>fututio</i>	<i>pedicatio</i>	<i>fellatio irrumatio</i>

Fonte: Parker (1998).

¹⁸ “Ativo”, neste esquema, tem um único e preciso significado: a penetração de um orifício corporal (vagina, ânus ou boca) por um pênis.

¹⁹ “Passivo” por analogia, aquele que tem um orifício corporal penetrado.

²⁰ Adaptado de Parker, 1998, p. 49.

²¹ Parker (1998) utiliza a forma *fellari*; no entanto, seguindo os dicionários encontrados, assim como formas encontradas na literatura, optamos por *fellare* (infinitivo ativo). O verbo indica fazer sexo oral em alguém. Embora esteja implícita a penetração da boca pelo pênis, parece-nos haver um sentido ativo, talvez até mesmo volitivo, de quem executa esse ato; por isso preferimos empregar a forma ativa do verbo.

²² O termo *cunnilincto* trata-se de um neologismo. Em nosso texto também optamos pelo seu uso para que não ocorra confusão entre a prática e o praticante desse ato sexual.

Esta figura nos permite traçar um panorama das práticas sexuais que eram socialmente aceitas ou condenáveis, conforme esse “*penetration model*”. Ao cidadão romano (*uir*) cabia, sempre, o papel ativo, sendo condenável qualquer forma de papel passivo. Destacamos que o papel de *cunnilinctor* não só era visto como passivo, como também a pior forma de passividade, pois representava a “passividade” perante a mulher, que desempenhava o papel passivo, por natureza. Era também condenável socialmente, ao homem, que, mesmo desempenhando papel “ativo”, mantivesse relações com homens ou meninos já crescidos, com mulheres casadas, adolescentes livres e virgens.

Esse modelo nos será muito útil para compreendermos algumas ideias de Marcial, algumas de suas proposições e, sobretudo, o humor de alguns de seus epigramas, como veremos no capítulo 4.

2.3 VITUPÉRIO E ENCÔMIO NOS EPIGRAMAS HOMOERÓTICOS DE MARCIAL

Como vimos no item anterior, Marcial, seguindo a moralidade da elite romana de sua época, seguia um protocolo sexual bastante estrito, com papéis muito bem delimitados. Isso é interessante porque, nos epigramas que traduzimos e que apresentaremos nos próximos capítulos, percebemos como Marcial operava esse protocolo sexual para criticar, vituperar e gerar humor. Sem dúvidas, o poeta buscava atacar o que considerava comportamentos desviantes, que não respeitavam o protocolo baseado na “impenetrabilidade do homem romano”, embora tivesse o cuidado de não nomear pessoas reais que cometessem esses desvios. Nos versos 9-10 do epigrama 10.33, Marcial é bem claro em relação a isto: apontar os vícios e preservar as pessoas:

10.33, versos 9-10:

*Hunc seruare modum nostri nouere libelli,
parcere personis, dicere de uitiiis.*

Nossos livrinhos sabem manter esta regra,
poupar as pessoas, falar sobre os vícios.

De fato, como afirma Sullivan:

As atitudes sexuais de Martial, então, pelo menos como são expressas em seus epigramas, devem ser consideradas parte e parcela de sua visão hierárquica da sociedade romana. Mais uma vez, deve ser enfatizado que os padrões morais e sociais subjacentes à sua sátira negativa, embora chocantemente expressos a alguns gostos modernos, são essencialmente conservadores em termos ideológicos romanos, e não seriam diferentes daqueles defendidos por Tácito e por Plínio, o Jovem [...]. (1999, p. 210)²³.

Dessa forma, na obra de Marcial, as questões relacionadas à sexualidade são regidas estritamente segundo o protocolo sexual apresentado no item anterior. O “*penetration model*” permite compreender as implicações de diferentes atos e relações sexuais apresentadas em seus epigramas. Assim, as práticas que se desviam desse padrão estabelecido socialmente são motivos para vitupério e figuram em epigramas invectivos, através de tópicos presentes, também, na invectiva oratória, como acusações de efeminação; isso vale para o papel passivo tanto no intercuro anal quanto na prática de sexo oral, conforme aponta Corbeill (1996, p. 10). Por outro lado, se ao ato vicioso, ilícito moralmente, corresponde o vitupério, o ato lícito, costumeiro, pode figurar sob a forma de um encômio, até mesmo ao imperador. Há, ainda, casos em que a conduta e prática sexual podem figurar apenas como um dado a mais no epigrama, um dado social, cultural, sem, necessariamente, intenções de vitupério ou de elogio.

Podemos, assim, considerar que o poeta explora as duas funções que a Retórica Clássica atribui ao gênero oratório demonstrativo. Relembremos a divisão dos discursos em três gêneros distintos:

Três são os gêneros de causas de que o orador deve incumbir-se: o demonstrativo, o deliberativo e o judiciário. O demonstrativo destina-se ao elogio ou vitupério de determinada pessoa. O deliberativo efetiva-se na discussão, que inclui aconselhar e desaconselhar. O judiciário contempla a controvérsia legal e comporta acusação pública ou reclamação em juízo com defesa. (Trad. de FARIA e SEABRA, 2005)²⁴.

²³ Tradução nossa: “*Martial's sexual attitudes then, at least as they are expressed in his epigrams, are to be regarded as part and parcel of his hierarchical vision of Roman society. Once again it has to be stressed that the moral and social standards underlying his negative satire, however shockingly expressed to some modern tastes, are essentially conservative in Roman ideological terms, and would be no different from those held by Tacitus and the younger Pliny (...).*” (Sullivan, 1999, p. 210).

²⁴ 1.2, [CÍCERO]. **Retórica a Herênio**. Trad. Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

Emprestamos da retórica essa divisão entre vitupério e encômio para nortear nosso trabalho; de fato, como veremos nos capítulos seguintes (“Amores permitidos” e “Amores proibidos”), a noção de “impenetrabilidade do *uir*” perpassa os epigramas de Marcial, permitindo, de certa forma (com algumas exceções nas quais o motivo do vitupério não é o desvio em relação a essa regra), dividirmos os epigramas de nosso *corpus* em dois grandes grupos: o das relações permitidas e o das relações proibidas. Este último, ainda segundo a atenção que o epigramatista dá ao tema, pode ser subdividido de acordo com as práticas sexuais abordadas (*pedicatio*, *fellatio* e *cunnilingus*).

É interessante notar que o tipo de invectiva praticado por Marcial, apesar das diferenças marcantes entre os gêneros discursivos, também se encontra, como já mencionado em passagens acima, na oratória política. Corbeill (1996, pp. 5-6), ao tratar da oratória, afirma que a invectiva política funciona num contexto político de amplo espectro, para além dos indivíduos. Para ele, o humor cria normas sociais ao expor aqueles que violam essas mesmas normas. Ou, de forma direta: “Em Roma, comportamento desviante é o comportamento que os oradores assim definem em sua invectiva. Na medida em que eles rotulam o desvio através do humor político, os valores da sociedade – a maneira “correta” de parecer e de se comportar – tornam-se reforçados pelo contraste (CORBEILL, 1996, p. 6)²⁵. Ainda segundo Corbeill, a sociedade romana teria essa fixação com o medo do efeminado por ver nele uma ameaça à própria concepção do que seria o masculino em Roma; ao acusar um adversário de efeminação, o orador estaria acusando-o não apenas de violar o decoro, mas de falhar em relação à própria natureza (1996, p. 145-146).

Um exemplo desse tipo de invectiva pode ser visto na segunda Filípica de Cícero²⁶:

XVIII 44. *Visne igitur te inspiciamus a puero? Sic opinor: a principio ordiamur. Tenesne memoria praetextatum te decoxisse? Patris, inquires, ista culpa est. Concedo: etenim est pietatis plena defensio! Illud tamen audaciae tuae, quod*

²⁵ Tradução nossa. “At Rome, deviant behavior is behavior that public speakers so define in their invective. As they label deviance through political humor, the positive values of society – the “proper” way to look and behave – become reinforced by contrast.” (CORBEILL, 1996, p. 6).

²⁶ As Filípicas são um conjunto de 14 discursos escritos por Cícero contra Marco Antônio, no desenrolar dos acontecimentos após o assassinato de Júlio César (ABREU, 2017, p. 9).

sedisti in quattuordecim ordinibus, cum esset lege Roscia decoctoribus certus locus constitutus, quamuis quis fortunae uitio, non suo decoxisset. Sumpsisti uirilem, quam statim muliebrem togam reddidisti. Primo uulgare scortum, certa flagiti merces, nec ea parua. Sed cito Curio interuenit, qui te a meretrício quaestu abduxit et, tamquam stolam dedisset, in matrimonio stabili et certo collocauit. 45. Nemo umquam puer emptus libidinis causa tam fuit in domini potestate quam tu in Curionis. Quotiens te pater eius domu sua eiecit, quotiens custodes posuit, ne limen intrares? cum tu tamen nocte socia, hortante libidine, cogente mercede, per tegulas demittere. Quae flagitia domus illa diutius ferre non potuit.

XVIII 44. Queres, então, que nós te examinemos desde menino? Penso deste modo: começemos do princípio. Tens na memória que, vestido com a toga pretexta, tu te tornaste falido? Essa é a culpa do pai, dirás. Consinto. Com efeito, a defesa é cheia de afeto filial! Contudo, o fato de que tu sentaste entre as quatorze filas convém à tua audácia, embora com a lei Róscia um lugar certo determinado para os falidos tivesse sido estabelecido, ainda que alguém tivesse falido por culpa da fortuna, não por sua culpa. Tu te revestiste da toga viril, que logo transformaste em toga mulheril. Primeiro, uma meretriz pública, com um preço certo para a depravação, e não baixo. Mas logo veio Curião, que te afastou da profissão de meretriz e, como se ele te tivesse dado um vestido de matrona, estabeleceu um matrimônio estável e fixo. 45. Nenhum menino comprado por causa da luxúria alguma vez esteve tão em poder do dono como tu em poder de Curião. Quantas vezes o pai dele te expulsou de sua casa, quantas vezes ele posicionou guardas para que tu não entrasses? Contudo, com a cumplicidade da noite, com o incitamento da libido, com o estímulo do pagamento, tu desceste pelo telhado. Aquela casa não pôde suportar por muito mais tempo essas depravações. (Tradução de ABREU, 2017, p. 122).

Aqui temos algumas tópicas que também estarão presentes na obra de Marcial. Em seus epigramas, como mostraremos no capítulo 3, o ritual de passagem para a idade adulta marcava também o momento em que o jovem escravo se tornava interdito aos amores de seu senhor. Aqui, Cícero fala que Marco Antônio, ao deixar a *toga praetexta*, ao invés de usar a *toga uirilis*, como seria esperado pelo seu novo *status* de *uir*, passa a usar a “toga mulheril”, uma possível referência à *toga meretricium*,

vestimenta reservada às prostitutas, pois eram proibidas de usar a *stola*, reservada às matronas (ABREU, 2017, p. 75). Mais adiante, Cícero continua seu ataque, chamando Antônio de meretriz e, em seguida, dizendo que Curião o tinha tomado como esposa. Aqui há mais uma tópica comum a Marcial, a do homem que se relaciona com outros homens adultos, assumindo, desta forma, uma posição reservada às mulheres; nos epigramas 1.24 e 12.42 são mencionados homens que se casaram com outros homens, inclusive, como em 12.42, usando o *flammeum*, o véu tradicional usado pelas noivas. Logo a seguir, o *orator* fala do poder que Antônio teria exercido sobre Curião, tema comum a alguns epigramas e à poesia amatória em geral.

Esse “medo do efeminado”, como citado por Corbeil, é o que faz a invectiva de Cícero contra Antônio funcionar: ao tratá-lo como um efeminado, ele está dizendo não apenas que o general tem valor social de uma mulher, mas também que violou os limites do decoro social, representando um fracasso em relação à própria natureza (CORBEIL, p. 146).

Percebemos, na obra de Marcial, apesar da linguagem muitas vezes obscena, essa preocupação com um objetivo moralizante, isto é, aquele de defender aspectos da sexualidade em consonância com os padrões morais caros à ideologia da elite romana. Desta forma, o poeta de BÍLBILIS não ataca indivíduos com seus nomes reais, como o fez Cícero, mas censura aquilo que ele considera vicioso e desviante em relação à sua ideologia.

Obedecendo a esse viés moralizante, é comum Marcial apenas indicar, sugerir os atos e costumes sexuais, partindo do princípio de que seus leitores terão as informações necessárias para compreender o humor, como explica Larash:

A preocupação de Marcial não é a de tecer comentários políticos ou de enfraquecer o programa moral de Domiciano. Em vez disso, ele está lá para obter risos. A piada é mais eficaz quando se trata de algo que é corrente, de modo que a pessoa que conta a piada pode supor que seu público irá automaticamente fazer as associações necessárias. (Uma piada se torna menos engraçada quanto mais você demora para entendê-la). Não apenas piadas, mas também formas mais difusas de humor (como a tendência geral de Marcial em relação à metapoesia e outros dispositivos estruturais) são mais gratificantes para um público que já tem a capacidade de avaliar os padrões de pensamento ou as convenções sociais com os quais o contador de piadas está brincando. (2004, p. 226)²⁷.

²⁷ Tradução nossa. “*Martial’s concern is not to make political comment or to undermine Domitian’s moral program; rather, he is out to get laughs. A joke is most effective when it is about something that is current, so the person telling the joke can assume that his or her audience will make the necessary*

Assim, devemos concordar com Larash e considerar que o protocolo sexual defendido por Marcial era conhecido por seus leitores primários, isto é, por homens livres adultos das classes equestre e senatorial (LARASH, 2004, p. 252); ao mesmo tempo, acreditamos que tais práticas sexuais, por mais que Marcial as acredite condenáveis, não deveriam ser desconhecidas ou incomuns, caso contrário, suas piadas não teriam graça. Concordamos também com Feitosa, que, ao tratar das relações nas camadas mais populares, menciona que essa dinâmica era bem diferente do que era prescrito pelas elites (2001, p. 201), e é sob esse viés, de prescrição, que entendemos o protocolo sexual defendido por Marcial, mesmo porque a descrição das relações e atos presentes em seus epigramas dá conta de uma realidade muito mais diversa e “livre”.

Nos capítulos seguintes, veremos, através da análise e comentário de alguns dos epigramas constantes em nosso *corpus*, como Marcial operava esse “protocolo sexual”.

associations automatically. (A joke becomes less funny the longer you take to get it.). Not just jokes, but also more diffuse forms of humor (such as Martial's general tendency toward metapoetics and other structural devices) are most gratifying for an audience that already has the capacity to appreciate the thought patterns or social conventions that the joke teller is playing with. (LARASH, 2004, p. 226).

3 PUERI, OS AMORES PERMITIDOS

Figura 5 – Warren Cup, lado B.

Fonte: (POLLINI, 1999, p. 23)²⁸.

Neste capítulo trataremos dos *pueri delicati*, ou “meninos delicados”, em tradução livre, jovens escravos que tinham a função de servir sexualmente aos seus senhores. Na figura 5, um dos lados da *Warren Cup* mostra uma cena de intercuro entre um adulto e um jovem. Como vimos no capítulo 2, era socialmente aceitável que um *uir* romano mantivesse relações sexuais com jovens escravos. Sobre as atitudes de Marcial em relação a esses escravos, Sullivan afirma:

Ele se ressentia da petulância e da chantagem de belos garotos escravos, até mesmo suas paixões pederásticas o forçavam a tolerá-las. A subserviência sexual é um direito do mestre (4.66.11) e um dever do escravo, mesmo que a recalcitrância de um jovem bonito seja matéria para gracejos (4.7). O consolo para o escravo é que, aceitando sua posição na hierarquia social, ele terá uma existência mais feliz do que

²⁸ Warren Cup, lado B, Oxford, Stanford Place Collection. Foto: cortesia de Richard Pearson.

a de seu senhor, que, no estado atual do patronato, tem que tolerar dificuldades e humilhações piores que as dos escravos. (1999, pp. 162-163)²⁹.

Dentre os epigramas homoeróticos de Marcial, essas relações permitidas têm como principal modelo a relação de Júpiter com seu escanção Ganimedes e são determinadas não apenas pela condição de escravo, mas também pela idade do jovem amante. O momento decisivo é a passagem para a idade adulta, passagem marcada pelo ritual da *depositio barbae*, durante o qual o jovem aparava sua primeira barba, oferecendo-a a alguma divindade. Ao se “tornar adulto”, o jovem escravo se tornava “interdito” para continuar a manter relações sexuais com seu senhor, segundo o protocolo sexual defendido por Marcial.

O modelo para essas relações permitidas, como dito, era o relacionamento mítico entre Júpiter e Ganimedes, chegando o poeta a retratar o deus, no epigrama 55 do livro 5, como um amante ardentemente apaixonado por seu jovem escanção:

Marcial 5.55

Dic mihi, quem portas, uolucrum regina? 'Tonantem.'

Nulla manu quare fulmina gestat? 'Amat.'

Quo calet igne deus? 'Pueri.' Cur mitis aperto

respicis ore louem? 'De Ganymede loquor.'

Diz-me, quem carregas, rainha das aves? “O Tonante”.

Por que ele não carrega, em mão alguma, os raios? “Ele está apaixonado”.

Por qual fogo o deus se inflama? “Por um garoto”. Por que, de bico aberto, voltas o olhar afável para Jove? “Estou lhe falando de Ganimedes”.

Ganimedes era um belo e jovem príncipe de Troia, filho de Tros, rei dessa cidade. As fontes para o mito divergem sobre o fato de ele ter sido sequestrado por Júpiter em pessoa, ou por seu avatar em forma de águia. Como reparação pelo sequestro do filho, em algumas versões do mito, Tros recebeu do deus cavalos de

²⁹ Tradução nossa. “He resents the petulance and blackmail of pretty slave boys, even his pederastic passions force him to tolerate them. Sexual subservience is a master’s entitlement (4.66.11) and a slave’s duty, even though a handsome boy’s recalcitrance is matter for witticisms (4.7). The consolation for the slave is that by accepting his lot within the social hierarchy he will have a happier existence than his owner, who, in the present stage of patronage, has to tolerate hardships and humiliations worse than the slave’s.”

uma linhagem maravilhosa. Segundo o mito, Jove necessitava de um escanção que fosse nobre e apresentável, por isso decidiu sequestrar o jovem, que era considerado o mais bonito do mundo, para substituir Hebe, deusa da juventude, na tarefa de servir néctar aos deuses³⁰. O interesse sexual no garoto somente aparece depois. Em nossa antologia, Ganimedes é mencionado em onze epigramas³¹, prevalecendo o aspecto homoerótico e sua idealização como modelo de beleza. Nesse grupo de poemas, chama a atenção a associação que Marcial faz de Ganimedes com Flávio Eáрино, *puer delicatus* do imperador Domiciano, do qual trataremos mais adiante.

É interessante notar também a preocupação do poeta em apresentar claramente as diferenças entre os amores com uma mulher e os amores com um jovem escravo, apontando as vantagens dos segundos sobre os primeiros. Vejamos, por exemplo, o epigrama 11.43:

Marcial 11.43

*Depreſsum in puero tetricis me uocibus, uxor,
corripis et culum te quoque habere refers.*

*Dixit idem quotiens laſciuio Iuno Tonanti!
Ille tamen grandi cum Ganymede iacet.*

5 *Incuruabat Hylan poſito Tirynthius arcu:
tu Megaran credis non habuiſſe natis?*

*Torquebat Phoebum Daphne fugitiua: ſed illas
Oebalius flammas iuſſit abire puer.*

Briseis multum quamuis auerſa iaceret,

10 *Aeacidae propior leuiſ amicus erat.*

*Parce tuiſ igitur dare maſcula nomina rebus,
teque puta cunnos, uxor, habere duos.*

Pego em flagrante ſobre o garoto, mulher, com voz ſevera,
me censuras e dizes que tu também tens um cu.

Diſſe o meſmo, muitas vezes, Juno, ao laſcivo Tonante!

Aquele, entretanto, ainda ſe deita com um creſcido Ganimedes.

5 Poſto o arco de lado, o Tirintio arqueava Hilas

³⁰ OCD, s.v. e GUIMARÃES, 1983, p. 158.

³¹ 2.43, 5.55, 9.11, 9.16, 9.27, 9.36, 9.73, 10.98, 11.22, 11.26 e 11.43.

tu acreditas que Mégara não tivesse nádegas?
 Dáfne fugidia atormentava Febo, mas essas
 chamas o garoto de Ébalo ordenou que se afastassem.
 Embora Briseida muitas vezes deitasse de bruços,
 10 mais próximo do Eácida ficava o amigo imberbe.
 Para, portanto, de dar nomes masculinos às tuas partes,
 e acredita, mulher, que tens duas bocetas.

Nos dois primeiros versos o eu epigramático apresenta a situação: sua esposa o censura por manter um relacionamento com um garoto e afirma que pode substituí-lo. Nos versos seguintes o marido se defende, através de *exempla* mitológicos; assim, a cada par de versos, é apresentado um casal e um garoto. Nos versos 3-4, aquela que é, como já vimos, a relação homoerótica paradigmática em Marcial: Juno, Júpiter e um Ganimedes um pouco mais velho do que talvez fosse conveniente. Seguindo, temos Mégara e seu marido, Hércules, que “maneira” Hilas como se fosse um arco, que deve ser curvado a fim de ser armado (*i.e.*, para que sua corda possa ser esticada); aqui esse verbo assume clara conotação sexual, indicando o posicionamento do jovem para o intercuro anal. Nos versos 7-8 comparecem Febo/Apolo, o jovem Jacinto e a ninfa Dafne. Por último, numa espécie de rebaixamento da épica, o exemplo apresentado é o do herói Aquiles, que deixa Briseida, apesar dos esforços desta, para se aproximar do amigo Pátroclo. No último dístico, como fecho cômico do epigrama, se aproximando de uma *sententia*, há a declaração do eu epigramático de que meninos e mulheres são diferentes, assim como os prazeres que podem proporcionar.

No epigrama 96 do livro 12 Marcial retoma essa tópica e faz uma analogia com tipos diferentes de figo para explicar as diferenças entre relações sexuais com mulheres e com jovens garotos:

Marcial 12.96

*Cum tibi nota tui sit uita fidesque mariti
 nec premat ulla tuos sollicitetue toros,
 quid quasi paelicibus torqueris inepta ministris,
 in quibus et brevis est et fugitiua Venus?*

- 5 *Plus tibi quam domino pueros praestare probabo:*
hi faciunt, ut sis femina sola uiro;
hi dant quod non uis uxor dare. 'Do tamen,' inquis,
'ne uagus a thalamis coniugis erret amor.'
Non eadem res est: Chiam uolo, nolo mariscam:
- 10 *ne dubites quae sit Chia, marisca tua est.*
Scire suos fines matrona et femina debet:
cede sua pueris, utere parte tua.

Como conheces a vida e a fidelidade do teu marido,
 e como nenhuma outra mulher molesta ou ameaça teu leito conjugal,
 por que te torturas como uma tola com amantes escanções,
 nos quais Vênus não só é breve como também fugidia?

- 5 Provarei que os garotos valem mais a ti do que ao seu amo:
 eles fazem com que sejas a única mulher de teu marido;
 eles dão o que tu, esposa, não queres dar. “Mas eu dou”, dizes,
 “para que um amor errante não se aventure longe do leito conjugal.”
 Não é a mesma coisa: quero figos de Quios, não os insossos:
- 10 não te perguntes qual é o de Quios: o teu é o insosso.
 A matrona e mulher deve conhecer seus limites:
 deixa aos garotos a parte deles, aproveita a que te cabe³².

Nos primeiros quatro versos, o eu epigramático apresenta o problema: ele pergunta a uma mulher por que se queixa dos jovens amantes de seu marido, ou seja, dos escravos que ele utiliza para fins sexuais. Lembra o eu epigramático que o marido se mantém fiel, fato esclarecido no segundo verso, e que os jovens escanções não significam uma “ameaça” porque representam amores passageiros (v. 4). No quinto verso, afirma que irá provar seu ponto de vista e passa a apresentar suas razões: os jovens escravos fazem da mulher a única esposa do marido (v. 6) e proporcionam prazeres que ela não proporcionaria, um subentendido para o intercuro anal (v. 7). Ainda no sétimo verso, e no seguinte, a voz da mulher se interpõe e esclarece que ela atende a esses desejos do marido, para que ele “não se aventure longe do leito

³² *Vtere parte tua*: “aproveita a parte que te cabe”. Como em 11.22.10.

conjugal”. Nos versos 9-10, o eu epigramático retoma sua defesa dos amores com jovens escravos invocando uma imagem interessante: para ele, o intercuro anal com garotos seria como comer “figos de Quios”, mais picantes³³, e com a esposa seria como comer *mariscae*, um tipo de figo grande e insosso. Não fosse suficiente essa comparação, sentença, categórico, nos dois últimos versos do epigrama, que a “mulher deve conhecer seus limites”, deixando aos jovens escravos o que lhes cabe e aproveitando a *sua* parte. Aqui a distinção entre intercuro vaginal e anal, é apresentada de maneira enfática e determinada, mostrando como, para Marcial, os papéis sexuais eram bem delimitados.

Em seus epigramas Marcial também traça algumas características desejáveis nesses jovens escravos. No epigrama 7.80, podemos ter um primeiro vislumbre desses *pueri delicati* ideais. Nesse epigrama, Marcial pede a seu amigo Faustino que leve seu livrinho a seu filho, Marcelino; ambos são patronos de Marcial e aparecem em vários epigramas. Em 3.6, por exemplo, ele celebra o aniversário do pai, que coincide com a *depositio barbae* do filho, o qual, ao passar à idade adulta, deixa a *toga praetexta* (branca, com uma faixa púrpura, usada pelos jovens até por volta dos 16 anos³⁴) e passa a usar a *toga uirilis*, usada pelos homens adultos (PIMENTEL, 2000a, p. 131). Marcial acompanha a vida do jovem: no epigrama 6.25 ele se encontra em alguma campanha militar, provavelmente na Dácia (PIMENTEL, 2000b, p. 110); em 7.80, sobre o qual falaremos a seguir, ele está na Trácia (PIMENTEL, 2001, p.46); e em 9.45 parte para a região do Cáucaso, para enfrentar os Sármatas.

Marcial 7.80

*Quatenus Odrysios iam pax Romana triones
temperat et tetricae conticuere tubae,
hunc Marcellino poteris, Faustine, libellum
mittere: iam chartis, iam uacat ille iocis.*
5 *Sed si parua tui munuscula quaeris amici
commendare, ferat carmina nostra puer,
non qualis Geticae satiatu lacte iuuencae
Sarmatica rigido ludit in amne rota,
Sed Mitylenaei roseus mangonis ephebus*

³³ V. n. a 12.96.9.

³⁴ As fontes variam sobre essa idade.

- 10 *uel non caesus adhuc matre iubente Lacon.
At tibi captiuo famulus mittetur ab Histro,
qui Tiburtinas pascere possit oues.*

Uma vez que a Paz Romana já governa as constelações odrísias
e as tétricas tubas se calaram,
agora poderás, Faustino, este meu livrinho a Marcelino
enviar: ele já dispõe de tempo para minhas páginas e também para meus
[gracejos.

- 5 Mas se queres valorizar estes pequenos presentes de teu amigo,
que um jovem escravo leve nossos poemas,
não um como aqueles que, saciados de leite de novilhas géticas,
brincam com a roda sarmática no rio enregelado,
mas sim um róseo efebo de um traficante de Mitene,
10 ou um lacedemônio que não tenha ainda apanhado por ordens de sua
[mãe.

Já a ti será enviado um escravo do cativo Istro,
que possa apascentar tuas ovelhas de Tíbur.

Nos quatro primeiros versos, Marcial faz o pedido a Faustino para que leve seu livro a Marcelino, que está estacionado na Trácia; com a imposição da *Pax Romana*, ele pode, agora, desfrutar da leitura. Nos versos 5-6, o poeta sugere que o amigo envie os poemas por meio de um escravo, o que valorizaria o presente. Nos versos seguintes ele sugere que seja um escravo grego (de Mitilene ou um espartano) e não um jovem rústico como aqueles que Marcelino encontraria na região do Danúbio, mas que seria apropriado para cuidar das ovelhas de seu pai.

Esse jovem idealizado nos versos 9-10 do epigrama 7.80 é melhor descrito em 4.42. Vejamos:

Marcial 4.42

*Si quis forte mihi possit praestare roganti,
audi, quem puerum, Flacce, rogare uelim.
Niliacis primum puer hic nascatur in oris:*

- nequitias tellus scit dare nulla magis.*
- 5 *Sit niue candidior: namque in Mareotide fusca
pulchrior est quanto rarior iste color.*
*Lumina sideribus certent mollesque flagellent
colla comae: tortas non amo, Flacce, comas.*
Frons brevis atque modus leuiter sit naribus uncis,
- 10 *Paestanis rubeant aemula labra rosis.*
*Saepe et nolentem cogat nolitque uolentem,
liberior domino saepe sit ille suo;
nec timeat pueros, excludat saepe puellas:
uir reliquis, uni sit puer ille mihi.*
- 15 *'Iam scio, nec fallis: nam me quoque iudice uerum est.
talis erat' dices 'noster Amazonicus.'*

- Se alguém, por acaso, pudesse me dar o que peço,
escuta, Flaco, qual garoto eu gostaria de pedir.
Em primeiro lugar, que esse garoto seja nascido nas margens do Nilo:
nenhuma terra sabe dar maiores malícias.
- 5 Que seja mais branco do que a neve: pois na negra Mareótis,
quanto mais rara, mais bonita é essa cor.
Que os olhos rivalizem com as estrelas e batam-lhe os delicados
cabelos no pescoço: não gosto, Flaco, de cabelos encaracolados.
Que sua frente seja curta e seu nariz levemente curvo,
- 10 que seus lábios sejam rubros emulando as rosas de Pesto.
Que frequentemente me obrigue quando eu não quiser, e que não queira
quando eu quiser, que seja, frequentemente, mais livre que seu senhor,
que não tema os garotos e, com frequência, afaste as garotas,
que seja homem para os demais, que somente para mim seja um garoto.
- 15 “Já sei, não estás enganado: pois assim penso que é a verdade.
Assim era”, dirás, “meu Amazônico”.

Flaco era um amigo e patrono de Marcial, e Amazônico, seu *puer delicatus*, que, como deixa claro o verbo no pretérito, no último verso, já não existia, ou havia crescido e se tornado interdito para relações amorosas, o que seria um equivalente

(SOLDEVILA, 2006, p. 309). Esse *puer* idealizado por Marcial tem a pele clara, os lábios vermelhos, o que lembra o “róseo efebo” de 7.80.9. Como aquele, esse também não vem de Roma, mas a descrição da personagem indica um exotismo muito mais acentuado.

Nos versos 3-4, ficamos sabendo que ele vem do Egito, terra de jovens maliciosos e devassos³⁵. A descrição física do jovem não condiz com a de seu povo, pois o Egito era ponto de proveniência de escravos negros para Roma, de forma que a raridade é mais um sinal de sua valorização (verso 6): com cabelos longos e delicados, não com cabelos crespos (uma possível tradução para “*tortas comas*” no verso 8); fronte curta e nariz levemente curvo. Se as características físicas não correspondiam aos egípcios, os hábitos, se considerarmos esse povo mais malicioso, são desejados. Nos versos 11-12 há uma menção a uma espécie de jogo erótico de provocações e insinuações, também descrito no epigrama 5.83:

*Insequeris, fugio; fugis, insequor; haec mihi mens est:
uelle tuum nolo, Dindyme, nolle uolo.*

Persegues-me, fujo; foges, persigo-te; este é o meu jeito:
o teu querer não quero, Díndimo, o teu não querer eu quero.

Mas voltando a 4.42, no verso 12 há, ainda, uma interessante ambiguidade, como aponta Soldevila (2006, p. 316), ativada pelos significados de *líber*, termo que se refere tanto à liberdade sexual quanto à liberdade, em sentido jurídico, em relação a um senhor. O epigrama prossegue (versos 13-14) e aqui concordamos com a interpretação de Soldevila (2006, p. 317) de que “temer os garotos” alude à inveja de rivais (não no sentido de temer ter relações sexuais com outros garotos) e que o “afaste as garotas” implica em afastar as garotas de seu senhor (por isso uso do advérbio *saepe*, “com frequência”); com efeito, como veremos no epigrama 11.22, mais adiante, acreditava-se que o estímulo sexual do pênis apressava a puberdade. O verso 14 reforça essa ideia de exclusividade, de que Amazônico somente dará

³⁵ No Tratado de Fisiognomonía (anônimo, séc. IV d.C.) os egípcios são descritos como: “(...)astutos, dóceis, fúteis, temerários, e propensos ao sexo (...)” “(...) *callidi, dociles, leues, temerarii, in uenerem proni* (...)” (Trad. RODOLFO, 2015, p. 350).

prazer a seu senhor, e será, para os demais, um homem, isto é, um adulto, e, portanto, interdito sexualmente.

Figura 6 - Retrato de um jovem

Fonte: University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology³⁶

Na Figura 6 temos uma escultura, provavelmente do período Claudiano, representando a cabeça de um jovem. Segundo Romano (2006, pg. 215), a barba que começa a despontar nas bochechas do jovem indica que ele está em um estágio de vida anterior à *depositio barbae*.

Os relacionamentos entre os *pueri delicati* e seus senhores tinham tempo certo para terminar, o momento em que passavam à idade adulta, marcado pela *depositio barbae*, tópica comum a vários epigramas, como veremos mais adiante. Essa questão da idade do jovem apareceu no epigrama 11.43.4, ao qualificar Ganimedes como “crescido” (*grandi*), e em 4.42.14, onde se expressa o desejo de que o escravinho seja

³⁶ In ROMANO, 2006, p. 214.

um “homem para os demais”, ou seja, que o considerem como “adulto”. No epigrama 4.7, o eu poético se queixa que Hilo, seu escravo, não aceita mais os avanços de seu senhor, por ter se tornado homem, o que se torna evidente pela presença de barba e de pelos, assim como pelo passar dos anos:

4.7

Cur, here quod dederas, hodie, puer Hylle, negasti,

durus tam subito, qui modo mitis eras?

Sed iam causaris barbamque annosque pilosque.

o nox, quam longa es, quae facis una senem!

- 5 *Quid nos derides? Here qui puer, Hylle, fuisti,*
dic nobis, hodie qua ratione uir es?

Por que, jovem Hilo, o que me deras ontem, hoje negaste,

de repente tão áspero tu que há pouco eras suave?

Mas agora te justificas com a barba, os anos, os pelos.

Ó noite, como és longa, tu que sozinha tornas alguém velho!

- 5 Por que ris de mim? Tu que ontem foste, Hilo, um garoto,
diz-me, como podes, hoje, ser um homem?

Essa tópica do envelhecimento dos jovens escravos é retomada no epigrama 11.22, em que se condenam as práticas que possam apressar a puberdade e, portanto, tornar um escravinho adulto antes do tempo.

11.22

Mollia quod niuei duro teris ore Galaesi

basia, quod nudo cum Ganymede iaces,

– quis negat? – hoc nimium est. sed sit satis; inguina saltem

parce fututrici sollicitare manu.

- 5 *leuibus in pueris plus haec quam mentula peccat,*
et faciunt digiti praecipitantque virum:

inde tragus celeresque pili mirandaque matri

barba nec in clara balnea luce placent.

diuisit natura marem: pars una puellis,

10 *una uiris genita est. utere parte tua.*

Que esfregues com tua boca áspera os suaves beijos

do níveo Galeso e que te deites com um Ganimedes nu

– quem o nega? – isso já é demais. Mas já é o bastante;

ao menos para de atormentar a sua virilha com tua mão fodedora.

5 Esta faz mais mal aos garotos imberbes que uma pica,

e os dedos produzem e apressam a masculinidade.

Por isso o cheiro dos sovacos e os pelos apressados e a barba

que surpreende a mãe, por isso os banhos à luz clara não lhes agradam.

A natureza dividiu o macho: uma parte foi criada para as garotas,

10 uma outra para os homens. Aproveita a que te cabe.

Nos dois primeiros versos, o eu epigramático apresenta atitudes aceitáveis em relação aos *pueri delicati*: beijá-los, ou deitar-se com eles. Nos dois versos seguintes vem a advertência: “para de atormentar a virilha com a mão fodedora”. Essa advertência contra a masturbação dos jovens é explicada logo em seguida: essa prática, segundo o poeta, apressa o desenvolvimento da puberdade, de forma que, segundo o epigrama, é mais danosa aos garotos do que a prática de intercuro anal, afinal, esse era o papel que lhes cabia. Nos versos 7-8, tem-se a descrição da puberdade, de maneira bastante clara: os odores e os pelos que surgem com a puberdade e a barba que começa a crescer. O último dístico expressa algo muito semelhante ao que é dito nos dísticos que encerram os epigramas 11.43 e 12.96. Perceba-se, apenas, que, aqui, para que o texto faça pleno sentido, precisamos

entender o termo *mas, maris*³⁷ como “o macho de uma espécie”³⁸, e não confundi-lo com um *uir*, ou seja, com um homem adulto da aristocracia romana. Desta forma, segundo Marcial, o “*macho*” tem uma parte que serve às garotas, isto é, o pênis, e uma parte que serve aos “*homens*”, em latim *uiris*, que é o ânus. Lembremos, aqui, do conselho dado à esposa em 11.43.12: “e acredita, mulher, que tens duas bocetas”.

3.1 O CICLO DE EÁRINO

No livro 9, em seis epigramas (9.11, 9.12, 9.13, 9.16, 9.17 e 9.36), Marcial celebra o jovem escanção e predileto de Domiciano, Flávio Eáрино. As fontes sobre Eáрино são, além desses epigramas de Marcial, o poema 4 do livro 3 das *Siluae*³⁹, de Estácio (composto de 106 versos hexamétricos), e uma nota em Dião Cássio⁴⁰ (67. 2.3) (HENRIKSÉN, 1997, p. 282). Esses epigramas podem ser divididos em três grupos, de acordo com o tema tratado (HENRIKSÉN, 1998, p. 89). Nos epigramas, 9.11, 9.12 e 9.13, o tema é o nome de Eáрино; nos epigramas 9.16 e 9.17, o tema é a oferta dos cabelos do jovem escravo, que acabara de passar pela *depositio barbae*; por último, o epigrama 9.36, com uma interessante comparação entre Domiciano e Júpiter.

A fonte mais importante sobre Eáрино é Estácio e as informações fornecidas por Marcial e Dião Cássio não representam um acréscimo substantivo (HENRIKSÉN, 1997, p. 282). Eáрино foi enviado de Pérgamo a Roma e, por ser muito belo, foi, desde o início, reservado para o imperador. Portanto, deve ter chegado à *Caput Mundi* após a ascensão de Domiciano como imperador. O procedimento de castração, como diz Estácio, foi sem ferida, isso é, sem corte; especula-se que tenha sido por meio de um procedimento no qual o jovem é colocado em banheira com água quente e seus testículos esmagados com os dedos, até que desapareçam (*Id*, p. 283). A partir dessas informações presume-se que a castração de Eáрино tenha ocorrido com ele ainda muito novo, com dois ou três anos de idade, antes de 86/87, data de uma lei de

³⁷ OLD, s.v.

³⁸ Aqui percebemos bem uma distinção entre **sexo**, ou seja, o que é determinado biologicamente, e **gênero**, como uma construção social, como visto no subitem 2.2.1.

³⁹ Conjunto de cinco livros escritos por Estácio, poeta romano do séc I (c. 45 – c. 96 d.C.), totalizando 32 poemas, 26 dos quais em hexâmetros, de caráter predominantemente encomiástico (OCD. s. *Statius*).

⁴⁰ Dião Cassio (c. 155 – c. 235 d.C.) foi um senador e historiador romano, de origem grega, que escreveu uma história de Roma em 80 volumes (OCD, s. *Cassius Dio*)

Domiciano proibindo essa prática (tema do epigrama 9.7) (*ib.* p. 284). Instalado em Roma, Eáрино foi servir como escanção de Domiciano, do que se depreende também uma função sexual, como indicado pelos epigramas 9.11 e 9.36. No ano de 94 (data estipulada pela publicação dos livros de Marcial), ele recebeu a manumissão⁴¹ e a permissão para oferecer seus cabelos e passar à idade adulta (*ib.* p. 286).

Vejamos os epigramas desse ciclo:

9.11

- Nomen cum uiolis rosisque natum,
quo pars optima nominatur anni,
Hyblam quod sapit Atticosque flores,
quod nidos olet alitis superbae;*
- 5 *nomen nectare dulcius beato,
quo mallet Cybeles puer uocari
et qui pocula temperat Tonanti,
quod si Parrhasia sonet in aula,
respondent Veneres Cupidinesque;*
- 10 *nomen nobile, molle, delicatum
uersu dicere non rudi uolebam:
sed tu, syllaba contumax, rebellas.
Dicunt Eiarinon tamen poetae,
sed Graeci, quibus est nihil negatum*
- 15 *et quos Ἄρεξ Ἄρεξ decet sonare:
nobis non licet esse tam disertis,
qui Musas colimus seueriores.*

Nome nascido em companhia de violetas e rosas,
que designa a melhor parte do ano,
que tem o sabor do Hibla e das flores áticas,
que cheira aos ninhos da ave fabulosa;

- 5 nome mais doce que o delicioso néctar,
pelo qual preferiria ser chamado o jovem de Cibele⁴²,

⁴¹ Processo legal que marca a alforria de um escravo.

⁴² Os sacerdotes da deusa Cibele, que se autoemasculavam ritualmente

- e aquele que tempera as taças do Tonante,
 que, se o fizeres retumbar na corte Parrásia,
 respondem Vênus e os Cupidos;
- 10 nome nobre, tenro, delicado,
 quero dizê-lo em versos não rudes,
 mas tu, sílaba insolente, te rebelas.
 Os poetas, contudo, dizem Eiarino,
 mas os gregos, aos quais nada é negado,
- 15 e a quem é lícito dizer Ἄρεξ Ἄρεξ.
 A nós não é permitido sermos tão eloquentes,
 pois cultivamos musas mais severas.

No primeiro epigrama do ciclo, Eáirino e sua beleza são apresentados por imagens que relacionam seu nome à “melhor parte do ano”, a Primavera, com a florada das violetas e das rosas (vv. 1-2). De fato, Earinus é a transcrição latina do adjetivo grego *ἐαρινός*, que significa “primaveril” (HENRIKSEN, 1998, p. 93). Nome mais doce do que o mel da melhor qualidade, ou seja, da Sicília, onde fica o Monte Hibla, e da região de Atenas, na Ática (v. 3); tão perfumado quanto o ninho da Fênix, que era feito com plantas aromáticas (v. 4). No verso 5, temos mais uma menção à doçura do nome, seguida (v. 6) de uma comparação com Átis (o jovem enamorado de Cibele) e com Ganimedes, que tinha a dupla função de escanção e de amante de Júpiter (verso 7). Trata-se, diz o poeta, de um nome que, se dito no *palatium* de Domiciano, seria ressoado por “Vênus e Cupidos” (versos 8-9). Aqui, como aponta Henriksén (1998, pp. 96-97), há uma alusão ao primeiro verso do carme 3 de Catulo – “Podeis chorar, ó Vênus, ó Cupidos⁴³” (Trad. de OLIVA NETO) –, o que pode indicar duas interpretações distintas. Na primeira, considera-se uma alusão à castração, pois, no carme 3 de Catulo, é pranteada a morte do *passer* (pássaro) de Lésbia, que nada mais seria do que o pênis do poeta (fato atestado inclusive por Marcial⁴⁴); no poema sobre Eáirino, portanto, o cortejo de Vênus estaria chorando a masculinidade perdida pelo jovem. Outra interpretação, também apontada por Henriksén (1998, p. 97), é de

⁴³ *Lugete, o Veneres Cupidinesque.*

⁴⁴ Como afirma Cesila (2008, p. 187): “De qualquer forma, seja qual for a ave designada por *passer*, ela é, na leitura de Marcial, uma ave menor que a pomba. Tem-se discutido também a sobre a possibilidade de *passer*, em Catulo, referir-se ao órgão sexual masculino, ou a um jovem escravo sexual, hipóteses essas baseadas inclusive nos intertextos presentes em Marial.”

que as divindades do Amor responderiam ao nome do jovem pelo simples fato de ele ser querido por elas.

Continuando a análise do epigrama 9.11, encontramos, do verso 10 até o final, uma relação metapoética envolvendo o nome, tenro, suave, e a forma de dizê-lo em verso. Como vimos no capítulo 2, na poesia antiga a métrica dos versos era determinada pela duração das vogais e, em latim, com suas “musas mais severas”, não seria possível fazê-lo à moda dos gregos, isto é, alongando a duração do primeiro *Ē* de *Ēāřinus*, para que coubesse no esquema métrico.

Os dois epigramas seguintes também têm como tema o nome de Eárino. Em 9.12, Marcial continua a celebrar o nome do jovem de modo muito semelhante ao início de 9.11, com imagens relacionadas à primavera, dizendo que esse nome merece ser escrito pelo cálamo das Graças ou pela agulha de bordar de Vênus. No epigrama 9.13, Marcial faz um jogo com o nome do jovem, apresentando nomes relacionados às outras estações do ano.

Nos epigramas 9.16 e 17, Marcial celebra a oferenda dos cabelos de Eárino a Esculápio, divindade da medicina, com um importante templo e local de peregrinação em Pérgamo, cidade natal do jovem. Vejamos, primeiramente, 9.16:

9.16

Consilium formae speculum dulcisque capillos

Pergameo posuit dona sacrata deo

ille puer tota domino gratissimus aula,

nomine qui signat tempora uerna suo.

5 *Felix, quae tali censetur munere tellus!*

Nec Ganymedeas mallet habere comas.

Um espelho, conselheiro da aparência, e os doces cabelos
depositou, como oferendas sagradas, ao deus de Pérgamo,
aquele garoto que é o mais amado pelo seu senhor em todo o palácio,
cujo nome designa a estação primaveril.

5 Feliz a terra que é celebrizada com tal presente!

Ela não preferiria ter os cabelos nem mesmo de Ganimedes.

No primeiro verso, o poeta apresenta os objetos que foram oferecidos: os cabelos e o espelho. No verso seguinte, aponta o destinatário das oferendas; em seguida, nos versos 3-4, há a indicação do ofertante, o “garoto mais amado pelo seu senhor”, indicando, dessa forma, a predileção de Domiciano por ele. Por fim, no último dístico, o poeta menciona a honra que é, para uma cidade, ser presenteada por tais dádivas, traçando, por fim, uma comparação entre Eáрино e Ganimedes, que será retomada em 9.36.

Eis, agora, o epigrama 9.17:

9.17

*Latonae uenerande nepos, qui mitibus herbis
Parcarum exoras pensa breuesque colos,
hos tibi laudatos domino, rata uota, capillos
ille tuus Latia misit ab urbe puer;*

5 *addidit et nitidum sacratiss crinibus orbem,
quo felix facies iudice tuta fuit.
Tu iuuenale decus serua, ne pulchrior ille
in longa fuerit quam breuiore coma.*

Ó venerável neto de Latona, que com ervas suaves
abrandas a trama e as efêmeras rocas das Parcas,
estes cabelos, louvados pelo teu senhor, como cumprimento de uma promessa,
envia-os a ti, a partir da cidade do Lácio, o teu garoto,
5 e aos divinos cabelos adicionou um disco brilhante,
que foi juiz seguro das bem-aventuradas faces.
Tu, preserva-lhe a graça juvenil, para que ele não seja mais belo
com os cabelos longos do que cortados.

Esse epigrama é direcionado a Esculápio, nomeado pela sua ascendência e indicado pelos seus misteres, a capacidade de cura, em oposição às Parcas (vv. 1-2). No verso 3, o poeta informa que a oferenda se refere ao cumprimento de uma promessa⁴⁵, e, no verso 4, conta que o jovem envia a oferenda a partir de Roma

⁴⁵ Sobre a oferenda de cabelos como cumprimento de uma promessa, ver 1.31.

(“cidade do Lácio”); nos versos 5-6, ficamos sabendo que, aos cabelos, o jovem adicionou um espelho (já mencionado em 9.16.1). O epigrama termina com um voto do poeta para que a divindade faça com que o jovem continue, de cabelo cortado, com a mesma beleza de quando os tinha longos, ideia também presente em 1.31 e 5.48, de que trataremos mais adiante.

No último epigrama do “Ciclo de Eáirino”, Marcial faz um interessante encômio de Domiciano, usando a relação do imperador com seu jovem escravo para comparar o soberano a Júpiter.

9.36

Viderat Ausonium posito modo crine ministrum

Phryx puer, alterius gaudia nota lous:

'quod tuus, ecce, suo Caesar permisit ephebo,

tu permitte tuo, maxime rector' ait;

5 *'iam mihi prima latet longis lanugo capillis,*

iam tua me ridet Iuno uocatque uirum.'

cui pater aetherius 'puer o dulcissime,' dixit,

'non ego, quod poscis, res negat ipsa tibi:

Caesar habet noster similis tibi mille ministros

10 *tantaque sidereos uix capit aula mares;*

at tibi si dederit uultus coma tonsa uiriles,

quis mihi, qui nectar misceat, alter erit?'

O jovem frígio, conhecido deleite do outro Júpiter,

tendo visto o escanção ausônio com o cabelo há pouco cortado, disse:

“Aquilo que teu César permitiu ao seu efebo

tu permitas ao teu, ó todo poderoso chefe.

5 Já meus longos cabelos escondem minha primeira lanugem,

já tua Juno ri de mim e chama-me homem.”

A ele disse o pai celestial: “Ó docíssimo garoto,

não eu, é a própria circunstância que nega a ti aquilo que pedes.

Nosso César tem mil escanções semelhantes a ti

10 e o vasto palácio com dificuldade abriga os rapazes divinos.

Mas, se a cabeleira cortada te der um semblante viril,
que outro terei que prepare o néctar para mim?”

Logo no primeiro verso, vemos uma inversão: Domiciano e Júpiter trocam de lugar, e a divindade aparece rebaixada, em segundo plano. O “jovem frígio” é Ganimedes, e o “outro Júpiter” é o próprio Júpiter. Ganimedes vê que Eárino cortou os cabelos, isto é, cumpriu o ritual de passagem para a idade adulta e se tornou liberto de suas obrigações sexuais. Dessa forma, pede a Júpiter que lhe conceda o mesmo favor. Para enfatizar seu pedido, lembra que Juno já o chama de homem, o que, de acordo com o protocolo sexual romano, pode ser comprometedor para o próprio deus. Júpiter, como resposta, lembra que o imperador, além de muito mais rico, possui “mil escanções” que podem substituir aquele que deixou de prestar serviços; já ele, Júpiter, não tem tantas opções.

3.2 ENCOLPO E PUDENTE

Aulo Pudente (*Aulus Pudens*) era um centurião, amigo de Marcial, a quem pertenceria um jovem escravo de nome Encolpo. Os epigramas 1.31 e 5.48 têm como tema a passagem desse escravo para a idade adulta e a sua consequente interdição para continuar a relação com seu senhor.

1.31

*Hos tibi, Phoebe, uouet totos a uertice crines
Encolpos, domini centurionis amor,
grata Pudens meriti tulerit cum praemia pili.
quam primum longas, Phoebe, recide comas,
5 dum nulla teneri sordent lanugine uultus
dumque decent fusae lactea colla iubae;
utque tuis longum dominusque puerque fruuntur
muneribus, tonsum fac cito, sero uirum.*

A ti, Febo, consagra todos estes cabelos de sua cabeça
Encolpo, amor de seu senhor centurião,

para quando Pudente conseguir a grata promoção, merecida, a primipilo.

- Corta, Febo, o quanto antes, a longa cabeleira,
 5 enquanto nenhuma lanugem suja seu delicado rosto,
 e enquanto a cabeleira solta convém ao lácteo pescoço;
 e para que aproveitem longamente, o senhor e o escravo,
 dos teus favores, faze-o logo de cabelo cortado, tarde um homem.

Nesse epigrama, Encolpo oferece seus cabelos ao deus Febo/Apolo como um voto para que Pudente consiga a promoção a *primus pilus*⁴⁶, isto é, ao posto de centurião mais importante da legião. O eu epigramático adverte, no entanto, para que a divindade se apresse, “enquanto nenhuma lanugem suja o delicado rosto” (v. 5), isto é, antes que ele envelheça, para que ambos, senhor e escravo, possam continuar desfrutando da relação. Esta advertência é retomada, de maneira bastante direta, no último verso (v. 8): “faze-o logo de cabelo cortado”, isto é, conceda a promoção a Pudente e “tarde um homem”, indicando o desejo de que não apresse a puberdade de Encolpo, alongando o relacionamento de ambos.

No epigrama 5.48 temos o que seria a “continuação” da “história”.

5.48

- Quid non cogit amor? Secuit nolente capillos*
Encolpos domino, non prohibente tamen.
Permisit fleuitque Pudens: sic cessit habenis
 audaci questus de Phaethonte pater:
 5 *talis raptus Hylas, talis deprensus Achilles*
 deposuit gaudens, matre dolente, comas.
Sed tu ne propera - breuibus ne crede capillis -
 tarda que pro tanto munere, barba, ueni.

A que não obriga o amor? Encolpo cortou os cabelos
 mesmo seu senhor não querendo, mas também, não proibindo.
 Chorando, concordou Pudente: assim cedeu as rédeas

⁴⁶ **Primipilus:** primipilo, o centurião mais graduado de uma legião, comandante da 1ª centúria do 1º manipulo da 1ª coorte. Era um cargo de distinção, como explica Vegécio.

o pai, queixando-se da audácia de Faetonte,
 5 assim foi o rapto de Hilas, assim Aquiles, descoberto,
 cortou feliz os cabelos, para sofrimento da mãe.
 Mas tu, barba, não te apresses – não confies nos cabelos curtos –
 e, em troca de tão grande dádiva, tarda em vir.

Vemos que Encolpo cortou os cabelos, no entanto, não há referências à possível promoção de Pudente. Independentemente de ter conseguido o posto de primipilo, a decisão não foi fácil para o senhor, que permite o corte, mas com tristeza. A permissão para que o jovem corte os cabelos é considerada “audaciosa” e trágica, conforme três exemplos mitológicos. No primeiro (vv. 3-4), evoca-se o caso de Faetonte, filho de Hélios, que pega a carruagem do Sol, com o consentimento do pai, mas se assusta e despenca; para evitar destruir a terra, Júpiter o fulmina com um raio. O segundo *exemplum* (v. 5) se refere a Hilas⁴⁷, filho do rei Teiodamas. Hilas se torna companheiro de viagem de Hércules após o herói matar seu pai. Os dois se juntam aos Argonautas e, em uma parada na Mísia, o jovem é atraído pelas Ninfas, que lhe concedem a imortalidade (GUIMARÃES, 1983, p. 178 e 179). Hércules, inconsolável, procurando-o, se atrasa, e a Argo parte sem que ele esteja a bordo. O terceiro *exemplum* mitológico (vv. 5-6) lembra o episódio de Aquiles, escondido na corte do rei Licomedes por sua mãe, Tétis, onde cresceu sendo educado como uma menina até ser descoberto pela astúcia de Ulisses e levado a participar do cerco a Troia (GUIMARÃES, 1983, pp. 59-60). Nos três episódios mitológicos, a morte (de Faetonte e de Aquiles) ou o término abrupto de um relacionamento (Hilas e Hércules) são consequências de uma atitude audaciosa semelhante à de Pudente e que, por isso, só pode levar a consequências ruins. O epigrama termina com um voto de esperança, para que os cabelos cortados não apressem a barba, permitindo que senhor e escravo possam continuar desfrutando da relação.

3.3 DIADÚMENO

Marcial não cantava apenas os amores de seus amigos e patronos por jovens belos. Nos epigramas 3.65, 5.45 e 6.34, ele fala de Diadúmeno, considerado por

⁴⁷ Hilas é mencionado em 11.43.5.

especialistas, como Pimentel (2000a, p. 153), como sendo um escravo que realmente pertenceu a Marcial. Além de Diadúmeno, há outros *pueri delicati* relacionados diretamente ao poeta que são mencionados em alguns epigramas, como Telésforo em 11.26 e Ligdo em 11.73 e 12.71.

O tema comum aos três epigramas do Ciclo de Diadúmeno é o beijo, primeiro como símbolo da luxúria e do exotismo do garoto, depois, como metonímia para a relação sexual, e, por último, como imagem hiperbólica do “amor” entre senhor e escravo⁴⁸. Vejamos o primeiro da tríade:

3.65

*Quod spirat tenera malum mordente puella,
quod de Corycio quae uenit aura croco;
uinea quod primis floret cum cana racemis,
gramina quod redolent, quae modo carpsit ouis;
5 quod myrtus, quod messor Arabs, quod sucina trita,
pallidus Eoo ture quod ignis olet;
gleba quod aestiuo leuiter cum spargitur imbre,
quod madidas nardo passa corona comas:
hoc tua, saeue puer Diadumene, basia fragrant.
10 Quid si tota dares illa sine inuidia?*

O cheiro da maçã ao ser mordida por uma delicada jovem,
o cheiro da brisa que vem do açafraão de Córico;
o cheiro de uma vinha antiga quando floresce com seus primeiros cachos,
o cheiro da grama recém-arrancada pelas ovelhas,
5 o que exala a murta, o ceifeiro árabe, o âmbar triturado,
o do fogo pálido pelo incenso oriental,
o que exala a terra quando é suavemente espargida pela chuva de verão,

⁴⁸ Como a Professora Patrícia Prata apontou, por ocasião da arguição, trata-se de uma tópica comum à elegia, a *seruitium amoris*, na qual o homem apaixonado é uma espécie de escravo do objeto de seu amor, numa espécie de inversão da ordem social romana, escravocrata e patriarcal (FLORES, 2014, p. 15)

o cheiro da guirlanda que esteve em contato com cabelos úmidos pelo

[nardo:

isso é o que teus beijos, cruel garoto Diadúmeno, cheiram.

10 E se me desses todos eles sem avareza?

Esse epigrama descreve o jovem escravo de Marcial a partir de uma série de imagens olfativas que evocam juventude, luxúria e exotismo, as quais muito se assemelham às daquelas do epigrama 11.8: o cheiro do açafrão (11.8.2), o cheiro do âmbar (11.8.6) e o cheiro de guirlandas em contato com cabelos (11.8.10).

Figura 7. Fragmentos de uma estátua de mármore de Diadúmeno. Cópia da obra atribuída a Policleto. C. 69-96 d.C. (período flaviano).

Fonte: The Metropolitan Museum of Art. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/25.78.56/>. Acesso em: 19 dez. 2018.

Em ambos os epigramas prevalece a enumeração de produtos exóticos, índice de sua raridade e valor; lembremos que os escravos, como visto, por exemplo, em 7.80, também vinham de pontos distantes do império; o próprio nome remete a esse exotismo: Diadúmeno, do grego *διαδούμενος*, e que significa “coroadado com diadema⁴⁹”, nome também dado a uma escultura de Policlete, que circulou em Roma em cópias de mármore (figura 7).

No último dístico de 3.65, onde Diadúmeno é chamado de “cruel garoto”, Marcial menciona um jogo erótico-poético de procura-recusa, entre senhor e garoto; o jovem é “cruel” porque pode (ao menos na poesia) se negar aos avanços amorosos de seu mestre. No epigrama 5.83, há uma boa descrição dessa brincadeira amorosa:

5.83

*Insequeris, fugio; fugis, insequor; haec mihi mens est:
uelle tuum nolo, Dindyme, nolle uolo.*

Persegues-me, fujo; foges, persigo-te; este é o meu jeito:
o teu querer não quero, Díndimo, o teu não querer eu quero.

A avareza do último verso pode ser entendida como uma recusa em dar quantos beijos o poeta deseja; mas pode também ser interpretado como em 11.58, no qual Telésforo negocia presentes em troca de satisfazer os desejos de seu senhor. Essa ideia de jogo erótico, mas agora pontuado pela violência, é o tema do segundo epigrama do Ciclo de Diadúmeno:

5.46

*Basia dum nolo nisi quae luctantia carpsi,
et placet ira mihi plus tua quam facies,
ut te saepe rogem, caedo, Diadumene, saepe:
consequor hoc, ut me nec timeas nec ames.*

Não quero beijos, a não ser aqueles que arranquei à força,

⁴⁹ CRETELLA JUNIOR, s.v.

e me agrada mais a tua ira do que a tua formosura.
 Para que eu sempre te peça, Diadúmeno, te bato sempre,
 com isto consigo que não me temas, nem me ames.

Nesse epigrama, o poeta deixa transparecer o fato de se excitar sexualmente com a violência e de como a recusa/aceitação do jovem faz parte de um jogo sexual.

Bem diferente desse é o epigrama 34 do livro 6, no qual Marcial emula Catulo, retomando a tópica da inumerabilidade dos beijos presente nos carmes 5 e 7 do poeta veronense:

6.34

Basia da nobis, Diadumene, pressa. 'Quot' inquis?

Oceani fluctus me numerare iubes

et maris Aegaei sparsas per litora conchas

et quae Cecropio monte uagantur apes

5 *quaeque sonant pleno uocesque manusque theatro,*

cum populus subitī Caesaris ora uidet.

Nolo quot arguto dedit exorata Catullo

Lesbia: pauca cupit, qui numerare potest.

Dá-me beijos, Diadúmeno, aos montes. “Quantos?” Perguntas.

As ondas do oceano ordenas que eu conte

e as conchas dispersas pelo litoral do mar Egeu

e as abelhas que enxameiam o monte cecrópio

5 e, no teatro cheio, cada uma das vozes e palmas que soam

quando o povo vê a face inesperada de César.

Não quero quantos Lésbia, persuadida, deu ao melodioso

Catulo: poucos deseja aquele que pode contá-los.

O poema começa com o eu epigramático pedindo beijos ao seu *puer* (v. 1), seguindo-se uma série de analogias com elementos difíceis de se contar: as ondas do oceano (v. 2), as conchas do Egeu (v. 3) e as abelhas da Ática (v. 4). Nos versos 5-6, o poeta aproveita a lista de elementos incontáveis para a construção de um breve

encômio a Domiciano, mencionando os aplausos recebidos pelo imperador ao visitar o teatro, um forte indício de sua estima pelo povo. No dístico final, há a menção direta a Catulo e aos beijos dele em Lésbia que, no carme 5, são computados aos milhares:

Catulo, 5

- Viuamus, mea Lesbia, atque amemus,
rumoresque senum seueriorum
omnes unius aestimemus assis.
Soles occidere et redire possunt;
5 nobis, cum semel occidit brevis lux,
nox est perpetua una dormienda.
da mi basia mille, deinde centum,
dein mille altera, dein secunda centum,
deinde usque altera mille, deinde centum,
10 dein, cum milia multa fecerimus,
conturbabimus illa, ne sciamus,
aut ne quis malus inuidere possit,
cum tantum sciat esse basiorum.*

- Vivamos, minha Lésbia, e amemos,
E as censuras desses velhos tão severos,
Todas valham para nós um só centavo.
Os sóis podem morrer e renascer;
5 Nós, uma vez que morre nossa breve luz,
Devemos dormir uma só noite eterna.
Dá-me mil beijos, depois cem,
Então mil outros, então outros cem,
Depois, sem parar, outros mil, depois cem.
10 Então, quando somarmos muitos milhares,
Misturaremos todos, para não sabermos,
Ou para que nenhum invejoso possa pôr mau-olhado,
Ao saber quantos foram os beijos.

(Trad. de VASCONCELLOS, 1991, p. 39)

A preocupação de Catulo é que os invejosos não possam contar quantos foram seus beijos em Lésbia; mas, como vimos na emulação de Marcial, este considera que foram poucos, pois ainda pertencem à categoria de coisas numeráveis, mesmo que aos milhares; já o poeta de BÍlbilis emprega, em seu pedido, referências a coisas que não podem ser contadas.

4 AMORES PROIBIDOS

No capítulo anterior, vimos que à prática homoerótica aceita socialmente pode corresponder, até mesmo, um encômio ao imperador. Agora trataremos dos atos considerados, por Marcial, como viciosos, ou “moralmente ilícitos”, e que, por isso, correspondem, na poesia, ao vitupério e servem de motivo para a invectiva.

Com efeito, como veremos a seguir, Marcial se vale de uma série de subentendidos sobre as convenções sexuais de sua época para gerar humor. Dessa forma, como norma aceita para o cidadão romano, temos, primeiramente, o intercuro vaginal, preferencialmente com sua esposa, seguido pelo intercuro anal com um jovem escravo ainda imberbe. Lembremos, a esse propósito, a regra exarada no último dístico do epigrama 12.96 (versos 11-12):

Scire suos fines matrona et femina debet:

cede sua pueris, utere parte tua.

A matrona e mulher deve conhecer seus limites:

deixa aos garotos a parte deles, aproveita a que te cabe.

Para Marcial, qualquer desvio dessa “norma” representa um motivo para a invectiva e para o vitupério. Nesse sentido, a partir da variedade de conteúdo dos epigramas, é possível traçar uma “escala” daquilo que era menos ou mais “desviante”. Como primeiro desvio dessa norma, o intercuro anal com um adulto, ainda que no papel ativo. Depois, de forma decrescente, o intercuro anal no papel passivo, e – o ato mais degradante – o intercuro oral, seja com outro homem ou com uma mulher. Veja-se, na figura 8, a síntese do que acabamos de dizer.

Figura 8 – Intensidade de aceitação de práticas sexuais

Fonte: Elaborado pelo autor.

No capítulo anterior vimos que manter relações sexuais com um escravo já crescido poderia ser reprovável. Nos seus epigramas, Marcial apresenta uma outra situação na qual manter relações com adultos, mesmo que desempenhando um papel ativo, é reprovável: por interesse ou em troca de favores. Veja-se, a título de exemplo, o epigrama 6.50.

6.50

*Cum coleret puros pauper Telesinus amicos,
errabat gelida sordidus in togula:
obscenos ex quo coepit curare cinaedos,
argentum, mensas, praedia solus emit.*

- 5 *Vis fieri diues, Bithynice? Conscius esto:
nil tibi uel minimum basia pura dabunt.*

Quando Telesino, pobre, cultivava amigos puros,
vagava, sujo, em gélida togazinha:
desde que começou a cortejar veados obscenos,

prata, mesas, propriedades, compra sozinho.

- 5 Queres tornar-te rico, Bitínico? Toma consciência disto,
nada, ou quase nada, te darão os beijos puros.

O epigrama visa a aconselhar um certo Bitínico. Nos versos 1-2, o eu epigramático fala de Telesino, que era pobre e andava em condições deploráveis, sujo e com roupas muito gastas. No verso 3, apresenta o momento de mudança na vida desse pobretão, quando “começou a cortejar veados obscenos” e passou, então (v. 4), a angariar uma série de bens materiais: pratas, mesas e propriedades. Nos versos 5-6, vem a advertência a Bitínico, de que nada ganhará com “beijos puros”. Lembre-se de que era costume beijar como forma de cumprimento, costume que Marcial cita por vezes em sua obra (como em 8.44) quando fala do périplo dos clientes em sua faina diária de cumprimentar patronos.

No epigrama 1.58 essa ideia de se conseguir dinheiro e/ou bens através de favores sexuais é tratada de forma bem interessante.

1.58

Milia pro puero centum me mango poposcit:

risi ego, sed Phoebus protinus illa dedit.

Hoc dolet et queritur de me mea mentula secum

laudaturque meam Phoebus in inuidiam.

- 5 *Sed sestertium donavit mentula Phoebo*
bis decies: hoc da tu mihi, pluris emam.

Cem mil sestércios por um escravinho me pediu o mercador.

Eu ri, mas Febo imediatamente os deu.

Isso lamenta minha pica e de mim reclama para si mesma,
e elogia Febo para que eu sinta inveja.

- 5 Mas a pica de Febo deu a ele dois milhõezinhos
de sestércios: dá-me tu essa quantia que eu pagarei mais.

Nos dois primeiros versos, ficamos sabendo que um mercador ofereceu um escravinho por cem mil sestércios, valor provavelmente elevado para o eu epigramático, mas aceitável para Febo, que, de imediato, efetuou o negócio. Nos

versos 3-4 temos algo incomum: a *mentula* do eu epigramático reclama com ele, lamentando não poder dispor do jovem; ao mesmo tempo em que elogia Febo. No verso 5, o eu poético se justifica, informando que a *mentula* de Febo lhe garantiu dois milhões de sestércios e encerra o epigrama; é quando descobrimos que o interlocutor era a própria *mentula*, a quem o eu epigramático diz que, se ela tivesse lhe conseguido essa quantia, ele poderia pagar pelo tipo de prazer que ela queria. Aqui nos fica claro a diferença entre ter relações com um jovem escravo, que pode ser até um luxo, e manter as mesmas relações com homens. A *mentula* de Febo é recompensada pelos seus esforços inapropriados, e é essa questão que o eu epigramático coloca à sua própria *mentula*, como se lhe dissesse: “você quer isso, mas está disposta a pagar, como ocorreu com Febo, por esses prazeres?”.

No epigrama 9.63 temos uma abordagem mais direta dessa tópica:

9.63

Ad cenam inuitant omnes te, Phoebe, cinaedi.

Mentula quem pascit, non, puto, purus homo est.

Para o jantar te convidam, Febo, todas as bichas.

Quem é alimentado pelo pau, penso eu, não é um homem puro.

Note-se que há a insinuação de que os convites para jantar feitos a Febo pelos *cinaedi* se deveram a determinados favores sexuais prestados por ele, no caso, a penetração anal dos referidos anfitriões.

É importante destacar que o esquema proposto na figura 8 é explorado por Marcial na geração de humor em seus epigramas; com o papel passivo no intercuro oral figurando como a prática menos aceitável. Vejamos.

No poema 2.28, a conclusão sobre os costumes de Sextilo é deixada a cargo do leitor. Nesse epigrama, as diferentes formas de intercuro sexual são tratadas em uma escala gradativa de aceitação social, a qual deixa claro que o papel ativo e a penetração vaginal são as modalidades ideais para o homem romano de nascimento livre.

2.28

Rideto multum qui te, Sextille, cinaedum

dixerit et digitum porrigito medium.

Sed nec pedico es nec tu, Sextille, fututor,

calda Vetustinae nec tibi bucca placet.

5 *Ex istis nihil es, fateor, Sextille: quid ergo es?*

Nescio, sed tu scis res superesse duas.

Podes até rir de quem, Sextilo, te chamou

viadinho e podes, até, lhe mostrar o dedo médio.

Mas enrabador não és, Sextilo, nem fodedor,

nem a boca quente de Vetustina é agradável a ti.

5 Nada disto és, reconheço, Sextilo. Pois, então, que és?

Não sei, mas tu sabes que restam duas coisas.

A estrutura do epigrama é bem simples. Nos versos 1-2, o eu epigramático apresenta um Sextilo que se irrita quando o chamam de *cinaedus*, algo que ele, aparentemente, não é, daí responder à ofensa mostrando o dedo médio (o que tinha basicamente o mesmo significado que tem para nós⁵⁰). Assim, Sextilo recusa, já de início, o papel passivo que não seria adequado a um *uir* romano. No segundo dístico (vv. 3-4), porém, a indignação de Sextilo é desmontada com a afirmação de que ele não desempenha nenhum dos três papéis aceitos para um homem (*uir*): ele não é um *pedico* nem um *fututor*, ou seja, não lhe agrada a penetração anal (no papel ativo) nem a vaginal (v. 3), e não é, também, um *irrumator*, pois nem a “boca quente de Vetustina” (provavelmente uma prostituta velha⁵¹, mas experiente, pelo que podemos inferir pelo contexto) consegue agradá-lo. Um leitor familiarizado com o protocolo sexual defendido por Marcial⁵² nem precisaria ser instado pelo eu epigramático, como nos versos 5-6, a pensar nas duas possibilidades de papéis que restam a Sextilo⁵³: *fellator* ou *cunnilinctor*.

⁵⁰ O *digitus impudicus* ou *digitus infamis*, como para nós, representa o falo ereto, indicando um insulto ou agressão, como também, no caso dos romanos, um gesto apotropaico, *i. e.* um gesto para afastar malefícios e desgraças (Cf. WILIANS, 2004, p. 110)

⁵¹ *Vetustina*: de *uetus*, velho. Williams (2004, p. 110) associa esse nome a uma mulher idosa e repulsiva, provavelmente um estereótipo de prostituta idosa.

⁵² Como o proposto no quadro à página 61.

⁵³ Como apontou o Professor Paulo Sérgio Vasconcellos, por ocasião da arguição da defesa dessa dissertação, o nome *Sextillo*, um diminutivo que remete ao numeral “seis”, parece não ter sido escolhido aleatoriamente. Como lembra Cesila (2017, p. 212): “Em muitos epigramas de Marcial, sobretudo nos

Percebe-se sutilmente, no epigrama que acabamos de ler, que a prática de intercurso anal no papel passivo, ainda que condenável, é menos vergonhosa que a prática de *fellatio*. É também assim no epigrama 2.47:

2.47

*Subdola famosae moneo fuge retia moechae,
leuior o conchis, Galle, Cytheriacis.*

*Confidis natibus? Non est pedico maritus:
quae faciat duo sunt: irrumat aut futuit.*

Eu te aconselho, fuge das redes astuciosas da famosa adúltera,
ó Galo, mais delicado que as conchas de Citera.
Confias na tua bunda? O marido não é enrabador:
são duas as coisas que ele faz: ou mete na boca ou fode.

Neste epigrama, o eu epigramático adverte Galo de que o marido de uma conhecida adúltera não é *pedico*, isto é, não pratica intercurso anal, e conclui dizendo que ele pratica intercurso oral (*irrumat*) ou vaginal (*futuit*). Nos casos de adultério, havia, ao menos na literatura, a permissão moral e legal para que o marido que flagrasse sua esposa com outro homem o matasse ou o submetesse sexualmente. No epigrama em questão, Galo parece aceitar e até gostar – já que é um *pathicus*⁵⁴, indicado pelo adjetivo *leuis* no comparativo – da possível penalidade de ser penetrado pelo marido, após ter mantido relações com a esposa. Aí incide a advertência do eu epigramático de que o marido não gosta desse tipo de relação sexual, mas de outra – receber sexo oral – que, neste caso, pode ser lida como a advertência de um castigo maior do que o esperado. Note-se a construção do epigrama: no primeiro verso, a advertência; no segundo, a caracterização da personagem (*leuior*). No terceiro verso a explicitação do motivo para a advertência: o marido não é um *pedicator* e, portanto, não adianta o invectivado estar preparado (ou disposto) a sofrer a pena esperada. No

satíricos, é comum que o nome do indivíduo invectivado ou admoestado não seja escolhido aleatoriamente, mas sim com objetivos estéticos, visando à expressividade retórico-poética”. De fato, se considerarmos as atividades sexuais sugeridas no epigramas, sabemos que Sextilo não é *cinaedus*, *pedico*, *fututor* ou *irrumator*; sobrando duas possibilidades, a de ser *fellator* ou *cunnilinctor*. Portanto, seis possibilidades ao todo.

⁵⁴ Vide **Quadro 2**.

último verso, o fechamento do epigrama, com a agudeza que é característica de Marcial, vem a afirmação de que as preferências sexuais do marido são duas e, ao leitor familiarizado com o protocolo sexual romano, estaria bem claro que um homem jamais poderia *futuere* outro homem, pois este verbo implica apenas em intercurso vaginal. Sobraria, então, para o marido, uma única possibilidade, *irrumare* (“receber sexo oral”), e, conseqüentemente, para Galo, *fellare* (“oferecer sexo oral”).

Essa construção do humor (e do vitupério) baseada em uma gradação dos atos sexuais mais aceitos e menos aceitos é comum a vários epigramas de Marcial. Vejamos o caso de 12.35:

12.35

*Tamquam simpliciter mecum, Callistrate, uiuas,
dicere percisum te mihi saepe soles.
non es tam simplex quam uis, Callistrate, credi.
Nam quisquis narrat talia, plura tacet.*

Para provares que és franco comigo, Calístrato,
costumas me dizer frequentemente que és arrombado.
Não és tão franco quanto queres que acreditem,
pois, quem tal conta, sobre muito se cala.

Nesse epigrama, como em 2.28 e 2.47, o eu epigramático se dirige à vítima de sua invectiva. Nos versos 1-2, ele reconhece que Calístrato, para se mostrar franco com ele, afirma que costuma assumir o papel passivo na prática de intercurso anal. Nos versos 3-4, porém, o eu epigramático retruca, dizendo que essa confissão surpreendentemente sincera pode estar servindo para desviar a atenção de práticas sexuais consideradas muito mais vis, como o seriam a *fellatio* e o *cunnilingus*. O verbo *tacet* que encerra o epigrama, normalmente lugar da “ferroada” com as quais, muitas vezes, Marcial termina seus poemas, pode sugerir maliciosamente que Calístrato se cala por ter a boca ocupada em certas práticas sexuais, como em 3.96.

4.1 *PEDICATIO*

Figura 9 - Trio de dois homens e uma mulher

Fonte: Pompeia, Banhos Suburbanos, apodyterium 7, cena VI (Clarke, 1998, p. 281)

A *pedicatio*, como vimos no epigrama 11.43, tem contornos bem específicos em Marcial. A prática de intercursos sexual anal, no papel passivo, viola o princípio da *impenetrabilidade* do *uir*, colocando-o em posição de submissão a outro ser masculino. Na figura 9, vemos uma cena sexual, com dois homens e uma mulher. O homem que está no meio da cena embora tenha um papel ativo em relação à mulher, assume um papel passivo em relação ao outro homem.

Nos exemplos a seguir, temos uma formulação recorrente no processo de criação de humor de Marcial: o eu epigramático aponta os “vícios” do comportamento sexual dos invectivados, no caso, a prática submissa de *pedicatio*, que aqueles tentam esconder ou disfarçar, como em 3.71 e 11.88.

3.71

*Mentula cum doleat puero, tibi, Naeuole, culus,
non sum diuinus, sed scio quid facias.*

Uma vez que dói, no teu garoto, o pau, e em ti, Névolo, o cu,

não sou adivinho, mas sei o que andas fazendo.

11.88

*Multis iam, Lupe, posse se diebus
pedicare negat Charisianus.
Causam cum modo quaererent sodales,
uentrem dixit habere se solutum.*

Já há muitos dias, Lupo, que
Carisiano nega poder enrabar.
Quando há pouco o motivo perguntaram os amigos,
disse que estava com o intestino solto.

Quanto às tentativas de ocultamento de seus costumes, no epigrama 7.62, temos um *modus operandi* diferente daquele visto em 3.71 e 11.88.

7.62

*Reclusis foribus grandes percidis, Hamille,
et te deprendi, cum facis ista, cupis,
ne quid liberti narrent seruique paterni
et niger obliqua garrulitate cliens.*

- 5 *Non pedicari se qui testatur, Hamille,
illud saepe facit quod sine teste facit.*

Com as portas abertas, Hamilo, enrabas garotos já crescidos,
e desejas que te apanhem em plena ação,
para que não comentem os libertos e escravos paternos
e um cliente perverso com sua tagarelice maldosa.

- 5 Quem invoca testemunhas de que não é enrabado, Hamilo,
com frequência faz aquilo que sem testemunhas faz.

Nos versos 1-2, o eu epigramático conta que Hamilo, em uma atitude bastante exibicionista, deseja ser pego praticando *pedicatio* em jovens crescidos. Mas, nos versos 3-4, ficamos conhecendo suas reais intenções: ser flagrado nessas ações é

uma artimanha para silenciar possíveis boatos e, desta forma, manter sua imagem viril. Nos versos 5-6, o poeta sentencia: quem se preocupa muito em provar, diante de testemunhas, sua virilidade, é porque quer ocultar práticas condenáveis quando essas testemunhas não estão presentes. Em outras palavras: Hamilo penetra os escravos quando as “testemunhas” estão presentes, mas, quando está a sós com os garotos, é por eles penetrado.

Mas note-se a importância do adjetivo *grandes* (“já crescidos”, “crescidinhos”) com que o eu epigramático qualifica os escravos no epigrama. É por estar tendo relações com escravos que já passaram, digamos assim, da idade adequada para serem *pueri delicati* que Hamilo sente a necessidade de patentear a todos que ele é ativo nesses relacionamentos; porém, essa mesma característica o acaba traindo, já que seu interesse, na verdade (quando as pessoas não estão presentes), é outro: ser passivo, daí sua preferência por escravos mais adultos e viris.

Voltemos agora à ideia (já trabalhada anteriormente, quando analisamos 6.50 e 1.58) da obtenção de parceiros sexuais por meio de transações financeiras, fossem sob a forma de dinheiro ou de presentes. Veja-se 11.87:

11.87

*Diues eras quondam: sed tunc pedico fuisti,
et tibi nulla diu femina nota fuit.
Nunc sectaris anus. O quantum cogit egestas!
Illa fututorem te, Charideme, facit.*

Houve um tempo em que eras rico: foste, então, enrabador
e, por muito tempo, nenhuma mulher foi conhecida por ti.
Agora, persegues velhas. Oh, a quanto a pobreza obriga!
Ela te faz, Caridemo, um fodedor.

Em 11.58, conhecemos Caridemo, que, como contam os versos 1-2, era, quando rico, um enrabador, isto é, mantinha relações exclusivamente com homens, tanto que o verso 2 é categórico nesse sentido; “nenhuma mulher foi conhecida por ti”. Nos versos 3-4, porém, vemos que a *fortuna* de Caridemo mudou: agora pobre, é obrigado a perseguir velhas. Aqui pensamos em duas possibilidades de interpretação, não excludentes: ele poderia se relacionar com mulheres velhas, isto é, que não tinham

atrativos sexuais, ou as perseguia atrás de heranças, por isso “velhas”. Independentemente de qual dessas possibilidades adotemos, o certo é que a pobreza fez dele um fodedor, um *fututor*. Em suma, Caridemo apreciava mesmo o sexo com homens, e só com a falta de dinheiro é que passou a praticar sexo com mulheres, talvez em troca de dinheiro. Pode-se também ler ironicamente, pensando no conjunto da obra, o “enrabador” do verso 1 (*pedico*), imaginando que o personagem não era apenas ativo na relação com homens.

Se a pobreza afastou Caridemo de seus prazeres, não fez o mesmo com um certo Hilo, que aparece em 2.51:

2.51

*Unus saepe tibi tota denarius arca
cum sit et hic culo tritior, Hylle, tuo,
non tamen hunc pistor, non auferet hunc tibi copo,
sed si quis nimio pene superbus erit.*

- 5 *Infelix uenter spectat conuiuia culi
et semper miser hic esurit, ille uorat.*

Embora tenhas, muitas vezes, em teu cofre inteiro,
apenas um só denário, e mais gasto, Hilo, que teu cu,
contudo, não o receberá de ti o padeiro, nem o taberneiro,
mas aquele que se orgulha de um imenso pênis.

- 5 A infeliz barriga testemunha o banquete do cu,
e enquanto aquele pobre sempre passa fome, este come vorazmente.

Nesse epigrama, vemos toda a mordacidade de Marcial ao atacar Hilo, que, embora seja pobre (versos 1-2), tendo no cofre apenas um denário, não usará esse dinheiro para comer ou beber (verso 3), mas para comprar os serviços de alguém com pênis enorme. Em 1.58 vimos a personificação da *mentula* do eu epigramático; aqui, nos versos 5-6, ocorre a personificação do estômago e do ânus de Hilo. Em disputa pelos poucos recursos, a “infeliz barriga testemunha o banquete do cu”. A ideia já abjeta de ser penetrado é complementada pela ideia de perda de autocontrole, não bastasse ser um “passivo”, Hilo colocava em risco sua própria existência ao ser

indulgente com seus “vícios”. Vai nesse mesmo sentido o epigrama 6.33, sobre um certo Sabelo.

6.33

*Nil miserabilius, Matho, pedicone Sabello
uidisti, quo nil laetius ante fuit.
Furta, fugae, mortes seruorum, incendia, luctus
adfligunt hominem; iam miser et futuit.*

Ninguém viste mais infeliz, Matão, que o bichona Sabelo,
que antes foi mais feliz do que ninguém.
Furtos, fugas, mortes de escravos, incêndios, lutos
atortentam o homem; agora, infeliz, até fode mulheres.

A infelicidade de Sabelo, sobre a qual o eu epigramático conta a Matão, foi causada por uma série de contratempos, como fugas e mortes de escravos, furtos e incêndios, que o obrigaram a tomar atitudes semelhantes às de Hilo e, infeliz, agora é obrigado a se relacionar sexualmente com mulheres. Assim como o Caridemo de 11.87, a preferência de Sabelo era pelas relações com homens, e somente as atribulações econômicas da vida o obrigaram a ter relações com mulheres.

O papel passivo em um intercurso anal poderia ser usado como ameaça, uma ameaça mais retórica que real, mas que consistia em uma grande ofensa (ocorre o mesmo com a *irrumatio*, sobre a qual trataremos mais adiante). Veja-se o epigrama 11.63:

11.63

*Spectas nos, Philomuse, cum lauamur,
et quare mihi tam mutuniati
sint leues pueri, subinde quaeris.
Dicam simpliciter tibi roganti:*

5 *pedicant, Philomuse, curiosos.*

Tu nos observas, Filomuso, enquanto nos banhamos,
e por que são tão bem-dotados e macios
meus escravos, perguntas frequentemente.

Ao que perguntas, responderei com sinceridade:

5 eles enrabam, Filomuso, os curiosos.

Filomuso parece ser um dos tipos que frequentavam os banhos atrás de parceiros sexuais (como em 1.23). Ao perguntar sobre os escravos bem dotados, ele poderia tanto estar interessado nesses dotes, quanto criticando, pois escravos bem dotados somente fariam sentido se seus senhores assumissem algum papel passivo. No último verso, o eu epigramático faz uma ameaça de *pedicatio* ao curioso Filomuso. Como veremos a seguir, ao tratarmos da *irrumatio*, esse tipo de ameaça significava não necessariamente uma ameaça real, era, sobretudo, uma ameaça retórica, mas extremamente ofensiva.

4.2 FELLATIO E CUNNILINGUS

Como vimos no item 2.1, segundo o protocolo sexual defendido por Marcial, a prática de sexo oral, seja em homens (*fellatio*), seja em mulheres (*cunnilingus*), era considerada mais vil do que a prática passiva de intercursos anal (cf. 2.47 e 12.35). Neste tópico, abordaremos as formas como essa modalidade sexual era tratada nos epigramas de Marcial. De maneira geral, a *fellatio* e o *cunnilingus* eram considerados igualmente degradantes, como podemos ver no epigrama 3.88:

3.88

Sunt gemini fratres, diuersa sed inguina lingunt.

Dicite, dissimiles sunt magis an similes?

São dois irmãos gêmeos, mas lambem órgãos diferentes.

Dizei-me, são mais diferentes ou semelhantes?⁵⁵

Curto e direto, esse epigrama não deixa muitas dúvidas sobre como Marcial considerava essas práticas sexuais. No epigrama 11.45, esse assunto é tratado de modo mais elaborado e tem como tema a vergonha envolvendo a prática de sexo oral:

11.45

*Intrasti quotiens inscriptae limina cellae,
seu puer arrisit sive puella tibi,
contentus non es foribus ueloque seraque,
secretumque iubes grandius esse tibi:*

5 *oblinitur minimae si qua est suspicio rimae
punctaque lasciua quae terebrantur acu.
Nemo est tam teneri tam sollicitique pudoris
qui uel pedicat, Canthare, uel futuit.*

Todas as vezes em que entras em um quarto de bordel,
seja um garoto ou uma garota que sorri para ti,
não te contentas com a porta, com a cortina e o ferrolho,
e ordenas que haja um lugar mais resguardado para ti:

5 se suspeitas de uma mínima fenda, ordenas que seja coberta,
bem como os furos que se tenham insinuado por lasciva agulha.

Ninguém tem um pudor tão delicado e ansioso,
ninguém que enrabe, Cântaro, ou que foda.

⁵⁵ Ver discussão nos subitens 4.2.1 e 4.2.2 sobre a prática de *fellatio* e de *cunnilingus*.

Figura 10 – Quarto de bordel

Fonte: Pompeia, Lupanar VII, 12, 1820. Vista da plataforma de cubículo e alvenaria que servia de cama, parede sul, parte oeste. Foto Michael Larvey (Clarke, 1998, p. 370).

No verso 1, o eu epigramático apresenta o ambiente que serve de palco para as ações de Cântaro, um quarto de bordel. Na figura 10, vemos um destes quartos. Sobre a porta, é possível ver os restos de uma pintura erótica. Vejamos como McGinn descreve esse tipo de lugar:

Há um consenso geral de que a prostituta trabalhava em uma cabine ou um pequeno quarto (*cela*) dentro do bordel; sua entrada era marcada por uma cortina de retalhos (*cento*) e a própria cabine era fechada por uma porta (*ostia*), acima ou ao lado da qual, às vezes, era colocado um pequeno aviso anunciando seu preço (*titulus*). Esses arranjos, ao que parece, não garantiam muita privacidade.

[...]

As fontes descrevem o próprio bordel como um lugar imundo, embora mais em tom de censura moral do que uma descrição de sujeira literal. Em outras palavras, descrições de bordéis tendem a refletir mais o preconceito da classe alta do que a realidade objetiva. Isso, é claro, dificilmente significa que o bordel romano era tipicamente um lugar limpo e bem iluminado. (2004, pp. 39-40)⁵⁶.

⁵⁶ Tradução nossa: “*There is general agreement that the prostitute worked in a booth or small room (cella) within the brothel, its entrance marked by a patchwork curtain (cento) and the booth itself closed by a door (ostium), above or next to which a small notice advertising her price (titulus) was sometimes placed. These arrangements did not, it seems, guarantee a great deal of privacy. [...] The sources describe the brothel itself as a filthy place, though more in a tone of moral censure than as a literal depiction of uncleanness. In other words, descriptions of brothels tend to reflect upper-class prejudice*

No verso 2 somos informados de que, para Cântaro, não importa o sexo do prestador de serviços: em ambos os casos, como mostram os versos seguintes (vv. 3-6), há por parte dele uma enorme preocupação com a privacidade. Qualquer fresta, qualquer buraco de agulha feito por algum *voyeur* deve ser coberto, como a esconder algo altamente recriminável. Essa estranha preocupação com a privacidade é justificada nos versos 7-8: Cântaro não procura prostitutas ou prostitutos para dispor de serviços que um *uir* buscaria, isto é, *pedicatio* ou *fututio*. Como já nos acostumamos a encontrar em Marcial, para o leitor atento, quando se excluem essas duas possibilidades, sobram os atos de *fellatio* e *cunnilingus* (embora pudéssemos pensar em um ato sexual oral no papel ativo, ou seja, a *irrumatio*, mas esse é descartado pelo ambiente de segredo, uma vez que não precisaria ser ocultado, sendo uma prática adequada e aceitável ao *uir*).

Embora bastante semelhantes naquilo que despertavam de repugnância para a moralidade defendida por Marcial, as diferentes formas de intercurso sexual oral se apresentam de maneira um tanto diversa em seus epigramas. A seguir trataremos delas isoladamente.

4.2.1 *Fellatio*

Por ser uma prática sexual moralmente condenável, as personagens de Marcial procuram meios de escondê-la, mesmo que para isso acabem por admitir outras práticas, menos recrimináveis, como a *pedicatio*. Dentre essas estratégias, um recurso comum, como veremos mais detalhadamente no item 4.3 desta parte, empregado por alguns personagens masculinos alvejados por Marcial é tentar disfarçar seus costumes adotando estereótipos de masculinidade. No epigrama 6.56, vemos Caridemo, um desses tipos que empregam tais disfarces:

6.56

*Quod tibi crura rigent saetis et pectora uillis,
uerba putas famae te, Charideme, dare?*

more than objective reality. This hardly means of course that the Roman brothel was typically a clean, well-lit place."

Extirpa, mihi crede, pilos de corpore toto

teque pilare tuas testificare natis.

5 *'Quae ratio est?' inquis. Scis multos dicere multa:*

fac pedicari te, Charideme, putent.

Por estarem cobertas, tuas pernas de cerdas, e teu peito, de cabelos,

julgas enganar tua fama, Caridemo?

Crê em mim, arranca os pelos do corpo todo,

e prova que depilas a bunda.

5 “Por que?” perguntas. Sabes que muitos dizem muitas coisas,

faz, Caridemo, com que pensem que dás a bunda.

Nos versos 1-2, o eu epigramático apresenta a situação: Caridemo, para combater sua fama de efeminado, não depila as pernas e o peito. A depilação masculina era vista como um sinal de efeminação, juntamente com o uso de perfumes e a preocupação demasiada com o cabelo, como aponta Corbeill (1996, p. 163). Nos versos 3-4, o conselho do eu epigramático é em sentido inverso: ele exorta Caridemo a se depilar por inteiro, inclusive as nádegas. O motivo é explicado nos últimos dois versos (vv. 5-6), com o fechamento jocoso do epigrama: ao querer saber o motivo para tal conselho, Caridemo é advertido de que falam muito (mal) sobre ele (entenda-se: falam que ele pratica sexo oral passivo) e que, portanto, seria preferível pensarem ser ele um *pathicus*. Portanto, na ótica do epigrama, ser penetrado por outros homens, apesar de moralmente condenável para o *uir*, é menos pior que praticar a felação.

Nos epigramas 2.89 e 11.66, que apresentaremos a seguir, é possível ter um vislumbre de comparação entre a *fellatio* e outras atividades e práticas também consideradas viciosas ou reprováveis por Marcial:

2.89

Quod nimio gaudes noctem producere uino,

ignosco: uitium, Gaure, Catonis habes.

Carmina quod scribis Musis et Apolline nullo,

laudari debes: hoc Ciceronis habes:

5 *Quod uomis, Antoni: quod luxuriaris, Apici.*

Quod fellas, uitium dic mihi cuius habes?

Porque te alegras em alongar a noite com vinho em demasia,

perdo-te, tens, Gauro, o vício de Catão.

Porque escreves versos sem Apolo e Musas,

deves ser louvado, tens o vício de Cícero.

5 Porque vomitas, o de Antônio. Porque cometes excessos à mesa, o de

[Apício.

Porque fazes boquetes, dize-me, tens o vício de quem?

Nesse epigrama, o eu epigramático apresenta uma série de vícios, comuns a romanos famosos e, por isso, perdoáveis. Nos versos 1-2, o gosto pelo vinho em excesso é perdoado, por ser o vício de Catão, comumente apresentado como um exemplo de severidade, como em 9.27 e 11.15. A seguir (vv. 3-4), fala-se do vício de escrever poesia sem o respaldo de Apolo ou das Musas, atribuído a Cícero, que, de fato, escreveu versos, mas é criticado desde a Antiguidade por falta de talento nessa área. No verso 5, menciona-se o vício de Antônio, que vomitava em decorrência de suas bebedeiras, e os excessos à mesa cometidos por Apício, conhecido por suas receitas e sua glotonaria. No último verso, depois de vários vícios desculpáveis, pois praticados por pessoas célebres, o eu epigramático pergunta de quem seria o vício de *fellatio* que Gauro tem. Aqui nos parece que a *fellatio* é um vício “pior”, pois não há desculpa baseada em exemplo algum para essa prática.

Se em 2.89 a prática da *fellatio* parece pior do que os outros vícios apresentados, em 11.66 ela é colocada em termos iguais a uma série de atividades.

11.66

*Et delator es et calumniator,
 et fraudator es et negotiator,
 et fellator es et lanista. miror
 quare non habeas, Vacerra, nummos.*

És delator e caluniador,
 és fraudador e especulador,
 és chupador e treinador. Espanta-me,
 Vacerra, que não tenhas dinheiro.

Neste epigrama, o eu epigramático apresenta uma série de ocupações consideradas desprezíveis: delator, caluniador (verso 1), fraudador, negociador (verso 2), *fellator* e treinador de gladiadores (verso 3) e termina perguntando a Vacerra, que supostamente exerce tais atividades, por que ele não tem dinheiro. A delação e a calúnia eram ações parecidas, a primeira, mais ligada à política, e a segunda, à justiça (KAY, 1985, p. 213); ambas podiam render dinheiro aos seus praticantes. No verso 2, mais duas ocupações que, além de poderem render dinheiro, eram mal vistas pelas sociedade romana: fraude e especulação. No verso seguinte (v. 3), ser *fellator* é colocado junto a ser *lanista*, isto é, um treinador de gladiadores, uma ocupação extremamente desprezada (KAY, 1985, p. 213). Como já vimos, um *fellator* poderia ganhar dinheiro vendendo seus serviços, uma ocupação absolutamente desprezível para um homem livre. O fecho do epigrama indica que Vacerra, mesmo praticando tantas atividades que renderiam algum dinheiro, permanece pobre, o que pode ser lido como um indício de que ele gasta o fruto de suas atividades em alguma atividade ainda mais desprezível.

Além de motivo para vitupério, a prática da *fellatio*, nos livrinhos de Marcial, aparece como causadora de efeitos físicos indesejáveis, como o mau hálito; ou seja, é um indicativo de que estas práticas corrompem a boca de seus praticantes, como é bastante explícito no epigrama 11.30, que apresentamos a seguir:

11.30

Os male causidicis et dicis olere poetis.

sed fellatori, Zoile, peius olet.

Dizes que a boca dos advogados e dos poetas fede.

Mas, Zoilo, a dos boqueteiros fede mais.

Kay (1985, p. 137) aponta duas possibilidades para o mau hálito dos poetas e dos advogados. A primeira, de natureza fisiológica, e pouco convincente, é de que o mau hálito seria decorrente dos períodos de jejum e do nervosismo a que oradores públicos estariam sujeitos. A segunda, mais provável, é de que Zoilo insinuava que os poetas e os advogados fossem *fellatores*, indicado pela expressão *os male olere*. A resposta do segundo verso, se for esse o caso, finge desconhecer a insinuação e responde com o mesmo insulto. Nesse caso, considerando o conjunto da obra de Marcial, pensamos em algo mais prosaico: as bocas dos poetas e dos advogados fede por falarem mal de outros.

Essa relação entre mau hálito e felação também ocorre em epigramas que envolvem, de alguma forma, o tema dos beijos. De fato, como afirma Housman: “quando o olhar de um leitor romano caía sobre um poema [...] tendo a palavra *basiator* na primeira linha, ele sabia o que estava por vir” (1907, p. 257 apud WILLIAMS, 2004, p. 55)⁵⁷. Essa relação entre beijos e sexo oral é fundamental para compreendermos os epigramas do “ciclo de Póstumo”, um sujeito que persegue o eu epigramático com beijos detestáveis, como veremos a seguir:

2.10

Basia dimidio quod das mihi, Postume, labro,

laudo: licet demas hinc quoque dimidium.

Vis dare maius adhuc et inenarrabile munus?

⁵⁷ Tradução nossa: “when a Roman reader’s eye fell upon a poem [...] and having the word *basiator* in the first line, he knew what was coming.”
HOUSMAN, A. E. Corrections and Explanations of Martial. **Journal of Philology** [s.l.], 1907, n.30, p.229–265.

Hoc tibi habe totum, Postume, dimidium.

Porque me dás beijos, Póstumo, com meio lábio,

louvo: embora possas também, deste ponto em diante, tirar metade.

Queres me fazer um favor maior e inenarrável?

Guarda inteira para ti, Póstumo, essa metade.

O epigrama se constrói como um problema matemático. Nos versos 1-2, o eu epigramático louva o fato de Póstumo só beijá-lo com meio lábio; a expressão é um tanto estranha, pois *labrum* é apenas um dos lábios, mas, segundo Williams (2004, p. 56), a expressão significa mais precisamente “com metade dos seus lábios”, ou seja, “com um só dos lábios”. No verso 2, é feita a sugestão para que ele tire metade, isto é, para que tire a outra metade, ideia explicitada nos versos 3-4, quando o eu poético pede que Póstumo guarde para si essa segunda metade, sobrando, obviamente, nenhum lábio para beijar. Evidentemente, não está claro no epigrama que o eu epigramático recusa os beijos de Póstumo por causa do mau hálito, mas essa interpretação pode ser feita ao se analisarem os outros epigramas do ciclo, que traremos a seguir.

Como já vimos em outros epigramas, um recurso recorrente em Marcial é apontar as tentativas de suas vítimas de vitupério em esconder seus vícios. O mesmo se passa com Póstumo no epigrama 2.12:

2.12

Esse quid hoc dicam, quod olent tua basia murrum

quodque tibi est numquam non alienus odor?

Hoc mihi suspectum est, quod oles bene, Postume, semper:

Postume, non bene olet qui bene semper olet.

Que direi disto: que teus beijos têm cheiro de mirra

e que nunca tens um cheiro que não seja estranho a ti?

Isto me é suspeito, Póstumo: que sempre cheires bem:

Póstumo, não cheira bem quem sempre cheira bem.

Póstumo, para tentar disfarçar o mau hálito, não apenas desagradável, mas também indicativo de suas atividades reprováveis, usa a mirra, um arbusto que produzia uma resina aromática usada em cosméticos, perfumes e remédios. Essa ideia não é incomum nos epigramas de Marcial: no epigrama 1.87, a personagem Fescênia usa pastilhas para disfarçar o hálito da bebedeira da véspera. Nos versos 5-6 desse epigrama contra Fescênia, Marcial sentencia: “*O bafo misturado com perfume não é pior e,/ redobrado, não vai mais longe o cheiro da exalação?*”⁵⁸. Os epigramas sobre os beijos de Póstumo continuam:

2.21

Basia das aliis, aliis das, Postume, dextram.

Dicis 'utrum mauis? elige' malo manum.

A uns, dás beijos, a outros, Póstumo, dás a mão direita.

Perguntas: “Qual dos dois preferes? Escolhe.” Prefiro a mão.

No epigrama 2.21, o eu epigramático é perguntado se prefere ser cumprimentado com beijos ou com um aperto de mão. A resposta “prefiro a mão” mostra o quanto os beijos do invectivado são indesejáveis, e, mais uma vez, podem-se inferir as causas dessa recusa: mau hálito motivado por práticas de sexo oral. No entanto, a situação do eu poético se complica no epigrama seguinte:

2.22

Quid mihi uobiscum est, o Phoebe nouemque sorores?

⁵⁸ Tradução: AGNOLON, 2007, p. 113. No original latino: “*Quid quod olet grauius mixtum diapasmate uirus/ atque duplex animae longius exit odor?*”.

ecce nocet uati Musa iocosa suo.

Dimidio nobis dare Postumus ante solebat

basia, nunc labro coepit utroque dare.

Que tenho eu convosco, ó Febo e as nove irmãs?

Eis que a Musa jocosa prejudica seu poeta.

Antes, Póstumo costumava nos dar beijos

com meio lábio; agora, começou a dá-los com os dois lábios.

Nos versos 1-2, o eu poético se queixa com Febo e as Musas, perguntando o que fez de errado para ser punido por Talia, a Musa da Comédia, chamada no epigrama de “Musa jocosa”. Nos versos 3-4 descobrimos o castigo imposto: Póstumo, que costumava beijar com “meio lábio”, passou a beijar com os dois lábios.

O conceito que Marcial fazia dos beijos dos *fellatores* era tal que, no epigrama 11.95, que trazemos a seguir, eles são comparados ao que há de mais imundo:

11.95

Incideris quotiens in basia fellatorum,

in solium puta te mergere, Flacce, caput.

Todas as vezes que caíres nos beijos de boqueteiros,

pensa, Flaco, que estás enfiando a cabeça na banheira.

Marcial aconselha Flaco, quando for beijado por *fellatores* como forma de cumprimento, a considerar que isso pode ser tão desagradável e repugnante quanto enfiar a cabeça em uma banheira.

A ideia de que a prática de sexo oral poluía a boca de seus praticantes, aqui entendido tanto no sentido de sujar fisicamente, quanto no sentido de macular

moralmente, era estendia à água dos banhos, que se tornariam impróprias por nela terem sido lavados órgãos sexuais. Vejamos o epigrama 2.70:

2.70

Non uis in solio prius lauari

quemquam, Cotide: causa quae, nisi haec est,

undis ne fouearis irrumatis?

Primus te licet abluas: necesse est

5 *ante hic mentula, quam caput, lauatur.*

Não queres que ninguém na piscina se lave antes de ti.

Qual o motivo, Cótilo, senão este:

para não te aqueceres em águas que chuparam?

Ainda que tu primeiro te laves, é necessário

5 que laves o pau antes da cabeça.

Cótilo, personagem efeminado que também aparece no epigrama 3.63 (do qual trataremos no próximo capítulo), não quer se lavar em águas que sofreram *irrumatio*, ou seja, águas nas quais foram mergulhados pênis. Nos dois últimos versos, o eu epigramático afirma que, mesmo que Cótilo seja o primeiro a se banhar, ele próprio terá de lavar o pênis antes da cabeça, pois esta (onde está localizada a boca) é muito mais suja que aquele, numa clara referência à prática de sexo oral pelo personagem alvejado.

A mesma ideia é apresentada de maneira mais contundente em 2.42. Nesse epigrama de apenas um dístico, o eu poético exorta, ironicamente, Zoilo a sujar a banheira lavando nela a cabeça, indicando que a prática de intercurso oral é mais degradante que a prática de intercurso anal:

2.42

*Zoile, quod solium subluto podice perdis,
spurcius ut fiat, Zoile, merge caput.*

Por que, Zoilo, sujas a banheira lavando ali a bunda?

Deixa-a mais imunda, Zoilo, enfia ali a cabeça.

Essa ideia de conspurcar a banheira retorna ainda em 6.81:

6.81

Iratus tamquam populo, Charideme, lauaris:

inguina sic toto subluis in solio.

Nec caput hic uellem sic te, Charideme, lauare.

Et caput, ecce, lauas: inguina malo laues.

Tu tomas banho, Caridemo, como se estivesses tomado de ira pelo povo,
assim mergulhas a virilha por toda a banheira.

Nem a cabeça eu queria que aqui lavasses, Caridemo.

E a cabeça, veja, lavas: prefiro que laves a virilha.

Caridemo, que em 6.56 tentava esconder suas preferências sexuais, aparece aqui conspurcando a banheira (vv. 1-2) como “se estivesse tomado de ira pelo povo” ao mergulhar nela sua virilha. A graça do epigrama, já garantida pelo ridículo dessa imagem, é ampliada nos versos seguintes, primeiro com o aviso do eu epigramático de que nem a cabeça ele gostaria que Caridemo lavasse (verso 3). No verso 4, na aguilhada final do epigrama, o eu poético é categórico: “prefiro que laves a virilha”. Caridemo, como já sabíamos pelo epigrama 6.56, era praticante de sexo oral; um *fellator* ou *cunnilincto*r, prática que, segundo Marcial, deixava máculas morais e físicas, tornando sua cabeça mais poluída que sua virilha. Nesse epigrama, como em outros, não é possível distinguir se o objeto da invectiva era um *fellator* ou um

cunnilinctor, no entanto, há epigramas em que essa distinção é possível. Trataremos da prática de *cunnilingus* no próximo tópico.

4.2.2 *Cunnilingus*

Figura 11 – Homem fazendo *cunnilingus* na mulher.

Fonte: Pompeia, Banhos Suburbanos, apodyterium 7, cena IV. Foto Michael Larvey (Clarke, 1998, p. 279).

Como já dissemos, as práticas de *fellatio* e de *cunnilingus* eram igualmente condenáveis, pois em ambas o homem assumia um papel não ativo, não viril, isto é, de não penetrador. Nesse contexto, tomando a mulher como essencialmente passiva e prática de sexo oral em outra pessoa como também uma atividade passiva (isto é, de não penetração do pênis), temos no caso do *cunnilingus*, uma espécie de “dupla” passividade.

No afresco da figura 11, vemos uma cena de *cunnilingus*. No epigrama 3.88, já visto no item anterior, Marcial apresenta dois irmãos que têm por hábito o intercursos oral no papel passivo e, desta forma, apresenta a possibilidade de grande semelhança entre as duas práticas:

3.88

Sunt gemini fratres, diuersa sed inguina lingunt.

Dicite, dissimiles sunt magis an similes?

São dois irmãos gêmeos, mas lambem órgãos diferentes.

Dizei-me, são mais diferentes ou semelhantes?

Já no epigrama 3.96, o eu epigramático, cuja garota estaria tendo relações com um certo Gargílio, ameaça o adúltero com a *irrumatio*:

3.96

*Lingis, non futuis meam puellam
et garris quasi moechus et fututor.
si te prendero, Gargili, tacebis.*

Tu não fodes a minha garota, tu a chupas,
e te gabas de ser adúltero e comedor.
Se te pego, Gargílio, ficarás calado.

Note-se que, logo no início do primeiro verso, o *vício* é apresentado: Gargílio chupa (*linguis*), não fode (*non futuis*), que seria a prática esperada de um *uir*. Apesar disso, se intitula um *fututor*, papel masculino por excelência. Como vimos em 2.47, havia a possibilidade legal de um marido traído submeter sexualmente o amante da esposa. Aqui, embora não se trate da mesma situação, pois a “vítima” de Gargílio não é uma “esposa”, mas uma *puella* (isto é, uma garota, que tanto pode ser uma escrava quanto uma cortesã), a ameaça final é a mesma. A ameaça com a qual Marcial termina o poema, a “agulhada” do epigrama é bastante comum, como já vimos: uma ameaça de *irrumatio*.

Vejamos mais um caso de epigrama que trata do sexo oral praticando por um *uir* em mulheres, desta vez prostitutas:

9.4

Aureolis futui cum possit Galla duobus

Et plus quam futui, si totidem addideris:

Aureolos a te cur accipit, Aeschyle, denos?

Non fellat tanti Galla. Quid ergo? Tacet.

Já que se pode foder Gala por duas moedas de ouro

e mais do que foder, se adicionares o mesmo tanto,

por que, Ésquilo, ela recebe de ti dez moedas de ouro?

Gala não cobra tanto para chupar. Para que, então? Para calar.

No verso 1, o eu epigramático diz que, para manter intercurso vaginal com Gala, é preciso desembolsar a quantia de dois *aurei*. No verso 2, somos informados de que, para algo mais, é necessário aumentar o pagamento. No verso 3, pergunta-se a Ésquilo por que, no caso dele, a prostituta cobra dez *aurei*, já que (v. 4) nem para fazer uma *fellatio* ela não cobra tanto. O epigrama termina com a explicação: “para calar”. O sentido desse final, onde esperamos o fechamento mordaz, tão característico de Marcial, o *fulmen in clausula*, pode não ser tão aparente para o leitor do século XXI, mas deveria ser para um contemporâneo do poeta.

Examinemos com mais vagar esse epigrama. A primeira palavra do epigrama é *aureolus*, diminutivo de *aureus*, que designava a moeda de ouro, equivalente a 400 asses (a moeda romana de menor valor). Logo vemos que ela cobrava 800 asses por seus serviços “básicos”, podendo aumentar esse valor, negociando de acordo com os serviços pedidos. McGuinn (2004, p. 44-45), que estudou a economia envolvendo a prostituição em Roma, afirma que esse valor deveria ser exagerado, por motivos cômicos (2004, p. 41). Ao analisar as fontes disponíveis, que vão da literatura às inscrições parietais, ele aponta quais seriam os preços cobrados por prostitutas e define que o preço de 1 asse seria atipicamente baixo, talvez pedido por prostitutas mais velhas ou menos atraentes. Ao menos em Pompeia o valor de 2 asses pode ser aceito como a taxa básica para prostitutas mais baratas. Na outra ponta da escala, os valores giravam em torno de 16 asses.

Dessa forma, podemos inferir que um leitor de Marcial veria algo “estranho” ao ver uma prostituta cobrar a incrível quantia de dois *aurei* (ou 800 asses) por seus serviços. No verso 2, a ideia de negociar valores diferentes para outros serviços era uma prática comum (MCGUINN, 2004, p. 47). No entanto, temos no epigrama uma ideia recorrente em Marcial, a de que existem atos sexuais mais vis (portanto mais reprováveis do que outros), e isso, em certa medida, é quantificado nesse epigrama. Assim, temos, no verso 1, dois *aurei* para o intercuro vaginal, e, no verso 2, sabemos que ela cobraria o dobro por algo além de *foder*, possivelmente, intercuro anal ou *fellatio*. No verso 3, temos a quantia exorbitante paga por Ésquilo, 10 *aurei*, cinco vezes o valor inicial. Por fim, no último verso, somos informados de que ela não cobra tanto pela *fellatio*. Nesse ponto se esgotam as possibilidades de atos performados por ela. Resta, portanto, algo que seja feito por Ésquilo em Gala, algo tão reprovável que ele paga para que ela guarde segredo, indicando que Ésquilo, muito provavelmente é um *cunnilincto*.

Com uma construção semelhante, o epigrama 9.67 volta a apresentar Ésquilo e suas práticas “reprováveis”:

9.67

Lasciuam tota possedi nocte puellam,

cuius nequitias uincere nemo potest.

Fessus mille modis illud puerile poposci:

ante preces totum primaque uerba dedit.

5 *Improbis quiddam ridensque rubensque rogavi:*

pollicita est nulla luxuriosa mora.

Sed mihi pura fuit; tibi non erit, Aeschyle, si uis

accipere hoc munus condicione mala.

Durante toda a noite possuí uma garota lasciva,

cujas safadezas ninguém pode vencer.

Já cansado de mil maneiras, pedi-lhe aquilo que se pede a um garoto:

diante dos pedidos e já às primeiras palavras, ela o deu inteiro.

5 Rindo e corando, pedi algo mais reprovável:

cheia de luxúria, me prometeu, sem demora.

Mas comigo foi pura, contigo não será, Ésquilo, se queres

aceitar este serviço com más condições.

Nesse epigrama, o eu poético narra uma noite de amores com uma garota lasciva (assim como ocorrera em 3.96, o termo *puella*, do verso 1, indica uma escrava ou uma cortesã, aqui, provavelmente, a segunda opção). Nos versos 3-4 ele conta que, cansado, pediu a ela o que se pede a um garoto (*puer*), ou seja, intercuro anal, e foi atendido. Para o leitor habituado com o protocolo sexual defendido por Marcial, já se torna patente a gradação entre os diferentes atos sexuais. Passamos da *fututio*, o que seria mais esperado de uma garota, para a *pedicatio*. Nos versos 5-6, o eu epigramático pede algo mais, muito possivelmente, pelo que se desenha, uma *fellatio*. Por fim, nos versos 7-8, ficamos sabendo que não aconteceu o esperado (ou seja, a felação não aconteceu), e que ela saiu do encontro, portanto, “pura”, mas que o mesmo não aconteceria com Ésquilo. O motivo está no último verso: para aceitar fazer a *fellatio*, a *puella* teria imposto “más condições”, as quais não foram aceitas pelo eu epigramático, mas o seriam por Ésquilo. Como Henriksen (1999, p. 74) sugere, essas tais “más condições” implicariam em uma reciprocidade, fato inaceitável para o eu poético, mas perfeitamente aceitável para Ésquilo. Em outras palavras, a prostituta teria exigido um *cunnilingus* em troca da *fellatio*.

Na obra de Marcial, a prática de sexo oral em mulheres é tão vil que poderia ser vista como doença, como em 1.77 e 11.61, ou despertar a fúria dos astros, como em 11.85; poderia, até mesmo, ser um castigo dos deuses, como em 2.84. Vejamos.

Em 1.77, Carino é descrito como pálido, embora, aparentemente, não tenha motivos para a palidez.

1.77

Pulchre valet Charinus, et tamen pallet.

Parce bibit Charinus, et tamen pallet.

Bene concoquit Charinus, et tamen pallet.

Sole utitur Charinus, et tamen pallet.

5 *Tingit cutem Charinus, et tamen pallet.*

Cunnum Charinus lingit, et tamen pallet.

Vai bem de saúde Carino e, mesmo assim, é pálido.

Bebe pouco Carino e, mesmo assim, é pálido.

Tem boa digestão Carino e, mesmo assim, é pálido.

Aproveita o sol Carino e, mesmo assim, é pálido.

5 Colore a pele Carino e, mesmo assim, é pálido.

Lambe boceta Carino e, mesmo assim, é pálido.

O epigrama tem uma estrutura interessante, como aponta Citroni:

O brilhante efeito cômico desse epigrama está, acima de tudo, em sua construção singular. Cada verso tem a mesma estrutura: nos dois primeiros pés é indicado um motivo que faz a palidez de Carino parecer estranha. Em cada verso, são seguidas as mesmas palavras (...*Charinus et tamen pallet*). De verso em verso, as razões por que a palidez de Carino parece estranha são colocadas em um clímax ascendente evidente. (1975, p. 246)⁵⁹.

Dessa forma, temos a informação de que Carino está bem de saúde (v. 1), de que ele bebe pouco (v. 2), de que ele tem boa digestão (v. 3), de que ele aproveita o sol (v. 4) e de que ele usa cosméticos para “colorir” a pele (v. 5); ainda assim ele permanece pálido. No verso 6, um dado importante que aumenta o efeito cômico: nem a vergonha de ser um *cunnilinctor* é capaz de fazer Carino corar. O uso da expressão “*cunnum lingit*”, literalmente “lambe boceta”, além de aumentar o efeito cômico da palidez de Carino, pode servir para explicá-la, como lembra Citroni (1975, p. 248): toma-se o vício (*uitium*) pela doença (*morbus*) e, dessa forma, atribui-se a palidez própria da doença ao vicioso.

⁵⁹ Tradução nossa: “Il brillante effetto comico di questo epigrama è soprattutto nella sua singolare costruzione. Ogni verso ha la stessa struttura: nei primi due piedi è indicato un motivo che fa apparire strano il pallore di Carino. Seguono, in ciascun verso, le stesse parole (...*Charinus et tamen pallet*). Di verso in verso i motivi per cui appare strano il pallore di Carino sono collocati in una evidente climax ascendente” (CITRONI, 1975, p. 246)

Em 11.61, um certo Naneio que também era um *cunnilinctor* é atacado por estranha doença que o impede de continuar com seus prazeres impuros:

11.61

Lingua maritus, moechus ore Nanneius,

Summemmianis inquinatio buccis,

quem cum fenestra uidit a Suburana

obscena nudum Leda, fornicem cludit

5 *mediumque mauult basiare quam summum,*

modo qui per omnes uiscerum tubos ibat

et uoce certa consciaque dicebat

puer an puella matris esset in uentre,

- gaudete cunni; uestra namque res acta est -

10 *arrigere linguam non potest fututricem.*

Nam dum tumentis mersus haeret in uulua

et uagientes intus audit infantes,

partem gulosam soluit indecens morbus.

Nec purus esse nunc potest nec impurus.

Naneio, marido com a língua, adúltero com a boca,

mais sujo que as bocas sumemianas,

a quem, quando o vê, nu, de sua janela na Subura,

a obscena Leda fecha o bordel

5 e prefere beijá-lo no meio a beijá-lo em cima;

ele que há pouco ia por todos os canais das vísceras

e com voz certa e segura dizia
 se a mãe tinha no ventre um menino ou uma menina;
 alegrai-vos, bocetas, pois vossa missão está concluída:
 10 ele não pode mais entesar a língua fodedora.
 Pois, enquanto estava enfiado em uma inchada vulva
 e dentro ouvia os vagidos das crianças,
 uma doença horrível fez apodrecer sua parte gulosa.
 Agora não pode ser nem puro nem impuro.

Logo no verso 1, somos apresentados a Naneio e às suas preferências sexuais, inequivocamente marcadas pelas palavras “língua” (*lingua*) e “boca” (*os*); no verso 2, ele é considerado mais sujo dos que as prostitutas do Sumêmio, região de Roma, próxima às muralhas, frequentado por pessoas de má reputação. Nos versos 3-5, vemos a reação de Leda, uma prostituta da Subura, bairro conhecido pelo baixo meretrício. Aqui, ao contrário do visto em 11.65, quem demonstra vergonha é a prostituta, por isso ela corre fechar o bordel.

No verso 3, a palavra “nu” deve causar certa estranheza, pois seria improvável imaginar Naneio, nu, andando pelas ruas da Subura. Kay (1985, p. 205) apresenta uma explicação plausível para esse verso: para ele, Naneio não está, de fato, nu; *nudum* deveria indicar que seus genitais estavam à mostra e, como vimos no verso 1, ele usa a língua como se fosse o pênis. Então, o que aparece é sua face, descoberta, não seu corpo ou seus genitais. Essa ideia de equiparar a língua ao pênis é retomada no final do epigrama. A aversão que a boca de Naneio causa em Leda é tamanha que ela prefere beijá-lo ao meio, isto é, no pênis, a beijá-lo na boca (verso 5).

Nos versos 6-8, para descrever a familiaridade de Naneio com a genitália feminina, o poeta afirma que era capaz de percorrer com a língua “todos os canais das vísceras” (*omnes viscerum tubos*), ou seja, a vulva, a vagina e o útero⁶⁰, e que, por isso, era capaz de predizer o sexo das crianças por nascer. Nos versos 9-10, o eu

⁶⁰ Vale lembrar que os antigos romanos não dispunham dos mesmos conhecimentos sobre anatomia de que dispomos hoje e que, por isso, embora o termo genérico “vísceras” soe estranho, no caso desse epigrama, descreve os órgãos reprodutores femininos.

epigramático anuncia que ele não pode mais levantar a língua fodedora (note-se que a caracterização da língua como *fututrix* reforça a ideia de equipará-la ao pênis), “impotência” cujo motivo é explicado nos versos 11-13: enquanto Naneio estava com uma mulher, foi vitimado por uma doença que lhe apodreceu a língua. No último verso, o fecho cômico: Naneio não pode ser puro (*purus*), pois é um *cunnilinctor*, mas também já não pode mais ser impuro (*impurus*), já que a horrível doença o tornou impotente.

Assim como no epigrama que acabamos de analisar, em que Naneio foi acometido por uma doença, em 11.85, Zoilo, que já vimos nos epigramas (2.42, 11.30), recebe uma punição semelhante:

11.85

*Sidere percussa est subito tibi, Zoile, lingua,
dum lingis. Certe, Zoile, nunc futuis.*

De repente, Zoilo, tua língua foi atingida pelos astros,
enquanto lambias. Com certeza, Zoilo, terás agora que foder.

O epigrama de apenas um dístico é bem direto. No primeiro verso, a língua de Zoilo é “atingida pelos astros”. Segundo Kay (1985, p. 246), os antigos acreditavam que os raios vinham dos astros, mais especificamente dos planetas Júpiter, Marte e Saturno; também era corrente a crença de que raios causavam paralisia em pessoas e animais⁶¹. No verso 2, o eu epigramático, que neste epigrama se dirige ao próprio Zoilo, revela que o fato aconteceu enquanto Zoilo “lambia”, o que remete, provavelmente, à prática de *cunnilingus*. As consequências da paralisia são explicadas na sequência: Zoilo terá agora de fazer algo de que aparentemente não gosta: praticar intercursos vaginal (*futuis*), como esperado de um homem.

Por fim, no epigrama 2.84, o gosto pelo *cunnilingus* aparece como uma punição imposta por Vênus:

2.84

⁶¹ Outra possibilidade é atribuir a paralisia a um evento astrológico.

Mollis erat facilisque uiris Poeantius heros:

uulnera sic Paridis dicitur ulta Venus.

Cur lingat cunnum Siculus Sertorius, hoc est:

alter ab hoc caesus, Rufe, uidetur Eryx.

Era efeminado e fácil aos homens o Peânncio⁶² herói:

assim, dizem, Vênus vingou as feridas de Páris.

O motivo pelo qual o siciliano Sertório lambe bucetas é este:

parece que ele, Rufo, matou outro Érix⁶³.

O epigrama, como aponta Williams (2004, p. 255), traz a mesma ideia de uma classificação ordenada das práticas sexuais, como visto em 2.28 em 2.47. Ele começa com um *exemplum* mitológico, como já vimos em vários outros epigramas. Aqui Filoctetes (chamado de “Peânncio” por ser filho de Peante), o herói grego considerado o responsável pela morte de Páris durante a Guerra de Troia, é punido por Vênus, sua protetora. A punição da deusa é informada no verso 1: ele se tornara efeminado (*mollis*) e fácil aos homens. No verso 3, é dito que um certo Sertório, da Sicília, é um *cunnilinctor* por talvez ter assassinado “um outro Érix”. Vênus teve um filho chamado Érix que foi morto por Hércules em uma luta de pugilato. Desta forma, pensando na gradação de aceitabilidade de diferentes atos sexuais, comum nos epigramas de Marcial, há uma certa lógica nos “vícios” e nos motivos que levaram a eles. Nos dois primeiros versos, Filoctetes, que assassinou um protegido de Vênus, é punido sendo transformado em “efeminado” e “fácil aos homens”; já Sertório, por ter um “vício” mais grave, deve ter cometido uma afronta maior à deusa, por isso a sugestão de que tenha matado não um simples protegido, mas alguém muito mais querido por Vênus, no caso, um filho seu.

⁶² **Poeantius heros:** “Peânncio herói” refere-se a Filoctetes, filho do rei Peante, considerado por algumas fontes como o responsável pela morte de Páris.

⁶³ **Érix:** filho de Afrodite e Butes (um dos argonautas). Quando Hércules passava pela Sicília com os bois de Gerião, Érix o desafiou para uma luta de pugilato e terminou morto.

4.3 QUE COISA COMPLICADA É UM HOMEM FORMOSO

Nos epigramas que apresentamos até agora, o motivo do vitupério estava ligado a alguma prática sexual específica, considerada como um desvio em relação ao protocolo sexual defendido por Marcial. No entanto, essa categoria, apresentada no capítulo 2, não esgotam os motivos para vitupério. Em muitos dos epigramas que já apresentamos, encontramos várias referências a homens que seriam efeminados, acompanhadas de indicações de práticas sexuais consideradas desviantes. No entanto, há epigramas em que o vitupério não recai, expressamente, sobre atividades sexuais, mas sobre costumes e indicações de que as pessoas-alvo não seriam propriamente masculinas. É o caso do epigrama 3.63, que descreve Cótulo, personagem que conhecemos do epigrama 2.70.

3.63

Cotile, bellus homo es: dicunt hoc, Cotile, multi.

Audio: sed quid sit, dic mihi, bellus homo.

'Bellus homo est, flexos qui digerit ordine crines,

balsama qui semper, cinnama semper olet;

5 *cantica qui Nili, qui Gaditana susurrat,*

qui mouet in uarios bracchia uulsa modos;

inter femineas tota qui luce cathedras

desidet atque aliqua semper in aure sonat,

qui legit hinc illinc missas scribitque tabellas;

10 *pallia uicini qui refugit cubiti;*

qui scit quam quis amet, qui per conuiuia currit,

Hirpini ueteres qui bene nouit auos.'

Quid narras? Hoc est, hoc est homo, Cotile, bellus?

Res pertriosa est, Cotile, bellus homo.

Cótilo, és um homem formoso. Muitos, Cótilo, dizem isso.

Ouçó, mas, dize-me, o que é um homem formoso?

“Homem formoso é aquele que bem arruma seus cabelos cacheados,
que sempre cheira a bálsamo, que sempre cheira a canela;

5 aquele que cantarola canções do Nilo e canções de Gades,
que move os braços depilados em variados ritmos;

aquele que, entre cadeiras femininas, durante todo o dia,
senta-se e sempre murmura algo nos ouvidos,

e que lê e escreve bilhetinhos enviados daqui e dali;

10 aquele que evita a parte do manto do vizinho que cobre o cotovelo;

aquele que sabe quem é a amada de cada homem e que percorre todos os

[banquetes,

e que conhece bem os velhos avós de Hirpino.”

O que me contas? É isto, Cótilo, é isto um homem formoso?

É uma coisa bem complicada, Cótilo, um homem formoso.

Nos versos 1-2, o eu epigramático se dirige a Cótilo chamando-o de *bellus* (“formoso”) e logo em seguida lhe pergunta: “O que é um homem formoso?” Citroni (1975, p. 47), ao comentar o epigrama 1.99, afirma que *bellus* é um adjetivo de uso afetoso, normalmente usado em relação a crianças e mulheres. Nos dez versos seguintes (vv. 3-12), Marcial apresentará uma descrição bem viva do que seria um homem *bellus*.

Nos versos 3-4, menciona o cuidado exagerado com a aparência: um homem formoso é aquele que cuida em excesso dos cabelos, tornando-os cacheados (verso 3), e que se preocupa com os odores corporais, usando bálsamos e produtos aromáticos. Nos vv. 5-6, fala de seus gostos estrangeiros reprováveis (lembre-se que o Egito e a cidade de Gades eram conhecidos por sua licenciosidade; sobre isso, v.

n. a 3.63.5 e a 4.62.3 na Parte II de nossa dissertação). Menciona ainda, no mesmo dístico, a prática a depilação, que era vista como um sinal de efeminação.

O homem *bellus* – continua Cótulo – passa o dia em cadeiras femininas trocando bilhetinhos e murmurando fofquinhas (versos 7-9), diferentemente do *uir*, que se ocupava no fórum, no Senado e na administração do estado, fazendo uso da oratória. O “homem formoso” é aquele que vai a todos os banquetes e tem conhecimento da vida amorosa de todos (verso 11), mas que, no triclinio, durante os banquetes, não quer sujar as vestes ao encostar seu braço no conviva ao seu lado (v. 10) e que tem entre seus assuntos de conversa os cavalos de corrida, como Hirpino, famoso à época do epigramatista. Marcial termina o epigrama com a indignação do eu epigramático à resposta de Cótulo (vv. 13 - 14): “É uma coisa bem complicada, Cótulo, um homem formoso”.

No epigrama 12.39, Marcial faz um jogo de palavras com o nome de Sabelo, um “homem” belo:

12.39

*Odi te, quia bellus es, Sabelle.
Res est putida bellus; et Sabellus.
Bellum denique malo, quam Sabellum.
Tabescas utinam, Sabelle belle!*

Eu te odeio, Sabelo, porque és belo.
É coisa pútrida um belo, assim como Sabelo.
Enfim, prefiro algo belo a Sabelo.
Oxalá apodreças, de modo belo, Sabelo.

No primeiro verso, o eu epigramático diz odiar Sabelo por ele ser belo e, como vimos em 3.63, *bellus* pode ser um indicativo de que o sujeito é um efeminado. De maneira direta ele continua a atacar Sabelo, pois “belo” é uma “coisa pútrida” (verso 2) e ele prefere algo “belo” a Sabelo (verso 3). Aqui, é importante destacar que a palavra *bellum* pode ser tanto o acusativo de *bellus* (o adjetivo “belo”) quanto de *bellum* (o substantivo “guerra”); dessa forma, uma possibilidade mais interessante de tradução seria: “*Enfim, prefiro algo bélico a Sabelo*”. Por fim, no verso 4, o eu epigramático deseja que Sabelo apodreça belamente (*belle*).

Cótilo e Sabelo, esses homens *belli*, são atacados porque se distanciam de um modelo idealizado de virilidade romana, sobre o qual Thuillier comenta:

Os *pilosi* citados são estes heróis, estes *virii*, da época real e dos inícios da República: eles são alguns dos “peludos” das primeiras guerras que possibilitaram que Roma se tornasse progressivamente dona do mundo (por exemplo, Camilo, denominado *fatalis dux*, “chefe escolhido pelo destino”, conquistador da grande cidade etrusca de Veios, em seguida vencedor dos Gauleses, que haviam tomado Roma). [...] A conclusão aqui é evidentemente clara: um “homem” tão bem depilado faz o papel da mulher, evidentemente, no plano sexual. Austeros e peludos nas origens de Roma, representados como bandos de pré-históricos: é assim que a tradição romana, que o *mos maiorum* queriam ver os primeiros habitantes da *Urbs*; uma imagem indubitavelmente fantasmagórica que não corresponde mais àquela que nos apresenta o homem romano dos séculos mais civilizados – mas nossas fontes literárias, embora datem de decênios que giram ao redor de uma mudança de era, não deixam de reenviar com frequência aos períodos anteriores. (THUILLIER, 2013, pp. 107-108).

Essa caracterização de hipervirilidade é aplicada, na obra de Marcial, a personagens que tentam esconder suas práticas e/ou seus costumes. No epigrama 7.58, por exemplo, Gala tem problemas pelo fato de escolher maridos que, justamente, se afastam desse ideal de virilidade romana:

7.58

*Iam sex aut septem nupsisti, Galla, cinaedis,
dum coma te nimium pexaque barba iuuat.
Deinde experta latus madidoque simillima loro
inguina nec lassa stare coacta manu,
5 deseris inbelles thalamos mollemque maritum;
rursus et in similes decidis usque toros.
Quaere aliquem Curios semper Fabiosque loquentem,
hirsutum et dura rusticitate trucem:
inuenies: sed habet tristis quoque turba cinaedos.
10 Difficile est uero nubere, Galla, uiro.*

Já te casaste, Gala, com seis ou sete viadinhos,
pois te agrada muito cabelo e barba bem cuidados.
Depois, tendo experimentado o seu vigor e os seus genitais

- parecidos com couro molhado e que não se levantam nem estimulados por
[exausta mão,
- 5 abandonas os efeminados tálamos e o frouxo marido
e de novo caís nos leitos costumeiros.
- Busca alguém que sempre fale dos Cúrios e dos Fábios,
hirsuto e selvagem com dura rusticidade:
tu o encontrarás: mas também essa turba severa possui veados.
- 10 Difícil é, Gala, casar-se com um homem de verdade.

No versos 1-2, eu epigramático lembra a Gala que ela já se casou com sete homens efeminados, por gostar de homens de cabelos compridos e barbas bem aparadas. Mas, continua ele nos versos 3-6, ela tem se arrependido, pois o cuidado com o corpo se mostra um indicativo de efeminação, de forma que ela acaba por retornar aos “leitos costumeiros”, ou seja, volta a ter relações com homens que correspondam ao padrão romano de virilidade. Nos versos 7-9, o eu poético aconselha que ela procure alguém que fale dos Cúrios e dos Fábios, isto é, alguém que fale dos peludos (*pilosi*) do início da República, mencionados por Thullier (2013). De fato, “Fábios” diz respeito à *gens Fabia*, que teve muitas personagens históricas importantes, e “Cúrios” evoca Mário Cúrio Dentato, que foi cônsul algumas vezes e era idealizado por sua incorruptibilidade e frugalidade (cf. OCD, s. v.). No entanto, o eu epigramático faz uma advertência: mesmo no meio dessa “turba severa” também existem efeminados. Por fim, no verso 10, fechando o poema com sua aguilhada característica, o eu epigramático diz que o que é difícil é “casar-se com um homem de verdade”, isto é, um homem que consiga desempenhar o papel sexual que se espera dele.

Essa tópica não é exclusiva de Marcial. Por exemplo, Juvenal, na sátira 2 (versos 1-21), retoma essa temática. Vejamos:

Juvenal 2 (vv. 1-21)

*Ultra Sauromatas fugere hinc libet et glaciale
Oceanum, quotiens aliquid de moribus audent
qui Curios simulant et Bacchanalia uiuunt.*

- Indocti primum, quamquam plena omnia gypso*
- 5 *Chrysippi inuenias; nam perfectissimus horum,*
si quis Aristotelen similem uel Pittacon emit
et iubet archetypos pluteum seruare Cleanthas.
Frontis nulla fides; quis enim non uicus abundat
tristibus obscaenis? Castigas turpia, cum sis
- 10 *inter Socraticos notissima fossa cinaedos?*
Hispida membra quidem et durae per bracchia saetae
promittunt atrocem animum, sed podice leui
caeduntur tumidae medico ridente mariscae.
Rarus sermo illis et magna libido tacendi
- 15 *atque supercilio breuior coma. Verius ergo*
et magis ingenue Peribomius; hunc ego fatis
inputo, qui uultu morbum incessuque fatetur.
Horum simplicitas miserabilis, his furor ipse
dat ueniam; sed peiores, qui talia uerbis
- 20 *Herculis inuadunt et de uirtute locuti*
clunem agitant. (...)

Para além dos Sármatas⁶⁴ e do Oceano Glacial

é agradável fugir daqui toda vez que se atrevem a falar algo sobre os costumes
aqueles que se fingem de Cúrios e vivem bacanais⁶⁵.

⁶⁴ **Sármatas**, *Sauromatae*: povo indo-europeu originário da região a leste do rio Don (na atual Rússia). A Sarmátia, enquanto região, designava as regiões ao norte do *Pontus Euxinus* (Mar Negro) e a leste da *Germania*, correspondendo hoje a partes da Rússia, Ucrânia e Bielorrússia.

⁶⁵ **Bacanais**, *Bacchanalia*: referência aos festivais e/ou aos rituais em honra a Baco. O culto a Baco era organizado em células e permitia que seus líderes tivessem influência e poder sobre os membros

Mais do que tudo, são uns ignorantes, embora encontres todas as suas casas
 5 repletas de bustos de gesso⁶⁶ de Crisipo; de fato, o cúmulo da perfeição, para
 [eles
 é comprar uma efígie de Aristóteles ou de Pítaco
 ou guardar na prateleira originais de Cleantes⁶⁷.
 Não confies em seus rostos; pois, qual rua não transborda
 de pervertidos de aspecto austero? Repreendes as torpezas ainda que sejas
 10 a mais conhecida fossa entre os veadinhos socráticos?
 É verdade, teus membros peludos e as cerdas duras por todos os teus braços
 prometem um espírito severo, mas do teu cu depilado
 o médico, rindo, extirpa hemorroidas inchadas como figos⁶⁸.
 Esses sujeitos são de poucas palavras, têm grande prazer em ficar calados
 15 e o cabelo mais curto⁶⁹ que as sobrancelhas. Logo,
 Peribômio⁷⁰ é mais verdadeiro e sincero, ele que confessa
 seu vício (que eu atribuo aos Fados) na aparência e no jeito de andar.
 A franqueza destes últimos é lamentável, sua própria loucura
 lhes garante perdão; mas os piores são aqueles que tais vícios
 20 atacam, com palavras de um Hércules, e discorrem sobre a virtude
 balançando a bunda.

de cada célula, fato que colocava em xeque a estrutura romana de poder. Esse fato, além da imagem de ritos orgiásticos, levou o Senado a proibir o culto ao deus do vinho em 186 a.C. (OCD, s. v.).

⁶⁶ Bustos de gesso eram um enfeite comum nas casas daqueles que se dedicavam à filosofia (BALASCH, 1991, p. 99).

⁶⁷ **Crisipo, Cleantes e Aristóteles** eram chefes de escolas filosóficas; **Pítaco** era um dos “Sete Sábios da Grécia” (cf. Ramos, 1996, p. 14).

⁶⁸ Ver Marcial 1.65, em que o poeta faz um trocadilho entre “figos” e “hemorroidas”.

⁶⁹ Referência aos estoicos, que andavam de cabeça raspada como sinal de desprezo por elegância corporal.

⁷⁰ Sumo sacerdote da Deusa Cibele, portanto um eunuco.

Juvenal, sobre cuja vida pouco se sabe, viveu em fins do século I e início do século II de nossa era (OCD, s. v.) e, embora mais novo, foi contemporâneo de Marcial, que o cita nos epigramas 7.24, 7.91 e 12.18. Os dois poetas compartilham, também, algumas tópicas e alguns pontos de vista sobre a sociedade romana, fundamentados nos mesmos princípios morais da aristocracia. A sátira II, com 170 versos, pode ser dividida em várias partes, conforme os tópicos de que trata; o trecho por nós selecionado tem como tema a “hipocrisia dos homossexuais intelectuais”⁷¹ (conforme RAMOS, 1996, p. [XXVI]).

A sátira começa com um conselho: é mais agradável fugir para as regiões ao extremo norte, bárbaras e geladas, do que aguentar os hipócritas que se fazem passar por homens austeros, ao modo dos antigos romanos, mas frequentam bacanais. A essa hipocrisia, acrescenta outra. Nos versos 4 a 7, tais homens são apresentados como falsos intelectuais, pois enfeitam suas casas com bustos de filósofos, mas são, na verdade, ignorantes. O satirista aconselha o leitor (versos 8-10) a não confiar nesses tipos de aspecto austero, pois, mesmo repreendendo os maus costumes dos outros, podem ser “veadinhos sócráticos” - segundo Ramos (1996, p. 14), essa ideia tem origem na predileção de Sócrates por jovens belos. Nos versos 11 a 13, Juvenal fala dos homens que mantêm o corpo coberto de pelos, mas que depilam o ânus, temática semelhante àquela do epigrama 6.56 de Marcial, no qual o eu epigramático exorta Caridemo a depilar todo o corpo e provar que depila a bunda, a fim de esconder vício mais grave (6.56). Em seguida, o satirista compara esses hipócritas, que guardam silêncio e raspam as cabeças ao modo dos estoicos, com Peribômio, sumo sacerdote da Deusa Cibele e, portanto, um eunuco, o qual denuncia seus gostos na aparência e no modo de andar. Os vícios desse último, Juvenal os atribui aos Fados, como se Peribômio estivesse predestinado a ser sacerdote da deusa; além disso, a própria loucura de tipos como ele lhes serve de desculpa (os sacerdotes de Cibele se autoemasculavam ritualisticamente). Desta forma, os falsos austeros são piores, pois atacam os vícios com fúria digna de Hércules, mas “rebolam a bunda”.

⁷¹ A divisão proposta por Ramos engloba os versos de 1 a 35, no entanto, para nos atermos às tópicas que nos interessam, apresentamos um recorte até o verso 21.

A descrição dos “homossexuais intelectuais hipócritas” também aparece, e de modo muito semelhante, no epigrama 9.47 de Marcial:

9.47

*Democritos, Zenonas inexplicitosque Platonas
quidquid et hirsutis squalet imaginibus,
sic quasi Pythagorae loqueris successor et heres;
praependet sane nec tibi barba minor.*

- 5 *Sed - quod et hircosis carum est et turpe pilosis -
in molli rigidam clune libenter habes.
Tu, qui sectarum causas et pondera nostri,
dic mihi, percidi, Pannyche, dogma quod est?*

De Demócritos, Zenões e inexplicáveis Platões
e de qualquer esquálido de bustos barbudos,
falas como se fosses sucessor e herdeiro de Pitágoras;
e, certamente, não te pende pela frente uma barba menor.

- 5 Mas – o que é agradável para os que cheiram a bode e torpe para os peludos -
tens com prazer no meio da mole bunda um bem rígido.
Tu, que conheces os princípios e as influências das doutrinas,
diz-me, Pânico, ser arrombado, que doutrina filosófica é?

Nos versos 1 a 4, Marcial descreve Pânico, que fala dos filósofos como se fosse ele próprio um discípulo de Pitágoras, de quem, inclusive, imita a longa barba. Nos versos 5-6, o eu epigramático faz a primeira acusação de *pedicatio* em relação a Pânico: ele teria algo bem rígido, isto é, uma *mentula*, “no meio da mole bunda”, situação agradável aos que cheiram a bode, mas torpe aos homens realmente austeros, isto é, aos “peludos”. Por fim, de maneira bem direta, nos versos 7-8, o eu poético pergunta: “ser arrombado (*percidi*), que doutrina filosófica é?”. Essa tentativa de ocultar as práticas sexuais inapropriadas sob um aspecto de moralidade e austeridade também aparece nos epigramas 1.24 e 12.42. Vejamos:

1.24

*Aspicias incomptis illum, Deciane, capillis,
 cuius et ipse times triste supercilium,
 qui loquitur Curios adsertoresque Camillos?
 nolito fronti credere: nupsit heri.*

Vês, Deciano, aquele de cabelos despenteados,
 de quem até tu temes o semblante austero,
 e que fica falando dos Cúrios e dos Camilos salvadores?
 Não acredites na aparência: ontem casou-se como noiva.

Nesse epigrama, o eu poético, dirigindo-se a Deciano, aponta um sujeito com aspecto e conversa de moralidade e austeridade, falando dos Cúrios e dos Camilos. No último verso, somos informados de que esse mesmo sujeito “ontem casou-se como noiva”. Note-se a brevidade da formulação em latim: *nupsit heri*. O verbo *nubo*, de fato, significa casar-se, mas era usado em relação à mulher. Toda a autoimagem de moralidade (e de virilidade) construída pelo sujeito é desmontada com esse verbo. O epigrama 12.42, que veremos a seguir, também trata do casamento de dois “homens”:

12.42

*Barbatus rigido nupsit Callistratus Afro
 hac qua lege uiro nubere uirgo solet.
 Praeluxere faces, uelarunt flammea uultus,
 nec tua defuerunt uerba, Thalasse, tibi.*

5 *Dos etiam dicta est. Nondum tibi, Roma, uidetur
 hoc satis? Expectas numquid ut et pariat?*

O barbudo Calístrato desposou o austero Afro
 seguindo a lei geralmente usada para casar uma donzela a um homem.
 Tochas foram acesas, o rosto foi coberto pelo véu,

nem a ti faltaram tuas palavras, Talássio.

- 5 Até o dote foi fixado. Não te parece, Roma, que já
é suficiente? Acaso esperas que ele até dê à luz?

No verso 1, os dois noivos são descritos com a imagem de austeridade esperada de um homem: Calístrato é barbudo e Afro é austero. Mas, como já vimos, essa imagem poderia ser enganosa. E era, de fato. No verso 2, o eu epigramático conta que se casaram segundo os costumes usados em casamento tradicional, como mostram os versos seguintes. Com efeito, há, nos versos 3-4, uma descrição resumida de um típico casamento romano: a noiva vestiu o *flammeum*, véu vermelho-fogo que era usado pela nubente e que a cobria da cabeça aos pés; as tochas do cortejo foram acesas; e Talássio (ou Talassião), a divindade que personificava o casamento, está presente com “suas palavras”, ou seja, com os ditos e versinhos obscenos que os convidados cantavam aos noivos ao conduzir a noiva à sua nova casa. Nos versos 5-6, a indignação do eu epigramático aumenta, ao falar que até fixaram um dote para a noiva, e o poema termina com a voz poética se dirigindo a Roma: “Não te parece que já é suficiente? Acaso esperas que ele até dê à luz?”. Esse final, repleto do moralismo da aristocracia romana, lembra que, por trás de toda a censura aos costumes que, hoje, trataríamos como homossexuais, estava um dos princípios resguardados pelo *mos maiorum*: a paternidade.

Para encerrar este subcapítulo, vejamos o epigrama 11.78. Ali, um certo Vítor vai se casar e o eu epigramático lhe dá conselhos sobre como superar as adversidades e se “tornar um homem”:

11.78

Utere femineis complexibus, utere, Victor,

ignotumque sibi mentula discat opus.

Flammea texuntur sponsae, iam uirgo paratur,

tondebit pueros iam noua nupta tuos.

- 5 *Pedicare semel cupido dabit illa marito,*

dum metuit teli uulnera prima noui:
saepius hoc fieri nutrix materque uetabunt
et dicent: 'Uxor, non puer, ista tibi est.'
Heu quantos aestus, quantos patiere labores,
 10 *si fuerit cunnus res peregrina tibi!*
Ergo Suburanae tironem trade magistrae.
Illa uirum faciet; non bene uirgo docet.

Aproveita os abraços femininos, Vítor, aproveita,
 e que tua pica aprenda um ofício por ela desconhecido.
 Já foi tecido o véu vermelho da noiva, a virgem já se prepara,
 logo a recém-casada irá cortar os cabelos de teus escravos.
 5 Uma só vez se entregará para que o ardente marido a enrabe,
 enquanto teme as primeiras feridas de um dardo novo:
 a mãe e a ama proibirão que faças isso mais vezes.
 E dirão: “Ela é tua esposa, não teu escravinho”.
 Ah, quantos ardores, quantas labutas sofrerás,
 10 se boceta for uma coisa estranha para ti.
 Portanto, entrega-te como aprendiz de uma mestra da Subura.
 Ela te fará um homem; uma virgem não ensina bem.

Vimos que a prática de sexo anal com jovens escravos era não só aceitável, mas, em certos casos, desejável. Neste poema, o eu epigramático aconselha Vítor, que, pelo tom geral, parece ser seu amigo. O problema gira em torno do desconhecimento de Vítor em relação ao amor com mulheres. Com seu vocabulário usualmente obsceno, Marcial apresenta os problemas do noivo: ele vai se casar e sua

“pica” (*mentula*) deve “aprender” o ofício do sexo com mulheres (versos 1-2). No verso 3, ficamos sabendo que o véu já foi tecido e a noiva se prepara. No verso 4, os problemas de Vítor começam a se avolumar: a futura esposa irá cortar os cabelos dos escravinhos do marido, o que significa, como já vimos, torná-los inapropriados para o sexo. No verso seguinte, o eu epigramático lembra que ele poderá “enrabá-la” (*pedicare*) um única vez (v. 5) por temer a perda da virgindade (v. 6); no entanto, a mãe e a aia a convencerão a não mais ceder nessa modalidade de sexo (v. 6), alegando que a moça é a esposa, e não um escravo (v. 7). Podem-se recordar aqui as diferenças entre os *pueri* e as mulheres, como visto no epigrama 12.96, que termina com o seguinte conselho para a esposa: “*A matrona e mulher deve conhecer seus limites:/ deixa aos garotos a parte deles, aproveita a que te cabe.*” Mas voltemos ao epigrama 11.78. Nos versos 9-10, o eu poético faz um alerta dizendo que Vítor irá sofrer caso não se familiarize com a genitália feminina. Daí o conselho que vem nos dois últimos versos (vv. 11-12): Vítor deve buscar uma mestra da Subura, isto é, uma prostituta experiente, afinal, uma virgem não pode ensiná-lo a ser homem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, além de selecionar e traduzir os epigramas de Marcial que têm como tema relações e práticas homoeróticas, pudemos perceber como estudos sobre gênero e sexualidade podem fornecer ferramentas interessantes para o campo mais amplo dos estudos clássicos e, em nosso caso particular, para a literatura latina.

No caso específico de Marcial, percebemos que o conhecimento sobre o protocolo sexual defendido por ele pode ser de grande valia para o entendimento e apreciação de muitos de seus epigramas, uma vez que tal protocolo – que determina o que pode ou não ser aceito, em termos de atos e práticas sexuais, para o cidadão romano do sexo masculino – é fundamental na criação do humor e da agudeza contidos nos epigramas. Percebemos que a noção de que a categoria “gênero”, obtida pela intersecção do “sexo biológico” com práticas culturais e sociais determinava que o *uir* romano deveria ser um “penetrador impenetrável” e que, a partir dessa noção, podemos descrever um protocolo sexual. Segundo esse modelo, defendido por Marcial e em consonância com o pensamento da elite romana, o *uir* poderia desempenhar atos sexuais “de penetração” em mulheres e jovens escravos. Ao mesmo tempo, práticas passivas ou consideradas passivas, eram vetadas; em uma escala decrescente de “aceitabilidade”. Desta forma o intercuro anal passivo era menos vil que o intercuro oral passivo, considerando, nesse caso, tanto a prática de *fellatio* quanto de *cunnilingus* como igualmente repreensíveis.

Determinar quais práticas e atos eram consideradas desviantes do modelo, além dessa noção de gradação entre mais ou menos aceitáveis, foi fundamental para a análise e compreensão do humor em vários epigramas de Marcial, ajudando a determinar quais práticas homoeróticas podem figurar em um encômio e quais são destinadas ao mais violento vitupério.

PARTE II
EPIGRAMAS TRADUZIDOS

1 INTRODUÇÃO

Em nossa pesquisa selecionamos 139 epigramas de Marcial, nos quais as relações homoeróticas masculinas são, de alguma forma, apresentadas.

São eles:

Do livro I: 9, 23, 24, 31, 58, 65, 77, 92 e 96.

Do Livro II: 10, 12, 21, 22, 23, 28, 36, 42, 43, 45, 47, 51, 54, 57, 61, 62, 70, 72, 84 e 89.

Do Livro III: 63, 65, 71, 73, 74, 80, 81, 82, 83, 84, 88, 91, 95, 96 e 98.

Do Livro IV: 7, 42, 43 e 48.

Do Livro V: 41, 46, 48, 55, 61 e 83.

Do Livro VI: 16, 33, 34, 37, 49, 50, 54, 56, 72, 81 e 91.

Do Livro VII: 10, 29, 34, 55, 58, 62, 67 e 80.

Do Livro VIII: 44, 52 e 63.

Do Livro IX: 4, 5, 7, 11, 12, 13, 16, 17, 21, 25, 27, 36, 47, 57, 63, 67, 69, 73, 90 e 92

Do Livro X: 40, 42, 64, 65, 91 e 98.

Do Livro XI: 8, 15, 20, 22, 26, 28, 30, 43, 45, 47, 58, 61, 63, 66, 70, 72, 73, 78, 85, 87, 88 e 95.

Do Livro XII: 16, 33, 35, 38, 39, 42, 46, 64, 70, 71, 75, 85, 86, 96 e 97.

2 LIVRO I

1.9

*Bellus homo et magnus uis idem, Cotta, uideri:
sed qui bellus homo est, Cotta, pusillus homo est.*

Queres, ó Cota⁷², parecer um homem, além de bonito, grande.
Mas, quem é um homem bonito⁷³, Cota, é um homem insignificante.

1.23

*Inuitas nullum nisi cum quo, Cotta, lauaris
et dant conuiuiam balnea sola tibi.
Mirabar, quare numquam me, Cotta, uocasses:
iam scio, me nudum displicuisse tibi.*

Tu só convidas para jantar, Cota⁷⁴, as pessoas com quem te banhas⁷⁵,
e somente os banhos te dão convivas.
Eu me espantava, Cota, por nunca me teres convidado;
agora sei: eu, nu, te desagradei.

1.24

*Aspicias incomptis illum, Deciane, capillis,
cuius et ipse times triste supercilium,
qui loquitur Curios adsertoresque Camillos?
nolito fronti credere: nupsit heri.*

⁷² **Cota**: personagem fictícia mencionada nos epigramas 1.9, 1.23, 10.14, 10.49, 10.64, 10.88, 12.87.

⁷³ **Bonito**, *bellus*: conforme CITRONI (1975, p. 47), é uma palavra de uso afetuosos, geralmente usada para mulheres e crianças. Seu uso para designar homens adultos traz um aspecto irônico, indicando um homem refinado, um “homem do mundo”, uma vez que o mundo romano valorizava os costumes rústicos.

⁷⁴ V. n. a 1.9.1

⁷⁵ Os banhos, por apresentarem os homens nus, eram locais privilegiados para encontros homoafetivos (CITRONI, 1975, p. 81; CARTELLE, 2004, p. 24; PIMENTEL, 2000a, p. 58). No mesmo sentido, ver epigramas 1.96, 11.22 e 11.63.

Vês, Deciano⁷⁶, aquele de cabelos despenteados⁷⁷,
 de quem até tu temes o semblante austero,
 e que fica falando dos Cúrios e dos Camilos⁷⁸ salvadores?
 Não acredites na aparência: ontem casou-se como noiva⁷⁹.

1.31

*Hos tibi, Phoebe, uouet totos a uertice crines
 Encolpos, domini centurionis amor,
 grata Pudens meriti tulerit cum praemia pili.
 quam primum longas, Phoebe, recide comas,
 5 dum nulla teneri sordent lanugine uultus
 dumque decent fusae lactea colla iubae;
 utque tuis longum dominusque puerque fruuntur
 muneribus, tonsum fac cito, sero uirum.*

A ti, Febo⁸⁰, consagra todos estes cabelos de sua cabeça⁸¹
 Encolpo⁸², amor de seu senhor centurião,
 para quando Pudente conseguir a grata promoção, merecida, a primipilo⁸³.
 Corta, Febo, o quanto antes, a longa cabeleira,
 5 enquanto nenhuma lanugem suja seu delicado rosto,

⁷⁶ **Deciano**: que pode ser o mesmo louvado no epigrama 1.39.

⁷⁷ Os cabelos despenteados indicam os hábitos austeros dos filósofos estoicos; no caso, a personagem é um falso filósofo que se utiliza da aparência de austeridade para esconder sua homossexualidade (CITRONI, 1975, p. 82; PIMENTEL, 2000a, p. 59; VALVERDE e VERGER, 2001, p. 122). O mesmo tópos aparece em Juvenal, II.

⁷⁸ **Cúrios**: referência a Mário Cúrio Dentato, que foi várias vezes cônsul e era idealizado por sua incorruptibiliade e frugalidade. **Camilos**: refere-se a Marco Fúrio Camilo, que foi cinco vezes ditador (396, 390, 389, 368 e 367 a.C.) e venceu os gauleses que haviam saqueado Roma em 390 a.C. Por esse feito foi considerado um segundo Rômulo, ou seja, um segundo fundador de Roma (OCD, s. v.). Esses nomes, no singular ou no plural, acompanhados, ou não, de outros nomes de semelhante relevância, representam e evocam “a virtude do bom tempo antigo” (“*le virtù del buon tempo antico*”) (CITRONI 1975, p. 84).

⁷⁹ **Como noiva**: o verbo *nubere* dizia respeito à ação de uma mulher se casar (OLD s. v. 1). No verso de Marcial aparece *nupsit heri*, “casou-se ontem”. Para mantermos o sentido e preservarmos a graça do epigrama, traduzimos como “ontem casou-se como noiva”. O verbo aparece, com o mesmo sentido, em 12.42.1, em relação a Calístrato e a Afro.

⁸⁰ **Febo**: trata-se de Apolo, a divindade a quem Encolpo oferece seus cabelos.

⁸¹ Neste epigrama o jovem escravo oferece seus cabelos ao deus Apolo para que seu senhor conquiste a promoção.

⁸² **Encolpo**: era um jovem escravo de Aulo Pudente, um centurião amigo do poeta (PIMENTEL, 2000a, p. 61). A relação entre Pudente e Encolpo também é tratada no epigrama 5.48.

⁸³ **Primipilo**, *primipilus*: o centurião mais graduado de uma legião, comandante da 1ª centúria do 1º manipulo da 1ª coorte. Era um cargo de distinção, como explica Vegécio (ver glossário).

e enquanto a cabeleira solta convém ao lácteo pescoço;
e para que aproveitem longamente, o senhor e o escravo,
dos teus favores, faze-o logo de cabelo cortado, tarde um homem.

1.58

*Milia pro puero centum me mango poposcit:
risi ego, sed Phoebus protinus illa dedit.
Hoc dolet et queritur de me mea mentula secum
laudaturque meam Phoebus in inuidiam.
5 Sed sestertium donavit mentula Phoebus
bis decies: hoc da tu mihi, pluris emam.*

Cem mil sestércios⁸⁴ por um escravinho me pediu o mercador.
Eu ri, mas Febo imediatamente os deu.

Isso lamenta minha pica⁸⁵ e de mim reclama para si mesma,
e elogia Febo para que eu sinta inveja.

- 5 Mas a pica de Febo deu a ele dois milhõezinhos
de sestércios: dá-me tu essa quantia que eu pagarei mais.

1.65

*Cum dixi ficus, rides quasi barbara uerba
et dici ficos, Laetiane, iubes.
Dicemus ficus, quas scimus in arbore nasci,
dicemus ficos, Laetiane, tuos.*

Quando eu disse *ficus*⁸⁶, riste como se fosse uma palavra bárbara
e ordenas, Letiliano, que eu diga *ficos*.

Chamarei de *ficus* os que sabemos que nascem em árvores,
Chamarei de *ficos*, Letiliano, os teus.

⁸⁴ O sestércio valia, originalmente, durante o período republicano, dois asses e meio. Após uma reforma implementada por Augusto, passou a valer quatro asses.

⁸⁵ **Pica:** *mentula* era o termo obsceno básico para “pênis”.

⁸⁶ Marcial faz uma brincadeira envolvendo *ficus*, *ficus*, da quarta declinação, que tem o acusativo plural na forma *ficus*, e *ficus*, *fici*, que tem o acusativo plural na forma *ficos*. Ambos significam tanto “figo”, o fruto da figueira, quanto “hemorroidas”, estas comumente associadas, na poesia de Marcial, à prática passiva de sexo anal (CITRONI, 1975, p. 211; PIMENTEL, 2000b, p. 118; CARTELLE, 2004, p. 41).

1.77

Pulchre ualet Charinus, et tamen pallet.

Parce bibit Charinus, et tamen pallet.

Bene concoquit Charinus, et tamen pallet.

Sole utitur Charinus, et tamen pallet.

5 *Tingit cutem Charinus, et tamen pallet.*

Cunnum Charinus lingit, et tamen pallet.

Vai bem de saúde Carino e, mesmo assim, é pálido.

Bebe pouco Carino e, mesmo assim, é pálido.

Tem boa digestão Carino e, mesmo assim, é pálido.

Aproveita o sol Carino e, mesmo assim, é pálido.

5 *Colore a pele Carino e, mesmo assim, é pálido.*

Lambe buceta⁸⁷ Carino e, mesmo assim, é pálido.

1.92

Saepe mihi queritur non siccis Cestos ocellis,

tangi se digito, Mamuriane, tuo.

Non opus est digito: totum tibi Ceston habeto,

si deest nil aliud, Mamuriane, tibi.

5 *Sed si nec focus est nudi nec sponda grabati*

nec curtus Chiones Antiopesue calix,

cerea si pendet lumbis et scripta lacerna

dimidiasque nates Gallica paeda tegit,

pascaris et nigrae solo nidore culinae

10 *et bibis inmundam cum cane pronus aquam:*

non culum, neque enim est culus, qui non cacat olim,

sed fodiam digito qui superest oculum:

nec me zelotypum nec dixeris esse malignum.

Denique pedica, Mamuriane, satur.

⁸⁷ **Buceta:** *cunus* era a obscenidade primária para a genitália feminina.

Muitas vezes Cesto reclama, com olhos úmidos,
por ser tocado por teu dedo, Mamuriano.

Não necessitas do dedo, tenhas Cesto inteiro para ti,
se nenhuma outra coisa falta, Mamuriano, a ti.

- 5 Mas se não tens nem um lar, nem o estrado nu de um catre,
nem um copo lascado de Antíope e Quíone⁸⁸,
se amarelada e remendada te cai pelas costas uma capa⁸⁹,
e um casaquinho gálico te cobre meia bunda,
e se te alimentas somente com o cheiro de uma cozinha esfumaçada,
10 e bebe água imunda, inclinado junto de um cão,
não é o cu, pois não é cu aquele que não caga há tempos,
que te furarei com o dedo, mas o olho⁹⁰ que te sobra.
E não vás dizer que sou ciumento ou avarento.
Enfim, enraba, Mamuriano, mas bem alimentado.

1.96

*Si non molestum est teque non piget, scazon,
nostro rogamus pauca uerba Materno
dicas in aurem sic ut audiat solus.*

Amator ille tristium lacernarum

- 5 *et baeticatus atque leucophaeatus,
qui coccinatos non putat uiros esse
amethystinasque mulierum uocat uestes,
natiua laudet, habeat et licet semper
fuscis colores, galbinos habet mores.*
10 *Rogabit, unde suspicer uirum mollem.
Una lauamur: aspicit nihil sursum,
sed spectat oculis deuorantibus draucos
nec otiosis mentulas uidet labris.
Quaeris quis hic sit? excidit mihi nomen.*

⁸⁸ Antíope e Quíone são nomes de prostitutas

⁸⁹ **Capa:** *lacerna* era uma espécie de capa sem mangas, de pano grosseiro, às vezes dotada de capuz, que se usava sobre a túnica (FERREIRA, s.v.)

⁹⁰ Como apontam Valverde e Verger (2001, p. 162), na tradução se perde o jogo com as palavras *culus* (anus) e *oculus* (olho).

- Se não te é incomodo, nem te desagrada, escazonte⁹¹,
 peço que algumas palavras ao nosso Materno⁹²
 digas ao ouvido, de tal forma que apenas ele escute.
 Aquele amante das lacernas austeras⁹³
- 5 e vestido com lã da Bética⁹⁴ e tecidos cinza-escuros,
 que não julga homens aqueles que se vestem de escarlata⁹⁵
 e chama as vestes roxas de roupas femininas⁹⁶,
 ainda que louve os tecidos naturais e traga sempre
 cores escuras, tem maneiras verde-amareladas⁹⁷.
- 10 Perguntará por que suspeito que o cara seja um efeminado⁹⁸.
 Nós nos banhamos juntos⁹⁹: ele nunca olha para cima,
 mas inspeciona os atletas¹⁰⁰ com olhos devoradores,
 e não olha para suas picas com lábios desinteressados.
 Perguntas quem é o sujeito? Fugiu-me o nome¹⁰¹.

⁹¹ **Escazonte**: ou melhor, trímetro jâmbico escazonte, metro no qual o epigrama foi composto.

⁹² **Materno**: possivelmente a mesma personagem citada em 2.74 e 10.37. Por esse último epigrama, como aponta Citroni (1975, p. 294), sabemos que se trata de um jurisconsulto, conterrâneo do epigramatista, a quem este escreve antes de retornar à Bilbilis natal.

⁹³ **Lacernas austeras**, *tristium lacernarum*: o adjetivo “austeras” se refere aqui às cores escuras das lacernas, uma coloração, segundo Citroni (1975, p. 295), que indica seriedade.

⁹⁴ **Lã da Bética**: lã naturalmente escura e que, por isso, não era tingida, proveniente dos rebanhos da *Baetica*, região da *Hispania* banhada pelo rio *Baetis* (atual Guadalquivir) (PIMENTEL, 2000a, P. 87).

⁹⁵ **Vestido de escarlata** (ou vermelho), *coccinatus*: o termo deriva de *coccum*, a baga do carvalho vermelho (*Quercus coccinea*) usada para tingir tecidos.

⁹⁶ Citroni aponta que as roupas masculinas eram, tradicionalmente, de lã não tingida, escuras, e que as roupas coloridas eram reservadas às mulheres, sendo, para os homens, sinal de efeminação e de depravação de costumes.

⁹⁷ **Maneiras verde-amareladas**, *galbinus mores*: como visto na nota anterior, as cores vivas eram reservadas às mulheres e seu uso pelos homens poderia ser um indicativo de efeminação. Aqui o uso metonímico dessa cor específica indica os costumes da personagem vítima do humor de Marcial. O uso dessa cor, em contexto semelhante, aparece também no epigrama 3.82.5 e em Juvenal 2.97.

⁹⁸ **Efeminado**, *mollis*: o adjetivo latino significa “mole”, “flexível”, “tenro”, “delicado” etc. e é usado para indicar um indivíduo efeminado. Seu uso é bastante frequente em Marcial (cf. 2.84.1, 3.73.4, 5.42.2, 7.58.5 e 12.75.4).

⁹⁹ V. nota a 1.24.1

¹⁰⁰ **Atletas**, *draucos*: segundo Citroni (1975, p. 297), esse termo de etimologia desconhecida designa homens que se apresentavam publicamente em provas de força. A crença pública relacionava força muscular à virilidade; o fato de esses atletas se apresentarem publicamente com *fibulae*, isto é, com uma espécie de “cinto de castidade”, fazia aumentar a conjectura de uma “virilidade excepcional”.

¹⁰¹ Lembremos que Marcial não aponta os nomes, apenas os “vícios”. Ver p. 28.

3 LIVRO II

2.10

Basia dimidio quod das mihi, Postume, labro,

laudo: licet demas hinc quoque dimidium.

Vis dare maius adhuc et inenarrabile munus?

Hoc tibi habe totum, Postume, dimidium.

Porque me dás beijos¹⁰², Póstumo¹⁰³, com meio lábio¹⁰⁴,

louvo: embora possas também, deste ponto em diante, tirar metade.

Queres me fazer um favor maior e inenarrável?

Guarda inteira para ti, Póstumo, essa metade.

2.12

Esse quid hoc dicam, quod olent tua basia murram

quodque tibi est numquam non alienus odor?

Hoc mihi suspectum est, quod oles bene, Postume, semper:

Postume, non bene olet qui bene semper olet.

Que direi disto: que teus beijos têm cheiro de mirra¹⁰⁵

e que nunca tens um cheiro que não seja estranho a ti?

Isto me é suspeito, Póstumo: que sempre cheires bem:

Póstumo, não cheira bem quem sempre cheira bem.

2.21

Basia das aliis, aliis das, Postume, dextram.

Dicis 'utrum mauis? elige' malo manum.

¹⁰² Segundo Williams (2004, p. 56), o costume de beijar como forma de cumprimento chegou a Roma no período augustano, vindo de cortes orientais. No principado de Tibério, esse costume aparentemente se restringia à nobreza, mas, à época de Marcial, já havia se generalizado.

¹⁰³ Póstumo é uma personagem referida nos epigramas 2.10, 2.12, 2.21, 2.22 e 2.23. Trata-se de um notório *fellator*, por isso a repulsa do eu epigramático em ser beijado por ele.

¹⁰⁴ **Com meio lábio**, *Dimidio labro*: literalmente, “com meio lábio”, pois *labrum* é apenas um dos lábios. Mas, como atesta Williams (2004, p. 56), a expressão significa mais precisamente “com metade dos seus lábios”, ou seja, “com um só dos lábios”.

¹⁰⁵ **Mirra**: *Commiphora myrrha*, arbusto que pode chegar a 5 metros de altura, possui uma resina aromática que era frequentemente usada em perfumes, cosméticos e remédios. Nesse epigrama, é usada por Póstumo para disfarçar o mau hálito.

A uns, dás beijos, a outros, Póstumo, dás a mão direita¹⁰⁶.

Perguntas: “Qual dos dois preferes? Escolhe.” Prefiro a mão.

2.22

Quid mihi uobiscum est, o Phoebe nouemque sorores?

ecce nocet uati Musa iocosa suo.

Dimidio nobis dare Postumus ante solebat

basia, nunc labro coepit utroque dare.

Que tenho eu convosco, ó Febo e nove irmãs?¹⁰⁷

Eis que a Musa jocosa¹⁰⁸ prejudica seu poeta.

Antes, Póstumo costumava nos dar beijos

com meio lábio; agora, começou a dá-los com os dois lábios.

2.23

Non dicam, licet usque me rogetis,

qui sit Postumus in meo libello,

non dicam: quid enim mihi necesse est

has offendere basiationes,

5 *quae se tam bene uindicare possunt?*

Não direi, ainda que me pergunteis sem parar,

quem é Póstumo em meu livrinho;

não direi: pois que necessidade eu tenho

de ofender essas beijações

5 que tão bem podem se vingar¹⁰⁹?

2.28

Rideto multum qui te, Sextille, cinaedum

¹⁰⁶ Esse epigrama retoma o motivo de 2.10 e 2.12: os beijos de Póstumo.

¹⁰⁷ Febo e as nove irmãs, isto é, as musas.

¹⁰⁸ **Musa jocosa**, *Musa iocosa*: ou brincalhona, é Talia (Θαλία), a Musa da comédia.

¹⁰⁹ Ver item 2.3 sobre Marcial identificar algumas personagens.

- dixerit et digitum porrigito medium.*
Sed nec pedico es nec tu, Sextille, fututor,
calda Vetustinae nec tibi bucca placet.
 5 *Ex istis nihil es, fateor, Sextille: quid ergo es?*
Nescio, sed tu scis res superesse duas.

- Podes até rir de quem, Sextilo¹¹⁰, te chamou
 viadinho¹¹¹ e podes, até, lhe mostrar o dedo médio¹¹².
 Mas enrabador¹¹³ não és, Sextilo, nem fodedor,
 nem a boca quente de Vetustina é agradável a ti.
 5 Nada disto és, reconheço, Sextilo. Pois, então, que és?
 Não sei, mas tu sabes que restam duas coisas.

2.36

- Flectere te nolim, sed nec turbare capillos;*
splendida sit nolo, sordida nolo cutis;
nec tibi mitrarum nec sit tibi barba reorum:
nolo uirum nimium, Pannyche, nolo parum.
 5 *Nunc sunt crura pilis et sunt tibi pectora saetis*
horrida, sed mens est, Pannyche, uulsa tibi.

Não quero nem que cacheies¹¹⁴ teus cabelos, nem tampouco que os despenteies;
 não quero que tua pele esteja brilhante, tampouco não a quero suja;

¹¹⁰ **Sextilo**, *Sextillus*: este nome, que Williams (2004, p. 109) aponta como diminutivo de *Sextus*, é usado em mais de 25 epigramas por Marcial, em geral como objeto de comentários negativos ou de invectiva.

¹¹¹ **Viadinho**, *cinaedus*: termo depreciativo usado para descrever sujeitos efeminados e/ou “passivos”. Optamos em nossas traduções usar o coloquial “viado”, ou seu diminutivo “viadinho”. Ver glossário.

¹¹² **Dedo médio**: mostrado em tom invectivo, como um símbolo fálico. Também chamado de *digitus infamis* (Mart. 6.70; Priapeia 56, 1-2: *Derides quoque, fur, et impudicum/ ostendis digitum mihi minanti?*, “Tu também ris, ladrão, e o impudico/ dedo me mostras para ameaçar-me?”. Trad. João Angelo Oliva Neto (2006).

¹¹³ **Enrabador**: no original, *pedico*. Ver item 4.1 e glossário.

¹¹⁴ **Enrolar**, *Flectere*: no caso, encachear os cabelos. Howell (1995, p. 144) aponta que cabelos encaracolados eram associados à efeminação.

nem que tenhas a barba dos mitrados¹¹⁵, nem a dos réus¹¹⁶:

não te quero muito homem, Pânico, nem te quero pouco.

Agora, tens pelos nas pernas e tens o peito de cerdas

erizado, mas a tua mente, Pânico, é depilada¹¹⁷.

2.42

Zoile, quod solium subluto¹¹⁸ podice perdis,

spurcius ut fiat, Zoile, merge caput.

Por que, Zoilo¹¹⁹, sujas a banheira lavando ali a bunda¹²⁰?

Deixa-a mais imunda, Zoilo, enfia ali a cabeça¹²¹.

2.43

‘Κοινὰ φίλων’. Haec sunt, haec sunt tua, Candide, κοινά,

quae tu magnilocus nocte dieque sonas?

Te Lacedaemonio uelat toga lota Galaeso

uel quam seposito de grege Parma dedit:

5 *at me, quae passa est furias et cornua tauri,*

noluerit dici quam pila prima suam.

Misit Agenoreas Cadmi tibi terra lacernas:

non uendes nummis coccina nostra tribus.

¹¹⁵ **Mitrados**: mitra era um barrete usado pelos frígios e outros povos do oriente, usado por mulheres e efeminados, que também demonstravam extremo cuidado com a barba, trazendo-a totalmente escanhoadada, ou arrancada com pinças (WILLIAMS, 2004, p. 135 e PIMENTEL, 2000a, p. 109).

¹¹⁶ Segundo Pimentel (2000a, p. 109), os réus deixavam a barba crescer para demonstrar aflição e motivar os juízes.

¹¹⁷ Aqui a temática da *aurea mediocritas*, como aponta Williams (2004, pg. 134): o meio-termo entre a hipermasculinização e a efeminação. Pânico demonstra trazer o pior de cada um: os cabelos, a barba apontam para um exagero em sinais de masculinidade e a propensão de mulheres e efeminados à falta de rigor intelectual. Ou, como aponta Cartelle (2004, p. 74), é uma crítica, recorrente em Marcial, aos homossexuais e efeminados que pretendem “esconder” suas preferências, como em 6.56.

¹¹⁸ **Subluto**: verbo que indica “lavar as partes de baixo do corpo”, “lavar de baixo para cima” (*OLD* s. v. 1).

¹¹⁹ **Zoilo**, que comparece em alguns epigramas dessa antologia, é personagem citada em cerca de 15 epigramas de Marcial. É invectivado tanto pelos seus hábitos sexuais quanto por sua ostentação de riqueza, que muito lembra o Trimalquião de Petrólio.

¹²⁰ **Bunda**, *Podex*: como observa Williams (2004, p. 156), é um termo grosseiro, mas não obsceno, para ânus.

¹²¹ Como vimos no caso de Póstumo, a prática da *fellatio* (e/ou do *cunnilingus*) causam mau hálito. Nesse epigrama a ideia geral é que a boca de Zoilo é mais suja que seu traseiro, sugerindo, inclusive, que a prática de sexo oral é mais vil que a prática de sexo anal. Os epigramas 2.70 e 6.81 apresentam situações semelhantes.

- Tu Libycos Indis suspendis dentibus orbis:*
 10 *fulcitur testa fagina mensa mihi.*
Immodici tibi flaua tegunt chrysendeta mulli:
concolor in nostra, cammare, lance rubes.
grex tuus Iliaco poterat certare cinaedo:
at mihi succurrit pro Ganymede manus.
 15 *Ex opibus tantis ueteri fidoque sodali*
das nihil et dicis, Candide, κοινὰ φίλων?

“Comunhão entre amigos¹²². É essa, Cândido, é essa a “comunhão entre
 [amigos”,

- de que fazes alarde, grandiloquente, noite e dia?
 Cobre-te uma toga lavada no lacedemônio Galeso¹²³,
 ou uma que te foi dada por Parma¹²⁴, de um selete rebanho;
 5 já a mim, cobre aquela que sofreu as fúrias e os cornos do touro,
 a qual o primeiro boneco¹²⁵ não iria querer que fosse chamada de sua.
 A terra de Cadmo¹²⁶ enviou a ti lacernas¹²⁷ de Agenor:
 não venderás a minha veste escarlata¹²⁸ por três moedas.
 Tu apoias mesas redondas da Líbia em marfim da Índia¹²⁹:
 10 minha mesa de faia é apoiada por cacos de cerâmica.

¹²² Em grego no original. Comumente é traduzido em outra língua moderna, como a inglesa, escolhida por Cairrolli, que traduziu por: “*friends share*” (xx, p. 204); ou a francesa, opção escolhida por Brandão (2000, p. 112): “*communauté d’amis*”. Segundo Williams (2004, p. 158), o uso de um provérbio grego cria um tom conversacional urbano, pois o conhecimento da língua grega era presumido entre os romanos educados da época de Marcial. *Kοινὰ φίλων* é um dito proverbial surgido nos círculos pitagóricos e sua versão latina *amicorum esse communia omnia* aparece nos *Adelfos*, de Terêncio (802), e no *De Officiis*, de Cícero (1.51), dentre outros autores, continuando popular até a Idade Média (WILLIAMS, 2004, p. 158).

¹²³ **Galeso**: um rio da região de Tarento, que foi uma colônia espartana (por isso chamado de lacedemônio). A lã produzida nessa região era considerada de alta qualidade.

¹²⁴ Williams (2004, p. 159) afirma, citando Marcial e Columela, que a lã de Parma e da região do rio Pó era a segunda em qualidade.

¹²⁵ **Boneco**, *pila*: boneco atirado na arena para provocar os touros.

¹²⁶ **Cadmo**: filho de Agenor, foi um herói fenício. A “terra de Cadmo” é uma referência a Tiro, cidade fenícia que produzia a púrpura considerada de melhor qualidade.

¹²⁷ **Lacernas**: V. n. a 1.92.7

¹²⁸ **Escarlate**, *Coccina*: v. n. a 1.96.6. Note a diferença entre os processos de tingimento de púrpura e de vermelho (escarlata).

¹²⁹ Mesas de cedro oriundo do norte da África com pés de marfim eram consideradas luxuosas. No epigrama 14.91, Marcial cita uma dessas mesas: *Dentes Eborei / Grandia taurorum portant qui corpora, quaeris / an Lybicas possint sustinuisse trabes?* (“Dentes de marfim / Às alturas elevam touros corpulentos, e perguntas se aguentam traves líbicas?”). Trad. AGNOLON, 2013, p. 317).

Salmonetes enormes cobrem tuas travessas cinzeladas de ouro:
 enrubescas, ó caranguejo, no meu prato da mesma cor que a tua.
 Teu bando de escravinhos¹³⁰ poderia rivalizar com o viadinho de Ílio¹³¹:
 já a mim me socorre a mão em vez de Ganimedes¹³².

- 15 De tão grandes riquezas, a um velho e fiel companheiro
 nada dás e ficas falando, Cândido, em comunhão de amigos.

2.45

*Quae tibi non stabat praecisa est mentula, Glypte.
 Demens, cum ferro quid tibi? Gallus eras.*

Por não ficar em pé, Glipto, tua pica¹³³ foi cortada.
 Tonto, para que a lâmina? Já eras um Galo¹³⁴.

2.47

*Subdola famosae moneo fuge retia moechae,
 leuior o conchis, Galle, Cytheriacis.
 Confidis natibus? Non est pedico maritus:
 quae faciat duo sunt: irrumat aut futuit.*

Eu te aconselho, foge das redes astuciosas da famosa adúltera:
 ó Galo¹³⁵, mais delicado que as conchas de Citera¹³⁶.
 Confias na tua bunda? O marido não é enrabador:
 são duas as coisas que ele faz: ou mete na boca ou fode.

¹³⁰ Escravos novos e de boa aparência são comumente citados por Marcial como objetos sexuais.

¹³¹ **Viadinho de Ílio**, *Illiaco ... cinaedo*: Ganimedes.

¹³² Concordamos com Williams (2004, p. 161) de que a “mão” pode substituir um Ganimedes, isto é, um jovem escanção, de duas maneiras: servindo vinho ou sexualmente.

¹³³ **Pica**: V. n. a 1.58.3

¹³⁴ **Galo**, *Gallus*: Os *Galli* eram sacerdotes da deusa Cibele, que se autoemasculavam ritualmente; Marcial usa o termo para designar homens que sofrem de impotência sexual.

¹³⁵ Aqui *Gallus* é nome próprio, mas pode, pelo contexto, servir de trocadilho; uma referência aos *Galli*, sacerdotes da deusa Cibele. V. n. a 2.45.2

¹³⁶ **De Citera**, *Cytheriacus* ou *Cythereius*: relativo a Citera, ilha no mar Egeu famosa pelo culto prestado a Afrodite/Vênus (FARIA, 1955, s. v.). A deusa, segundo a tradição mítica, logo que nascera do mar, fora levada pelos Zéfiro, primeiro à ilha de Citera e, depois, à ilha de Chipre (GUIMARÃES, 1983, p. 20).

2.51

*Vnus saepe tibi tota denarius arca
cum sit et hic culo tritior, Hylle, tuo,
non tamen hunc pistor, non auferet hunc tibi copo,
sed si quis nimio pene superbus erit.*

- 5 *Infelix uenter spectat conuiuia culi
et semper miser hic esurit, ille uorat.*

Embora tenhas, muitas vezes, em teu cofre inteiro,
apenas um só denário¹³⁷, e mais gasto, Hilo¹³⁸, que teu cu,
contudo, não o receberá de ti o padeiro, nem o taberneiro,
mas aquele que se orgulha de um imenso pênis.

- 5 A infeliz barriga testemunha o banquete do cu,
e enquanto aquele pobre sempre passa fome, este come vorazmente.

2.54

*Quid de te, Line suspicetur uxor
et qua parte uelit pudiciorem,
certis indiciis satis probauit,
custodem tibi quae dedit spadonem.*

- 5 *Nil nasutius hac maligniusque.*

O que suspeita de ti, Lino, tua esposa
e em qual parte te quer mais pudico,
com indícios bastante certos o provou,

5

¹³⁷ **Denário:** moeda de prata, originalmente valia 10 asses; depois, com a diminuição do tamanho do as, passou a valer 16 asses.

¹³⁸ O nome Hilo (*Hylus*) aparece também no epigrama 2.60, no qual a personagem mantém relações com a esposa de um tribuno militar, correndo o risco de ser castrado pelo marido; em 4.7, nomeia um jovem escravo ligado ao poeta e, em 9.25, é usado para designar um jovem escanção de um amigo de Marcial.

ao dar a ti um guardião¹³⁹ eunuco¹⁴⁰.
 Nada é mais sagaz e malicioso que ela.

2.57

*Hic quem uidetis gressibus uagis lentum,
 amethystinatus media qui secat Saepta,
 quem non lacernis Publius meus uincit,
 non ipse Cordus alpha paenulatorum,
 5 quem grex togatus sequitur et capillatus
 recensque sella linteisque lorisque,
 oppignerauit modo modo ad Cladi mensam
 uix octo nummis anulum, unde cenaret.*

Este a quem vedes lento, com passos incertos,
 que, vestido de ametista¹⁴¹ atravessa, pelo meio, os Septas¹⁴²,
 a quem, quanto às lacernas¹⁴³, meu querido Públio não vence,
 nem mesmo Cordo¹⁴⁴, o maior dos que vestem pênuas¹⁴⁵,
 5 a quem segue um rebanho de togados e cabeludos¹⁴⁶

¹³⁹ **Guardião**, *custos*: trata-se do guardião responsável pela *pudicitia*, em geral da esposa, como tratado, por exemplo, na sátira VI de Juvenal (vv. 346-348): *Audio quid ueteres olim moneatis amici: Pone seram, cohibe. Sed quis custodiet ipsos / custodes? Cauta est et ab illis incipit uxor*. “Ouço o que me aconselhais desde sempre, velhos amigos: “Põe sob trancas, confina”. Mas quem irá guardar os guardiões? Uma esposa é precavida e é por eles que ela começa.”

¹⁴⁰ **Eunuco**, *spado*: designa um eunuco, mas também pode ser usado para designar qualquer homem impotente (independentemente da causa da impotência).

¹⁴¹ V. n. a 1.96.6

¹⁴² Os *Saepta Iulia* eram originalmente o recinto de votação para os *comitia tributa* (espécie de assembleia do povo romano). A construção foi planejada e possivelmente iniciada por Júlio César e concluída por Agrippa, em 26 a.C. Era uma área retangular, com 300 metros de comprimento e 95 de largura, ladeada por colunatas. Ficava no Campo de Marte, entre o Panteão e o Templo de Ísis. (OCD, s.v.). Segundo Pimentel (2000a, p. 102), à época de Marcial era um local de passeio. Segundo Williams (2004, 194), era, também, um local para as pessoas se mostrarem; o que condiz com a atitude exibicionista da personagem.

¹⁴³ V. n. a 1.92.7

¹⁴⁴ Cordo: personagens com esse mesmo nome são citados em outros epigramas. Em 5.23, uma personagem com esse nome é citada pelo alto preço de suas pênuas. Em 5.26, se dirigindo ao próprio Cordo, Marcial diz que, se este está irritado por ser chamado de “*alpha paenulatorum*” (o maior, o primeiro dentre os que usam pênuas), pode chamá-lo de “*beta togatorum*” (o beta dos que usam togas).

¹⁴⁵ **Pênuas**, *paenula*: espécie de capa com capuz de material à prova d'água.

¹⁴⁶ A expressão “*grex togatus ... et capillatus*” indica, segundo Williams (2004, p. 195), uma multidão de dependentes, tanto de *togati*, i.e. nascidos livres, cidadãos, pois apenas esses podiam usar togas, como aponta Pimentel (2000a, p. 116), quanto de *capillati*, i.e. escravos. *Capillati* são os escravos belos impúberes e de longos cabelos (Pimentel, 2000a, p. 116).

e uma liteira com correias e panos novos,
 agora mesmo penhorou, com dificuldade, no balcão de Clado,
 o anel¹⁴⁷ por oito dinheiros¹⁴⁸, para poder jantar.

2.61

*Cum tibi uernarent dubia lanugine malae,
 lambebat medios inproba lingua uiros.
 Postquam triste caput fastidia uisillonum
 et miseri meruit taedia carnificis,
 5 uteris ore aliter nimiaque aerugine captus
 allatras nomen quod tibi cumque datur
 Haereat inguinibus potius tam noxia lingua:
 nam cum fellaret, purior illa fuit.*

Quando tuas bochechas floresciam com incerta lanugem,
 tua perversa língua lambia homens bem no meio¹⁴⁹.

Depois que tua triste cabeça o desprezo do coveiro¹⁵⁰
 e a repugnância do deplorável carrasco mereceu,

- 5 usas a boca de outro modo e tomado de desmedido rancor
 ladras contra qualquer nome que te é fornecido.
 É melhor que tão nociva língua atenha-se aos genitais:
 pois, quando chupava, ela era mais limpa¹⁵¹.

2.62

*Quod pectus, quod crura tibi, quod bracchia uellis,
 quod cincta est breuibis mentula tonsa pilis,
 hoc praestas, Labiene, tuae — quis nescit? — amicae.
 cui praestas, culum quod, Labiene, pilas?*

¹⁴⁷ Segundo Pimentel (2000a, p. 116), o “anel de ouro, símbolo da dignidade equestre”.

¹⁴⁸ **Oito dinheiros**, *octo nummis*: isto é, oito sestércios, uma quantia insignificante.

¹⁴⁹ Essa expressão eufemística é usada por Marcial no epigrama 3.81.2: *Haec debet medios lambere lingua uiros* (“Essa língua tua deve lambe os homens no meio”) e no epigrama 11.61.5: *mediumque mauult basiare quam summum* (“e prefere beijá-lo no meio a beijá-lo em cima”).

¹⁵⁰ **Coveiro**, *uispillo*: encarregado de enterrar aqueles que eram pobres demais para arcar com seus enterros (OLD, s. v.)

¹⁵¹ No epigrama 11.66, Marcial também compara a calúnia à felação.

O fato de que depilas o peito, as pernas, os braços,
 o fato de que tua pica raspada é rodeada de pelos curtos,
 isto dedicas, Labieno — quem ignora? — à tua amada.
 A quem dedicas, Labieno, o cu, que depilas?

2.70

*Non uis in solio prius lauari
 quemquam, Cotile: causa quae, nisi haec est,
 undis ne fouearis irrumatis?
 Primus te licet abluas: necesse est*

5 *ante hic mentula, quam caput, lauetur.*

Não queres que ninguém na piscina se lave antes de ti.
 Qual o motivo, Cótilo¹⁵², senão este:
 para não te aqueceres em águas que chuparam?
 Ainda que tu primeiro te laves, é necessário¹⁵³
 5 que laves o pau antes da cabeça¹⁵⁴.

2.72

*Hesterna factum narratur, Postume, cena
 quod nollem - quis enim talia facta probet? -
 Os tibi percisum quanto non ipse Latinus
 uilia Panniculi percutit ora sono:
 5 quodque magis mirum est, auctorem criminis huius
 Caecilium tota rumor in urbe sonat.
 Esse negas factum: uis hoc me credere? Credo.
 quid, quod habet testes, Postume, Caecilius?*

Conta-se um fato, Póstumo, ocorrido no jantar de ontem,

¹⁵² Cótilo aparece em 3.63, descrito como *bellus*.

¹⁵³ O OLD apresenta duas acepções para a expressão “*necesse est*”: “é necessário” e “é inevitável”.

¹⁵⁴ Os epigramas 2.42 e 6.81 apresentam situações semelhantes.

que eu não desejaria (pois quem aprovaria tais coisas?).
 Tua boca foi socada¹⁵⁵, de tal forma que nem o próprio Latino
 bate, com estrépito, as torpes fuças de Panículo¹⁵⁶;
 5 e o que é mais surpreendente, em toda a cidade,
 os rumores dizem que Cecílio é o autor desse crime.
 Tu negas esse fato: queres que nisso eu acredite? Claro que acredito.
 Mas, fazer o que, Póstumo, se Cecílio tem testemunhas¹⁵⁷?

2.84

*Mollis erat facilisque uiris Poeantius heros:
 uulnera sic Paridis dicitur ulta Venus.
 cur lingat cunnum Siculus Sertorius, hoc est:
 alter ab hoc caesus, Rufe, uidetur Eryx.*

Era efeminado e fácil aos homens o Peâncio¹⁵⁸ herói:
 assim, dizem, Vênus vingou as feridas de Páris.
 O motivo pelo qual o siciliano Sertório lambe bucetas é este:
 parece que ele, Rufo, matou outro Érix¹⁵⁹.

2.89

*Quod nimio gaudes noctem producere uino,
 ignosco: uitium, Gaure, Catonis habes.
 Carmina quod scribis Musis et Apolline nullo,*

¹⁵⁵ Segundo Williams, baseado no *OLD*, os pode se referir tanto à boca quanto à face. *Percidere* significa, literalmente, bater com força; mas é usado metaforicamente com sentido sexual, em geral referindo-se à penetração anal (como em 4.48, 7.62, 9.47, 11.28 e 12.35). Assim, a expressão *os percissum* pode indicar uma bofetada no rosto ou um ato de *irrumatio*. Para os beijos de Póstumo, ver 2.10, 2.12, 2.21, 2.22 e 2.23.

¹⁵⁶ Latino e Panículo, segundo Cartelle (2004, p. 85), eram atores de mimo. O primeiro representava um espertalhão e o segundo o idiota que recebia as bofetadas.

¹⁵⁷ **Trocadilho:** *testes* pode significar tanto “testemunhas” quanto “testículos”. Cecílio pode ter testemunhas do ato de ter batido ou de ter “irrumado” Póstumo; ou *habere testes*, em seu sentido sexual (“ter testículos”), pode remeter simplesmente à virilidade de Cecílio, que teria penetrado o personagem alvejado.

¹⁵⁸ **Peâncio herói**, *Poeantius heros*: refere-se a Filoctetes, filho do rei Peante, considerado por algumas fontes como o responsável pela morte de Páris.

¹⁵⁹ **Érix:** filho de Afrodite e Butes (um dos argonautas). Quando Hércules passava pela Sicília com os bois de Gerião, Érix o desafiou para uma luta de pugilato e terminou morto. O epigrama, como aponta Williams (2004, p. 255), traz a mesma ideia de uma classificação ordenada das práticas sexuais, como visto em 2.28 em 2.47.

laudari debes: hoc Ciceronis habes:

- 5 *Quod uomis, Antoni: quod luxuriaris, Apici.*
Quod fellas, uitium dic mihi cuius habes?

Que te alegres em alongar a noite com vinho em demasia,

perdo-te: tens, Gauro, o vício de Catão¹⁶⁰.

Porque escreves versos sem Apolo e Musas,

deves ser louvado, tens o vício de Cícero¹⁶¹.

- 5 Porque vomitas, o de Antônio¹⁶². Porque cometes excessos à mesa, o de

[Apício¹⁶³.

Porque fazes boquetes, dize-me, tens o vício de quem?

¹⁶⁰ **Catão de Útica**: segundo os antigos, bebia em grande quantidade (WILLIAMS, 2004, p. 268).

¹⁶¹ Apolo e as Musas eram patronos das artes em geral e da poesia em particular. Cícero, como apontam Williams (2004, p. 268) e Pimentel (2000a, p. 125), também escreveu poesia; no entanto, desde a Antiguidade era criticado por sua falta de talento poético.

¹⁶² Williams (2004, p. 268) aponta que nas *Filípicas* 2 e 14 Cícero narra episódio em que Antônio vomitou em público, em decorrência de bebedeira na noite anterior.

¹⁶³ **Marco Gávio Apício**, *M. Gavius Apicius*: viveu durante os principados de Augusto e de Tibério e se tornou célebre por suas receitas (conhecidas de nós por uma compilação do séc. IV: *De re coquinaria*). Segundo Williams (2004, p. 223), Apício representava a figura emblemática de um glutão.

4 LIVRO III

3.63

Cotile, bellus homo es: dicunt hoc, Cotile, multi.

Audio: sed quid sit, dic mihi, bellus homo.

*'Bellus homo est, flexos qui digerit ordine crines,
balsama qui semper, cinnama semper olet;*

5 *cantica qui Nili, qui Gaditana susurrat,
qui mouet in uarios bracchia uulsa modos;*

*inter femineas tota qui luce cathedras
desidet atque aliqua semper in aure sonat,
qui legit hinc illinc missas scribitque tabellas;*

10 *pallia uicini qui refugit cubiti;
qui scit quam quis amet, qui per conuiuia currit,*

Hirpini ueteres qui bene nouit auos.'

Quid narras? Hoc est, hoc est homo, Cotile, bellus?

Res pertriosa est, Cotile, bellus homo.

Cótilo¹⁶⁴, és um homem formoso. Muitos, Cótilo, dizem isso.

Ouço, mas, dize-me, o que é um homem formoso?

“Homem formoso é aquele que bem arruma seus cabelos cacheados¹⁶⁵,
que sempre cheira a bálsamo, que sempre cheira a canela;

5 aquele que cantarola canções do Nilo e canções de Gades¹⁶⁶,
que move os braços depilados em variados ritmos;

aquele que, entre cadeiras femininas, durante todo o dia,
senta-se e sempre murmura algo nos ouvidos,
e que lê e escreve bilhetinhos enviados daqui e dali;

10 aquele que evita a parte do manto do vizinho que cobre o cotovelo¹⁶⁷;

¹⁶⁴ Essa personagem aparece em 2.70 como um *fellator*

¹⁶⁵ Cabelos muito arrumados, cacheados ou enrolados eram um indício de efeminação. V. 2.36.1

¹⁶⁶ Gades era conhecida pela licenciosidade. Comentando o epigrama 1.41, Citroni (1975, p. 204) afirma que a cidade era famosa por suas dançarinas particularmente lascivas. Em 5.78.26, temos: *nec de Gadibus improbis puellae* (“nem as garotas da devassa Gades”).

¹⁶⁷ Em um banquete típico romano, os comensais ficavam no triclinio (leito reclinado onde se recostavam 3 pessoas), lado a lado, apoiados sobre os cotovelos. A ideia aqui, como aponta Pimentel (2000a, p. 152), é de que a personagem evitava encostar na pessoa ao lado para não amassar ou sujar as vestes.

aquele que sabe quem é a amada de cada homem e que percorre todos os
[banquetes,
e que conhece bem os velhos avós de Hirpino¹⁶⁸.”
O que me contas? É isto, Cótulo, é isto um homem formoso?
É uma coisa bem complicada, Cótulo, um homem formoso.

3.65

*Quod spirat tenera malum mordente puella,
quod de Corycio quae uenit aura croco;
uinea quod primis floret cum cana racemis,
gramina quod redolent, quae modo carpsit ouis;
5 quod myrtus, quod messor Arabs, quod sucina trita,
pallidus Eoo ture quod ignis olet;
gleba quod aestiuo leuiter cum spargitur imbre,
quod madidas nardo passa corona comas:
hoc tua, saeue puer Diadumene, basia fragrant.
10 Quid si tota dares illa sine inuidia?*

O cheiro da maçã ao ser mordida por uma delicada jovem,
o cheiro da brisa que vem do açafraão de Córico¹⁶⁹;
o cheiro de uma vinha antiga quando floresce com seus primeiros cachos,
o cheiro da grama recém-arrancada pelas ovelhas,
5 o que exala a murta, o ceifeiro¹⁷⁰ árabe, o âmbar triturado,
o do fogo pálido pelo incenso oriental,
o que exala a terra quando é suavemente espargida pela chuva de verão,
o cheiro da guirlanda que esteve em contato com cabelos úmidos pelo
nardo¹⁷¹:
10 isso é o que teus beijos, cruel garoto Diadúmeno¹⁷², cheiram.
E se me desses todos eles sem avareza?

¹⁶⁸ Conhecido cavalo de corrida, mencionado, segundo Pimentel (2000a, p. 152), por Juvenal (8.63).

¹⁶⁹ Cidade portuária na Cilícia, no sudeste da Anatólia (atual Turquia) (PIMENTEL, 2000a, p. 153).

¹⁷⁰ Trata-se de um ceifeiro de ervas aromáticas (PIMENTEL, 2000a, p. 153, e CARTELLE, 2004, p. 114).

¹⁷¹ Pimentel (2000a, p. 153) explica que os cabelos eram perfumados com nardo e cobertos com coroas de flores durante os festins.

¹⁷² Jovem escravo do poeta; também presente nos epigramas 5.46 e 6.34.

3.71

*Mentula cum doleat puero, tibi, Naeuole, culus,
non sum diuinus, sed scio quid facias.*

Uma vez que dói, no teu garoto, o pau, e em ti, Névolo, o cu,
não sou adivinho, mas sei o que andas fazendo.

3.73

*Dormis cum pueris mutuniatis,
et non stat tibi, Phoebe, quod stat illis.
Quid uis me, rogo, Phoebe, suspicari?
Mollem credere te uirum uolebam,
5 sed rumor negat esse te cinaedum.*

Dormes com garotos pirocudos¹⁷³,
e o que não se levanta em ti, Febo, é o que se levanta neles.
O que queres, Febo, lhe pergunto, que eu suspeite?
Eu queria acreditar que eras um homem efeminado¹⁷⁴,
5 mas dizem os rumores que não és passivo¹⁷⁵.

3.74

*Psilothro faciem leuas et dropace caluam.
Numquid tonsorem, Gargiliane, times?
Quid facient ungues? Nam certe non potes illos
resina, Veneto nec resecare luto.
5 Desine, si pudor est, miseram traducere caluam:
hoc fieri cunno, Gargiliane, solet.*

Alisas a face com psilotro e a calva com dropaz¹⁷⁶,

¹⁷³ **Pirocudos**, *mutuniatus*, i.e., que tem um pênis grande. O termo tem como origem a divindade fálica *Mutunus Tutunus* (ou *Mutinus Titinus*) ligada a rituais de casamento. Esse termo, segundo o *OLD*, aparece, além desse epigrama, em Marcial 11.63.2 e na *Priapea* 50.10.

¹⁷⁴ V. *mollis* no glossário.

¹⁷⁵ V. *cinaedus* no glossário.

¹⁷⁶ **Psolotro** e **dropaz**, *psilothrum* e *dropax*: eram unguentos depilatórios. Pimentel (2000a, p. 157) informa que o *psilothrum* era feito de arsênico e cal.

- acaso, Gargiliano, temes o barbeiro?
 Que farão tuas unhas? Pois, certamente, não podes cortá-las
 nem com resina, nem com lama vêneta.
- 5 Desiste, se tens pudor, de exhibir esta lamentável calva:
 isto só se costuma fazer, Gargiliano, com bocetas.

3.80

*De nullo loqueris, nulli maledicis, Apici:
 rumor ait linguae te tamen esse malae*

Não falas de ninguém, a ninguém insultas, Apício:
 entretanto, corre o rumor de que tens má língua.

3.81

- Quid cum femineo tibi, Baetice galle, barathro?
 Haec debet medios lambere lingua uiros.
 Abscisa est quare Samia tibi mentula testa,
 si tibi tam gratus, Baetice, cunnus erat?*
- 5 *Castrandum caput est: nam sis licet inguine gallus,
 sacra tamen Cybeles decipis: ore uir es.*

O que tu tens a ver, Galo¹⁷⁷ bético¹⁷⁸, com o abismo¹⁷⁹ feminino?
 Essa língua tua deve lamber os homens no meio¹⁸⁰.

Por que razão tua pica foi cortada com um caco cerâmico de Samos,
 se as bocetas, Bético, eram tão agradáveis a ti?

- 5 A tua cabeça é que deveria ser castrada: pois, ainda que sejas Galo na
[virilha,
 ainda assim enganas o culto de Cibele: és homem com a boca.

¹⁷⁷ **Galo**: sacerdote da deusa Cibele. V. n. a 2.45.2.

¹⁷⁸ **Bético**: oriundo da Bética, região no sudeste da Hispânia.

¹⁷⁹ **Abismo**, *barathrum*: cova, abismo (do mar), sorvedouro, as regiões infernais. Em Marcial aparece duas vezes como imagem hiperbólica para designar partes do corpo: em 1.87.4 para designar a garganta e, aqui, com um sentido obsceno para designar a vagina.

¹⁸⁰ V. n. a 2.61.2.

3.82

- Conuiuia quisquis Zoili potest esse,
 Summemmianas cenet inter uxores
 curtaque Ladae sobrius bibat testa;
 hoc esse leuius puriusque contendo.*
- 5 *lacet occupato galbinatus in lecto
 cubitisque trudit hinc et inde conuiuas
 effultus ostro Sericisque puluillis.
 Stat exoletus suggeritque ructanti
 pinnas rubentes cuspidesque lentisci,*
- 10 *et aestuanti tenue uentilat frigus
 supina prasino concubina flabello,
 fugatque muscas myrtea puer uirga.
 Percurrit agili corpus arte tractatrix
 manumque doctam spargit omnibus membris;*
- 15 *digiti crepantis signa nouit eunuchus
 et delicatae sciscitator urinae
 domini bibentis ebrium regit penem.
 At ipse retro flexus ad pedum turbam
 inter catellas anserum exta lambentis*
- 20 *partitur apri glandulas palaestritis
 et concubino turturum natis donat;
 Ligurumque nobis saxa cum ministrentur
 uel cocta fumis musta Massilitanis,
 Opimianum morionibus nectar*
- 25 *crystallinisque murrinisque propinat,
 et Cosmianis ipse fuscus ampullis
 non erubescit murice aureo nobis
 diuidere moechae pauperis capillare.
 Septunce multo deinde perditus stertit:*
- 30 *nos accubamus et silentium rhonchis
 praestare iussi nutibus propinamus.
 hos Malchionis patimur inprobi fastus,*

Nec uindicari, Rufe, possumus: fellat.

Quem quer que possa ser convidado de Zoilo,
que ceie entre esposas Sumemianas¹⁸¹,
que beba, mesmo sóbrio, no copo quebrado de Leda¹⁸²:
sustento que isso é mais puro e mais agradável.

- 5 Vestido em verde-amarelado¹⁸³, ele se deita ocupando todo o leito¹⁸⁴
e com os cotovelos empurra, daqui e dali, os convidados,
apoiado em púrpura e almofadas de seda.
Um escravo permanece em pé e fornece, quando arrota,
penas vermelhas e palitos de lentisco¹⁸⁵,
- 10 e, tendo calor, ventila ameno frescor,
atrás dele, uma concubina com um leque verde,
e um garoto afugenta as moscas com um ramo de murta.
Percorre-lhe o corpo com ágil arte a massagista
e espalha as doudas mãos por todos os membros;
- 15 o eunuco conhece os sinais dos dedos que estalam e,
fiscal de uma delicada urina,
guia o pênis ébrio de seu mestre, enquanto este bebe.
O próprio Zoilo, voltando-se para a turba a seus pés¹⁸⁶,
entre as cadelinhas que lambem as vísceras dos gansos,
- 20 distribui glândulas de javali para os ginastas
e presenteia seu concubino com coxas de rola.
Enquanto a nós é servido vinho das pedras da Ligúria,
ou os mostos cozidos nos fumos massilitanos¹⁸⁷

¹⁸¹ **Esposas Sumemianas**, *summemmianas ... uxores*: de *submemmianus* (ou *summemmianus*), i.e., de ou pertencente ao *Submmemium*, lugar de Roma junto às muralhas onde se reuniam pessoas de má reputação, incluindo prostitutas. No epigrama 1.34, v. 6, Marcial fala de um *Summemmum fornix*, i.e., um quartinho de bordel do Sumêmio.

¹⁸² Pimentel (2000a, p. 159) e Cartelle (2004, p. 119) apontam que Leda é um nome de prostituta.

¹⁸³ V. n. a 1.96.9.

¹⁸⁴ Nos leitos triplos do *triclinium* era comum se recostarem três pessoas e não apenas uma.

¹⁸⁵ As penas e os palitos de lentisco, como lembra Pimentel (2000a, p. 159), serviam para provocar o vômito, permitindo que a pessoa continuasse a comer.

¹⁸⁶ No *triclinium* os convivas se deitavam com a cabeça voltada para a mesa, onde eram servidas as comidas, atrás deles; por isso, “a seus pés” ficavam os escravos encarregados de servir.

¹⁸⁷ **Fumos massilitanos**, *Massilitanis ... fumis*. Referência ao vinho produzido na região de Massilia, atual Marselha, considerado de baixa qualidade à época de Marcial, assim como o vinho produzido na região da Ligúria (PIMENTEL, 2000a, p. 160).

- aos seus bufões o néctar opimiano¹⁸⁸,
 25 dá a beber em copos de cristal e mirra,
 e, enquanto, ele próprio se encharca com ampolas de Cosmo¹⁸⁹,
 não enrubesce por dividir entre nós em uma concha dourada¹⁹⁰
 o unguento capilar de uma puta pobre.
 Então, destruído por muitos sete cíatos¹⁹¹, ronca,
 30 enquanto nós, continuamos reclinados, e, obrigados a ficar
 em silêncio em respeito aos roncos, brindamos por gestos.
 Estas são as maldades que sofremos do ímprobo Malquião¹⁹²,
 e nem nos vigar podemos, Rufo: ele chupa.

3.83

Vt faciam breuiora mones epigrammata, Corde.

'Fac mihi, quod Chione': non potui breuius.

Recomendas, Cordo, que eu faça epigramas mais breves.

“Faze comigo como Quíone¹⁹³.” Não pude ser mais breve.¹⁹⁴

3.84

¹⁸⁸ **Néctar opimiano**, *Opimianum nectar*: referência à safra de vinho correspondente ao consulado de L. Opímio, em 121 a.C. Citroni (1975, p. 90) fala longamente sobre o “vinho opimiano”, citando menções a ele em Cícero, Plínio, o Velho e Petrônio, dentre outros, e levantando a questão, presente já no século I, de que seria improvável ainda existir “Opimiano original”; conclui o estudioso italiano que a expressão provavelmente indicava, por antonomásia, um vinho de ótima qualidade.

¹⁸⁹ **Cosmo**: o mais afamado vendedor de perfumes (cosméticos) da época de Marcial. Por antonomásia, designa perfumes de excelente qualidade e alto preço (CITRONI, 1975, p. 270).

¹⁹⁰ **Concha**, referência ao *Murex*, molusco de onde se extraía a púrpura; aqui uma referência à sua concha.

¹⁹¹ **Cíato**, *Cyathus*: medida correspondente a 1/24 de litro (PIMENTEL, 2000a, p. 160). Indica a quantidade de vinho misturado com água para beber (*OLD*).

¹⁹² **Malquião**, *Malchio*: segundo Pimentel (2000a, p. 160), essa personagem não é identificável, mas a imagem do “devasso insolente” lembra a personagem Trimalquião, do *Satyricon* de Petrônio. Cartelle (2004, p. 120) e Valverde e Verger (2001, 252) comentam que o nome *Malchio* tem origem grega e significa “efeminado”.

¹⁹³ **Quíone**, *Chione*: prostituta mencionada em 3.87 como uma notória *fellatrix*.

¹⁹⁴ Era comum Marcial, no arranjo interno de seus livros, após um epigrama longo, colocar um epigrama questionando isso, em um jogo metapoético. Cf. Leite, 2018, no epigrama 3.83 faz um interessante jogo com esse fato. Nesse epigrama que é composto de apenas um dístico elegéico, no primeiro verso o eu epigramático apresenta a crítica de Cordo à extensão de seus epigramas, crítica interessante após um epigrama de 33 versos. No segundo dístico o eu epigramático ataca Cordo, com a ordem: “Faze comigo como Quíone”. Quíone, como visto na nota anterior, era uma famosa *fellatrix*. Uma das interpretações para esse epigrama é que essa ordem a Cordo tem o valor de uma ameaça de *irrumatio*.

*Quid narrat tua moecha? Non puellam
Dixi, Gongylion. Quid ergo? Linguam.*

O que conta tua amante? Não falei,
Gongilião, da garota. “De que, então?” Da língua.

3.88

*Sunt gemini fratres, diuersa sed inguina lingunt.
Dicite, dissimiles sunt magis an similes?*

São dois irmãos gêmeos, mas lambem órgãos diferentes.
Dizei-me, são mais diferentes ou semelhantes?¹⁹⁵

3.91

*Cum peteret patriae missicius arua Rauennae,
semiuiro Cybeles cum grege iunxit iter.
Huic comes haerebat domini fugitiuus Achilles,
insignis forma nequitiaque puer.*

- 5 *Hoc steriles sensere uiri: qua parte cubaret
quaerunt. Sed tacitos sensit et ille dolos:
mentitur, credunt. Somni post uina petuntur:
continuo ferrum noxia turba rapit
exciduntque senem, spondae qui parte iacebat;*
- 10 *namque puer pluteo uindice tutus erat.
Subpositam quondam fama est pro uirgine ceruam,
at nunc pro ceruo mentula subposita est.*

Quando um soldado licenciado retornava aos campos da Ravena natal,
no caminho se juntou a um bando de semi-homens de Cibele¹⁹⁶.
Ele trazia como companheiro de viagem Aquilas, fugitivo de seu dono,
jovem escravo distinto pela beleza e pela malícia.

- 5 Os homens estéreis perceberam isso. Perguntaram onde o escravo

¹⁹⁵ Ver item 4.2 sobre a prática de *fellatio* e de *cunnilingus*.

¹⁹⁶ V. n. a 2.45.2

se deitaria. Mas este percebeu as tácitas más intenções:
 mentiu; eles acreditaram. Após o vinho, todos buscam o sono:
 sem demora a turba criminosa saca o ferro
 e mutila o veterano, que estava deitado naquela parte da cama,
 10 pois o garoto estava salvo, protegido pela cabeceira.
 Outrora, conta-se, uma cerva foi posta no lugar de uma virgem,
 e agora uma pica é posta no lugar de um cervo¹⁹⁷.

3.95

*Numquam dicis haue sed reddis, Naeuole, semper,
 quod prior et coruus dicere saepe solet.
 Cur hoc expectas a me, rogo, Naeuole, dicas:
 nam puto nec melior, Naeuole, nec prior es.*
 5 *Praemia laudato tribuit mihi Caesar uterque
 natorumque dedit iura paterna trium.
 Ore legor multo notumque per oppida nomen
 non expectato dat mihi fama rogo.
 Est et in hoc aliquid: uidit me Roma tribunum*
 10 *et sedeo qua te suscitatur Oceanus.
 Quot mihi Caesareo facti sunt munere ciues
 nec famulos totidem suspicor esse tibi.
 Sed pedicaris, sed pulchre, Naeuole, ceues.
 Iam iam tu prior es, Naeuole, uincis: haue.*

Nunca dizes olá, Névolô, só respondes,
 é algo que até mesmo o corvo¹⁹⁸ muitas vezes costuma dizer primeiro.
 Por que esperas isso de mim? Eu te pergunto, Névolô, para que me

[respondas:

¹⁹⁷ É uma referência ao episódio de Ifigênia em Áulis. A frota helena se preparava para zarpar rumo a Troia, e Agamemnon, comandante dos gregos, seguindo as instruções do advinho Calcas, sacrifica sua filha, Ifigênia, em honra à deusa Ártemis. Segundo algumas versões do mito a deusa se compadece da jovem e a resgata, trocando-a por uma corça, no momento do sacrifício. Cartelle (2004, p. 122) aponta que *ceruus*, além de "cervo", pode designar um escravo fugitivo.

¹⁹⁸ O epigrama 14.74 trata de um "corvo saudador": *Coruus / Corue saluator, quare fellator habetis? / Incaput intrauit mentula nulla tuum*. "Corvo / Corvo saudador, por que, diz-se, és chupador? / Caralho algum o bico penetrou-te." Tradução de Alexandre Agnolón (2013, p. 311).

- não acredito, Névolo, que sejas nem melhor, nem superior.
- 5 Os dois Césares¹⁹⁹, louvando-me, me conferiram um prêmio,
me deram o direito paterno dos três filhos²⁰⁰.
- Sou lido por muitas bocas e um nome conhecido ao longo das cidades
me dá a fama sem esperar pela minha morte.
- 10 E há algo mais nisso: Roma me viu tribuno
e me sento no lugar de onde Oceano²⁰¹ te faz levantar.
- Suspeito que, através de mim, mais escravos foram feitos cidadãos
pela graça de César do que o total de teus escravos.
- Más dás a bunda e lindamente, Névolo, rebolas.
- Está bem, está bem, tu estás na frente, Névolo, tu venceste: olá.

3.96

*Lingis, non futuis meam puellam
et garris quasi moechus et fututor.
si te prendero, Gargili, tacebis.*

Tu não fodes a minha garota, tu a chupas,
e te gabas de ser adúltero e comedor.
Se te pego, Gargílio, ficarás calado²⁰².

3.98

*Sit culus tibi quam macer, requiris?
Pedicare potes, Sabelle, culo.*

Perguntas quão magra é tua bunda?
Podes, Sabelo, enrabar com a bunda.

¹⁹⁹ Os dois Césares: Tito e Domiciano.

²⁰⁰ Uma referência ao *ius trium liberorum*, uma série de privilégios concedidos aos pais de três (ou mais) filhos legítimos. O imperador podia conceder esse direito mesmo que a pessoa fosse solteira, como é o caso de Marcial (WILLIAMS, 2004, p. 277). Esse assunto é tratado também nos epigramas 2.91 e 2.92.

²⁰¹ Era o encarregado para designar os lugares no teatro (CARTELLE, 2004, p. 125). Sullivan (1999, pg. 32) lembra que Marcial recebeu o título honorário de tribuno militar (*tribunus militum semestris*), que não significava serviço militar, mas que garantia a admissão na ordem equestre e certos privilégios reservados aos cavaleiros, como o uso do anel de ouro, símbolo da dignidade dessa ordem, e a reserva de lugares no teatro.

²⁰² **Ficarás calado**, *tacebis*: uma clara ameaça de *irrumatio*. Ver pg. 66.

5 LIVRO IV

4.7

*Cur, here quod dederas, hodie, puer Hylle, negasti,
durus tam subito, qui modo mitis eras?
Sed iam causaris barbamque annosque pilosque.
o nox, quam longa es, quae facis una senem!*

- 5 *Quid nos derides? Here qui puer, Hylle, fuisti,
dic nobis, hodie qua ratione uir es?*

Por que, jovem Hilo²⁰³, o que me deras ontem, hoje negaste,
de repente tão áspero tu que há pouco eras suave?
Mas agora te justificas com a barba, os anos, os pelos.
Ó noite, como és longa, tu que sozinha tornas alguém velho!

- 5 *Por que ris de mim? Tu que ontem foste, Hilo, um garoto,
diz-me, como podes, hoje, ser um homem?*

4.42

*Si quis forte mihi possit praestare roganti,
audi, quem puerum, Flacce, rogare uelim.
Niliacis primum puer hic nascatur in oris:
nequitias tellus scit dare nulla magis.
5 Sit niue candidior: namque in Mareotide fusca
pulchrior est quanto rarior iste color.
Lumina sideribus certent mollesque flagellent
colla comae: tortas non amo, Flacce, comas.
Frons brevis atque modus leuiter sit naribus uncis,
10 *Paestanis rubeant aemula labra rosis.
Saepe et nolentem cogat nolitque uolentem,
liberior domino saepe sit ille suo;
nec timeat pueros, excludat saepe puellas:**

²⁰³ Soldevila (2006, p. 134) aponta para o possível jogo de palavras: *puer Hylle* – *puerile*. *Hyllus* é o nome do filho de Hércules e Dejanira (GUIMARÃES, 1983, p. 120). Nos epigramas de Marcial, o nome é usado para designar um belo escanção em 9.25 e um *cinaedus* em 2.51.

uir reliquis, uni sit puer ille mihi.

- 15 *'Iam scio, nec fallis: nam me quoque iudice uerum est.
talís erat' dices 'noster Amazonicus.'*

Se alguém, por acaso, pudesse me dar o que peço,

escuta, Flaco²⁰⁴, qual garoto eu gostaria de pedir.

Em primeiro lugar, que esse garoto seja nascido nas margens do Nilo²⁰⁵:

nenhuma terra sabe dar maiores malícias.

- 5 Que seja mais branco do que a neve²⁰⁶: pois na negra Mareótis²⁰⁷,
quanto mais rara, mais bonita é essa cor.

Que os olhos rivalizem com as estrelas e batam-lhe os delicados
cabelos no pescoço: não gosto, Flaco, de cabelos encaracolados.

Que sua frente seja curta e seu nariz levemente curvo,

- 10 que seus lábios sejam rubros emulando as rosas de Pesto²⁰⁸.

Que frequentemente me obrigue quando eu não quiser, e que não queira

quando eu quiser, que seja, frequentemente, mais livre que seu senhor,

que não tema os garotos e, com frequência, afaste as garotas,

que seja homem para os demais, que somente para mim seja um garoto.

- 15 “Já sei, não estás enganado: pois assim penso que é a verdade.
“Assim era’, dirás, meu Amazônico”.

4.43

Non dixi, Coracine, te cinaedum:

non sum tam temerarius nec audax

²⁰⁴ **Flaco**: esse nome é usado por Marcial em mais de 20 epigramas. Alguns estudiosos defendem a ideia de que se trata da mesma personagem, um amigo e protetor de Marcial. No entanto, essa ideia não é unânime e vários estudiosos apontam incongruências, desde o tom de alguns epigramas até diferenças aparentes quanto ao *status* social da personagem. Um exemplo é o epigrama 11.95, uma invectiva contra um *fellator* com esse nome. Soldevila (2006, p. 310) traz uma discussão sobre esse assunto.

²⁰⁵ Escravos egípcios eram apreciados pela sua malícia e devassidão (SOLDEVILA, 2006, p. 311).

²⁰⁶ A brancura da pele era um elemento essencial na descrição de beleza (*ibidem*, p. 312).

²⁰⁷ **Mareótis**: lago próximo a Alexandria, aqui tomado como metonímia para o Egito. *Fuscus*, *a*, *um* é um adjetivo usado para descrever as pessoas negras, sendo um equivalente de *niger*, era muitas vezes aplicado a locais com população negra. De fato, o Egito era uma das regiões que exportavam escravos negros para Roma (SOLDEVILA, 2006, p. 313).

²⁰⁸ **Pesto**, *Paestum*: na Lucânia era famosa por suas rosas, que produzia duas vezes por ano (PIMENTEL, 2000b, p. 36). Segundo Soldevila (2006, p. 315), as rosas eram símbolo da beleza sublime e efêmera.

- nec mendacia qui loquar libenter.*
Si dixi, Coracine, te cinaedum,
 5 *iratum mihi Pontiae lagonam,*
iratum calicem mihi Metili:
iuro per Syrios tibi tumores,
iuro per Berecynthios furores.
Quid dixi tamen? Hoc leue et pusillum,
 10 *quod notum est, quod et ipse non negabis:*
dixi te, Coracine, cunnilingum.

- Não te chamei, Coracino, de viado:
 não sou tão temerário nem tão audaz,
 nem do tipo que tem prazer em contar mentiras.
 Se te chamei, Coracino, de viado,
 5 que eu receba a ira do copo de Pôncia²⁰⁹,
 que eu receba a ira do cálice de Metílio²¹⁰:
 juro-te pelos tumores sírios²¹¹,
 juro-te pelos furores berecíntios²¹².
 O que eu disse, então? Algo leve e pequeno,
 10 que é conhecido, e que nem tu negarás:
 eu disse que tu, Coracino, lambe bocetas.

4.48

Percidi gaudes, percisus, Papyle, ploras.

²⁰⁹ Williams (2004, p. 132) atesta que Pôncia foi uma famosa envenenadora e assassina que matou seus filhos na época de Nero. Pôncia também é mencionada por Marcial nos epigramas 2.35 e 6.75 e por Juvenal na sátira 6 (vv. 638-642).

²¹⁰ **Metílio**: possivelmente outro envenenador, este, no entanto, desconhecido.

²¹¹ **Tumores sírios**, *Syrios ... tumores*: passagem de difícil interpretação. Verger (2001, p. 281), Pimentel (2000b, p.36) e Cartelle (2004, p. 144) apontam tratar-se de uma crença segundo a qual Ísis puniria perjuros com tumores ou hidropisia. No entanto, Soldevila (2006, p. 324) relaciona a passagem à deusa síria Atargatis (chamada pelos romanos de *dea Syria*), cujos sacerdotes, assim como os de Cibele, se emasculavam; dessa forma, traça-se um claro paralelismo com o verso seguinte. Segundo Soldevila, os tumores seriam uma referência ao inchaço das feridas causadas pela automutilação. O OCD (s. v. "Atargatis") usa o termo *Galli* para se referir aos sacerdotes de Atargatis, reforçando as semelhanças entre o culto da deusa síria e de Cibele.

²¹² **Furores berecíntios**, *furores Berecynthios*: Berecintia é o nome de uma região, entre a Cária e a Lídia, e de um monte na Frígia, lugar de origem da deusa Cibele e, por isso, um de seus epítetos. "Furores" diz respeito aos transe (furor) durante os quais os *Galli* se autoemasculavam ritualmente.

*Cur, quae uis fieri, Papyle, facta doles?
 Paenitet obscenae pruriginis? An magis illud
 fles, quod percidi, Papyle, desieris?*

Gostas que te enrabem, Pápilo, e uma vez enrabado, choras.

Por que te queixas daquilo que queres que te façam?

Te arrependes dessa obscena comichão²¹³? Ou será que
 choras, Pápilo, porque deixaram de te enrabar?

²¹³ **Comichão**, *prurigo*: o *OLD* traz duas acepções para a palavra: “coceira, irritação”, que, como lembra Soldevila (2006, p. 354), pode ser resultado da penetração anal, e “desejo sexual”. Esse duplo sentido de *prurigo* condiz com o sentido geral do epigrama.

6 LIVRO V

5.41

*Spadone cum sis euiratior fluxo,
et concubino mollior Celaenaeo,
quem sectus ululat Matris entheae Gallus,
theatra loqueris et gradus et edicta*

- 5 *trabeasque et Idus fibulasque censusque,
et pumicata pauperes manu monstras.
Sedere in equitum liceat an tibi scamnis
uidebo, Didyme: non licet maritorum.*

Embora sejas mais emasculado que um eunuco frouxo
e mais efeminado que o concubino de Celenas²¹⁴,
a quem lamenta em altos gritos²¹⁵ o Galo cortado que a Divina Mãe²¹⁶ inspira,
falas de teatros, de plateias²¹⁷ e de editos,
5 de togas²¹⁸, de Idos²¹⁹, de broches e de censos²²⁰
e apontas os pobres com as mãos polidas com pedras-pomes.
Se te é permitido sentar-te no banco dos cavaleiros
verei, Dídimo: não podes no dos maridos²²¹.

5.46

*Basia dum nolo nisi quae luctantia carpsi,
et placet ira mihi plus tua quam facies,*

²¹⁴ Referência a Átis, jovem da cidade de Celenas, na Frígia. Foi amante/enamorado da deusa Cibele, que o levou à autoemasculação a fim de que não se unisse a outras mulheres (HOWELL, 1995, p. 127).

²¹⁵ Referência às procissões dos *Galli*, que passavam coletando dinheiro enquanto tocavam trombetas, cornetas, tambores e pratos (HOWELL, 1995, p. 127).

²¹⁶ Cibele.

²¹⁷ **Degraus da plateia**, *gradus*: as 14 fileiras da plateia reservadas aos cavaleiros (HOWELL, 1995, p. 127).

²¹⁸ **Togas**, *trabeas*: toga mais curta que o usual, com faixas púrpura, de uso reservado aos cidadãos da ordem equestre (cavaleiros) (PIMENTEL, 2000b, p. 81).

²¹⁹ Referência ao cortejo dos cavaleiros (*equitum transuectio*), vestidos com as *trabeae*, nos Idos de Julho perante o censor (PIMENTEL, 2000b, p. 81, e HOWELL, 1995, p. 127).

²²⁰ **Censo**, *census*: o, realizado a cada 5 anos e que determinava a lista de quem tinha fortuna suficiente para integrar as ordens senatorial e equestre (PIMENTEL, 2000b, p. 81).

²²¹ Dídimo se preocupa com tudo o que se refere à Ordem Equestre, no entanto não possuía, segundo Marcial, o que seria necessário para sentar-se nos bancos reservados aos homens casados (PIMENTEL, 2000b, p. 81).

*ut te saepe rogem, caedo, Diadumene, saepe:
consequor hoc, ut me nec timeas nec ames.*

Não quero beijos, a não ser aqueles que arranquei à força,
e me agrada mais a tua ira do que a tua formosura.
Para que eu sempre te peça, Diadúmeno²²², te bato sempre,
com isto consigo que não me temas, nem me ames.

5.48

*Quid non cogit amor? Secuit nolente capillos
Encolpos domino, non prohibente tamen.
Permisit fleuitque Pudens: sic cessit habenis
audaci questus de Phaethonte pater:*

- 5 *talis raptus Hylas, talis deprensus Achilles
deposuit gaudens, matre dolente, comas.
Sed tu ne propera - breuibus ne crede capillis -
tardaue pro tanto munere, barba, ueni.*

A que não obriga o amor²²³? Encolpo cortou os cabelos
mesmo seu senhor não querendo, mas também, não proibindo.
Chorando, concordou Pudente: assim cedeu as rédeas
o pai, queixando-se da audácia de Faetonte²²⁴,
5 assim foi o rapto de Hilas²²⁵, assim Aquiles²²⁶, descoberto,
cortou feliz os cabelos, para sofrimento da mãe²²⁷.
Mas tu, barba, não te apresses – não confies nos cabelos curtos –

²²² Cf. 3.65 e 6.34.

²²³ Cf. 1.31.

²²⁴ **Faetonte**: filho de Hélios, o Sol, com o consentimento do pai, pega a carruagem do Sol, se assusta e, em queda, para evitar destruir a terra, é fulminado por Júpiter (GUIMARÃES, 1983, p. 149).

²²⁵ **Hilas**: filho do rei Teiodamas, se torna companheiro de viagem de Hércules após o herói matar seu pai. Os dois se juntam aos Argonautas e, em uma parada na Mísia, o jovem é atraído pelas Ninfas para lhe dar a imortalidade; inconsolável, o herói se atrasa, procurando-o, e a nau Argo parte sem que ele esteja a bordo (GUIMARÃES, 1983, p. 178 e 179).

²²⁶ Segundo a profecia de Calcas, Troia somente seria conquistada com a presença de Aquiles. Sabendo que a ruína da cidade significava também a morte do filho, Tétis o escondeu, disfarçado como garota, na corte do rei Licomedes. Aquiles é descoberto por meio de um estratagemas de Ulisses (GUIMARÃES, 1983, P. 60).

²²⁷ O herói aceita seu destino e corta os cabelos que o disfarçavam como garota e parte para a guerra. Sua mãe lamenta, pois sabe o que o destino lhe reserva.

e, em troca de tão grande dádiva, tarda em vir.

5.55

Dic mihi, quem portas, uolucrum regina? 'Tonantem.'

Nulla manu quare fulmina gestat? 'Amat.'

Quo calet igne deus? 'Pueri.' Cur mitis aperto

respicis ore louem? 'De Ganymede loquor.'

Diz-me, quem carregas, rainha das aves²²⁸? “O Tonante²²⁹.”

Por que ele não carrega, em mão alguma, os raios? “Ele ama”.

Por qual fogo o deus se inflama? “Por um garoto”. Por que, de bico aberto, voltas o olhar afável para Jove? “Estou lhe falando de Ganimedes”.

5.61

Crispulus iste quis est, uxori semper adhaeret

qui, Mariane, tuae? Crispulus iste quis est,

nescio quid dominae teneram qui garrit in aurem

et sellam cubito dexteriore premit?

5 *Per cuius digitos currit levis anulus omnis,*

crura gerit nullo qui uiolata pilo?

Nil mihi respondes? 'Uxoris res agit' inquis

'iste meae.' Sane certus et asper homo est,

procuratorem uultu qui praeferat ipso:

10 *acrior hoc Chius non erit Aufidius.*

O quam dignus eras alapis, Mariane, Latini:

te successurum credo ego Panniculo.

Res uxoris agit? Res ullas crispulus iste?

Res non uxoris, res agit iste tuas.

Quem é esse encaracoladinho²³⁰, que sempre está grudado na tua esposa, Mariano? Quem é este encaracoladinho

²²⁸ **Rainha das aves:** a águia, símbolo de Júpiter.

²²⁹ **Tonante**, *tonans*, *-tis*: “que troveja”, “tonante”, epíteto de Júpiter.

²³⁰ **Encaracoladinho**, *crispulus*: de cabelo curto e encaracolado (*OLD*, s. v.). V. n. a 2.36.1.

que sussurra não sei o quê, no delicado ouvido da tua senhora
e apoia o cotovelo direito na cadeira?

5 Esse por cujos dedos todos corre um leve anel,
 esse que mantém as pernas não maculadas por pelo algum²³¹?
 Nada me respondes? “Esse cuida dos assuntos²³²”, dizes,
 “da minha esposa”. Sem dúvida ele é um homem decidido e duro,
 que mostra no próprio rosto ser um homem de negócios²³³:

10 Aufídio de Quíos²³⁴ não será mais agudo do que ele.
Como eras digno, Mariano, das bofetadas de Latino:
eu creio que tu serás o sucessor de Panículo²³⁵.
Ele cuida dos assuntos da tua esposa²³⁶? Cuida esse afetadinho de alguma
[coisa?
Não dos assuntos da esposa, ele cuida é dos teus.

5.83

*Insequeris, fugio; fugis, insequor; haec mihi mens est:
uelle tuum nolo, Dindyme, nolle uolo.*

Persegues-me, fujo; foges, persigo-te; este é o meu jeito:
o teu querer não quero, Díndimo, o teu não querer eu quero.

²³¹ Sobre depilação excessiva e o que significava, cf. 2.62.

²³² **Cuidar dos assuntos** legais e dos negócios, *res agit*: (HOWELL, 1995, p. 145).

233 **Homem de negócios, procurator.** responsável por administrar os bens e cuidar dos assuntos legais (v. n. v. 7).

²³⁴ Pimentel (2000b, p. 88) afirma tratar-se de um famoso jurisconsulto. Howell (1995, p. 145) lembra que um Aufídio é citado por Juvenal na sátira 9 (v. 25), onde o compara a Névolos, que é descrito como *notior Aufidio moechus* (“mais notório adúltero que Aufídio”).

²³⁵ Sobre as bofetadas de Latino em Panículo, v. n. a 2.72.4.

²³⁶ Cf. nota ao verso 7.

7 LIVRO VI

6.16

*Tu qui falce uiros terres et pene cinaedos,
iugera sepositi pauca tuere soli.
Sic tua non intrent uetuli pomaria fures,
sed puer et longis pulchra puella comis.*

Tu²³⁷ que aterrorizas os homens com a foice e os viados com o pau,
vigia essas poucas jeiras de solo apartado.
Assim não entrem velhos ladrões²³⁸ em teu pomar,
mas garoto ou bela garota de longa cabeleira.

6.33

*Nil miserabilius, Matho, pedicone Sabello
uidisti, quo nil laetius ante fuit.
Furta, fugae, mortes seruorum, incendia, luctus
adfligunt hominem; iam miser et futuit.*

Ninguém viste mais infeliz, Matão, que o bichona Sabelo,
que antes foi mais feliz do que ninguém.
Furtos, fugas, mortes de escravos, incêndios, lutos
atormentam o homem; agora, infeliz, até fode mulheres²³⁹.

²³⁷ **Tu:** Priapo. Divindade originária de Lâmpsaco na Ásia Menor (atual Turquia). Segundo diferentes versões do mito, Priapo era filho de Afrodite (fontes diversas apontam o pai como sendo Dionísio e algumas como sendo Zeus). Como forma de punição, Hera pune a vida promíscua da mãe (lembramos que a esposa de Zeus era a protetora do casamento) deformando o filho. Assim, Priapo nasce com um pênis de tamanho descomunal. Preocupada com a vergonha que a deformidade da criança traria, Afrodite abandona o filho em uma montanha, onde é criado por pastores, o que lhe atribui o caráter rústico. Priapo era representado por uma forma fálica e seu simulacro era colocado como guarda em vinhedos e jardins. Como guardião de jardins, servia tanto para espantar aves, quanto para afugentar ladrões (OLIVA NETO, 2006, pp. 15 e 16 e GUIMARÃES, 1983, p. 264).

²³⁸ Aqui Priapo é invocado como guardião de um jardim. Aos homens ele ameaça de castração com a foice, aos *cinaedi*, seu pênis avantajado serve de ameaça. Nos segundo e último dístico, o desejo de que o pomar seja atacado por ladrões jovens e belos soa como uma espécie de oferta.

²³⁹ Depois dos infortúnios do terceiro verso, por necessidades econômicas, é obrigado a se relacionar com mulheres. Em latim há apenas o verbo *futuo*, que, por designar intercurso vaginal, não deixaria dúvidas quanto às atividades de Sabelo.

6.34

Basia da nobis, Diadumene, pressa. 'Quot' inquis?

Oceani fluctus me numerare iubes

et maris Aegaei sparsas per litora conchas

et quae Cecropio monte uagantur apes

- 5 *quaeque sonant pleno uocesque manusque theatro,
cum populus subiti Caesaris ora uidet.*

Nolo quot arguto dedit exorata Catullo

Lesbia: pauca cupit, qui numerare potest.

Dá-me beijos, Diadúmeno²⁴⁰, aos montes²⁴¹. “Quantos?” Perguntas.

As ondas do oceano ordenas que eu conte

e as conchas dispersas pelo litoral do mar Egeu

e as abelhas que enxameiam o monte cecrópio²⁴²

- 5 e, no teatro cheio, cada uma das vozes e palmas que soam
quando o povo vê a face inesperada de César²⁴³.

Não quero quantos Lésbia, persuadida, deu ao melodioso

Catulo: poucos deseja aquele que pode contá-los.

6.37

Secti podicis usque ad umbilicum

nullas reliquias habet Charinus,

et prurit tamen usque ad umbilicum.

O quanta scabie miser laborat!

- 5 *Culum non habet, est tamen cinaedus.*

Do cu cortado até o umbigo

Carino não tem nada que tenha sobrado,

²⁴⁰ Cf. 3.65 e 5.46.

²⁴¹ Dar muitos beijos, como símbolo de afeição. Alusão aos poemas 5 e 7 de Catulo, que têm como tópica a “inumerabilidade” dos beijos.

²⁴² Referência ao monte Himeto, próximo a Atenas. Cécrope é considerado, na mitologia, o primeiro rei de Atenas (GUIMARÃES, 1983, p. 99). O mel produzido na região era considerado de excelente qualidade (PIMENTEL, 2000b, p. 113).

²⁴³ Pimentel (2000b, p. 113) explica que esse era um método comum de medir a popularidade do imperador, no caso, Domiciano.

e, ainda assim, tem coceira até o umbigo.
Ó, que grande comichão sofre o desgraçado!

5 Não tem cu, e ainda assim é viado.

6.49

*Non sum de fragili dolatus ulmo,
nec quae stat rigida supina uena
de ligno mihi quolibet columna est,
sed uiua generata de cupressu:*

5 *quae nec saecula centiens peracta
nec longae cariem timet senectae.
Hanc tu, quisquis es o malus, timeto.
Nam si uel minimos manu rapaci
hoc de palmite laeseris racemos,
10 nascetur, licet hoc uelis negare,
inserta tibi ficus a cupressu.*

Não sou²⁴⁴ entalhado em frágil olmo,
nem a veia, que fica em riste, rígida e ereta,
é uma coluna de uma madeira qualquer,
mas é gerada de vivo cipreste,
5 que nem a passagem de centenas de gerações,
nem a podridão da longa velhice teme.
Esta, quem quer que sejas, malvado, tema.
Pois se, com mão rapace, machucares
os mínimos cachos de um ramo de vinha,
10 te nascerá, ainda que isso queiras negar,
um figo²⁴⁵, introduzido em ti pelo cipreste.

6.50

*Cum coleret puros pauper Telesinus amicos,
errabat gelida sordidus in togula:*

²⁴⁴ Outro epigrama priapeu. Neste quem fala é o próprio Priapo. V. n. a 6.16.1

²⁴⁵ V. n a 1.65.1.

*obscenos ex quo coepit curare cinaedos,
argentum, mensas, praedia solus emit.*

- 5 *Vis fieri diues, Bithynice? Conscius esto:
nil tibi uel minimum basia pura dabunt.*

Quando Telesino, pobre, cultivava amigos puros,
vagava, sujo, em gélida togazinha:

desde que começou a cortejar viados obscenos,
prata, mesas, propriedades, compra sozinho.

- 5 *Queres tornar-te rico, Bitínico? Toma consciência disto:
nada, ou quase nada, te darão os beijos puros*²⁴⁶.

6.54

*Tantos et tantas si dicere Sextilianum,
Aule, uetes, iunget uix tria uerba miser.
'Quid sibi uult?' inquis. Dicam, quid suspicer esse:
tantos et tantas Sextilianus amat.*

Se proíbes Sextiliano de dizer “tão grandes” e “tão grossas”,
Aulo, o miserável juntará, com custo, três palavras.

“O que ele quer?” perguntas. Direi o que penso que é:
Sextiliano ama os “tão grandes” e as “tão grossas”²⁴⁷.

6.56

*Quod tibi crura rigent saetis et pectora uillis,
uerba putas famae te, Charideme, dare?
Extirpa, mihi crede, pilos de corpore toto
teque pilare tuas testificare natis.*

- 5 *'Quae ratio est?' inquis. Scis multos dicere multa:
fac pedicari te, Charideme, putent.*

²⁴⁶ O epigrama 9.63 traz a mesma tópica.

²⁴⁷ Pimentel (2000b, p. 120) e Cartele (2004, p. 216) apontam que os adjetivos “*tantos*” e “*tantas*” se referem a “*draucos*” e a “*mentulas*”. Dessa forma o último verso poderia ser lido como: “Sextiliano ama os atletas tão grandes e as picas tão grossas”. Sobre *draucus*, ver n. a 1.96.12.

Por estarem cobertas, tuas pernas de cerdas, e teu peito, de cabelos,
julgas enganar tua fama, Caridemo?

Crê em mim, arranca os pelos do corpo todo,
e prova que depilas a bunda.

- 5 “Por que?” perguntas. Sabes que muitos dizem muitas coisas,
faz, Caridemo, com que pensem que dás a bunda²⁴⁸.

6.72

*Fur notae nimium rapacitatis
compilare Cilix uolebat hortum,
ingenti sed erat, Fabulle, in horto
praeter marmoreum nihil Priapum.*

- 5 *Dum non uult uacua manu redire,
ipsum surripuit Cilix Priapum.*

Ladrão conhecido pela exagerada rapacidade,
Cílix²⁴⁹ queria roubar um jardim,
mas no enorme jardim, Fabulo,
não havia nada além de um Priapo²⁵⁰ de mármore.

- 5 Então, como não queria retornar de mãos vazias,
Cílix roubou o próprio Priapo.

6.81

*Iratus tamquam populo, Charideme, lauaris:
inguina sic toto subluís in solio.
Nec caput hic uellem sic te, Charideme, lauare.
Et caput, ecce, lauas: inguina malo laues.*

Tu tomas banho, Caridemo, como se estivesses tomado de ira pelo povo,

²⁴⁸ Ver subitem 4.2.1.

²⁴⁹ Cartelle (2004, p. 224) e Shackleton Bailey (1993 v.2, p. 55) tratam *Cilix* como nome próprio. Pimentel (2000b, p. 72) opta pelo gentílico “cilício”, i. e., “habitante da Cilícia”.

²⁵⁰ V. n. a 6.16.1.

assim mergulhas a virilha por toda a banheira.
 Nem a cabeça eu queria que aqui lavasses, Caridemo.
 E a cabeça, veja, lavas: prefiro que laves a virilha²⁵¹.

6.91

*Sancta ducis summi prohibet censura uetatque
 moechari. Gaude, Zoile, non futuis.*

A santa censura²⁵² do chefe maior²⁵³ proíbe e veta
 o adultério. Regozija-te, Zoilo, tu não fodes²⁵⁴.

²⁵¹ Os epigramas 2.42 e 2.70 apresentam situações semelhantes.

²⁵² Domiciano se autoneomeou *censor perpetuus* e único ocupante do cargo (a norma, até então, estipulava 2 *censores* eleitos a cada 5 anos). No exercício da censura o imperador se dedicou à moralização da sociedade (PIMENTEL, 2000a, p. 52).

²⁵³ **Chefe maior**, *summus dux*: i.e., o imperador Domiciano.

²⁵⁴ **Não fodes**, *non futuis*: i.e., não performa intercuro vaginal. Sobre Zoilo, v. n. a 2.42.1 e 2.42.2, além dos epigramas 3.82, 11.30 e 11.85.

8 LIVRO VII

7.10

*Pedicatur Eros, fellat Linus: Ole, quid ad te
de cute quid faciant ille uel ille sua?
Centenis futuit Matho milibus: Ole, quid ad te?
Non tu propterea, sed Matho pauper erit.*

- 5 *In lucem cenat Sertorius: Ole, quid ad te,
cum liceat tota stertere nocte tibi?
Septingenta Tito debet Lupus: Ole, quid ad te?
Assem ne dederis crediderisue Lupo.
Illud dissimulas, ad te quod pertinet, Ole,
10 quodque magis curae conuenit esse tuae:
pro togula debes. Hoc ad te pertinet, Ole.
Quadrantem nemo iam tibi credit: et hoc.
Uxor moecha tibi est: hoc ad te pertinet, Ole.
Poscit iam dotem filia grandis: et hoc.*
- 15 *Dicere quindecies poteram, quod pertinet ad te:
sed quid agas, ad me pertinet, Ole, nihil.*

Eros é enrabado²⁵⁵, Lino chupa: Olo, que te importa
o que fazem um e outro com sua pele?
Matão fode²⁵⁶ por cem mil²⁵⁷: Olo, que te importa?
Não és tu que ficarás mais pobre por causa disso, mas o Matão.

- 5 Sertório ceia até o amanhecer: Olo, que te importa,
já que tu podes roncar a noite toda?
Lupo deve setecentos mil a Tito: Olo, que te importa?
Não dês nem emprestes um só asse²⁵⁸ a Lupo.
Mas dissimulas aquilo que te diz respeito, Olo,
10 e aquilo que mais convém que seja do teu interesse:

²⁵⁵ **É enrabado**, *pedicatur*: forma passiva do verbo *pedico*.

²⁵⁶ **Fode**, *futuit*: o verbo indica que o verso diz respeito a relações sexuais com uma mulher. V. glossário.

²⁵⁷ **Cem mil sestércios**, *centeni ... mille*: um valor demasiado alto para se pagar por sexo. Em 11.70 é o valor pago por um escravo para essas finalidades.

²⁵⁸ **Asse**: moeda romana de menor valor. Um sestércio valia quatro asses.

deves tua togazinha: isto te interessa, Olo.

Já não tens nem um quadrante²⁵⁹ de crédito: e isto também te interessa.

Tua esposa é uma adúltera: isto te interessa, Olo.

Tua filha crescida já te pede um dote: e isto também te interessa.

- 15 Poderia dizer quinze vezes o que te interessa,
mas o que fazes, Olo, a mim em nada me interessa.

7.29

Thestyle, Victoris tormentum dulce Voconi,

quo nemo est toto notior orbe puer,

sic etiam positus formosus amere capillis

et placeat uati nulla puella tuo:

- 5 *paulisper domini doctos sepone libellos,*
carmina Victori dum lego parua tuo.

Et Maecenati, Maro cum cantaret Alexin,

nota tamen Marsi fusca Melaenis erat.

Téstilo²⁶⁰, doce tormento de Vítor Vocônio²⁶¹,

garoto conhecido em todo o mundo mais do que qualquer outro,

que sejas amado, belo²⁶², mesmo que cortes o cabelo²⁶³

e que nenhuma garota seja agradável a teu poeta:

- 5 põe de lado, por um momento, os doutos livrinhos de teu senhor,
enquanto leio estes curtos poemas ao teu Vítor.

Embora Marão²⁶⁴ cantasse Aléxis²⁶⁵, também por Mecenas²⁶⁶

²⁵⁹ **Quadrante:** a quarta parte de um asse, uma ninharia.

²⁶⁰ **Téstilo:** *puer delicatus* de Vocônio Vítor. No epigrama 8.63, ele é colocado ao lado de outros jovens escravos de poetas famosos.

²⁶¹ **Vôconio Vítor:** Segundo Vioque (2002, p. 110), há uma inversão da ordem do *nomen* e do *cognomen* da personagem. Trata-se de um poeta e amigo de Marcial, “de que nada se sabe” (PIMENTEL, 2001, p. 26). Vocônio Vítor é mencionado no epigrama 11.78 e Téstilo no epigrama 8.63.

²⁶² **Belo,** *formosus*: usado em relação a seres humanos, indica beleza física e atratividade sexual (VIOQUE, 2002, p. 210).

²⁶³ V. n. a 1.31.1.

²⁶⁴ **Públio Virgílio Marão,** *Publius Vergilius Maro* (70-19 a.C.): poeta autor das *Bucólicas*, das *Geórgicas* e da *Eneida* (OCD, s. v.).

²⁶⁵ Pimentel (2000b, p. 68) lembra que Aléxis foi um escravo jovem, inteligente e culto que Asínio Polião (ou Mecenas, segundo este epigrama de Marcial) deu de presente a Virgílio.

²⁶⁶ **Caio Mecenas,** *Gaius Maecenas*: amigo de Augusto e um de seus primeiros apoiadores. Embora tivesse grande fortuna e descendesse de uma família etrusca antiga, nunca exerceu uma magistratura

a negra Melênis de Marso²⁶⁷ era conhecida.

7.34

*Quo possit fieri modo, Seuere,
ut uir pessimus omnium Charinus
unam rem bene fecerit, requiris?
Dicam, sed cito. Quid Nerone peius?*

- 5 *Quid thermis melius Neronianis?
Non deest protinus, ecce, de malignis,
qui sic rancidulo loquatur ore:
'quid? Tu tot domini deique nostri
praeferes muneribus Neronianas?'*

- 10 *Thermas praefero balneis cinaedi.*

Como pode ser possível, Severo,
que Carino, o pior de todos os homens,
tenha feito uma coisa boa, tu perguntas?
Direi, e prontamente. Quem é pior do que Nero²⁶⁸?

- 5 Mas quais termas são melhores que as neronianas²⁶⁹?
Não faltará logo um desses maledicentes que, de repente,
assim fale com sua boca rançosa:
“Quê? Tu preferes as termas Neronianas às muitas
dádivas²⁷⁰ de nosso senhor e deus²⁷¹?”

- 10 Prefiro essas termas aos banhos²⁷² de um viado.

e não entrou para a ordem senatorial, mantendo-se na ordem equestre. Foi patrono de grandes poetas, como Virgílio e Horácio (OCD, s.v.).

²⁶⁷ **Melênis:** o nome pelo qual Domício Marso cantava sua amada. Marso foi um poeta da época de Augusto, considerado por Marcial como um de seus predecessores no gênero do epigrama (PIMENTEL, 2001, p. 26).

²⁶⁸ O imperador Nero, aqui, é pintado como um tirano.

²⁶⁹ Vioque (2002, p. 241) assinala que, à época de Marcial, havia três termas. Além das Neronianas, que era mais renomada, havia as termas de Agripa e as de Tito.

²⁷⁰ Conforme aponta Pimentel (2001, p. 28), os Flávios haviam empreendido uma campanha de *damnatio memoriae* contra Nero; além disso, o encômio obrigatório a Domiciano tornava essa afirmação improvável, de que as termas Neronianas seriam preferíveis.

²⁷¹ **Senhor e deus**, *Dominus deusque*: Domiciano determinou que fosse tratado pelo título de “senhor e deus” (PIMENTEL, 2001, p. 28).

²⁷² Vioque (2002, p. 243) aponta a diferença entre as *thermae* (edifícios públicos grandiosos) e os *balnea*, banhos privados despretensiosos. Sobre os banhos e homossexuais, v. n a 1.23.1.

7.55

*Nulli munera, Chreste, si remittis,
nec nobis dederis remiserisque:
credam te satis esse liberalem.
Sed si reddis Apicio Lupoque
5 et Gallo Titioque Caesioque,
linges non mihi—nam proba et pusilla est—,
sed quae de Solymis uenit perustis
damnatam modo mentulam tributis.*

Se a ninguém envias presentes, Cresto,
e nem a mim os darás ou enviarás,
acreditarei que és suficientemente generoso.
Mas se os envias a Apício, e a Lupo,
5 e a Galo e a Tício, a Césio,
não lambes a minha, pois é honrada e pequena,
mas a que veio da carbonizada Sólíma²⁷³,
pica²⁷⁴ há pouco condenada a pagar tributos²⁷⁵.

7.58

*Iam sex aut septem nupsisti, Galla, cinaedis,
dum coma te nimium pexaque barba iuuat.
Deinde experta latus madidoque simillima loro
inguina nec lassa stare coacta manu,
5 deseris inbelles thalamos mollemque maritum;*

²⁷³ **Da carbonizada Sólíma**, de *Solymis* ... *perustis*:. Sólíma é Jerusalém (trata-se da forma abreviada a partir da transliteração do nome semítico da capital dos Judeus, *Hierosolyma*). A expressão é uma referência à tomada e destruição de Jerusalém na campanha empreendida por Vespasiano e Tito, completamente arrasada pelo fogo, em 70 d.C (VIOQUE, 2002, p. 332 e PIMENTEL, 2001, p. 36).

²⁷⁴ Os judeus, em virtude da circuncisão, tinham fama de terem órgãos sexuais muito desenvolvidos. (PIMENTEL, 2001, p. 95).

²⁷⁵ O *fiscus iudaicus*, imposto de duas dracmas que os judeus eram obrigados a pagar (PIMENTEL, 2001, pp. 36 e 37).

- rursus et in similes decidis usque toros.*
Quaere aliquem Curios semper Fabiosque loquentem,
hirsutum et dura rusticitate truem:
inuenies: sed habet tristis quoque turba cinaedos.
 10 *Difficile est uero nubere, Galla, uiro.*

- Já te casaste²⁷⁶, Gala, com seis ou sete viadinhos,
 pois te agrada muito cabelo e barba bem cuidados.
 Depois, tendo experimentado o seu vigor e os seus genitais
 parecidos com couro molhado e que não se levantam nem estimulados por
 [exausta mão,
 5 abandonas os efeminados tálamos²⁷⁷ e o frouxo²⁷⁸ marido
 e de novo cais nos leitos²⁷⁹ costumeiros.
 Busca alguém que sempre fale dos Cúrios²⁸⁰ e dos Fábios²⁸¹,
 hirsuto e selvagem com dura rusticidade:
 tu o encontrarás: mas também essa turba severa possui viados.
 10 Difícil é, Gala, casar-se com um homem de verdade.

7.62

- Reclusis foribus grandes percidis, Hamille,*
et te deprendi, cum facis ista, cupis,
ne quid liberti narrent seruique paterni
et niger obliqua garrulitate cliens.
 5 *Non pedicari se qui testatur, Hamille,*

²⁷⁶ V. n. a 1.24.4.

²⁷⁷ Tálamo, *Thalamus*: o leito ou o quarto do casal. Por metonímia, designa o casamento (OLD, s.v. 2).

²⁷⁸ Frouxo, *mollis*: v. n a 1.96.10.

²⁷⁹ Leitos, *torus*: é uma expressão que se refere especialmente ao leito conjugal (VIOQUE, 2002, p. 346).

²⁸⁰ V. n. a 1.24.3.

²⁸¹ Fábios: os Fábios evocam o mesmo tipo de virtude que os Cúrios. Segundo Pimentel (2001, p. 38), o mais destacado dos Fábios (*Fabii*) foi *Quintus Fabius Maximus Cunctator*, duas vezes *dictator* (221 e 217 a. C.), várias vezes cônsul. Ganhou o apelido de *Cunctator* (protelador) pela sua estratégia ao enfrentar Aníbal, evitando um confronto direto, durante a Segunda Guerra Púnica. A *gens Fabia*, além de muitas personagens históricas importantes, também evoca um feito coletivo memorável, quando, na guerra contra os Veios, em 479 a.C. enviou os 306 homens da família, dispostos a levarem o conflito sozinhos; destes, apenas um retornou (OCD, s.v. e PIMENTEL, 2001, p. 38).

illud saepe facit quod sine teste facit.

Com as portas abertas, Hamilo, enrabas garotos já crescidos,
e desejas que te apanhem em plena ação,
para que não comentem os libertos e escravos paternos
e um cliente perverso com sua tagarelice maldosa.

- 5 Quem invoca testemunhas de que não é enrabado, Hamilo,
com frequência faz aquilo que sem testemunhas²⁸² faz.

7.67

*Pedicat pueros tribas Philaenis
et tentigine saeuior mariti
undenas dolat in die puellas.*

- Harpasto quoque subligata ludit,*
5 *et flauescit haphe, graesque draucis
halteras facili rotat lacerto,
et putri lutulenta de palaestra
uncti uerbere uapulat magistri:
nec cenat prius aut recumbit ante*
10 *quam septem uomuit meros deunces;
ad quos fas sibi tunc putat redire,
cum coloephia sedecim comedit.*
*Post haec omnia cum libidinatur,
non fellat—putat hoc parum uirile—,*
15 *sed plane medias uorat puellas.*
*Di mentem tibi dent tuam, Philaeni,
cunnum lingere quae putas uirile.*

A lésbica Filênis enraba garotos
e, mais furiosa que a ereção de um marido,
desbasta onze garotas em um só dia.

²⁸² **Sem testemunha**, *sine teste*: note-se o jogo com as palavras *testis*: “testemunha” e/ou “testículo”. V. n. a 2.72.8.

- 5 Também, com as vestes presas, joga harpasto²⁸³
e fica amarelada com o pó, e halteres pesados
para atletas²⁸⁴ gira com ágil braço
e, enlameada pelo fétido ginásio,
recebe os golpes do treinador untado de óleo²⁸⁵;
- 10 não ceia e não se reclinava à mesa sem primeiro
ter vomitado sete medidas²⁸⁶ de vinho não misturado²⁸⁷,
julga, então, que lhe é possível repeti-las,
após ter comido dezesseis almôndegas²⁸⁸.
Depois disso tudo, quando se entrega aos prazeres,
- 15 não faz boquetes, considera-os pouco viris,
mas devora inteiramente as garotas ao meio.
Que os deuses te deem discernimento, Filênis,
tu que consideras ser viril lambem bocetas.

7.80

*Quatenus Odrysios iam pax Romana triones
temperat et tetricae conticuere tubae,
hunc Marcellino poteris, Faustine, libellum
mittere: iam chartis, iam uacat ille iocis.*

5 *Sed si parua tui munuscula quaeris amici
commendare, ferat carmina nostra puer,
non qualis Geticae satiatus lacte iuuencae
Sarmatica rigido ludit in amne rota,
Sed Mitylenaei roseus mangonis ephebus*

²⁸³ **Harpasto**, *harpastum*: do grego ἄρπαστρον, pequena bola cheia de areia disputada por jogadores dispostos em dois times (OLD, s.v. e VIOQUE, 2002, p. 233).

²⁸⁴ V. n. a 7.67.6.

²⁸⁵ Os atletas, em especial os que se dedicavam a lutas, se besuntavam antes dos treinos e das lutas com os *ceromata*, unguentos feitos de cera, azeite e borra de vinho (PIMENTEL, 2000b, p. 21).

²⁸⁶ **Medida**, *Deunx*: medida de quantidade equivalente a onze doze avos da libra (VIOQUE, 2002, p. 389).

²⁸⁷ **Vinho não misturado**, *merum* (*merum uinum*): vinho puro, não misturado (ou cortado). O costume era misturar o vinho com água. Marcial critica o consumo de vinho puro e a referência a esse hábito tem conotações muito pejorativas (VIOQUE, 2002). Havia, além disso, o costume de se beber grande quantidade de vinho para abrir o apetite. Depois o vômito era induzido (VIOQUE, 2002, p. 388). Esse não era um costume das mulheres (CARTELE, 2004, p. 259).

²⁸⁸ **Almôndegas**, *colocephium*: m. q. *colyphium*, um preparado à base de carne próprio para atletas (OLD, s.v. e ADAMS, 1990, p. 49).

- 10 *uel non caesus adhuc matre iubente Lacon.
At tibi captiuo famulus mittetur ab Histro,
qui Tiburtinas pascere possit oues.*

Uma vez que a Paz Romana²⁸⁹ já governa as constelações²⁹⁰ odrísias²⁹¹
e as tétricas tubas se calaram,
agora poderás, Faustino²⁹², este meu livrinho a Marcelino²⁹³
enviar: ele já dispõe de tempo para minhas páginas e também para meus
[gracejos.

- 5 Mas se queres valorizar estes pequenos presentes de teu amigo,
que um jovem escravo leve nossos poemas,
não um como aqueles que, saciados de leite de novilhas géticas²⁹⁴,
brincam com a roda sarmática²⁹⁵ no rio enregelado²⁹⁶,
mas sim um róseo efebo de um traficante de Mitilene²⁹⁷,
10 ou um lacedemônio que não tenha ainda apanhado por ordens de sua
[mãe²⁹⁸.
Já a ti será enviado um escravo do cativo Istro²⁹⁹,
que possa apascentar tuas ovelhas de Tíbur³⁰⁰.

²⁸⁹ Uma referência à pacificação da Trácia após a campanha da Sarmácia. O final dessa campanha é celebrado por Marcial nos epigramas 7.5 a 7.8. (VIOQUE, 2002, p. 443).

²⁹⁰ **Constelações**, *Triones*: as constelações da Ursa Maior e da Ursa Menor.

²⁹¹ **Odrísias**: referente à Odrísia, nome pelo qual eram chamadas as regiões da Trácia que haviam sido subjugadas pelos romanos (PIMENTEL, 2001, p. 17).

²⁹² Segundo Pimentel (2001, p. 46), é a mesma personagem que aparece em 1.25, um amigo de Marcial, rico, culto e generoso (PIMENTEL, 2000a, p. 59). Pimentel também levanta a possibilidade de que seja o pai de Marcelino (2000a, p. 131).

²⁹³ Jovem patrono de Marcial, cuja carreira ele acompanha. Em 3.6, Marcial celebra o aniversário do pai e o fato de Marcelino ter deixado a *toga praetexta* e passado a usar a *toga uirilis*, i.e., ter deixado de usar a toga que os jovens usam até aproximadamente os 16 anos (PIMENTEL, 2000a, p. 131). Em 6.25 ele está em campanha militar, em alguma região setentrional, possivelmente contra os Dácios (PIMENTEL, 2000b, p. 110). Em 9.45, Marcelino aparece rumando para a região do Cáucaso, a caminho das campanhas contra os Sármatas (PIMENTEL, 2001, p. 118).

²⁹⁴ Referência aos *Getae*, tribo trácia que habitava o Danúbio inferior (OLD, s.v.).

²⁹⁵ **Roda sarmática**, *Sarmatica ... rota*: “roda” é uma metonímia para as carruagens, e o verso faz uma referência às corridas de carruagens que aconteciam no inverno, sobre o Danúbio congelado (VIOQUE, 2002, p. 445).

²⁹⁶ **Rio enregelado**, *Amnis rigidus*: para Valverde e Verge (1997b, p. 44), trata-se do Danúbio.

²⁹⁷ **Mitilene**: capital da ilha de Lesbos, na Grécia.

²⁹⁸ **Lacedemônio**, i.e. espartano. Aqui o verso trata do costume de se açoitarem os meninos ante o altar de Ártemis, para acostumá-los ao sofrimento (CARTELE, 2004, p. 264).

²⁹⁹ Referente à *Histria* ou *Istria*, região banhada pelo Adriático (portanto, próxima ao Danúbio).

³⁰⁰ **Tíbur**: cidade do Lácio, próxima a Roma, atual Tívoli.

9 LIVRO VIII

8.44

*Titulle, moneo, uiue: semper hoc serum est;
 sub paedagogo coeperis licet, serum est.
 At tu, miser Titulle, nec senex uiuis,
 sed omne limen conteris salutator*

5 *et mane sudas urbis osculis udus,
 foroque triplici sparsus ante equos omnes
 aedemque Martis et colosson Augusti
 curris per omnes tertiasque quintasque.
 Rape, congere, aufer, posside: relinquendum est.*

10 *Superba densis arca palleat nummis,
 centum explicentur paginae Kalendarum,
 iurabit heres te nihil reliquisse,
 supraque pluteum te iacente uel saxum,
 fartus papyro dum tibi torus crescit,*

15 *flentis superbus basiabit eunuchos;
 tuoque tristis filius, uelis nolis,
 cum concubino nocte dormiet prima.*

Titulo, te aconselho, vive, sempre é tarde para isto;
 ainda que comeces sob a orientação do pedagogo, é tarde.

Mas tu, pobre Titulo, nem velho vives,
 mas desgastas todas as soleiras na saudação³⁰¹,

5 e pela manhã, transpiras, úmido dos beijos da cidade³⁰²,
 e pelos três fóruns³⁰³ lançado diante de todas as estátuas equestres,

³⁰¹ Trata-se da *salutatio*, dever que o cliente tinha de saudar seus patronos pela manhã (LEITE, 2003, p. 29).

³⁰² Sobre os beijos como forma de cumprimento, v. n. a 2.10.1.

³⁰³ **Três fóruns**, *forum triplex*: referência ao conjunto formado pelos Fóruns Romano, Júlio e de Augusto. Nesses lugares funcionavam os tribunais (PIMENTEL, 2000a, p. 142).

- 10 do Templo de Marte³⁰⁴ e do Colosso de Augusto³⁰⁵
 corres todos os dias, entre a terceira e a quinta horas³⁰⁶.
 Agarra, acumula, rouba, possui: tudo ficará para trás.
 Que tua magnífica arca amareleça de tanto dinheiro,
 que se desenrolem cem folhas nas calendas³⁰⁷,
 15 mesmo assim, teu herdeiro irá jurar que nada lhe deixaste,
 e quando sobre tábuas ou pedra estiveres estirado,
 enquanto, cheia de papiro³⁰⁸, tua pira elevar-se,
 ele, arrogante, beijará teus eunucos chorosos,
 e teu triste filho, queiras ou não,
 com teu escravo favorito dormirá a primeira noite.

8.52

- Tonsorem puerum, sed arte talem
 qualis nec Thalamus fuit Neronis,
 Drusorum cui contigere barbae,
 Aequandas semel ad genas rogatus*
 5 *Rufo, Caediciane, commodau.*
*Dum iussus repetit pilos eosdem,
 censura speculi manum regente,
 expingitque cutem facitque longam
 detonsis epaphaeresin capillis,*
 10 *barbatus mihi tonsor est reuersus.*

Um jovem barbeiro, mas de grande habilidade,

³⁰⁴ O templo de *Mars Ultor*, ou Marte Vingador, foi mandado construir por Augusto para celebrar a vitória na batalha de Filipos (42 a.C.), na qual venceu os assassinos de César, Cássio e Bruto (PIMENTEL, 2001, p. 35).

³⁰⁵ Como aponta Pimentel (2001, p. 75), são três as hipóteses sobre quem é representado nesse Colosso. O título “Augusto” designa o imperador, assim, pode-se referir tanto à estátua colossal de Augusto que ficava próxima ao templo de Marte, quanto à estátua de Nero, ou ainda, mais provavelmente, como indica Valverde e Verger (2001, p. 77), uma imponente estátua equestre de Domiciano.

³⁰⁶ O período mais intenso de negócios e de atividades profissionais, como a de advogado (PIMENTEL, 2001, p. 75).

³⁰⁷ **Calendas**, *kalendae*: primeiro dia do mês. Era o dia em que venciam os juros e se pagavam as rendas (PIMENTEL, 2001, p. 75).

³⁰⁸ **Papiro**: usado para acender a pira.

tal como não tinha Tálamo (o barbeiro de Nero),
 a quem coube cuidar das barbas dos Drusos³⁰⁹,
 me foi pedido por Rufo uma só vez, para igualar as bochechas,
 5 e eu, Cediciano, lhe emprestei.
 Então, seguindo as ordens deste, o jovem barbeiro repassa os mesmos
[cabelos,
 com a correção do espelho, como guia de sua mão,
 e pinta a pele e faz um prolongado
 corte de cabelos já cortados,
 10 e meu barbeiro me é devolvido barbudo³¹⁰.

8.63

*Thestylon Aulus amat sed nec minus ardet Alexin,
 forsitan et nostrum nunc Hyacinthon amat.
 nunc et dubita uates an diligat ipsos,
 delicias uatum cum meus Aulus amet.*

Aulo³¹¹ ama Téstilo³¹², mas não é menor seu ardor por Aléxis³¹³,
 e talvez agora ame o nosso Hiacinto³¹⁴.
 Vai, duvida agora de que Aulo gosta dos meus vates,
 ele que as delícias dos vates ama.

³⁰⁹ Referência aos imperadores Cláudio e Nero.

³¹⁰ **Barbudo**: *i.e.*, já adulto, não mais apto a prestar serviços de natureza sexual.

³¹¹ **Aulo Pudente**: centurião amigo de Marcial. V. n. a 1.31.2.

³¹² **Téstilo**: *puer delicatus* do poeta Vocônio Vítor. Cf. 7.29.

³¹³ V. n. a 7.29.7. No entanto, como lembra Shackleton Bailey (1993, v. 2, p. 206), deve tratar-se de algum jovem escravo que era vivo à época de Marcial.

³¹⁴ Nome apropriado para um jovem escravo. V. n. a 11.43.8.

10 LIVRO IX

9.4

*Aureolis futui cum possit Galla duobus
Et plus quam futui, si totidem addideris:
Aureolos a te cur accipit, Aeschyle, denos?
Non fellat tanti Galla. Quid ergo? Tacet.*

Já que se pode foder³¹⁵ Gala por duas moedas de ouro³¹⁶
e mais do que foder, se adicionares o mesmo tanto,
por que, Ésquilo³¹⁷, ela recebe de ti dez moedas de ouro?
Gala não cobra tanto para chupar. Para que, então? Para calar.

9.5

*Tibi, summe Rheni domitor et parens orbis,
pudice princeps, gratias agunt urbes:
populos habebunt; parere iam scelus non est.
Non puer auari sectus arte mangonis
5 uirilittatis damna maeret ereptae,
nec quam superbus computet stipem leno
dat prostituto misera mater infanti.
Qui nec cubili fuerat ante te quondam,
pudor esse per te coepit et lupanari.*

A ti, sumo vencedor do Reno³¹⁸ e pai do mundo³¹⁹,

³¹⁵ **Foder**, *futuere*: praticar intercurso vaginal.

³¹⁶ **Moeda de ouro**, *aureolus*. Henriksén (1998, p. 74 e 75) trata a forma como um diminutivo de *aureus*, o que permite quantificar e comparar os valores cobrados por Gala. Para ele, um *aureolus* é igual a um *aureus*. Desta forma, um *aureolus* corresponde a 25 *denarii*, que, por sua vez, corresponde a 100 sestércios ou 400 asses. Para efeito de comparação, cita o epigrama 2.53 de Marcial, no qual os serviços de uma prostituta custam 4 asses, e uma inscrição de Pompeia (*CIL* 4, 1751) na qual uma prostituta se oferece por 16 asses. Em 1.103, Marcial menciona o valor de 1 asse, que deve ser considerado abusivamente baixo.

³¹⁷ Sobre os hábitos sexuais de Ésquilo, ver 9.67.

³¹⁸ **Sumo vencedor do Reno**, *summe Rheni domitor*: é referência às vitórias militares de Domiciano na Germânia.

³¹⁹ **Pai do mundo**, *parens orbis*: expressão usada em parte como paráfrase para o título de *pater patriae* (pai da pátria) e em parte para compará-lo a Júpiter como *parens mundi* (pai do mundo) (HENRIKSÉN, 1998, p. 78). Sobre a comparação com Júpiter, v. epigrama 9.36.

casto príncipe, te dão graças as cidades:

elas terão pessoas, parir já não é crime.

O menino mutilado pela arte do avaro mercador de escravos

- 5 não chora a injúria da virilidade arrancada,
nem o cafetão insolente pode contar as moedinhas
que uma mãe miserável entrega à criança prostituída.

O pudor que outrora, antes de ti, nem no quarto existira,
passou, por tua causa, a existir até mesmo no puteiro³²⁰.

9.7

*Tamquam parua foret sexus iniuria nostri
foedandos populo prostituisset mares,
iam cunae lenonis erant, ut ab ubere raptus
sordida uagitu posceret aera puer.*

- 5 *Immatura dabant infandas corpora poenas.
Non tulit Ausonius talia monstra pater,
idem qui teneris nuper succurrit ephebis,
ne faceret steriles saeua libido uiros.
Dilexere prius pueri iuuenesque senesque,
10 at nunc infantes te quoque, Caesar, amant.*

Como se fosse pequena a injúria ao nosso sexo

ter prostituído ao povo machos mutilados,

já no berço eles eram do cafetão, de tal forma que, roubado do peito,
o menino pedia o sórdido dinheiro com choro.

- 5 *Corpos imaturos sofriam castigos indizíveis.
Não tolerou tais monstruosidades o Ausônio pai³²¹,
o mesmo que recentemente socorreu os delicados efebos,*

³²⁰ Referência às leis morais de Domiciano, que mostrou interesse em levar Roma de volta aos padrões morais da época Augustana. Nesse sentido, são três as medidas aludidas nesse epigrama: o édito contra a castração de jovens escravos (versos 4 e 5); a proibição da prostituição de crianças (versos 6 e 7) e a revitalização da *lex Iulia de adulteriis coercendis*, lei promulgada por Augusto em 18 a.C. que coíbia o adultério (HENRIKSÉN, 1998, p. 76).

³²¹ **Ausônio pai**, *Ausonius pater*: sobre o uso de pater para se referir a Domiciano, v. n a 9.5.1. Segundo Henriksén (1998, p. 84), a expressão *Ausonius Pater* traça um paralelo com o epíteto de Júpiter: *aetherius pater* (etéreo, celestial).

para que a selvagem lascívia não os tornasse em homens estéreis.
 Antes, meninos, jovens e velhos te estimavam,
 10 mas agora, até os bebês, César, te amam³²².

9.11

*Nomen cum uiolis rosisque natum,
 quo pars optima nominatur anni,
 Hyblam quod sapit Atticosque flores,
 quod nidos olet alitis superbae;
 5 nomen nectare dulcius beato,
 quo mallet Cybeles puer uocari
 et qui pocula temperat Tonanti,
 quod si Parrhasia sonet in aula,
 respondent Veneres Cupidinesque;
 10 nomen nobile, molle, delicatum
 uersu dicere non rudi uolebam:
 sed tu, syllaba contumax, rebellas.
 Dicunt Eiarinon tamen poetae,
 sed Graeci, quibus est nihil negatum
 15 et quos Ἄρεξ Ἄρεξ decet sonare:
 nobis non licet esse tam disertis,
 qui Musas colimus seueriores.*

Nome³²³ nascido em companhia de violetas e rosas,
 que designa a melhor parte do ano,
 que tem o sabor do Hibla³²⁴ e das flores áticas³²⁵,
 que cheira aos ninhos da ave fabulosa³²⁶;

³²² Este epigrama trata da proibição da castração de jovens escravos. V. n. a 9.5.9.

³²³ Primeiro epigrama do “Ciclo de Eáрино”, dedicado a Flávio Eáрино, escanção de Domiciano. Como propõe Henriksén (1998, p. 89), esses epigramas podem ser divididos em dois grupos: os epigramas 9.11, 9.12 e 9.13 celebram o nome de Eáрино, e os epigramas 9.16 e 9.17 têm como tema a oferenda dos cabelos cortados. O ciclo termina com o epigrama 9.36, que faz a contraposição entre Júpiter e Ganimedes e Domiciano e seu escanção. Sobre esses epigramas, ver item 3.1.

³²⁴ **Monte Hibla:** na Sicília, famoso pelo seu mel (PIMENTEL, 2000a, p. 113).

³²⁵ Referência ao mel produzido na Ática, em especial no Monte Himeto. V. n. a 6.34.4.

³²⁶ Referência aos ninhos da Fênix, feito com plantas aromáticas, como a canela e o cinamomo (PIMENTEL, 2000a, p. 120).

- 5 nome mais doce que o delicioso néctar³²⁷,
 pelo qual preferiria ser chamado o jovem³²⁸ de Cibele³²⁹,
 e aquele³³⁰ que tempera as taças do Tonante³³¹,
 que, se o fizeres retumbar na corte Parrásia³³²,
 respondem Vênus e os Cupidos³³³;
- 10 nome nobre, tenro, delicado,
 quero dizê-lo em versos não rudes³³⁴,
 mas tu, sílaba insolente³³⁵, te rebelas.
 Os poetas, contudo, dizem Eiarino³³⁶,
 mas os gregos, aos quais nada é negado,
- 15 e a quem é lícito dizer Ἄρεξ Ἄρεξ.
 A nós não é permitido sermos tão eloquentes,
 pois cultivamos musas mais severas.

9.12

*Nomen habes teneri quod tempora nuncupat anni,
 cum breue Cecropiae uer populantur apes:
 nomen Acidalia meruit quod harundine pingi,
 quod Cytherea sua scribere gaudet acu;*

5 *nomen Erythraeis quod littera facta lapillis,*

³²⁷ **Néctar**: bebida própria dos deuses. Como aponta Henriksén (1998, p. 95), além desse valor simbólico, *nectar* é comumente usado, em contextos eróticos, como uma metáfora para “beijos”.

³²⁸ **Efebo de Cibele**, *Cybeles puer*: ou seja, Átis. Uma forma de referir a castração de Eáirino.

³²⁹ V. n. a 2.45.2.

³³⁰ Referência a Ganimedes e à dupla função de Eáirino: escanção e concubino de Domiciano.

³³¹ Epíteto de Júpiter. V. n. a 5.55.1.

³³² Referência ao *Palatium* de Domiciano, que, concluído em 92, contava com várias construções, entre elas um palácio oficial, a *Domus Flauia*, e um público, a *Domus Augustana*. O *Palatium* ficava no Palatino, daí seu nome. Parrásia é uma região da Arcádia, e passou metonimicamente a designar pessoas e coisas ligadas à Arcádia. A região do Palatino, segundo a tradição mítica, foi escolhida pelo rei Evandro, oriundo da Ática, que ali fundou uma cidade (PIMENTEL, 2001, p. 37 e HENRIKSÉN, 1998, p. 96).

³³³ Alusão ao primeiro verso do carme 3 de Catulo: “*Lugete, o Veneres Cupidinesque*”: “Podeis chorar, ó Vênus, ó Cupidos”. Trad. OLIVA NETO (1996).

³³⁴ **Não rudes**, *non rudes*: i.e., em versos bem polidos. Inicia aqui uma série de considerações sobre o nome *Earinus*, que não cabe nos metros usados pelo poeta (PIMENTEL, 2001, p. 104 e HENRIKSÉN, 1998, p. 98).

³³⁵ Sílaba insolente, *syllaba contumax*: o *Ē* em *Ēārīnus* que por ser breve, não cabe nos versos do poeta (ver discussão no item 2.1, sobre os metros usados por Marcial).

³³⁶ Os poetas gregos, a partir de Homero, se permitiam alongar certas sílabas para que se adequassem aos versos (HENRIKSÉN, 1998, p. 98); *Eiarinos* seria a forma que a palavra *Earinus* assumiria, caso esse recurso fosse empregado.

*gemma quod Heliadum pollice trita notet;
quod pinna scribente grues ad sidera tollant;
quod decet in sola Caesaris esse domo.*

Tens um nome que invoca a suave estação do ano,
quando as abelhas cecrópias³³⁷ assolam a breve primavera;
nome que merecia ser pintado pelo cálamo acidálio³³⁸,
pois Citereia³³⁹ se deleita em escrevê-lo com sua agulha³⁴⁰,
5 um nome que deve ser escrito com letras feitas de pérolas eritreias³⁴¹,
ou com gemas polidas pelo polegar das Helíades³⁴²;
um nome que os grou, com suas asas que escrevem³⁴³, elevem aos astros,
e ao qual convém estar somente no palácio de César.

9.13

*Si daret autumnus mihi nomen, Oporinos essem,
horrida si brumae sidera, Chimerinos;
dictus ab aestiuo Therinos tibi mense uocarer:
tempora cui nomen uerna dedere, quis est?*

Se o outono me desse o nome³⁴⁴, Oporino³⁴⁵ eu seria;

³³⁷ V n. a 6.34.4.

³³⁸ **Cálamo acidálio**, *harundo Acidalia*: referência a Vênus, pois era protetora de uma fonte (ou lago) de mesmo nome, na Beócia, onde se banhavam suas filhas, as Graças (PIMENTEL, 2000b, p. 106).

³³⁹ **Citereia**: Vênus. V. n. a 2.47.2.

³⁴⁰ Agulha (de bordar). Note-se a sequência dos materiais dignos de escrever o nome de Eáрино.

³⁴¹ **Pérolas eritreias**, *Erythraei lapilli*: o nome antigo do Mar Vermelho era *Erythraeum mare*, mas seu uso foi estendido para designar toda a porção de oceano nas costas da Península Arábica até a Índia, ou seja, desde o mar de Suez até o Sri Lanka. A Índia, em especial o estreito entre o continente e o Sri Lanka, era famosa pela qualidade de suas pérolas. Marcial usa essas pérolas como imagem de riqueza e luxo exagerado, mas também de uma beleza pura, em um contexto amatório (HENRIKSÉN, 1998, p. 65).

³⁴² **Gemas polidas pelo polegar das Helíades**, *gemma trita pollice Heliadum*: referência ao âmbar. Helíades eram as filhas de Hélios. Após seu irmão, Faetonte, ser fulminado por Zeus e cair no rio Erídano, elas ficaram na margem chorando, e foram, então, metamorfoseadas em salgueiros e suas lágrimas se transformaram em âmbar (GUIMARÃES, 1983, p. 169).

³⁴³ Segundo o mito, a invenção dos caracteres do alfabeto (ou sua disposição na ordem em que o conhecemos) é atribuída a Palomedes. O herói grego teria se inspirado no voo dos grou para criar a letra Y, transliterada para o latim como V, a primeira letra de *uer* (primavera) (GUIMARÃES, 1983, p. 243 e PIMENTEL, 2001, p. 104).

³⁴⁴ Terceiro epigrama sobre o nome de Eáрино, ver item 3.1.

³⁴⁵ **Oporino**: do grego Ὀπωρινός, "outonal" (PIMENTEL, 2001, p. 105).

se as severas estrelas do inverno, Quimerino³⁴⁶;
 nomeado pelo mês estival, Terino³⁴⁷ eu seria chamado:
 a quem foi dado o nome pela primavera, quem é?

9.16

*Consilium formae speculum dulcisque capillos
 Pergameo posuit dona sacrata deo
 ille puer tota domino gratissimus aula,
 nomine qui signat tempora uerna suo.*

- 5 *Felix, quae tali censetur munere tellus!
 Nec Ganymedeas mallet habere comas.*

Um espelho, conselheiro da aparência, e os doces cabelos³⁴⁸
 depositou, como oferendas sagradas, ao deus de Pérgamo³⁴⁹,
 aquele garoto que é o mais amado pelo seu senhor em todo o palácio,
 cujo nome designa a estação primaveril³⁵⁰.

- 5 *Feliz a terra que é celebrizada com tal presente!
 Ela não preferiria ter os cabelos nem mesmo de Ganimedes.*

9.17

*Latonae uenerande nepos, qui mitibus herbis
 Parcarum exoras pensa breuesque colos,
 hos tibi laudatos domino, rata uota, capillos
 ille tuus Latia misit ab urbe puer;
 5 addidit et nitidum sacratis crinibus orbem,
 quo felix facies iudice tuta fuit.
 Tu iuuenale decus serua, ne pulchrior ille
 in longa fuerit quam breuiore coma.*

³⁴⁶ **Quimerino:** do grego Χειμερινός, “invernoso” (PIMENTEL, 2001, p. 105).

³⁴⁷ **Terinos:** do grego Θερινός, “estival” (PIMENTEL, 2001, p. 105).

³⁴⁸ Segunda série de epigramas sobre Eáрино. Neste epigrama e no próximo o tema é a oferenda dos cabelos do jovem.

³⁴⁹ **Deus de Pérgamo,** *Pergameus deus:* referência a Esculápio. O deus da medicina teria um santuário em Pérgamo, onde teria nascido Eáрино (CARTELE, 2005, p. 42).

³⁵⁰ Eáрино, cf. 9.13.

Ó venerável neto de Latona³⁵¹, que com ervas suaves
 abrandas a trama e as efêmeras rocas das Parcas³⁵²,
 estes cabelos, louvados pelo teu senhor, como cumprimento de uma promessa,
 envia-os a ti, a partir da cidade do Lácio, o teu garoto,
 5 e aos divinos cabelos adicionou um disco brilhante³⁵³,
 que foi juiz seguro das bem-aventuradas faces.
 Tu, preserva-lhe a graça juvenil, para que ele não seja mais belo
 com os cabelos longos do que cortados.

9.21

*Artemidorus habet puerum sed uendidit agrum;
 agrum pro puero Calliodorus habet.
 Dic uter ex istis melius rem gesserit, Aucte:
 Artemidorus amat, Calliodorus arat.*

Artemidoro tem um jovem escravo, mas vendeu um campo³⁵⁴;
 um campo em lugar de um escravo tem Caliodoro.
 Diz-me, Aucto, qual destes dois fez melhor negócio:
 Artemidoro ama, Caliodoro ara.

9.25

*Dantem uina tuum quotiens aspeximus Hyllum,
 lumine nos, Afer, turbidiore notas.
 Quod, rogo, quod scelus est mollem spectare ministrum?
 Aspiciamus solem, sidera, templa, deos.
 5 Auertam uultus, tamquam mihi pocula Gorgon
 porrigat, atque oculos oraue nostra tegam?*

³⁵¹ **Neto de Latona**, *Latonae nepos*: ou seja, Esculápio, filho da mortal Côronis e de Apolo, por sua vez filho de Júpiter e Latona. Esculápio, embora não seja identificado nominalmente, é indicado pela sua progenitura e pela descrição de suas atividades: “que com ervas suaves/ abrandas a trama e as efêmeras rocas das Parcas”.

³⁵² **Parcas**: as Moiras, três divindades femininas que personificam, juntas, o destino de cada um. Uma fia, outra mede e a terceira corta o fio que representa a duração de cada vida (GUIMARÃES, 1983, p. 225).

³⁵³ Referência ao espelho entregue como oferenda, juntamente com os cabelos cortados. Cf. 9.16.1.

³⁵⁴ A tópica da venda de terras para a compra de escravos também aparece nos epigramas 12.16 e 12.33.

*Trux erat Alcides, et Hylan spectare licebat;
 ludere Mercurio cum Ganymede licet.
 Si non uis teneros spectet conuiuia ministros,
 10 Phineas inuites, Afer, et Oedipodas.*

Toda vez que admiro o teu Hilo servindo vinho,
 me censuras, Afro, com olhos cheios de fúria.
 Que crime, te pergunto, que crime é contemplar teu suave escanção?
 Admiramos o sol, os astros, os templos, os deuses.
 5 Virarei o rosto, como se a Górgona³⁵⁵ taças
 me estendesse, e cobrirei meus olhos e meu rosto?
 Selvagem era Alcides³⁵⁶, e permitia que contemplassem Hilas³⁵⁷,
 era permitido que Mercúrio brincasse com Ganimedes.
 Se não queres que o convidado contemple os tenros escanções,
 10 que convides, Afro, Fineus e Édipos³⁵⁸.

9.27

*Cum depilatos, Chreste, coleos portes
 et uulturino mentulam parem collo
 et prostitutis leuius caput culis,
 nec uiuat ullus in tuo pilus crure,
 5 purgentque saeuae cana labra uulsellae;
 Curios, Camillos, Quintios, Numas, Ancos,
 et quidquid usquam legimus pilosorum
 loqueris sonasque grandibus minax uerbis,
 et cum theatris saeculoque rixaris.
 10 Occurrit aliquis inter ista si draucus,
 iam paedagogo liberatus et cuius*

³⁵⁵ **Górgona**, *Gorgon*: aqui, referindo-se à Medusa, uma das três Górgonas. Enfeitiçada por Atena/Minerva, tinha serpentes no lugar dos cabelos e transformava em pedra qualquer um que olhasse diretamente em seus olhos (GUIMARÃES, 1983, p. 162).

³⁵⁶ **Alcides**: Hércules, neto de Alceu (pai de Anfitrião, seu “pai mortal”) (PIMENTEL, 2000b, p. 89).

³⁵⁷ V. n. a 5.48.5.

³⁵⁸ **Fineus e Édipos**: referências a duas personagens mitológicas, ambas cegas. Fineu foi um adivinho, rei da Trácia, e perdeu a visão ao ser castigado pelos deuses (GUIMARÃES, 1983, p. 153). Édipo se cegou após perceber que a profecia de Laio havia se cumprido e ele havia assassinado seu pai e casado com sua mãe (GUIMARÃES, 1983, p. 131).

*refibulauit turgidum faber penem,
nutu uocatum ducis, et pudet fari
Catoniana, Chreste, quod facis lingua.*

- Embora mantenhas, Cresto, os colhões depilados
e pareça teu pau o pescoço de um abutre
e tua cabeça seja mais lisa que os cus de prostitutas,
nem viva em tua perna um único pelo,
- 5 e teus lábios brancos sejam purificados pela cruel pinça,
falas de Cúrios³⁵⁹, Camilos³⁶⁰, Quíncios³⁶¹, Numas³⁶², Ancos³⁶³,
e de qualquer um dos peludos que lemos em alguma parte,
e soas ameaçador com fortes palavras
e te opões aos teatros e à tua época.
- 10 Mas se, no meio destas coisas, te aparece um atleta³⁶⁴,
já liberado pelo pedagogo e a quem
o ferreiro desafivelou³⁶⁵ o inchado pau,
tu o levas dali, chamando-o com um aceno, e dá vergonha dizer
o que fazes, Cresto, com tua língua catoniana³⁶⁶.

9.36³⁶⁷

Viderat Ausonium posito modo crine ministrum

³⁵⁹ V. n. a 1.24.3.

³⁶⁰ V. n. a 1.24.3.

³⁶¹ **Quíncios**: referência a Tito Quíncio Cincinato, herói romano do século V a.C. Em 458 a.C., quando o exército romano estava cercado pelos Équos, uma tribo itálica, Cincinato foi trazido de seus campos para assumir a ditadura. Em quinze dias reuniu um exército, derrotou os Équos, triunfou e deixou o posto, retornando às suas terras. É citado, aqui, como mais um dos *exempla* de austeridade e bons costumes (OCD, s. v.).

³⁶² **Numa Pompílio**: segundo rei de Roma, apresentado como modelo de integridade e irrepreensibilidade (HENRIKSÉN, 1998, p. 146).

³⁶³ Referência a Anco Márcio, quarto rei de Roma.

³⁶⁴ V. n. a 1.96.12.

³⁶⁵ Trata-se do uso das *fibulae*, espécie de cinto de castidade. V. n. a 1.96.12.

³⁶⁶ Uma referência aos dois “Catões”, considerados modelos de austeridade e severidade. *Marcus Porcius Cato* (Marco Pórcio Catão, chamado Catão o Censor, 234-149 a.C.), de família plebeia, ocupou vários cargos na magistratura, sob o patronato de L. Valério Flaco. Foi *quaestor*, *consul* e *censor*, sempre defendendo as virtudes tradicionais romanas. *Marcus Porcius Cato* (Marco Pórcio Catão, chamado de Útica, 95 – 46 a.C., bisneto de Catão, o Censor), foi um político romano célebre por suas ideias, uma mistura de tradicionais valores romanos e estoicismo. Na guerra civil ficou ao lado de Pompeu (contra Júlio César). Durante a guerra, governou a cidade de Útica (no norte da África), onde, após a derrota de Pompeu, preferiu o suicídio ao perdão de César (OCD, s. v.).

³⁶⁷ Último epigrama do “Ciclo de Eáirino”.

- Phryx puer, alterius gaudia nota louis:*
'quod tuus, ecce, suo Caesar permisit ephebo,
tu permitte tuo, maxime rector' ait;
5 *'iam mihi prima latet longis lanugo capillis,*
iam tua me ridet luno uocatque uirum.'
cui pater aetherius 'puer o dulcissime,' dixit,
'non ego, quod poscis, res negat ipsa tibi:
Caesar habet noster similis tibi mille ministros
10 *tantaque sidereos uix capit aula mares;*
at tibi si dederit uultus coma tonsa uiriles,
quis mihi, qui nectar misceat, alter erit?'

O jovem frígio³⁶⁸, conhecido deleite do outro Júpiter³⁶⁹,
tendo visto o escanção ausônio³⁷⁰ com o cabelo há pouco cortado, disse:

“Aquilo que teu César permitiu ao seu efebo
tu permitas ao teu, ó todo poderoso chefe.

- 5 Já meus longos cabelos escondem minha primeira lanugem,
já tua Juno ri de mim e chama-me homem.”
A ele disse o pai celestial³⁷¹: “Ó dulcíssimo garoto,
não eu, é a própria circunstância que nega a ti aquilo que pedes.
Nosso César tem mil escanções semelhantes a ti
10 e o vasto palácio³⁷² com dificuldade abriga os rapazes divinos.
Mas, se a cabeleira cortada te der um semblante viril,
que outro terei que prepare o néctar para mim?”

9.47

Democritos, Zenonas inexplicitosque Platonas
quidquid et hirsutis squalet imaginibus,

³⁶⁸ **Ganimedes**: aqui chamado de “frígio”, embora fosse troiano. A Frígia era uma das regiões que formavam a Anatólia e ficava próxima a Troia.

³⁶⁹ **Outro Jove**, *alterius louis*: literalmente, o “outro Jove” (Júpiter), mas, na verdade, Marcial se refere à própria divindade. O “primeiro” Júpiter, aqui, era o imperador Domiciano.

³⁷⁰ **Escanção ausônio**, *Ausonium ministrum*: i.e., Eárino. “Ausônio” quer dizer habitante da Ausônia, antigo nome da Itália; logo, “ausônio” indica “romano”.

³⁷¹ **Pai celestial**, *pater aetherius*: v.n a 9.5.1.

³⁷² O *Palatium* de Domiciano. V. n. a 9.11.8.

*sic quasi Pythagorae loqueris successor et heres;
praependet sane nec tibi barba minor.*

- 5 *Sed - quod et hircosis carum est et turpe pilosis -
in molli rigidam clune libenter habes.*

*Tu, qui sectarum causas et pondera nostri,
dic mihi, percidi, Pannyche, dogma quod est?*

De Demócrito³⁷³, Zenões³⁷⁴ e inexplicáveis Platões
e de qualquer esquelético de bustos barbudos³⁷⁵,
falas como se fosses sucessor e herdeiro de Pitágoras;
e, certamente, não te pende pela frente uma barba menor.

- 5 Mas – o que é agradável para os que cheiram a bode e torpe para os peludos -
tens com prazer no meio da mole bunda um bem rígido.

Tu, que conheces os princípios e as influências das doutrinas,
diz-me, Pânico, ser arrombado, que doutrina filosófica é?

9.57

*Nil est tritius Hedyli lacernis:
non ansae ueterum Corinthiorum,
nec crus compede lubricum decenni,
nec ruptae recutita colla mulae,
5 nec quae Flaminiam secant salebrae,
nec qui litoribus nitent lapilli,
nec Tusca ligo uinea politus,
nec pallens toga mortui tribulis,
nec pigri rota quassa mulionis,
10 nec rasum cauea latus uisontis,
nec dens iam senior ferocis apri.
Res una est tamen - ipse non negabit -*

³⁷³ Filósofos como modelos de virtude; por isso os nomes no plural. Demócrito de Abdera, nascido entre 460 e 457 a.C, foi um dos principais expoentes da teoria atomista e um dos influenciadores do epicurismo (OCD, s. v.).

³⁷⁴ **Zenão:** nome comum a vários filósofos, dentre eles alguns estoicos, como Zenão de Cítio (335-263 a.C.), Zenão de Tarsos (séc. III a.C.), sucessor de Crísipo, e Zenão de Sídón, discípulo de Zenão de Cítio (OCD, s. v.).

³⁷⁵ V. Juvenal 2, versos 1 a 21, na p. 96.

culus tritior Hedyli lacernis.

- Nada é mais surrado que as lacernas³⁷⁶ de Hédilo:
 nem as asas de antigos bronzes coríntios³⁷⁷,
 nem as canelas esfoladas por dez anos de grilhões,
 nem o pescoço esfolado de uma mula desembestada,
 5 nem os sulcos que rasgam a via Flamínia³⁷⁸,
 nem as pedrinhas que brilham nas praias,
 nem a enxada brunida na vinha etrusca,
 nem a toga desbotada de um morto pobretão,
 nem a maltratada roda de um arreeiro preguiçoso,
 10 nem o flanco do bisão raspado pela jaula,
 nem o canino já envelhecido do feroz javali.
 Há contudo uma única coisa – ele próprio não negará –
 mais surrada que as lacernas de Hédilo: seu cu.

9.63

*Ad cenam inuitant omnes te, Phoebe, cinaedi.
 Mentula quem pascit, non, puto, purus homo est.*

Para o jantar te convidam, Febo, todas as bichas.

Quem é alimentado pelo pau, penso eu, não é um homem puro³⁷⁹.

9.67

*Lasciuam tota possedi nocte puellam,
 cuius nequitias uincere nemo potest.
 Fessus mille modis illud puerile poposci:
 ante preces totum primaque uerba dedit.*

³⁷⁶ **Lacernas:** V. n. a 1.92.7.

³⁷⁷ **Bronzes coríntios:** referência ao bronze produzido em Corinto, muito valorizado na Antiguidade. Henriksén (1999, p. 39) apresenta uma discussão sobre sua composição e descoberta: a liga desse bronze poderia ser obtida com a adição de ouro e prata, como acreditavam os antigos romanos, ou com um alta concentração de estanho, conforme conjecturas recentes.

³⁷⁸ Construída em 220 a.C., era uma das três principais estradas que saíam de Roma rumo ao norte. Seu nome deriva de seu construtor, *C. Flaminius* (HENRIKSÉN, 1998, p. 40).

³⁷⁹ O epigrama 6.50 traz a mesma tópica.

5 *Improbis quiddam ridensque rubensque rogavi:*

Pollicita est nulla luxuriosa mora.

Sed mihi pura fuit; tibi non erit, Aeschyle, si uis

Accipere hoc munus condicione mala.

Durante toda a noite possuí uma garota lasciva,
cujas safadezas ninguém pode vencer.

Já cansado de mil maneiras, pedi-lhe aquilo que se pede a um garoto:
diante dos pedidos e já às primeiras palavras, ela o deu inteiro.

5 Rindo e corando, pedi algo mais reprovável:

cheia de luxúria, me prometeu, sem demora.

Mas comigo foi pura, contigo não será, Ésquilo³⁸⁰, se queres
aceitar este serviço com más condições³⁸¹.

9.69

Cum futuis, Polycharme, soles in fine cacare.

Cum pedicaris, quid, Polycharme, facis?

Quando fodes, Policarmo, costumás, no fim³⁸², cagar-te.

Quando és enrabado, Policarpo, o que fazes?

9.73

Dentibus antiquas solitus producere pelles

et mordere luto putre uetusque solum,

Praenestina tenes decepti regna patroni,

in quibus indignor si tibi cella fuit;

5 *rumpis et ardenti madidus crystalla Falerno,*

et pruris domini cum Ganymede tui.

At me litterulas stulti docuere parentes:

quid cum grammaticis rhetoribusque mihi?

³⁸⁰ Ésquilo aparece em 9.4 como um possível adepto do *cunnilingus*.

³⁸¹ **Más condições**, *condicio mala*: o que pode indicar aqui uma ideia de “reciprocidade”, ou seja, a garota teria aceitado praticar sexo oral com o eu epigramático, se houvesse reciprocidade. Ver subitem 4.2.2.

³⁸² **No fim**, *in fine*: com o sentido de “quando tem um orgasmo” (ADAMS, 1990, p. 143).

Frange leues calamos et scinde, Thalia, libellos,
 10 *si dare sutori calceus ista potest.*

Acostumado a puxar com os dentes peles antigas
 e morder solas velhas apodrecidas pela lama,
 tens as possessões de Preneste de um patrono enganado,
 nas quais me indigno se houvesse para ti um quartinho;
 5 e quebras taças de cristal, embriagado de quente Falerno³⁸³
 e tens comichão pelo Ganimedes de teu senhor.
 Mas a mim, a quem meus estultos pais ensinaram as letrinhas,
 que ganho eu com gramáticos e retores?
 Quebra os leves cálamos, Talia³⁸⁴, e rasga os livrinhos,
 10 se os sapatos podem dar estas coisas ao sapateiro.

9.90

Sic in gramine florido reclinis,
qua gemmantibus hinc et inde riuus
curua calculus excitatur unda,
exclusis procul omnibus molestis,
 5 *pertundas glaciem triente nigro,*
frontem sutilibus ruber coronis;
sic uni tibi sit puer cinaedus
et castissima pruriat puella:
infamem nimio calore Cypron
 10 *obserues, moneo precorque, Flacce,*
messes area cum teret crepantis
et feruens iuba saeuiet leonis.
At tu, diua Paphi, remitte, nostris
illaesum iuuenem, remitte, uotis.
 15 *Sic Martis tibi seruiant Kalendae*
et cum ture meroque uictimaque
libetur tibi candidas ad aras

³⁸³ Vinho da região de *Falernus*, na Campânia. Era considerado de ótima qualidade (OCD, s. v.)

³⁸⁴ V. n. a 2.22.2.

secta plurima quadra de placenta.

- Que assim te deites na grama que floresce,
 onde, daqui e dali, em riachos cobertos de gemas,
 pedrinhas se mexem nas curvas ondas;
 depois de afastar para longe todas as coisas molestas,
 5 que perfures o gelo³⁸⁵ com quatro cíatos³⁸⁶ de negro vinho³⁸⁷,
 com a fronte rubra por entrelaçadas guirlandas;
 que assim tenhas só para ti um jovem efeminado
 e que te excite uma castíssima garota:
 com o excessivo calor da infame Chipre
 10 que tomes cuidado, te advirto e peço, Flaco³⁸⁸,
 quando a eira debulhar colheitas crepitantes³⁸⁹
 e se eriçar a juba ardente do leão³⁹⁰.
 Mas tu, deusa de Pafos³⁹¹, devolve
 ileso o jovem³⁹², devolve, pelos meus votos.
 15 Que as calendas de março³⁹³ assim te sirvam
 e com incenso e vinho não misturado e um sacrifício,
 e que sejam libadas em tua honra, em puros altares,
 muitos pedaços de bolo cortado.

9.92

*Quae mala sint domini, quae serui commoda, nescis,
 Condyle, qui seruum te gemis esse diu.
 Dat tibi securos uilis tegeticula somnos,*

³⁸⁵ Além de misturado com água, o vinho era aquecido e coado, com filtros, ou flocos de neve, que além de reter impurezas, diminuíam sua temperatura (PIMENTEL, 2000a, p. 98).

³⁸⁶ V. n. a 3.82.29.

³⁸⁷ **Negro vinho**, *nigrum (uinum)*: provavelmente um Falerno, normalmente descrito como *niger* (HENRIKSÉN, 1998, 129). Para o vinho Falerno, v. n. a 9.73.5.

³⁸⁸ V. n. a 4.42.2.

³⁸⁹ Referência ao verão, época da colheita (HENRIKSÉN, 1998, p. 131).

³⁹⁰ Mais uma referência ao verão: o sol entra na constelação de Leão em fins de julho, época mais quente do ano (HENRIKSÉN, 1998, p. 131).

³⁹¹ **Vênus**: a cidade de Pafos, na ilha de Chipre, tinha um famoso santuário de Vênus.

³⁹² Segundo Henriksén (1998, p. 132), Flaco teria cerca de 30 anos e estaria em Chipre como procônsul ou *legatus*.

³⁹³ Data em que se celebravam as *Matronalia* (matronais), festival em honra de Juno e das mulheres casadas. Aparentemente sem conexão com Vênus (HENRIKSÉN, 1998, p. 133).

- peruigil in pluma Gaius, ecce, iacet.*
- 5 *Gaius a prima tremebundus luce salutat*
tot dominos, at tu, Condyle, nec dominum.
'Quod debes, Gai, redde' inquit Phoebus et illinc
Cinnamus: hoc dicit, Condyle, nemo tibi.
Tortorem metuis? Podagra cheragraque secatur
- 10 *Gaius et mallet uerbera mille pati.*
Quod nec mane uomis nec cunnum, Condyle, lingis,
non mauis, quam ter Gaius esse tuus?

Desconheces quais são os males do senhor e quais as benesses do escravo,
 ó Côndilo, que lamentas de há muito tempo ser escravo.

A vil esteirinha te dá sonos tranquilos,
 já Caio se deita em plumas e passa a noite acordado.

- 5 Caio, tremendo, à primeira luz do dia saúda³⁹⁴
 muitos patronos, enquanto tu, Côndilo, não saúdas nem teu senhor.
 “O que me deves, Caio, paga” diz Febo aqui
 e Cínamo ali: isto, Côndilo, ninguém te diz.
 Temes o carrasco? Gota³⁹⁵ nos pés e nas mãos atormenta
- 10 Caio e preferiria ele sofrer mil chibatadas.
 Como, pela manhã, não vomitas, nem lambes bocetas,
 não preferes ser tu mesmo do que três vezes ser Caio?

³⁹⁴ Trata-se da *salutatio*. V. n. a 8.44.4

³⁹⁵ **Gota nos pés e nas mãos**, *podagra... cheragra*: respectivamente. Doenças comumente associadas à riqueza e à frivolidade, são causadas pelo excesso de ácido úrico, proveniente de excessos alimentares e de vinho.

11 LIVRO X

10.40

*Semper cum mihi diceretur esse
secreto mea Polla cum cinaedo,
inrupi, Lupe. Non erat cinaedus.*

Como sempre me dissessem
que minha Pola³⁹⁶ estava sozinha com um viado,
entrei de supetão, Lupo. Não era um viado.

10.42

*Tam dubia est lanugo tibi, tam mollis ut illam
halitus et soles et levis aura terat.
Celantur simili uentura Cydonea lana,
pollice uirgineo quae spoliata nitent.*

5 *Fortius impressi quotiens tibi basia quinque,
barbatus labris, Dindyme, fio tuis.*

Tão incerta é tua lanugem, tão suave que um sopro,
o sol e uma leve brisa a desgastam.

Ocultam-se sob semelhante lã os marmelos por amadurecer,
que brilham quando despojados dela pelo polegar de uma virgem.

5 Todas as vezes que te dou cinco beijos com mais força,
teus lábios, Díndimo, me tornam barbudo.

10.64

*Contigeris, regina, meos si, Polla, libellos,
non tetrica nostros excipe fronte iocos.*

*Ille tuus uates, Heliconis gloria nostri,
Pieria caneret cum fera bella tuba,*

5 *non tamen erubuit lasciuo dicere uersu*

³⁹⁶ Nada indica, muito pelo contrário, que essa Pola seja a viúva do poeta Lucano (v. n. a 10.64.1).

'si nec pedicor, Cotta, quid hic facio?'

- Se encontrases meus livrinhos, Pola³⁹⁷, minha rainha,
 não recebas meus gracejos com semblante carregado.
 Aquele teu vate³⁹⁸, glória do nosso Hélicon³⁹⁹,
 quando cantava as terríveis guerras com a piéria⁴⁰⁰ tuba⁴⁰¹,
 5 não enrubesceu, mas, contudo, ao dizer num verso lascivo:
 “Se nem sou enrabado, Cota, que faço aqui?”⁴⁰²

10.65

- Cum te municipem Corinthiorum
 iactes, Charmenion, negante nullo,
 cur frater tibi dicor, ex Hiberis
 et Celtis genitus Tagique ciuis?
 5 An uultu similes uidemur esse?
 Tu flexa nitidus coma uagaris,
 Hispanis ego contumax capillis;
 levis dropace tu cotidiano,
 hirsutis ego cruribus genisque;
 10 os blaesum tibi debilisque lingua est,
 nobis filia fortius loquetur:
 tam dispar aquilae columba non est,
 nec dorcas rigido fugax leoni.
 Quare desine me uocare fratrem,
 15 ne te, Charmenion, uocem sororem.*

Embora te gabes, Carmenião, de ser conterrâneo
 dos coríntios – isso ninguém nega –,

³⁹⁷ **Pola Argentária:** viúva do poeta Lucano (PIMENTEL, 2004, p. 23), foi patrona de Marcial (SULLIVAN, 1999, p. 26).

³⁹⁸ **Lucano:** *Marcus Annaeus Lucanus* (Marco Aneu Lucano, 39-65 d.C.) foi um poeta prolífico; dele sobreviveu a obra épica *Farsália* (OCD, s. v.).

³⁹⁹ **Hélicon:** monte na Beócia sagrado pelas Musas (OCD, s. v.).

⁴⁰⁰ **Piéria:** relativo às Musas.

⁴⁰¹ **Tuba:** trombeta de guerra; metonimicamente, refere-se à poesia épica.

⁴⁰² Verso lascivo que Marcial atribui a Lucano, no entanto, do que resta da obra do poeta, não há verso como este (PIMENTEL, 2004, p. 50).

- por que me tratas por irmão, eu que nasci
de iberos e celtas⁴⁰³ e que sou cidadão do Tago⁴⁰⁴?
- 5 Será que somos semelhantes na aparência?
Tu passeias, radiante, com os cabelos ondulados⁴⁰⁵,
eu, teimoso, com meu cabelo hispânico;
tu, amaciado pelo depilatório⁴⁰⁶ cotidiano,
eu com minhas pernas e joelhos peludos;
- 10 tua boca gagueja e tua língua é fraca,
só uma filha terá voz mais forte que a minha:
tão diferentes entre si não são a pomba e a águia,
nem a gazela fugidia e o inabalável leão.
Portanto, desiste de me chamar irmão,
- 15 para que eu, Carмениão, não te chame irmã.

10.91

*Omnes eunuchos habet Almo nec arrigit ipse:
et queritur, pariat quod sua Polla nihil.*

Todos os escravos de Almão são eunucos e ele próprio não consegue ter
[ereção:
e ainda reclama que sua Pola⁴⁰⁷ não dá à luz.

10.98

- Addat cum mihi Caecubum minister
Idaeo resolutior cinaedo,
quo nec filia cultior nec uxor
nec mater tua nec soror recumbit,*
- 5 *uis spectem potius tuas lucernas
aut citrum vetus Indicosque dentes?
Suspectus tibi ne tamen recumbam,*

⁴⁰³ Marcial era da Hispânia e, aqui, invoca sua ancestralidade.

⁴⁰⁴ **Tago**, *Tagus*: Tago é o rio Tejo.

⁴⁰⁵ Sobre cabelos cacheados, v. n. a 3.63.3.

⁴⁰⁶ V. n. a 3.74.1.

⁴⁰⁷ Como em 10. 40.2, nada indica que esta Pola seja a viúva do poeta Lucano (v. n. a 10.64.1).

*praesta de grege sordidaque villa
tonsos, horridulos, rudes, pusillos*

- 10 *hircosi mihi filios subulci.*
*Perdet te dolor hic: habere, Publi,
mores non potes hos et hos ministros.*

- Quando o céculo⁴⁰⁸ me serve o teu escanção,
mais efeminado que o veado do Ida⁴⁰⁹,
a quem não superam, em elegância, no tricínio,
nem tua filha, nem tua esposa, nem tua mãe, nem tua irmã,
5 queres que eu olhe, de preferência, para tuas lâmpadas,
ou para tua mesa⁴¹⁰ de cedro antigo e pés de marfim índico?
Mas, para que eu não me recline como um suspeito em tua mesa,
põe a meu serviço, oriundos da peonagem e de tua sórdida fazenda,
os escravos raspados, grosseiros, brutos, baixinhos,
10 filhos do teu catingento porqueiro.
Este ciúme vai causar tua perdição: não podes ter, Públio,
ao mesmo tempo, esses caprichos e esses escanções.

⁴⁰⁸ **Cécubo**, *Caecubus*: relativo a *Caecubum*, uma planície no sul do Lácio que produzia um vinho conceituado. Aqui o adjetivo, substantivado, diz respeito a esse vinho.

⁴⁰⁹ **Do Ida**, *Idaeus*: isto é, do Monte Ida, na Ásia Menor. A expressão *cinaedo Idaeo* se refere a Ganimedes.

⁴¹⁰ Sobre esse tipo de mesa, v. n. a 2.43.9.

12 LIVRO XI

11.8

- Lassa quod hesterni spirant opobalsama dracti,
ultima quod curuo quae cadit aura croco;
poma quod hiberna maturescentia capsae,
arbore quod uerna luxuriosus ager;*
- 5 *de Palatinis dominae quod Serica prelis,
sucina uirginea quod regelata manu;
amphora quod nigri, sed longe, fracta Falerni,
quod qui Sicanias detinet hortus apes;
quod Cosmi redolent alabastra focique deorum,*
- 10 *quod modo diuitibus lapsa corona comis -
singula quid dicam? Non sunt satis; omnia misce:
hoc fragrant pueri basia mane mei.
Scire cupis nomen? Si propter basia, dicam.
Iurasti: nimium scire, Sabine, cupis.*

- As tênues fragrâncias que exalam os frascos da véspera,
o último hálito que se desprende do curvo açafão⁴¹¹,
as frutas que amadurecem no cesto durante o inverno,
o campo luxuriante de árvores na primavera,
- 5 as sedas da Imperatriz que saem das prensas do Palatino,
o âmbar⁴¹² aquecido pelas mãos de uma donzela,
a ânfora de negro Falerno⁴¹³, quebrada, mas ao longe,
o jardim que cativa as abelhas sicânias⁴¹⁴,
o que exalam os alabastros de Cosmo⁴¹⁵ e os altares dos deuses,
- 10 a coroa que escorregou de uma cabeleira rica.

⁴¹¹ Nos teatros e no anfiteatro se aspergia água com açafão para perfumar e refrescar o público (PIMENTEL, 2004, p. 73 e KAY, 1985, p. 83).

⁴¹² **Âmbar**: v. n. a 3.65.5 e 9.12.6.

⁴¹³ V. n. a 9.73.5.

⁴¹⁴ **Abelhas sicânias**, *apis sicaniae*: “Sicânias” se refere aos Sicanos, povo de origem ibérica ou itálica que se fixou na Sicília (OLD s.v.). O mel produzido na Sicília era considerado de ótima qualidade. V. n. a 9.11.3.

⁴¹⁵ V. n. a 3.82.26.

Por que dizer sobre cada coisa? Não são suficientes; mistura tudo:

é isso que cheiram os beijos do meu favorito pela manhã⁴¹⁶.

Queres saber seu nome? Se for pelos beijos, direi.

Juraste. Queres, Sabino, saber demais.

11.15

Sunt chartae mihi quas Catonis uxor

et quas horribiles legant Sabinae:

hic totus uolo rideat libellus

et sit nequior omnibus libellis,

5 *qui uino madeat nec erubescat*

pingui sordidus esse Cosmiano,

ludat cum pueris, amet puellas,

nec per circuitus loquatur illam,

ex qua nascimur, omnium parentem,

10 *quam sanctus Numa mentulam uocabat.*

Versus hos tamen esse tu memento

Saturnalicios, Apollinaris:

mores non habet hic meos libellus.

Tenho páginas⁴¹⁷ que a esposa de Catão⁴¹⁸

e que as severas Sabinas⁴¹⁹ poderiam ler:

mas quero que todo este livrinho possa rir

e que seja o mais devasso de todos meus livrinhos,

⁴¹⁶ No epigrama 3.65, o poeta também apresenta um rol de cheiros para se referir aos beijos de seu jovem escravo.

⁴¹⁷ **Páginas**, *chartae*: segundo Kay (1985, p. 98), os versos 1-2 são uma provável referência aos livros V e VIII, que não contém obscenidades (cf. os epigramas 5.2 e 8.1).

⁴¹⁸ Catão como modelo de virtude romana. V. n. a 9.27.14.

⁴¹⁹ **As rigorosas Sabinas**, *Horribiles Sabinae*: exemplo de moralidade do passado. Trata-se de uma referência ao episódio da fundação mítica de Roma, conhecido como Rapto das Sabinas. Roma havia sido recém-fundada por Rômulo e era constituída basicamente por homens. Para resolver o problema, seu fundador desenvolveu um ardil: convidou outros povos do Lácio, os sabinos e os latinos, para uma festa religiosa com comida, bebida e diversões. A um sinal de Rômulo, os primeiros romanos sequestraram as filhas dos visitantes e as pegaram como esposas. Os pais das jovens foram à guerra para resgatá-las. Os romanos venceram facilmente os latinos, mas não os sabinos, que empreenderam um pesado ataque à nova cidade. As próprias mulheres puseram fim à guerra: foram ao campo de batalha e pediram que seus pais e seus maridos pusessem fim às hostilidades; de sequestradas tinham passado a “mães e esposas romanas”.

- 5 que se encharque de vinho e não se enrubesça
 por estar sujo com o oleoso unguento de Cosmo⁴²⁰,
 que brinque com os meninos, que ame as meninas,
 nem fale por volteios daquela coisa
 da qual nascemos e é de todos pai,
 10 aquela a quem o venerável Numa⁴²¹ chamava pica.
 Tu, contudo, lembra que estes versos,
 Apolinar⁴²², são para as Saturnais⁴²³:
 este livrinho não contém os meus costumes.

11.20

*Caesaris Augusti lasciuos, liuide, uersus
 sex lege, qui tristis uerba latina legis:
 “Quod futuit Glaphyran Antonius, hanc mihi poenam
 Fuluia constituit, se quoque uti futuam.
 5 Fuluam ego ut futuam? Quid si me Manius oret
 Pedicem? Faciam? Non puto, si sapiam.
 ‘Aut future; aut pugnemus’ ait. Quid, quod mihi uita
 carior est ipsa mentula? Signa canant!”
 Absoluis lepidos nimirum, Auguste, libellos,
 10 qui scis Romana simplicitate loqui.*

Lê, invejoso, estes seis versos⁴²⁴ devassos de César Augusto⁴²⁵,
 tu que lê com cenho franzido certas palavras latinas:

⁴²⁰ V. n. a 3.82.26.

⁴²¹ **Numa**: Numa Pompílio, segundo rei lendário de Roma. Tradicionalmente considera-se que tenha vivido entre 715 e 673 a.C. A ele é atribuída a estrutura básica da religião oficial de Roma, com seus cultos, rituais e sacerdócios, bem como a reforma do calendário (OCD, s.v.).

⁴²² **Lúcio Domício Apolinar**, *Lucius Domitius Apollinarius*: foi governador da Lícia-Panfília de 93 a 95 e cônsul em 97; era amigo de Plínio, o Jovem, e de Marcial, de quem também foi patrono (PIMENTEL, 2000b, p. 53 e KAY, 1985, p. 100).

⁴²³ Para a relação entre os epigramas de Marcial e as Saturnais, festival religioso em honra a Saturno, ver item 2.1.

⁴²⁴ Estes versos que Marcial cita como sendo de Augusto são conhecidos apenas por essa menção. No entanto, por outras fontes, sabemos que Augusto escreveu epigramas, alguns com linguagem crua, para atacar adversários (PIMENTEL, 2004, p. 78).

⁴²⁵ **César Augusto**, *Caesar Augustus*: (63 a.C. – 14 d.C.), sobrinho e herdeiro de Júlio César, é considerado o primeiro imperador Romano (OCD, s.v.).

- “Porque Antônio⁴²⁶ fodeu Gláfira⁴²⁷, este castigo
 5 me deu Fúlvia⁴²⁸, que ela também seja fodida.
 Eu, foder Fúlvia, como? E se Mânio⁴²⁹ me pedisse para
 enrabá-lo, eu faria? Acho que não, se tiver juízo.
 ‘Ou me fode, ou lutamos’ ela disse. O quê? Com o que devo me
 preocupar mais, com a vida ou com a pica? Soem as trombetas⁴³⁰!
 10 Sem dúvidas, Augusto, absolverás meus livrinhos,
 tu que sabes falar com a simplicidade romana.

11.22

- Mollia quod niuei duro teris ore Galaesi
 basia, quod nudo cum Ganymede iaces,
 _ quis negat? _ hoc nimium est. sed sit satis; inguina saltem
 parce fututrici sollicitare manu.*
 5 *leuibus in pueris plus haec quam mentula peccat,
 et faciunt digiti praecipitantque virum:
 inde tragus celeresque pili mirandaque matri
 barba nec in clara balnea luce placent.
 diuisit natura marem: pars una puellis,
 10 una uiris genita est. utere parte tua.*

Que esfregues com tua boca áspera os suaves beijos
 do níveo Galeo⁴³¹ e que te deites com um Ganimedes nu –
 quem o nega? – isso já é demais. Mas já é o bastante;
 ao menos para de atormentar a sua virilha com tua mão fodedora⁴³².

⁴²⁶ **Marco Antônio**, *Marcus Antonius*: general e estadista romano (c. 83 a.C. – 30 a.C.) (OCD, s.v.).

⁴²⁷ **Gláfira**, *Glaphyra*: mãe do rei da Capadócia, levado ao trono por Antônio, em 41 a.C. (PIMENTEL, 2004, p. 78).

⁴²⁸ **Fúlvia**, *Fulvia*: primeira esposa de M. Antônio. Teve papel ativo nos assuntos políticos após a morte de César e teve um grande enriquecimento durante as proscrições. Quando Antônio assumiu os assuntos do império no leste, ela se ocupou da defesa dos interesses do marido na Itália, se opondo a Augusto. Na literatura mais tardia, em especial Dião Cássio, ela aparece como um contraponto perverso à virtuosa Otávia (OCD, s.v.).

⁴²⁹ **Mânio**, *Manius*: um ajudante de Fúlvia em suas manobras contra Augusto (PIMENTEL, 2004, p. 78).

⁴³⁰ **Soem as trombetas!** *Signa canant*: frase épica, como no verso 10.310 da *Eneida* de Virgílio: “*Signa canunt*”.

⁴³¹ V. n. a 2.43.3.

⁴³² **Mão fodedora**, *fututrix manus*: a palavra *fututrix* ocorre apenas duas vezes na literatura latina (neste e no epigrama 11.61). Ver Glossário.

- 5 Esta faz mais mal aos garotos imberbes que uma pica,
e os dedos produzem e apressam a masculinidade⁴³³.
Por isso o cheiro dos sovacos e os cabelos apressados e a barba
que surpreende a mãe, por isso os banhos à luz clara não lhes agradam.
A natureza dividiu o macho: uma parte foi criada para as garotas,
10 uma outra para os homens. Aproveita a que te cabe⁴³⁴.

11.26

*O mihi grata quies, o blanda, Telesphore, cura,
qualis in amplexu non fuit ante meo,
basia da nobis uetulo, puer, uda Falerno,
pocula da labris facta minora tuis.*

- 5 *Addideris super haec Veneris si gaudia uera,
esse negem melius cum Ganymede Ioui.*

Ó Telésforo, meu grato sossego, meu brando tormento,
igual a ti ainda não houve outro em meus abraços,
dá-me beijos⁴³⁵ úmidos, garoto, de velho Falerno⁴³⁶,
dá-me as taças que teus lábios diminuíram.

- 5 Se a isso adicionares os verdadeiros prazeres de Vênus,
que negues que Jove⁴³⁷ está melhor com Ganimedes.

11.28

*Inuasit medici Nasica phreneticus Eucti
et percidit Hylan. Hic, puto, sanus erat.*

O louquinho Nasica investiu e arrombou Hilas, escravo
do médico Eucto. Esse, julgo, estava bem da cabeça.

⁴³³ Ver capítulo 3.

⁴³⁴ O mesmo “conselho” aparece em 12.96.11-12: *Scire suos fines matrona et femina debet:/ cede sua pueris, utere parte tua* (“A matrona e mulher deve conhecer seus limites:/ deixa aos garotos a parte deles, aproveita a que te cabe”).

⁴³⁵ **Dá-me beijos**, *basia da nobis*: como em 6.34.1.

⁴³⁶ V. n. a 9.73.5.

⁴³⁷ V. n. a 5.55.4.

11.30

Os male causidicis et dicis olere poetis.

sed fellatori, Zoile, peius olet.

Dizes que a boca dos advogados e dos poetas fede.

Mas, Zoilo⁴³⁸, a dos boqueteiros fede mais.

11.43

Deprensum in puero tetricis me uocibus, uxor,

corripis et culum te quoque habere refers.

Dixit idem quotiens lasciuo luno Tonanti!

Ille tamen grandi cum Ganymede iacet.

5 *Incuruabat⁴³⁹ Hylan posito Tirynthius arcu:*

tu Megaran credis non habuisse natis?

Torquebat Phoebum Daphne fugitiua: sed illas

Oebalius flammas iussit abire puer.

Briseis multum quamuis auersa iaceret,

10 *Aeacidae propior leuis amicus erat.*

Parce tuis igitur dare mascula nomina rebus,

teque puta cunnos, uxor, habere duos.

Pego em flagrante sobre o garoto, mulher, com voz severa,

me censuras e dizes que tu também tens um cu.

Disse o mesmo, muitas vezes, Juno, ao lascivo Tonante⁴⁴⁰!

Aquele, entretanto, ainda se deita com um crescido Ganimedes⁴⁴¹.

5 Posto o arco de lado, o Tiríntio⁴⁴² arqueava Hilas⁴⁴³:

⁴³⁸ V. n. a 2.42.1.

⁴³⁹ **Arquear**, *incuruo*: o OLD (s.v. 1) traz o sentido de “curvar aquilo que é reto”, em uma relação direta com o arco, arma do herói, que precisa ser “curvada” para ser armada; vê-se, pois, que o vocábulo pode assumir aqui um sentido sexual, dada a presença da figura do jovem Hilas.

⁴⁴⁰ Epíteto de Júpiter. V. n. a 5.55.1.

⁴⁴¹ V. 9.36.

⁴⁴² *Tiríntio*, **Tirynthius**: isto é, de Tirinto, é referência a Hércules. Alceu, avô do herói, era rei de Tirinto. V. n. a 9.25.8.

⁴⁴³ V. n. a 5.48.5.

- tu acreditas que Mégara⁴⁴⁴ não tivesse nádegas?
 Dáfne⁴⁴⁵ fugidia atormentava Febo⁴⁴⁶, mas essas
 chamas o garoto de Ébalo⁴⁴⁷ ordenou que se afastassem.
 10 Embora Briseida⁴⁴⁸ muitas vezes deitasse de bruços,
 mais próximo do Eácida⁴⁴⁹ ficava o amigo imberbe⁴⁵⁰.
 Para, portanto, de dar nomes masculinos às tuas partes,
 e acredita, mulher, que tens duas bocetas.

11.45

- Intrasti quotiens inscriptae limina cellae,
 seu puer arrisit sive puella tibi,
 contentus non es foribus ueloque seraque,
 secretumque iubes grandius esse tibi:
 5 oblinitur minimae si qua est suspicio rimae
 punctaque lasciua quae terebrantur acu.
 Nemo est tam teneri tam sollicitique pudoris
 qui uel pedicat, Canthare, uel futuit.*

- Todas as vezes em que entras em um quarto de bordel⁴⁵¹,
 seja um garoto ou uma garota que sorri para ti,
 não te contentas com a porta, com a cortina e o ferrolho⁴⁵²,
 e ordenas que haja um lugar mais resguardado para ti:
 5 se suspeitas de uma mínima fenda, ordenas que seja coberta,

⁴⁴⁴ **Mégara**, *Megara*: esposa de Hércules, era filha Creonte, rei de Tebas (GUIMARÃES, 1983, p. 212).

⁴⁴⁵ **Dáfne**, *Daphne*: segundo a mitologia, era uma ninfa amada por Apolo, a cujo amor ela não correspondia. Para se livrar da perseguição do deus, ela pediu a auxílio a Júpiter, que a transformou em loureiro (GUIMARÃES, 1983, p. 56).

⁴⁴⁶ V. n. a 1.31.1.

⁴⁴⁷ **Garoto de Ébalo**, *Puer Oebalius*: ou seja, Jacinto, filho de Amiclas, rei de Esparta (ou de Ébalo). Jovem muito belo, enamorado de Apolo. Segundo o mito, certo dia, estavam se exercitando lançando disco; quando Apolo o atirou com muita força, o disco se desviou e acertou o jovem na testa, matando-o. Do sangue nasceu uma flor, que recebeu o nome do jovem (GUIMARÃES, 1983, p. 193).

⁴⁴⁸ **Briseida**, *Briseis*: escrava favorita de Aquiles.

⁴⁴⁹ **Eácida**, *Aecides*: é Aquiles, assim chamado por ser neto de Éaco (GUIMARÃES, p. 59 e p.129).

⁴⁵⁰ **Amigo imberbe**, *amicus levis*: é referência Pátroclo, amigo de Aquiles.

⁴⁵¹ **Bordéu**, *inscripta cella*: a expressão literalmente significa “quarto com letreiro”. Era comum nos prostíbulo que cada cubículo apresentasse um letreiro com o nome e o preço da prostituta (PIMENTEL, 2004, p. 86).

⁴⁵² Em geral eram cubículos simples, com uma “cama” de alvenaria e apenas uma cortina para resguardar um mínimo de privacidade.

bem como os furos que se tenham insinuado por lasciva agulha.
Ninguém tem um pudor tão delicado e ansioso,
ninguém que enrabe, Cântaro, ou que foda.

11.47

*Omnia femineis quare dilecta cateruis
balnea deuitat Lattara? Ne futuat.
Cur nec Pompeia lentus spatiat in umbra
nec petit Inachidos limina? Ne futuat.
5 Cur Lacedaemonio luteum ceromate corpus
perfundit gelida Virgine? Ne futuat.
Cum sic feminei generis contagia uitet,
cur lingit cunnum Lattara? Ne futuat.*

Por que Látara evita todos os banhos preferidos
pelos bandos de mulheres? Para não foder.

Por que ele não passeia calmamente sob a sombra de Pompeu⁴⁵³,
nem procura as portas da filha de Ínaco⁴⁵⁴? Para não foder.

- 5 Por que, com o corpo besuntado de ceroma⁴⁵⁵ lacedemônio⁴⁵⁶,
se banha na gélida virgem⁴⁵⁷? Para não foder.

Se assim evita o contato com o gênero feminino,
por que Látara lambe bocetas? Para não foder.

11.58

*Cum me uelle uides tentumque, Telesphore, sentis,
magna rogas - puta me uelle negare: licet? -
Et nisi iuratus dixi 'dabo', subtrahis illas,*

⁴⁵³ Referência ao pórtico de Pompeu, o *Hacatonstylon*, no Campo de Marte, com cem colunas, mandado construir por Pompeu (PIMENTEL, 2000a, p. 102).

⁴⁵⁴ **Portas da filha de Ínaco**, *limina Inachidos*: ou seja, o Templo de Ísis, aqui identificada com Io, filha do deus rio Ínaco (KAY, 1985, p. 171).

⁴⁵⁵ V. n. a 7.67.8.

⁴⁵⁶ **Lacedemônio**, *Lacedaemonius*: isto é, espartano (OLD, s.v.).

⁴⁵⁷ **Gélida virgem**, *gelida uirgo*: referência à *Aqua Virgo*, aqueduto construído por Agripa e inaugurado em 19 a.C. Ele trazia água de uma distância de cerca de 20 km de Roma, e terminava próximo aos Banhos de Agripa; sua água era fria e considerada ótima para banhos (KAY, 1985, p. 172).

- permittunt in me quae tibi multa, natis.*
- 5 *Quid si me tonsor, cum stricta nouacula supra est,*
tunc libertatem diuitiasque roget?
Promittam; neque enim rogat illo tempore tonsor,
latro rogat; res est imperiosa timor:
sed fuerit curua cum tuta nouacula theca,
- 10 *frangam tonsori crura manusque simul.*
At tibi nil faciam, sed lota mentula lana
Λαϊκάζειν cupidae dicet auaritiae.

Quando vês que tenho desejo e sentes, Telésforo, minha ereção⁴⁵⁸,
 me pedes coisas de muito valor – imagina que eu queira negar: eu
 [conseguiria?]

E se não digo “darei” sob juramento, afastas de mim essas
 nádegas que te permitem tanto poder sobre mim.

- 5 E se o barbeiro, a navalha tendo sido desembainhada sobre mim,
 então me pedisse a liberdade e riquezas?
- Eu prometeria, pois nesse momento, quem pede não é o barbeiro,
 é um ladrão quem pede; o medo é uma coisa imperiosa:
 mas quando a navalha estiver segura em seu curvo estojo,
- 10 quebrarei ambas as mãos e pernas do barbeiro.
- Mas a ti nada farei; porém, minha pica, uma vez limpa na lâ,
 dirá à tua desejosa avareza: vá se foder.

11.61

Lingua maritus, moechus ore Nanneius,
Summemmianis inquinatior buccis,
quem cum fenestra uidit a Suburana
obscena nudum Leda, fornicem cludit

5 *mediumque mauult basiare quam summum,*
modo qui per omnes uiscerum tubos ibat
et uoce certa consciaque dicebat

⁴⁵⁸ **Ereção**, *tentus*: part. perf. de *tendo*, “estender”; aqui no sentido de ter uma ereção (ADAMS, 1990, p. 46).

- puer an puella matris esset in uentre,
- gaudete cunni; uestra namque res acta est -*
- 10 *arrigere linguam non potest fututricem.
Nam dum tumentis mersus haeret in uulua
et uagientes intus audit infantes,
partem gulosam soluit indecens morbus.
Nec purus esse nunc potest nec impurus.*

- Naneio, marido com a língua, adúltero com a boca,
mais sujo que as bocas sumemianas⁴⁵⁹,
a quem, quando o vê, nu, de sua janela na Subura⁴⁶⁰,
a obscena Leda fecha o bordel
- 5 e prefere beijá-lo no meio⁴⁶¹ a beijá-lo em cima;
ele que há pouco ia por todos os canais das vísceras
e com voz certa e segura dizia
se a mãe tinha no ventre um menino ou uma menina;
alegrai-vos, bocetas, pois vossa missão está concluída:
- 10 ele não pode mais entesar a língua fodedora.
Pois, enquanto estava enfiado em uma inchada vulva
e dentro ouvia os vagidos das crianças,
uma doença horrível fez apodrecer sua parte gulosa.
Agora não pode ser nem puro nem impuro.

11.63

- Spectas nos, Philomuse, cum lauamur,
et quare mihi tam mutuniati
sint leues pueri, subinde quaeris.
Dicam simpliciter tibi roganti:*
- 5 *pedicant, Philomuse, curiosos.*

⁴⁵⁹ V. n. a 2.82.2.

⁴⁶⁰ **Subura**: a *Subura* ou Suburra, bairro romano situado entre o Viminal e o Esquilino, era notória pelo barulho, pela sujeira e pela prostituição. Era também um conhecido centro de comércio e manufatura (OCD).

⁴⁶¹ V. n. a 2.61.2.

Tu nos observas, Filomuso, enquanto nos banhamos,
e por que são tão bem-dotados⁴⁶²

meus escravos imberbes, perguntas frequentemente.

Ao que perguntas, responderei com sinceridade:

5 eles enrabam, Filomuso, os curiosos.

11.66

*Et delator es et calumniator,
et fraudator es et negotiator,
et fellator es et lanista. miror
quare non habeas, Vacerra, nummos.*

És delator⁴⁶³ e caluniador,
és fraudador e especulador,
és chupador e treinador⁴⁶⁴. Espanta-me,
Vacerra, que não tenhas dinheiro.

11.70

*Vendere, Tucca, potes centenis milibus emptos?
Plorantis dominos uendere, Tucca, potes?
Nec te blanditiae, nec uerba rudesue querelae,
nec te dente tuo saucia colla mouent?*

5 *Ah facinus! Tunica patet inguen utrimque leuata,
inspiciturque tua mentula facta manu.*

*Si te delectat numerata pecunia, uende
argentum, mensas, murrina, rura, domum;
uende senes seruos, ignoscent, uende paternos:*

10 *ne pueros uendas, omnia uende, miser.*

*Luxuria est emere hos - quis enim dubitatue negatue? -,
sed multo maior uendere luxuria est.*

⁴⁶² V. n. a 3.73.1.

⁴⁶³ **Delator**: Marcial fala de delatores aqui e no epigrama 4 do *Livro dos Espetáculos*. A delação, em Roma, tinha um sentido mais político do que jurídico; era atividade importante no reinado de Domiciano.

⁴⁶⁴ **Treinador**, *lanista*: um treinador de gladiadores (OLD s.v.). Uma das profissões mais desprezadas (KAY, 1985, p. 213).

Podes, Tuca, vender aqueles que compraste por cem mil sestércios⁴⁶⁵?

Podes vender teus senhores⁴⁶⁶ que choram, Tuca, podes?

Nem as carícias, nem palavras ou queixas ingênuas,

nem os pescoços marcados por teu dente te comovem?

- 5 Ah, que crime! A túnica levantada de ambos os lados mostra a virilha
e pode-se ver a pica preparada pela tua mão⁴⁶⁷.

Se te agrada riqueza em espécie, vende

a prata, as mesas, as mirras, os campos, a casa;

vende os escravos velhos, eles te perdoarão, vende os do teu pai,

- 10 para que não vendas os jovens, vende tudo, miserável.

É extravagância comprá-los – quem, pois, irá duvidar ou negar? –,
mas extravagância muito maior é vendê-los.

11.72

Drauci Natta sui uorat pipinam,

collatus cui Gallus est Priapus.

Nata devora o peruzinho de seu atleta⁴⁶⁸,

comparado a quem Priapo⁴⁶⁹ é um Galo⁴⁷⁰.

11.73

Venturum iuras semper mihi, Lygde, roganti

constituisque horam constituisque locum.

Cum frustra iacui longa prurigine tentus,

succurrit pro te saepe sinistra mihi.

- 5 *Quid precer, o fallax, meritis et moribus istis?*

Umbellam luscae, Lygde, feras dominae.

⁴⁶⁵ Mesmo valor de um escravo em 1.58.1.

⁴⁶⁶ **Senhor**, *dominus*: obviamente uma inversão: o escravo é um *dominus* da mesma forma que a garota na elegia é chamada de *domina*, por ser o centro das atenções e dos afetos (KAY, 1985, p. 220).

⁴⁶⁷ **A pica preparada pela tua mão**, *mentula facta manu*: “a pica preparada pela tua mão”, assim como a “mão fodedora” vista em 11.22.5, que apressa o desenvolvimento do jovem, tornando-o logo adulto.

⁴⁶⁸ V. n. a 1.96.12.

⁴⁶⁹ V. n. a 6.16.1.

⁴⁷⁰ V. n. a 2.42.2.

Tu me juras, Ligdo, que sempre virás quando eu te chamar
e marcas uma hora e marcas um local.

Quando, em vão, permaneço deitado, teso⁴⁷¹ pela forte comichão⁴⁷²,
com frequência me socorre, em teu lugar, a mão esquerda⁴⁷³.

5 O que te desejo, ó enrolador, por estas condutas e costumes?

Que carregues, Ligdo, a sombrinha⁴⁷⁴ de uma senhora caolha⁴⁷⁵.

11.78

*Vtere femineis complexibus, utere, Victor,
ignotumque sibi mentula discat opus.*

*Flammea texuntur sponsae, iam uirgo paratur,
tondebit pueros iam noua nupta tuos.*

5 *Pedicare semel cupido dabit illa marito,*

dum metuit teli uulnera prima noui:

saepius hoc fieri nutrix materque uetabunt

et dicent: 'Uxor, non puer, ista tibi est.'

Heu quantos aestus, quantos patiere labores,

10 *si fuerit cunnus res peregrina tibi!*

Ergo Suburanae tironem trade magistrae.

Illa uirum faciet; non bene uirgo docet.

Aproveita os abraços femininos, Vítor⁴⁷⁶, aproveita,

e que tua pica aprenda um ofício por ela desconhecido.

Já foi tecido o véu vermelho⁴⁷⁷ da noiva, a virgem já se prepara,

⁴⁷¹ V. n. a 11.58.1.

⁴⁷² V. n. a 4.48.3.

⁴⁷³ **A mão esquerda**, *sinistra*: comumente associada à atividade sexual, como aponta Kay (1985, p. 227).

⁴⁷⁴ **Sombrinha**, *umbrella*: espécie de guarda-sol. Carregá-lo para uma mulher, segundo Kay (1985, p. 227), poderia indicar tanto o carinho de um amante quanto o estado de uma escravidão humilhante (e isso era considerado algo efeminado e degradante).

⁴⁷⁵ **Caolha**, *lusca*: podendo indicar tanto um defeito físico da *domina* quanto um defeito moral (como a personagem Taís, vituperada nos epigramas 3.8 e 3.11).

⁴⁷⁶ **Vítor**: Pimentel (2004, p. 97) indica que esse Vítor é o Vocônio Vítor que aparece em 7.29; no entanto, Kay (1985, p. 233) atesta que essa identificação é usual, não acreditando que se trate da mesma pessoa.

⁴⁷⁷ **Véu vermelho**, *flammeum*: era um véu vermelho-fogo – daí seu nome – que cobria a noiva da cabeça aos pés (KAY, 1985, p. 233).

- logo a recém-casada irá cortar os cabelos de teus escravos⁴⁷⁸.
- 5 Uma só vez se entregará para que o ardente marido a enrabe,
 enquanto teme as primeiras feridas de um dardo novo:
 a mãe e a ama proibirão que faças isso mais vezes.
 E dirão: “Ela é tua esposa, não teu escravinho”.
 Ah, quantos ardores, quantas labutas sofrerás,
 10 se boceta for uma coisa estranha para ti.
 Portanto, entrega-te como aprendiz de uma mestra da Subura⁴⁷⁹.
 Ela te fará um homem; uma virgem não ensina bem.

11.85

*Sidere percussa est subito tibi, Zoile, lingua,
 dum lingis. Certe, Zoile, nunc futuis.*

De repente, Zoilo⁴⁸⁰, tua língua foi atingida pelos astros⁴⁸¹,
 enquanto lambias. Com certeza, Zoilo, terás agora que foder.

11.87

*Diues eras quondam: sed tunc pedico fuisti,
 et tibi nulla diu femina nota fuit.
 Nunc sectaris anus. O quantum cogit egestas!
 Illa fututorem te, Charideme, facit.*

Houve um tempo em que eras rico: foste, então, enrabador
 e, por muito tempo, nenhuma mulher foi conhecida por ti.
 Agora, persegues velhas. Oh, a quanto a pobreza obriga!
 Ela te faz, Caridemo, um fodedor.

⁴⁷⁸ O que equivale a torná-los impedidos para atividades sexuais com o marido.

⁴⁷⁹ V. n. a 11.61.3.

⁴⁸⁰ V. n. a 2.42.1.

⁴⁸¹ **Atingida pelos astros**, *sidere percussa*: Havia a crença de que os raios vinham dos astros, especialmente de Júpiter, Marte e Saturno; o ter sido atingido por um raio era apontado como uma causa comum para paralisias e outras doenças (KAY, 1985, p. 246). Outra causa ligada aos astros para a paralisia poderia ser algo ligado à astrologia. Certas conjunções astrais estavam ligadas a doenças e a paralisias. O epigrama 11.61 traz um caso semelhante.

11.88

*Multis iam, Lupe, posse se diebus
pedicare negat Charisianus.
Causam cum modo quaererent sodales,
uentrem dixit habere se solutum.*

Já há muitos dias, Lupo, que
Carisiano nega poder enrabar.
Quando há pouco o motivo perguntaram os amigos,
disse que estava com o intestino solto.

11.95

*Incideris quotiens in basia fellatorum,
in solium puta te mergere, Flacce, caput.*

Todas as vezes que caíres nos beijos de boqueteiros,
pensa, Flaco⁴⁸², que estás enfiando a cabeça na banheira⁴⁸³.

⁴⁸² V. n. a 4.42.2

⁴⁸³ Cf. 2.42, 2.70 e 6.81.

13 LIVRO XII

12.16

*Addixti, Labiene, tres agellos;
emisti, Labiene, tres cinaedos:
pedicas, Labiene, tres agellos.*

Vendeste, Labieno, três campinhos;
compraste, Labieno, três viadinhos:
enrabas, Labieno, três campinhos⁴⁸⁴.

12.33

*Vt pueros emeret Labienus uendidit hortos.
Nil nisi ficetum nunc Labienus habet.*

Para que comprasse escravinhos Labieno vendeu plantações.
Agora Labieno não tem nada a não ser um figueiral⁴⁸⁵.

12.35

*Tamquam simpliciter mecum, Callistrate, uiuas,
dicere percisum te mihi saepe soles.
non es tam simplex quam uis, Callistrate, credi.
Nam quisquis narrat talia, plura tacet.*

Para provares que és franco comigo, Calístrato,
costumas me dizer frequentemente que és arrombado.
Não és tão franco quanto queres que acreditem,
pois, quem tal conta, sobre muito se cala⁴⁸⁶.

⁴⁸⁴ V. 9.21 e 12.36.

⁴⁸⁵ **Figueiral**, *ficetum*: apesar desse significado literal, Marcial retoma aqui o jogo de sentidos de 1.65, explorando os dois significados de *ficus* ("figo" e "hemorroida").

⁴⁸⁶ O epigrama 9.4 tem a mesma tópica.

12.38

Hunc qui femineis noctesque diesque cathedris

* * * * *

*incedit tota notus in urbe nimis,
crine nitens, niger unguento, perlucidus ostro,
ore tener, levis pectore, crure glaber,
5 uxori qui saepe tuae comes improbus haeret,
non est quod timeas, Candide: non futuit.*

A este que anda noites e dias em cadeiras femininas,

* * * * *

muito conhecido em toda a cidade,
com o cabelo brilhando, negro pelo unguento, luzidio pela púrpura,
de expressão terna, de peito liso, com as pernas depiladas,
5 que muitas vezes anda grudado à tua esposa, companheiro atrevido,
este não deves temer: Cândido, ele não fode⁴⁸⁷.

12.39

*Odi te, quia bellus es, Sabelle.
Res est putida bellus; et Sabellus.
Bellum denique malo, quam Sabellum.
Tabescas utinam, Sabelle belle!*

Eu te odeio, Sabelo, porque és belo.
É coisa pútrida um belo, assim como Sabelo.
Enfim, prefiro algo belo⁴⁸⁸ a Sabelo.
Oxalá apodreças, de modo belo, Sabelo.

12.42

Barbatus rigido nupsit Callistratus Afro

⁴⁸⁷ V. 5.61 e n. a 2.54.4.

⁴⁸⁸ Em latim ocorre, também, um trocadilho de “belo” com “bélico”, pois *bellum* pode ser tanto o acusativo de *bellus* (belo) quanto de *bellum* (guerra). Uma outra tradução poderia ser: “Enfim, prefiro algo bélico a Sabelo”.

*hac qua lege uiro nubere uirgo solet.
Praeluxere faces, uelarunt flammea uultus,
nec tua defuerunt uerba, Thalasse, tibi.*

- 5 *Dos etiam dicta est. Nondum tibi, Roma, uidetur
hoc satis? Expectas numquid ut et pariat?*

O barbudo Calístrato desposou⁴⁸⁹ o austero Afro
seguindo a lei geralmente usada para casar uma donzela a um homem.
Tochas foram acesas, o rosto foi coberto pelo véu⁴⁹⁰,
nem a ti faltaram tuas palavras, Talássio⁴⁹¹.

- 5 Até o dote foi fixado. Não te parece, Roma, que já
é suficiente? Acaso esperas que ele até dê à luz?

12.46 (47)

*Difficilis facilis, iucundus acerbus es idem:
nec tecum possum uiuere nec sine te.*

És, ao mesmo tempo, difícil e fácil, agradável e áspero:
não posso viver contigo, nem sem ti.

12.64

*Vincentem roseos facieque comaque ministros
Cinna cocum fecit. Cinna, gulosus homo est.*

Ao que vencia, pela beleza do rosto e dos cabelos, a todos os seus róseos
[escanções,
Cina fez dele seu cozinheiro. Cina é um homem guloso.

12.70

Lintea ferret Apro uatius cum uernula nuper

⁴⁸⁹ V. n. a 1.24.4.

⁴⁹⁰ V. n. a 11.78.3.

⁴⁹¹ **Talássio**, *Thalassus* ou *Talassius*: era um deus romano ligado ao casamento, a personificação do ritual de casamento (*OLD*, s.v.).

- et supra togulam lusca sederet anus
atque olei stillam daret enterocelicus unctor,
udorum tetricus censor et asper erat:*
- 5 *frangendos calices effundendumque Falernum
clamabat biberet quod modo lotus eques.
A sene sed postquam patruo uenere trecenta,
sobrius a thermis nescit abire domum.
O quantum diatrete ualent et quinque comati!*
- 10 *Tunc, cum pauper erat, non sitiebat Aper.*

- Recentemente um escravo manco trazia as toalhas a Apro,
e sobre sua togazinha se sentava uma velha caolha,
e um massagista hernioso lhe aplicava uma gota de óleo,
e era um severo e amargo censor dos beberrões:
- 5 gritava que os cálices deveriam ser quebrados e derramado
o Falerno⁴⁹² que bebia um cavaleiro recém-banhado.
- Mas, depois que vieram trezentos mil sestércios de um velho tio,
não sabe ir sóbrio das termas para casa.
- Oh, quanto valem os copos entalhados e cinco jovens cabeludos!
- 10 Quando era pobre, Apro não tinha sede.

12.71

*Nil non, Lygde, mihi negas roganti:
at quondam mihi, Lygde, nil negabas.*

Não há nada, Ligdo, que eu pedindo, não me negues,
mas outrora, Ligdo, nada me negavas.

12.75

*Festinat Polytimus ad puellas;
inuitus puerum fatetur Hymnus;
pastas glande natis habet Secundus;*

⁴⁹² V. n. a 9.73.5

- mollis Dindymus est, sed esse non uult;*
 5 *Amphion potuit puella nasci.*
Horum delicias superbiamque
et fastus querulos, Auite, malo
quam dotis mihi quinquies ducena.

- Politimo corre atrás de garotas;
 Himno, contrariado, declara ser garoto;
 Segundo tem as nádegas alimentadas por glandes⁴⁹³;
 Díndimo é efeminado, mas preferia não ser;
 5 Anfião poderia ter nascido uma garota.
 A arrogância e os prazeres destes
 e seus queixosos desdêns eu prefiro,
 Avito, a um dote de um milhão de sestércios⁴⁹⁴.

12.85

Pediconibus os olere dicis.
Hoc si, sicut ais, Fabulle, uerum est:
quid tu credis olere cunnilingis?

Dizes que a boca dos viados cheira mal.
 Se isto que dizes, Fabulo, é verdade, e como afirmas,
 que cheiro crês que tem um chupador de bocetas?

12.86

Triginta tibi sunt pueri totidemque puellae:
una est nec surgit mentula. Quid facies?

Tens trinta escravinhos e o mesmo tanto de meninas,
 e um só pau que não se levanta. O que farás?

⁴⁹³ **Glande**, *glans*: o termo designa tanto a fruta de algumas espécies de árvore, como o carvalho (também recebem o nome de "bolota"), quanto a glande do pênis.

⁴⁹⁴ Quantia suficiente para ser inscrito na ordem senatorial (PIMENTEL, 2004, p. 135).

12.96

*Cum tibi nota tui sit uita fidesque mariti
nec premat ulla tuos sollicitetue toros,
quid quasi paelicibus torqueris inepta ministris,
in quibus et brevis est et fugitiua Venus?*

5 *Plus tibi quam domino pueros praestare probabo:*

*hi faciunt, ut sis femina sola uiro;
hi dant quod non uis uxor dare. 'Do tamen,' inquis,
'ne uagus a thalamis coniugis erret amor.'*

Non eadem res est: Chiam uolo, nolo mariscam:

10 *ne dubites quae sit Chia, marisca tua est.*

Scire suos fines matrona et femina debet:

cede sua pueris, utere parte tua.

Como conheces a vida e a fidelidade do teu marido,
e como nenhuma outra mulher molesta ou ameaça teu leito conjugal⁴⁹⁵,
por que te torturas como uma tola com amantes escanções,
nos quais Vênus não só é breve como também fugidia?

5 Provarei que os garotos valem mais a ti do que ao seu amo:

eles fazem com que sejas a única mulher de teu marido;
eles dão o que tu, esposa, não queres dar. “Mas eu dou”, dizes,
“para que um amor errante não se aventure longe do leito conjugal⁴⁹⁶.”

Não é a mesma coisa: quero figos de Quios⁴⁹⁷, não os insossos⁴⁹⁸:

10 não te perguntes qual é o de Quios: o teu é o insosso⁴⁹⁹.

A matrona e mulher deve conhecer seus limites:

deixa aos garotos a parte deles, aproveita a que te cabe⁵⁰⁰.

⁴⁹⁵ V. n. a 7.58.6.

⁴⁹⁶ V. n. a 7.58.5.

⁴⁹⁷ **De Quios**, *Chius*: ilha no Mar Egeu, na costa da Jônia. Os figos de Quios eram muito apreciados (*OLD*, s.v.).

⁴⁹⁸ **Insossos**: *marisca* designa uma variedade de figos grandes e insossos (*OLD*, s.v.). Essa oposição entre figos de Quios e esses figos insossos aparece no epigrama 7.25, versos 7-8: *infanti melimela dato fatuasque mariscas:/ nam mihi, quae nouit pungere, Chia sapit* (“Dê às crianças maçãs doces e figos insípidos, / mas, para mim, dê-me figos de Quios, que têm sabor picante.”)

⁴⁹⁹ Ver epigrama 1.65 para o sentido erótico de “figo”.

⁵⁰⁰ “**Aproveita a parte que te cabe**”, *Vtere parte tua*: Como em 11.22.10.

12.97

- Vxor cum tibi sit puella, qualem
uotis uix petat improbus maritus,
diues, nobilis, erudita, casta,
rumpis, Basse, latus, sed in comatis,
5 uxoris tibi dote quos parasti.
Et sic ad dominam reuersa languet
multis mentula milibus redempta
ut nec uocibus excitata blandis
molli pollice nec rogata surgat.
10 Sit tandem pudor aut eamus in ius.
Non est haec tua, Basse: uendidisti.*

- Ainda que tenhas por esposa uma jovem
do tipo que dificilmente um marido depravado pediria,
rica, nobre, culta e virtuosa,
tu te acabas, Basso, mas com jovens cabeludos
5 que conseguistes com o dote da esposa.
E essa pica, comprada por muitos milhares de sestércios,
está tão mole ao retornar à sua dona,
que nem provocada por palavras sedutoras,
nem estimulada por suaves dedos se levanta.
10 Enfim, que tenhas vergonha, ou iremos aos tribunais.
Esta pica não é tua, Basso: tu a vendeste.

REFERÊNCIAS⁵⁰¹

ADAMS, J. N. **The latin sexual vocabulary**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1990.

ABREU, Bruna Fernanda. **A Segunda Filípica: tradução e estudo do Ethos segundo a retórica de Cícero**. Campinas, SP, 2017. 172f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas .

AGNOLON, Alexandre. **Uns epigramas, certas mulheres: a misoginia nos Epigrammata de Marcial (40 d.C. – 104 d.C.)**. São Paulo, 2007. 221 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas e Vernáculas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

_____. **A festa de Saturno: O Xênia e o Apoforeta de Marcial**. São Paulo, 2013. 380 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BALASCH, Manuel. Notas. In: JUVENAL e PERSIO. **Sátiras**. Trad. Manuel Balasch. Madrid: Editorial Gredos, 1991.

BRANDÃO, José Luís. Tradução Livro II. In: MARCIAL. **Epigramas**. Lisboa: Edições 70, 2000. v.1

BRANDÃO, José Luís. **Da qvod amem: amor e amargor na poesia de Marcial**. Coimbra: Colibri; Faculdade de Letras de Coimbra: 1998. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/2370>

BRECHT, Bertolt. Vida de Galileu. Trad. Roberto Schwarz. In: BRECHT, Bertolt. **Teatro completo**: em 12 volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. v. VI, p. 57. Título original: **Leben des Galilei**.

CAIROLI, Fábio Paifer. **Marcial brasileiro**. São Paulo, 2014. 498f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

CART, A. et alii. **Gramática Latina**. Trad. Maria Evangelina Villa Nova Soeiro. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, Editora da USP, 1986. v. 5.

CATULO. **O cancionero de Lésbia**. Trad. Paulo Sérgio de VASCONCELLOS. São Paulo: Hucitec, 1991.

CESILA, Robson Tadeu. **Epigrama: Catulo e Marcial**. Campinas: Editora Unicamp; Curitiba: Editora UFPR, 2017.

⁵⁰¹ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023).

_____. **Metapoesia nos epigramas de Marcial: tradução e análise.** Campinas, SP, 2004. 392f. Dissertação (Mestrado em Linguística em Letras Clássicas) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas .

_____. **O palimpsesto epigramático de Marcial: intertextualidade e geração de sentidos na obra do poeta de BÍLBILIS.** Campinas, SP, 2008. 281f. Tese (Doutorado em Linguística em Letras Clássicas) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas .

[CÍCERO]. Retórica a Herênio. Trad. Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

CITRONI, Mario. Introduzione, testo, apparato critico e commento. In: MARTIALIS, M. Valerii. **Epigrammaton.** Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1975. v.1.

CLARKE, John R. **Looking at lovemarking:** constructions of sexuality in Roman Art, 100 b.C.- 250 a.D. California: University of California Press, 1998.

CORBEILL, Anthony. **Controlling laughter:** political humor in the late Roman Republic. Princeton: Princeton University Press, 1996.

CRETELLA JUNIOR, José e CINTRA, Geraldo de Ulhôa. **Dicionário Latino-Português.** 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

FARIA, Ernesto (org.). **Dicionário Escolar Latino-Português.** Rio de Janeiro: MEC, 1955.

FEITOSA, Lourdes Conde. Female and male in Pompeii: Gender relations among the common people. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; GARRAFONI, Renata S. e LETALIEN, Bethany. **New perspectives on the Ancient World:** modern perceptions, ancient representations. Oxford: British Archaeological Reports, 2008. p. 195-204.
Feitosa, 2001

FERREIRA, Antônio Gomes. **Dicionário de Latim-Português.** Porto: Porto Editora, 1983.

FLORES, Guilherme Gontijo. Organização, tradução, introdução e notas. In: PROPÉRCIO, Sexto. **Elegias de Sexto Propércio.** Belo Horizonte: São Paulo: Autêntica, 2014.

GLARE, P.G.W. **Oxford Latin Dictionary.** 2nd. ed. Oxford: Oxford University Press, 2012. v. 1 e 2.

GODOY, Fabrício Sparvoli. A impenetrabilidade do uir: uma análise a partir de Petr. Sat. 9. **Mare Nostrum,** São Paulo: n. 6, 2015. p. 49-60.

GRIMAL, Pierre *et alii.* **Gramática latina.** Trad. Maria Evangelina Villa Nova Soeiro. São Paulo: T. A. Queiroz Editor e Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

GUIMARÃES, Ruth. **Dicionário da Mitologia grega.** São Paulo: Editora Cultrix, 1983.

HENRIKSÉN, Christer. Earinus: an imperial eunuch in the light of the poems of Martial and Statius. **Mnemosyne**. Leiden: Brill. v. 50, fasc. 3, p. 281-294, jun., 1997. Disponível em: <<http://www.jstore.org/stable/4432726>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

_____. **Martial, Book IX: a commentary**. Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis, 1998, v. I.

_____. _____. Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis, 1999, v. II.

HORNBLOWER, Simon and SPAWFORTH, Anthony. **The Oxford Classical Dictionary**. 4nd. ed. Oxford: Oxford University Press, 2012.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles e FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. reimpr. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HOWELL, Peter. **Martial: the epigrams book V**. Warminster: Aris & Phillips, 1995.

KAY, Nigel M. **Martial book XI: a comentary**. London: Duckworth, 1985.

LARASH, Patricia Louise. **Martial's lector, the practice of reading, and the emergence of the general reader in Flavian Rome**. Berkeley, 2004. 260 f. Dissertation (Doctor of Philosophy in Classics) – University of California – Berkeley.

LEITE, Leni Ribeiro. **Marcial e o livro**. Vitória: EDUFES, 2011.

MARCIAL. **Epigramas**. Trad. Antonio Ramírez de Vérger. Madrid: Editorial Gredos, 2001. v. 1

_____._____, Trad. D. R. Shackleton Bailey. Cambridge, Londres: Harvard University Press, 1993.

_____._____, Trad. Delfim Ferreira Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2000a. v.1

_____._____, Trad. Delfim Ferreira Leão, Paulo Sérgio Ferreira e José Luís Brandão. Lisboa: Edições 70, 2000b. v.2

_____._____, Trad. Delfim Ferreira Leão, Paulo Sérgio Ferreira e José Luís Brandão. Lisboa: Edições 70, 2001. v.3

_____._____, Trad. Delfim Ferreira Leão, Paulo Sérgio Ferreira e José Luís Brandão. Lisboa: Edições 70, 2004. v.4

_____._____, Trad. Enrique Montero Cartelle. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2004.

_____._____, Trad. Juan Fernández Valverde e Antonio Ramírez de Vérger. Madrid: Editorial Gredos, 2001. v. 2

MC GUINN, Thomas A. J. **The economy of prostitution in the roman world**: a study of social history and the brothel. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2004.

MONTEIRO, João Gouveia. Estudo introdutório. In: VEGÉCIO. **Compêndio da arte militar**. Trad. João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga. São Paulo: Annablume Clássica; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011, p.15-170.

MONTSERRAT, Dominic. Reading gender in the Roman world. In: HUSKINSON, Janet. **Experiencing Rome**: Culture, Identity and Power in the Roman Empire. Londres: Open University, 2000, p. 153-181.

OLIVA NETO, João Angelo. **Falo no jardim**: Priapéia Grega, Priapéia Latina. Cotia, SP: Ateliê Editorial e Campinas, SP: Editora Unicamp, 2006.

_____. Tradução, introdução e notas. In: CATULO. **O livro de Catulo**. São Paulo: Edusp, 1996.

PARKER, Holt N. The Teratogenic Grid. In: HALLETT, Judith P. e SKINNER, Marilyn B. **Roman sexualities**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1998.

PIMENTEL, Cristina de Souza. Introdução e notas. In: MARCIAL. **Epigramas**. Trad. Delfim Ferreira Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2000a. v.1

_____. In: _____, Trad. Delfim Ferreira Leão, Paulo Sérgio Ferreira e José Luís Brandão. Lisboa: Edições 70, 2000b. v.2

_____. In: _____, Trad. Delfim Ferreira Leão, Paulo Sérgio Ferreira e José Luís Brandão. Lisboa: Edições 70, 2001. v.3

_____. In: _____, Trad. Delfim Ferreira Leão, Paulo Sérgio Ferreira e José Luís Brandão. Lisboa: Edições 70, 2004. v.4

PLINIO Cecilio Secondo. **Opere**: a cura di Francesco Trisoglio. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1973. v.1.

POLLINI, John. The Warren Cup: homoerotic love and symposial rethoric in silver. **The Art Bulletin**, New York, v. 81, n. 1, p. 21-52, march, 1999.

RAMOS, Bartolomé Segura. Notas. In: JUVENAL. **Sátiras**. Trad. Bartolomé Segura Ramos. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1996.

RICHLIN, Amy Ellen. **Sexual terms and themes in Roman Satire and related genres**. New Haven, 1978. 373 f. Dissertation (Doctor of Philosophy) – Yale University.

RODOLFO, Melina. **De Physiognomonía Liber**. considerações a respeito do *ethos* da fisiognomonía em textos da Antiguidade Clássica. São Paulo, SP, 2015. 457 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ROMANO, Irene Bald. **Classical Sculpture**: catalogue of the Cypriot, Greek, and Roman Stone Sculpture in the University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology. Philadelphia: University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, 2006.

SILVA, Luiz Carlos Mangia. **O masculino e o feminino no epigrama grego**: estudo dos livros 5 a 12 da Antologia palatina. São Paulo: Editora Unesp, 2011

SKINNER, Marilyn B. **Sexuality in Greek and Roman Culture**. 2nd ed. Oxford: Wiley Blackwell, 2014

SOLDEVILA, Rosario Moreno (Ed.). **Diccionario de motivos amorios en la Literatura Latina**: (siglos III a.C. – II d.C). S.l.: Universidad de Huelva, s.d.

_____. **Martial, book IV**: a commentary. Leiden: Boston: Brill, 2006.

SULLIVAN, J. P. **Martial: the unexpected classic**. A Literary and Historical Study. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

TALBERT, Richard J. A. (Ed.). **Atlas of Classical History**. London: New York: Routledge, 2003.

THUILLIER, Jean-Paul. Virilidades romanas: *vir*, *virilitas*, *virtus*. In: VIGARELLO, Georges . **História da virilidade**: a invenção da virilidade. Da Antiguidade às Luzes. Trad. Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. v.1.

VALVERDE, Juan Fernández e VERGER, Antonio Ramirez de. Tradução e notas. In: MARCIAL. **Epigramas**. Trad. Juan Fernández Valverde e Antonio Ramírez de Vérger. Madrid: Editorial Gredos, 2001. v. 2

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. Introdução. In: CATULO. **O cancionero de Lésbia**. Trad. Paulo Sérgio de VASCONCELLOS. São Paulo: Hucitec, 1991. p. 11-34.

_____. Notas. In: CATULO. **O cancionero de Lésbia**. Trad. Paulo Sérgio de VASCONCELLOS. São Paulo: Hucitec, 1991. p. 83-125.

VEGÉCIO. **Compêndio da arte militar**. Trad. João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga. São Paulo: Annablume Clássica; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

VERGER, Antonio Ramirez de. Tradução e notas. In: MARCIAL. **Epigramas**. Trad. Antonio Ramírez de Vérger. Madrid: Editorial Gredos, 2001. v. 1

VIOQUE, Guillermo Galán. **Martial, book VII**: a commentary. Trad. J. J. Zoltowki. Leiden: Boston: Koln: Brill, 2002.

WALTERS, Jonathan. Invading the Roman Body: Manliness and impenetrability in Roman thought. In: HALLETT, Judith P. e SKINNER, Marilyn B. **Roman sexualities**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1998

WILLIAMS, Craig A. **Martial**: epigrams book two. Oxford: Oxford University Press, 2004.

GLOSSÁRIO DE TERMOS ERÓTICOS

Bellus: belo: conforme CITRONI (1975, p. 47) é uma palavra de uso afetoso, geralmente usada para mulheres e crianças. Seu uso para designar homens adultos tem um aspecto irônico, indicando um homem refinado, um “homem do mundo”, uma vez que o mundo romano valorizava os costumes rústicos. Em nosso *corpus* aparece nos epigramas: 1.9, 3.63 e 12.39.

Cinaedus: do grego *kíναῖδος*, é claramente um termo depreciativo, principalmente se utilizado em relação a um homem adulto (RICHLIN, 1978, p. 287). Na literatura o *cinaedus* é frequentemente apresentado como um ser amoral, cuja suavidade e efeminação o fazem propenso a toda sorte de vícios (SOLDEVILA, s.d., p. 33). Em nosso *corpus* aparece nos epigramas 2.28, 2.43, 3.73, 4.43, 6.16, 6.37, 6.50, 7.34, 7.58, 9.63, 9.90, 10.40, 10.98 e 12.16.

Culus: era a palavra básica para ânus. É encontrada principalmente em grafitti e em epigramas (ADAMS, 1982, p. 110). Em nosso *corpus* aparece nos epigramas 1.92, 3.71, 3.98 e 9.57.

Cunnilingus: de *cunnum lingere*; nas principais línguas europeias modernas (DMA, s.v.) o termo se refere à prática sexual consistente no “ato de buscar e dar prazer sexual com a boca e a língua na vulva da mulher” (HOUAISS s.v.); em latim designava o praticante da ação (RICHLIN, 1978, p. 318) era uma forma das mais grosseiras de injúria sexual (ADAMS, 1982, p. 81). Aparece em nosso *corpus* no epigrama 12.85 e, na forma composta de *cunnum lingere*, nos epigramas 1.77, 2.84, 7.67 e 9.92 e em 11.47 com a ordem inversa, *lingere cunnum*.

Cunnilinctor: neologismo para designar o praticante de *cunnilingus*. É usado, por exemplo, por Richlin (1992).

Cunnius, é a obscenidade primária para a genitália feminina (RICHLIN, 1978, p. 208) (ADAMS, 1982, p. 80). é encontrada em uma grande variedade de fontes, incluindo Catulo (uma vez), Horácio (3 vezes, nos primeiros *Sermones*), Marcial (31 vezes), *Corpus Priapeorum* (6 vezes) e em *graffiti*. Um uso frequente é a expressão *cunnum*

lingere (RICHLIN, 1978, p. 209). Em nosso corpus está presente nos epigramas: 1.77.6, 2.84.3, 3.74.6, 3.81.4, 11.43.12, 11.47.8 e 11.78.10. 209 .

Fellatio: neologismo que indica o ato sexual oral em um homem. É suado, por exemplo, por Adams (1992).

Fellator: aquele que pratica *fellatio*. A forma feminina *fellatrix* também é comum.

Fello: originalmente, significava “sugar leite”, “mamar” (cf. *OLD s.u.*) e posteriormente passou a ter sentido sexual, designando o intercuro oral em um homem. O uso sexual de *fello* é comum no *grafitti* (aparece 37 vezes no CIL IV e mais 18 vezes os suplementos) e é encontrado no epigrama (Catulo e Marcial), mas não na Sátira (Cf. ADAMS, 1992, 131).

Futuo: *futuo* era a obscenidade para a parte masculina na relação sexual com uma mulher (ADAMS, 1982, p. 118); se refere apenas ao intercuro entre um homem e uma mulher e é mais comumente usado para o homem no papel ativo e a mulher no papel passivo. Aparece 49 vezes em Marcial e é muito frequente em *graffiti*. *Futuo* algumas vezes assume o sentido de “seja heterossexual” ou, mais precisamente, “seja viril, seja um macho”. Apesar de ser um termo grosseiro, não é um insulto, por ser a expressão de comportamento sexual normal (RICHLIN, 1978, p. 140-141). Em nosso corpus aparece nos epigramas: 2.47, 3.96, 6.33, 6.91, 7.10, 9.4, 9.69, 11.20, 11.45, 11.47, 11.85 e 12.38.

Fututio: intercuro sexual vaginal (*OLD*).

Fututor: indica o papel ativo em um intercuro vaginal. Em nosso *corpus* aparece nos epigramas 2.28, 3.96 e 11.87.

Fututrix manu: indica o papel passivo em uma penetração sexual, não é, portanto um equivalente feminino de *fututor*; equivale a *es quae fuitutur*. (ADAMS, 1982, p. 122 e SOLDEVILA, s.d., p. 227). Em nosso corpus aparece 2 vezes, mas com outros sentidos: em 11.22 *fututrici ... manu*, com o sentido de masturbação e 11.61 *linguam ... fututricem* com o sentido de *cunnilingus*.

Gallus: Os Galli eram sacerdotes da deusa Cibele, que se autoemasculavam ritualmente; Marcial usa, também, para designar homens que sofrem de impotência sexual. Em nosso corpus aparece nos epigramas 2.45, 3.81, 5.41 e 11.72.

Irrumatio: designa o ato de *irrumo*, ou seja, inserir o pênis na boca de outro. Em geral era visto como um ato hostil e humilhante (ADAMS, 1992, p. 127).

Irrumator: aquele que pratica a *irrumatio*.

Irrumo: descreve o mesmo tipo de ato sexual que *fello*, mas do ponto de vista daquele que insere o pênis na boca de outro. Adams (1992, p. 126) sugere a palavra *rumis* (mamilo) para a etimologia de *Irrumo*, que teria o sentido algo como “dar para mamar”. Ocorre 6 vezes em Catulo, 5 em Marcial e 4 na Priapeia.

Lambo: não era uma obscenidade, e sua associação com atividades sexuais era fraca (ADAMS, 1982, p.136). Em nosso corpus aparece nos epigramas 2.61 e 3.81 com o sentido de *fellatio*.

Lingo: *lamber*. *Cunnius* é um objeto muito mais comum desse verbo do que *mentula*. Adams (192, p. 135) aponta, ainda, as diferenças entre a ordem das palavras, sendo comum o uso da expressão *cunnum lingere*, provavelmente remetendo a um período em que a ordem *objeto + verbo* era regular, por isso sua antiguidade em relação ao uso da expressão *lingere mentulam*. Em nosso corpus aparece no epigrama 7.55 como um equivalente à *fellatio* e nos epigramas 3.96, 11.47 e 11.85 como equivalente 210 ao *cunnilingus*. Em 3.88 *lingo* é usado para designar o sexo oral, independentemente do sexo do parceiro.

Mentula: segundo Adams (1982, pg. 12) e Richlin (1978, p. 184) é o termo obsceno básico para “pênis”. O termo *mentula* não é encontrado em Horácio, Pérsio ou Juvenal (RICHLIN, 1978, p. 184) e não é admitido na sátira ou em nenhum outro gênero com conteúdo sexual (ADAMS, 1982, pg. 12). *Mentula* é usado 48 vezes por Marcial, aparece 26 vezes no *Corpus Priapeorum* (ADAMS, 1982, p.12) e é encontrado 18 vezes nas inscrições de Pompeia⁴⁸⁴, 8 vezes em Catulo e 3 vezes nos *Graffiti del Palatino* (ADAMS, 1982, pg. 10). Em nosso *corpus* aparece nos epigramas: 1.58, 1.96,

2.45, 2.62, 2.70, 3.69, 3.71, 3.81, 3.91, 7.55, 9.27, 9.63, 11.15, 11.20, 11.22, 11.58, 11.70, 11.78, 12.86 e 12.97.

Mollis: epíteto muito frequente, faz referência à aparência feminina dos *pueri delicati* que ainda não chegaram à puberdade. Também se aplicava, como insulto, àqueles “acusados” de práticas homossexuais (SOLDEVILA, s.d., p. 34). Em nosso *corpus* aparece nos epigramas 1.96, 2.84, 3.73, 5.41, 7.58 e 12.75.

Mutuniatus: indivíduo com um pênis grande. O termo tem como origem a divindade fálica *Mutunus Tutunus* (ou *Mutinus Titinus*) ligada a rituais de casamento (OLD, s.v.). Adams aponta que a potência sexual de um homem estava supostamente ligada ao tamanho de seu pênis (1982, p. 78). Em nosso *corpus* aparece nos epigramas 3.73 e 11.63.

Pathicus: que se submete ao intercuro sexual (OLD). A expressão era aplicável a homens e mulheres (ADAMS, 1982, p. 190).

Pedico (substantivo): é o substantivo correspondente de *pedico* (verbo); aquele que pratica intercuro anal no papel passivo (ADAMS, 1982, p. 123). Em nosso *corpus* aparece nos epigramas 2.28, 2.47 e 11.87.

Pedico (verbo): é uma obscenidade primária encontrada em contextos vulgares, indica ter intercuro sexual anal, no papel ativo (RICHLIN, 1978, P. 298 – 299). Ao contrário de *futuo* é usado em ameaças (ADAMS, 1982, p. 124). Em nosso *corpus* aparece nos epigramas 1.92, 3.95, 3.98, 6.56, 7.10, 7.62, 7.67, 9.69, 10.64 e 11.20. 484 Como Adams publicou seu trabalho em 1982 e o *Corpus Inscriptionum Latinarum* IV, com as inscrições de Pompéia, sofreu acréscimos, não podemos precisar se esse número se manteve. 211

Pedicator: o mesmo que *pedico* (substantivo).

Percido: o verbo *Percidere* significa, literalmente, bater com força; mas é usado metaforicamente com sentido sexual, em geral referindo-se à penetração anal

(ADAMS, 1982, p. 145 – 146), como nos epigramas 4.48, 7.62, 9.47, 11.28 e 12.35. No epigrama 2.72 aparece como uma metáfora para a *fellatio*.

Puella: garota, faz parte do léxico para determinar a parceira em uma relação extraconjugal heterossexual (RICHLIN, 1978, 250), no contexto amatório pode designar, também, uma escrava mantida para os mesmos fins. Nos epigramas de nosso *corpus*, os sentido geral, observado em 3.65, 3.69, 3.84, 3.96, 4.42, 6.16, 7.29, 7.67, 9.69, 11.15, 1.45, 12.75.1 e 12.86 correspondem a esse sentido do contexto amatório. No epigrama 11.61 designa uma garota, criança do sexo feminino; em 12.75 *puella* é usada para designar um efeminado e em 12.97 para indicar a juventude e beleza de uma mulher.

Puer: garoto, jovem. Na poesia homoerótica designa o ***puer delicatus***, um escravo adquirido, muitas vezes, como objeto de prazer sexual. Podiam ser apresentados como objetos de luxo e como demonstração do status e da sofisticação de seus donos (SOLDEVILA, s.d. p. 33). Em nosso *corpus* aparece nos epigramas 1.31, 1.58, 3.65, 3.69, 3.71, 3.73, 3.82, 3.91, 4.7, 4.42, 5.55, 6.16, 7.29, 7.67, 7.80, 8.52, 9.5, 9.7, 9.11, 9.16, 9.17, 9.21, 9.36, 9.67, 9.90, 11.8, 11.15, 11.22, 11.26, 11.43, 11.45, 11.63, 11.70, 11.78, 12.33, 12.75, 12.86 e 12.96. Em 11.61 designa uma criança do sexo masculino, um menino, sem conotação sexual.